

IMP 1

(*Revista Universal Lisbonense*, 23/11/1848, 2ª série, t. I, n.º 3, 8º ano, p. 34)

Novo Teatro

Consta-nos que no terreno onde foi a igreja de St.^a Justa, no fim do primeiro quarteirão da Rua dos Fanqueiros, se está tratando de construir um novo teatro de declamação. Sabemos que andam neste empenho pessoas mui capazes de o levar avante.

IMP 2

(*A Revolução de Setembro*, 15/09/1849, n.º 2249, p. 2)

O novo teatro de Santa Justa é diariamente visitado pelos amadores. No dia 29 de Outubro, dia dos anos do rei, será crismado de D. Fernando, começando as suas representações. Ainda está duvidosa a escritura da Sr.^a Emília.

IMP 3

(*Galeria Teatral*, 28/10/1849, n.º 3)

Teatro de D. Fernando. Situado no Largo de Santa Justa.

Eis o que a respeito deste teatro publicaram os jornais da capital.

Vão começar os exercícios cénicos neste novo teatro debaixo da direcção de Emílio Doux, empresário ensaiador, no dia 29 do corrente, aniversário natalício de Sua Majestade el Rei o Senhor D. Fernando, continuando sem interrupção nos Domingos e dias Santos. Terças e Quintas-feiras, e nas Sextas benefícios. O espectáculo no dia 29 é o seguinte: Drama em 5 actos, de Scribe, *Adriana Lecouvreur* – A comédia em 1 acto, *A mulher da perna de pau* – A Sr.^a Emília das Neves e Sousa desempenhará o papel de Adriana Lecouvreur.

Preços dos camarotes, plateia, galeria e varanda.

Frisas de frente.....	2\$000
Frisas dos lados.....	1\$600
1ª Ordem de frente.....	2\$400
1ª Ordem dos lados.....	2\$000
2ª Ordem de frente.....	2\$000
2ª Ordem dos lados.....	1\$600
3ª Ordem de frente.....	1\$200
3ª Ordem dos lados.....	1\$000
Galeria de frisas.....	\$480
Plateia.....	\$360
Varanda.....	\$200

Adverte-se que haverá repetição do mesmo espectáculo nas noites de 30 e 31.

No número seguinte a Galeria há-de dizer o que é este espectáculo, e o que é a companhia, porque estamos convencidos, que se não compõe só da Sr.^a Emília, de quem unicamente fala o anúncio.

IMP 4

(*Revista Universal Lisbonense*, 01/11/1849, 2ª série, t. II, n.º 4, 9º ano, p. 48)

Teatro de D. Fernando

Abriu-se este teatro. Merece ser visto. Faz parte da Companhia a nossa excelente actriz a Sr.^a Emília das Neves. É empresário e ensaiador o Sr. Emílio Doux, que já foi do óptimo teatro francês e do teatro português da Rua dos Condes.

Em seguida publicamos os preços das diversas entradas.

Preços – Frisas de frente 2\$000 réis – Dos lados 1\$600 réis – 1ª Ordem de frente 2\$400 réis – Dos lados 2\$00 réis – 2ª Ordem de frente 2\$000 réis – Dos lados 1\$600 réis – 3ª Ordem de frente 1\$200 réis – Dos lados 1\$00 réis – Galerias de frisas 480 réis – Plateia 360 réis – Varanda 200 réis

IMP 5

(*Revolução de Setembro*, 03/11/1849, n.º 2290, p. 1)

O *folhetinista* protesta daqui em diante fechar hermeticamente os olhos, mudar a sua atenção exclusivamente para os ouvidos [a propósito da representação de *Alzira*, no S. Carlos, em que a *prima donna*, por força do figurino, mostrava os pés].

Não acontece, não pode acontecer o mesmo no Teatro de D. Fernando. A Sr.^a Emília é uma linda mulher e uma grande actriz. Não basta só ouvir os mágicos acentos da sua voz, é necessário admirar a expressão dos seus olhos, a energia apaixonada do seu gesto, a influência irresistível do seu talento dramático.

Adriana é uma daquelas deliciosas composições que marcam, em despeito de críticas parciais, toda a superioridade de Scribe. A peça não podia ter em Lisboa um grande sucesso. Ignora-se a história, não se pode compreender nem a verdade dos caracteres nem a exactidão filosófica dos costumes. E depois, o género de espírito de Scribe, esse espírito de intenção que é quase um enigma, só pode ser apreciado por quem tenha um trato íntimo com a literatura francesa.

Não será ousadia dizer que o público não entendeu *Adriana*. Quantas vezes deixou passar inapercebidos tantos ditos de chiste delicado! Quantas frases cheias de aticismo foram ouvidas no mais profundo silêncio!

E poderia um público como é o nosso alcançar todos os profundos mistérios duma organização de artista? É que *Adriana* não é uma mulher que ame como as outras. O seu amor a ser graduado pela classificação de Stendahl nem mesmo poderia igualar-se à escala do amor-paixão. É essa estima por um carácter elevado que se engrandece pelo entusiasmo do heroísmo e pela paixão da glória. É esse sacrifício sublime que sentem as imaginações ardentes de deporem aos pés dum ídolo adorado as coroas do triunfo e as homenagens da admiração! É essa simpatia que têm as reputações generosas umas pelas outras, esse impulso superior que fez dizer a Filinto Elísio: *Oh! Bocage, tu também és poeta!*

Em Portugal, mesmo em Lisboa, essa individualidade poderosa da civilização a que deram o nome de artista é fundamentalmente ignorada. Infeliz do que nasceu com essas faculdades, que tem de se ver isolado para não avistar a sua religião íntima aos cultos vulgares duma sociedade que o não entende!

A mediocridade tem também o fervor do proselitismo e a paixão do nivelamento. A sua intolerância chega ao fanatismo, por isso mesmo que a sua insuficiência desce às vezes até à abjecção. Adivinha, por instinto, as superioridades que a ferem e não as combate só, tenta reduzi-las à sua bitola e condená-las à sua esfera. É por isso que uma obra como *Adriana* não poderia ser aplaudida com a admiração da consciência. Aqui conhece-se talvez o *grand seigneur*, a mulher da sociedade, o homem político, o ambicioso, o financeiro empreendedor, todas essas especialidades da aristocracia social que a vida consente, ignora-se totalmente o artista. Só nos grandes centros de civilização aonde a vida intelectual toma o seu natural desenvolvimento é que se podem conceber essas experiências grandiosas, mortas quase sempre na aurora da vida pela paixão enérgica do ideal.

E que importa? A Sr.^a Emília foi artista, soube dar essa mademoiselle Lecouvreur que, no século dos caprichos e dos amores de vaidade, no centro dessa existência frívola, aonde o *capitão* no começo da ceia poderia ser elevado a *coronel* no *dessert*, sentiu um desses amores profundos que nobilitam a alma, como o arrependimento da Madalena ajoelhada aos pés do Cristo, bela e sublime, nas suas lágrimas de expiação!

Todos sabem que o Sr. Scribe escreveu o papel de Adriana para a Rachel. O 5º acto, segundo a frase de um observador, é o que são as variações para um instrumentista. A Sr.^a Emília foi igual à sua reputação, criou duma maneira admirável aquela lenta agonia aonde a alma se despede a custo do mundo, do mundo engrandecido pela poesia do affecto e pelas emoções deslumbrantes da glória!

A morte! A morte, quando se sente bater junto ao coração, o coração que nos ama, a morte que nos cerra os olhos quando eles anseiam cravar-se nos olhos do homem que se adora, numa solene e terna despedida! A morte, quando a alma se alargava nas perspectivas encantadas do gozo moral! A morte, quando se está perto da vida, quando se respira de perto o sopro embalsamado da felicidade!

A situação é sublime. É daquelas situações em que a poesia das palavras cede à poesia do gesto e à poesia da entonação, é quando da maneira por que se diz uma frase depende todo o efeito, toda a verdade do pensamento, é quando triunfa decisivamente a criação do actor em que o génio dramático se revela, solto da sujeição às vezes exagerada que lhe imprime o poeta!

Todo este movimento de espectáculos coincide também com a abertura do salão da Indústria no dia 29 de Outubro.

Lopes de Mendonça

IMP 6

(A *Emancipação*, 03/11/1849, n.º 24)

Teatro de D. Fernando

(*Adriana Lecouvreur*)

Adriana foi uma célebre actriz do século XVIII, bela, espirituosa apaixonada, romântica no excesso, como dizemos hoje, teve a desgraça de amar extremadamente um homem, cuja fama e atrevidas aventuras enchem uma boa parte dos anais daqueles tempos. Maurício de Saxónia, o gentil e valente Maurício que ganhara a batalha de Fontenoy, o aventureiro que pretendia a coroa da Corlândia, desprezava o submisso amor da grande artista do teatro francês pelos corruptos e devassos amores da corte de Luís XV. Adriana sofria com dolorosa resignação as traições do seu volúvel amante e buscava na sincera e profunda dedicação que tinha pela arte o conforto de que tanto necessitava o seu coração enfermo.

Tamanha paixão e tão aturado estudo fizeram de Adriana uma grande celebridade, dando-lhe ao mesmo tempo uma morte prematura, que tão chorada foi pelo próprio Voltaire que era, segundo o julgamento de todos os contemporâneos, a verdadeira encarnação da mais esquecida indiferença. Sobre estes dois factos rigorosamente históricos assenta e gira toda a composição de Scribe. Dizemos composição porque em verdade não sabemos se lhe pode caber o nome de comédia (como foi intitulada) atendendo à forma e espírito do último acto, o qual consiste numa pura e prolongada agonia, final obrigado de todos os dramas lúgubres. Este acto, além de outros defeitos que são transparentes e notáveis, tem ainda o grandíssimo de se desdizer do resto da composição, comédia genuína e altamente espirituosa, como as sabe traçar a mão afeita de Scribe. Mas aqui não se tratava de escrever uma obra de arte, uma comédia que abrisse ao seu autor a porta da Academia; requeria-se tão-somente uma peça em que Rachel, despindo o manto grego ou romano e descalçando o coturno da tragédia antiga, viesse ao palco da Rua Richelieu ensaiar o seu grande talento, a sua prodigiosa vocação artística em todas e nas mais delicadas e deliciosas finuras da comédia moderníssima.

Já se vê, pois, como a comédia foi uma coisa de circunstância. Escrita para actores todos conhecidos, e todos de talento, o autor modificou as partes conforme o génio e habilidade de cada um, de modo que todos pudessem concorrer eficazmente para o novo triunfo da célebre actriz, cujos receios e apreensões fizeram demorar seis meses a primeira representação.

O Teatro de D. Fernando andou mal em abrir as suas portas ao público com semelhante comédia, para a qual não tinha o pessoal suficiente, além de cometer uma gravíssima inconveniência não escolhendo para tal dia uma composição puramente nacional. O censurável exemplo do teatro do Rossio devera ter prevenido o director do D. Fernando, ou pelo menos as pessoas que superintendem neste teatro, cujos conselhos, estamos, que seriam bem acolhidos. Mas ninguém quis, ou se lembrou, e entregou a peça de Scribe a um tradutor sem letras nem consciência, que nem entende o original nem a língua para que o verteu. Se quiséssemos apontar unicamente os erros crassos da tradução tivéramos que indicar todas as frases do princípio ao fim da comédia, o que é dizer que não presta, que é uma verdadeira vergonha. Se é verdade que o Sr. Doux foi avisado e admoestado com tempo, rompemos em assegurar-lhe que incorreu

numa muito censurável indiferença, pois mais que ninguém sua senhoria deve saber que não entende nem pode entender nada em semelhantes coisas.

Mas a culpa não é do director. A inadvertência (assim lhe queremos chamar) vem de mais alto, vem daquelas pessoas que licenciaram o drama, cuja obrigação era devolvê-lo ao tradutor para que fizesse obra capaz, e, no caso negativo, proibir a representação. Havia mais uma conveniência ao abrir o Teatro com uma composição nacional, com uma daquelas peças em que a Sr.^a Emília era conhecida do público, o *Gil Vicente*, por exemplo. Então veríamos o que a distinta actriz perdeu ou ganhou com a sua prolongada e teimosa ausência do teatro, então teríamos o fruto que tinham produzido as primeiras lições que lhe deu o nosso primeiro poeta. Era uma dobrada prova, para ela e para nós, para medir ao justo o seu talento e os seus progressos, para um ajuste de contas rigoroso com a crítica. Não bastam muitos elogios e muito apaixonados, cujo motivo nem sempre as letras ousam confessar, para assentarem uma artista num pedestal de reputação inabalável; é necessário que ela suba a essa glória muito invejável pelo agro caminho do estudo aturado, dos esforços contínuos, dolorosos, muitas vezes mal recompensados, de um incessante aperfeiçoamento. Então a crítica pode avaliar, elogiar e punir desafortunadamente.

Por nossa parte, se por um lado nos prendem as mais afectuosas aspirações de uma muito definível simpatia, estamos, por outro, ligados à mais austera observância da verdade e por isso diremos declaradamente o nosso pensamento à distinta actriz do Teatro de D. Fernando, sem o embarçarmos e enredarmos em tropos e figuras, que nos desagradam mais que a ninguém.

Temos para nós (e seguimos muitos) que foi uma detestável escolha essa que se fez da *Adriana Lecouvreur* para primeira prova da Sr.^a Emília. Os sucessos passam-se num tempo e em meio de uma sociedade que nem os nossos actores nem o nosso público compreendem. As maiores belezas passam, por consequência, inapercebidas pela mente de uns e pelos ouvidos do outro. Em Paris, onde as recordações de uma corte corrupta, espirituosa e devassa, sem freio no vício, sem termo na corrupção, andam ainda vivas e presentes no espírito de todos, não admira que a peça fosse aplaudida, além do interesse que devia necessariamente inspirar a primeira aparição da Rachel na comédia moderna, ajudada pelos primeiros talentos da cena francesa. Em Portugal quem é que sabe da vida de madame de Saubisse, duquesa de Bouillon, os seus amores clandestinos, a vida do duque seu marido, a do marechal de Saxe, e, sobretudo, a vida dessa pobre Adriana a quem o cura de São Sulpício negou uma pouca de terra sagrada para repouso final da que fora a adoração da bela sociedade? Ninguém. Por isso o drama corre frio, sem sabor, sem entusiasmo no palco e na plateia.

No primeiro acto, que é quase sem importância, o interesse fixa-se sobre a impaciência da duquesa de Bouillon que não vê a seus pés o jovem marechal, chegado na véspera, e havendo decorrido já duas horas depois que se levantara, com a certeza de o encontrar, esperando, no seu palácio. A impaciência sobe até à desconfiança, fazendo-a prometer a um certo abade, que lhe faz a corte, muitas e mui lisonjeiras esperanças no futuro se o espirituoso e mexeriqueiro abade lhe descobrir a causa da demora do marechal. No seu espírito, só outra mulher podia ser o motivo da descortesia do marechal. O abade promete. O marechal entra. A duquesa recebe-o despeitada, tanto mais quando ele traz ao peito um ramilhete atado com um fio de ouro. E finalmente Mr. de Bouillon participa à plateia que está encarregado de analisar os pós de sucessão cujos efeitos são ainda superiores aos da célebre água tofana, pois basta respirá-los para darem imediatamente a morte. Este papel de madame de Bouillon é representado por uma actriz cujo nome é inútil indicar enquanto se não houver nele com mais inteligência.

No segundo acto achamo-nos no foyer do teatro francês, no cais do sodré, como cá o apelidam. Adriana, que aparece pela primeira vez deve representar nessa noite o papel de Roxana da peça de *Béjazet*. Michonnet, o contrarregra (Sr. Pinto), vê-a perturbada, inquieta, fora de si, e pede-lhe encarecidamente que não esqueça o papel, que seja magnífica. Adriana, que era rival da Duclos, vai para a cena e é extremamente aplaudida. O pobre Michonnet não cabe em si de contente, aplaude também e é a seu turno aplaudido pelo público que quis premiar logo no primeiro dia a inteligência do Sr. Pinto e o seu bom método de declamação. Adriana recolhe ao Foyer encontra Maurício, recebe novamente os protestos de amor do valente aventureiro, que em prova das saudades que dela sempre teve lhe mostra um livro, presente de Adriana, que ele sempre trouxera sobre o peito. Esse livro é o das fábulas de La Fontaine. Adriana, em obséquio

ao seu amante, recita a fábula dos Dois Pombos, uma das mais belas e mais interessantes do célebre fabulista. Temos visto a Sr.^a Emília representar noutros papéis com muito mais inteligência e recursos do que neste de Adriana, conservando sempre certos defeitos com os quais, a não se corrigir, nunca poderá aspirar a grande celebridade. A sua voz não tem inflexões; é sempre o mesmo tom, sempre a mesma vibração de uma só corda, harmoniosa é verdade, monótona, fria, que fatiga, cansa e extenua a atenção. Não lhe serve, por consequência, a jeito e a tempo as diferentes paixões de que parece inspirada, além de desdizer algumas vezes da situação que o autor quis reproduzir. A sua gesticulação é incerta, acanhada, e não raras vezes incoerente, sempre concentrada sobre a mão esquerda que, por esse simples facto, se torna curta, contraditória, de uma tibieza insofrível, sem entusiasmo nem expressão. Dos músculos da face, cujo combinado movimento tão útil é para a interpretação das paixões, apenas sabe elevar os dos cantos da boca, ficando os outros em completa inércia, o que lhe torna a fisionomia fria, dura, impassível, como se as diversas impressões só lhe affectassem a alma e não devessem traduzir-se logo pela mobilidade do rosto. Um certo movimento de cabeça continuado, desagradável, sem intenção distinta, como quem a atira para trás (gesto de Danton) nem vai bem à sua graciosa e simpática fisionomia nem reproduz senão um mau costume de que precisa emendar-se quanto antes. A fábula dos *Dois pombos*, tão linda, tão repassada de sentimento, foi pessimamente recitada, ninguém a compreendeu. A Sr.^a Emília decerto não suspeitou o efeito que Adriana queria reproduzir sobre o seu amante com aquele emblema de mútua amizade. No terceiro acto a única cena memorável é a do encontro das duas rivais, a duquesa e Adriana, em casa da Duclos. A duquesa vai ser surpreendida em flagrante delito por seu marido e é a actriz quem salva a grande dama. Esta deseja conhecê-la, mas o teatro está às escuras e não dá azos à perversa curiosidade da duquesa que na rapidez da fuga deixa cair sua pulseira para servir de corpo de delito no quarto acto. Esta cena é bela e a Sr.^a Emília tirou-se nela com inteligência suficiente, se não com os majestosos efeitos, de que é susceptível, passando do quarto acto que todo ele foi pessimamente representado, sendo, aliás, de uma beleza incomparável, assistimos no quinto aos últimos e dolorosos paroxismos de uma morte violenta. Adriana recebe da parte do marechal o mesmo ramilhete do primeiro acto que ela lhe tinha dado e que a duquesa subtraíra. A sua rival protestou vingar-se do amor infiel de Maurício e polvilhou o ramilhete com os póis de sucessão. Adriana respira-os e entra imediatamente num delírio que deve terminar com a queda do pano. Neste acto a Sr.^a Emília, posto não ser o seu papel favorito, representa com paixão o forçado delírio a que a obrigam e faz electrizar as pessoas sentimentais e de bom coração. Nós, sem querermos em nada escurecer a beleza do seu jogo cénico durante um quarto-de-hora inteiro de impertinente alienação mental, estivemos com os olhos pregados naquele grande estafermo do marechal de Saxónia, que nem um copo de água tem a lembrança de chegar aos lábios da sua moribunda amante.

IMP 7

(*Revista Popular*, 03/11/1849, n.º 34, pp. 272-273)

No aniversário d' el Rei teve lugar a abertura do teatro novo, que o Sr. Batalha fez construir em 200 dias. O teatro tem muita coisa boa e alguns defeitos, que futuro se poderão, talvez remediar. Em um dos seguintes números falaremos mais extensamente sobre este objecto. O drama *Adriana Lecouvreur* agradou. Não aconteceu o mesmo à segunda peça, que teve má estreia no Teatro de D. Fernando. O público não gostou, e com muita razão, d'*A Mulher da perna de pau*. A Sr.^a Ana Cardoso é uma actriz detestável, pela fisionomia, pela voz e pelas maneiras que adoptou. Dos outros novos actores, alguns há, como os Srs. Pinto e Macedo, que hão de vir a ser bons, quando tiverem mais alguma prática e muito estudo.

IMP 8

(*A Assembleia Literária*, 10/11/1849, n.º 15, p. 119)

Lisboa na verba teatros não é qualquer coisa: tem cinco e já não é pouco. Um amigo nosso fazia há pouco a seguinte classificação dos teatros, que julgamos não ser dele: o Teatro de D. Maria para ver, S. Carlos para ouvir, o Ginásio para rir, D: Fernando para sentir, e o Salitre para dormir [...]

O Teatro de D. Fernando abriu-se no dia 29 de Outubro com a apresentação do drama *Adriana Lecouvreur* e da farsa *A mulher da perna de pau*. O teatro está bonito. A companhia, exceptuados a Sr.^a Emília e o Sr. Macedo, é péssima. A farsa desagradou, bastava-lhe o título; quando as pernas de carne e osso nem sempre fazem piacere, uma de pau torna-se intolerável.

IMP 9

(A *Revolução de Setembro*, 10/11/1849, n.º 2296, pp.1-3)

Teatro de D. Fernando

Adriana Lecouvreur, drama em cinco actos por E. Scribe.

Scribe e Dumas são os dois ditadores do teatro moderno francês. A veia dum e doutro não esmorece apesar do muito que se tem a esperar de reputações reconhecidas e sagradas por muitos anos de entusiasmo. Quem se esquece de *Mademoiselle de Belle-Isle*, do *Casamento no reinado de Luís XV*, de *Angela*, de *Henrique 3.º*? Quem se não recorda do *Copo de água*, da *Calúnia*, de *Bertrand e Raton* e desses deliciosos vaudevilles que o Teatro do Ginásio tem tido o bom gosto de representar com sucesso feliz?

Era um nome glorioso o que Scribe ia ressuscitar das tradições do passado. Essas reputações que descem ao túmulo com o artista, que se esvaem nas palmas de uma noite, que se esquecem por um acidente, são por isso mesmo mais santas para o historiador e para o poeta. O pintor, o literato, o *maestro* vivem na posteridade e têm a imortalidade intelectual, que é a maior esperança dos talentos que lutam pela glória. O artista deixa um nome apenas. Sobre as cinzas ainda quentes do seu cadáver ninguém derrama uma lágrima e, talvez!, ninguém reza uma oração. O mundo é ingrato para as fadigas desses génios que consomem a sua existência no teatro e que morrem cedo, quase sempre minados pelas surexcitações da sensibilidade e pela acção fatal das paixões que lhe[s] cumpre traduzir. O poeta, o escritor, salvando-os do esquecimento para os engrandecer numa criação de arte, prestam-lhe uma merecida homenagem e exercem um dever de reconhecimento. O artista quando idealiza, quando eleva o pensamento do poeta pela tradução da sua obra, é cúmplice na sua glória, cabe-lhe um florão da sua coroa de triunfo. Dar-lhe um quinhão no futuro é cumprir um acto de justiça. O nome de Adriana Lecouvreur, dessa actriz esquecida nos arquivos do teatro francês partilha hoje do prestígio que acompanha qualquer produção dramática de Scribe.

Não avaliaremos cena por cena o drama, aliás sóbrio de incidentes, de Scribe. Repugnam-nos sempre esses processos verbais aonde raras vezes se pode exercer desafrontada a crítica literária. Adriana ama ao princípio Maurício, Conde de Saxónia, julgando que ele é um simples oficial. Depois que conhece o seu verdadeiro nome, o seu amor exalta-se até ao entusiasmo. Mas, ao mesmo tempo, a artista tem a lutar com uma mulher da sociedade, que tem por ele um destes caprichos que simulam todos os caracteres da paixão e que apenas são um desenfado para essas existências frívolas, ávidas do maravilhoso e vazias de sentimento.

O duque de Bouillon é amante de uma actriz, mademoiselle Duclos. Mademoiselle Duclos é confidente da Duquesa e abre as portas da sua casa às entrevistas mais ou menos escandalosas da ilustre fidalga.

O Duque, julgando que a Duclos o atraiçoa pelo Conde de Saxónia, convida as actrizes do teatro a uma ceia em casa dela para a surpreender em flagrante delito de infidelidade. Mas não é com a actriz, é com sua mulher que deve ter lugar essa entrevista, anunciada num bilhete.

No 3º acto, fiada nas palavras do Conde, Adriana salva a Duquesa, ameaçada de ser descoberta. Mas antes esse poderoso instinto de paixão denuncia as rivais. Na obscuridade da sala, as duas mulheres, curiosas de se conhecerem porque se adivinham inimigas, trocam terríveis ameaças. Houve um momento em que a Duquesa esquece os perigos da sua situação e a cólera de seu marido para conhecer quem lhe rouba o amor de Maurício. Adriana também esquece quase a sua promessa solene para cobrir de opróbrio aquela que julga amada pelo Conde.

No 4º acto, as duas mulheres, a artista e a fidalga, descobrem-se num diálogo pungente. E quando essa mulher, cuja paixão é descoberta pelo bracelete caído no jardim - quando o seu próprio marido patenteia a sua vergonha, numa exclamação inconsiderada -, tenta humilhar a artista, a artista vingam-se, repetindo uns versos da *Fedra*, que castigam aquele audacioso despego.

O 5º acto é sublime de paixão, de dor, de agonia! É uma mulher a lutar com a morte, quando a vida lhe é mais doce. É uma mulher a sentir-se morrer, quando vê perto de si o homem que ama, quando o vê arrependido e afectuoso a seus pés, quando mede num olhar de paixão tudo o que perde, quando a vivacidade do desejo se esvai de minuto a minuto, perante as sombras tremendas da morte!

É que a fidalga, se tem o coração frio para o amor, tem a alma indomável para a vingança. É que não contente de lançar numa prisão, por uma denúncia, o homem que ama, envenena num ramalhete a rival que aborrece.

Se querem ver nas lições do teatro mais do que as emoções do momento - se quiserem meditar que a vida real palpita ali idealizada pela imaginação, mas não desfigurada pela poesia, hão-de conhecer que, à parte os incidentes da tragédia, é assim que se revelam os caracteres no mundo, bastardeados todos os dias pela corrupção moral.

A artista leva a devoção até ao heroísmo. Salva o amante, que a desconhece, pagando com toda a sua fortuna a sua liberdade. A mulher da sociedade leva o ciúme até à abjecção. É ela que arremessa aquele corpo ainda quente das suas carícias até ao fundo duma masmorra!

É que a sociedade dilui a energia moral da alma da mulher nas affectações da vida exterior e nos conselhos egoístas da experiência social. É que esse existir factício, constantemente subordinado às conveniências do mundo, fatiga e esteriliza o sentimento que Deus lhe pôs no coração para as entregar frias e endurecidas aos galanteios sensabores das paixões oficiais.

É por isso que Balzac, o grande pintor da sociedade moderna, quando quer assinalar por um facto a existência de uma paixão verdadeira numa mulher da sociedade descreve-a às duas horas da tarde, sem colete, sem tranças falsas, sem mesmo o *negligé* estudado de manhã! Esse esquecimento supremo é a inclinação soberana da paixão na mulher!

A artista, essa só vê Deus e a glória! Quando o seu coração uma vez se viu abrasado de amor entrega-se em corpo e alma e não estuda, em monólogos fervidos, o momento da sua queda e a maneira mais ou menos poética com que há-de engrandecer num sacrifício, salvando ao mesmo tempo a reputação.

E que tem isso? A civilização, se desenvolve a vida material, se improvisa nas suas revoluções sucessivas gozos desconhecidos e prazeres apreciáveis, acanha e comprime a atmosfera do sentimento e leva os segredos da estatística até aos recônditos da alcova e do *boudoir*. Quem sabe se a mulher da sociedade chegará ao inapreciável progresso de marcar numa carteira a força mais ou menos magnética dos olhares da noite, o perfume mais ou menos embalsamado dos suspiros, e a pressão mais ou menos terna dos dedos delicados, como já numera o algarismo das contradanças e os nomes dos pares?

O papel de *Adriana Lecouvreur* era mais do que uma simples indicação dramática para um estudo, um exame cuidadoso para qualquer vocação, embora já gloriosamente estabelecida em provas sucessivas.

É que *Adriana*, cujo carácter está mais esboçado do que descrito, resume, só por si, toda a poderosa individualidade duma organização artística. Lutam-lhe no peito todas as paixões e todos os desejos - rebentam-lhe na alma todos os affectos e todas as aspirações! Mulher, ama pela primeira vez, sente-se orgulhosa do seu amor, pensa - quem sabe? - nos mais tremendos sacrificios para provar a quem o merece toda a sua exaltação delirante. Artista, tem a conservar a dignidade do seu talento e os brios generosos da sua alma perante o ciúme de uma mulher poderosa e as frívolas curiosidades de um mundo desdenhoso.

E depois, com que delicadeza Scribe exprime a influência poderosa do génio nas almas elevadas e nas naturezas escolhidas! Há um momento em que *Adriana* pede ao grande *Corneille* um raio do seu espírito! Há um momento em que a mulher pede à artista uma dessas inspirações soberanas que a amparem contra a agonia do seu sofrimento!

Para mim, é esta a situação suprema do drama, se o encararmos unicamente pelo lado literário. Quando o talento da actriz presta ao talento do poeta o culto da admiração, exprime ao mesmo tempo a sublimidade do seu carácter e denuncia as aspirações grandiosas do seu espírito!

A Sr.^a *Emília* teve a criar o papel de *Adriana*. A palavra «criar», neste caso, pinta admiravelmente a verdade. Os talentos elevados como a Sr.^a *Emília* têm o dom da presciência. A sua voz, tão rica de harmonia, modelou toda a escala de inflexões possível, na candura do seu amor, na abnegação da sua natureza, no ciúme da sua alma, na dignidade do seu carácter, no

fervor da sua admiração, na energia do seu heroísmo, na profunda e pungente tragédia da sua loucura, que precede as ânsias da sua morte.

Podem duvidar da meiguice com que repete a fábula dos *Dois pombos* - da ternura de que o seu olhar se ilumina, da sincera afeição que pinta o seu gesto, da emoção suavemente comprimida que lhe faz balbuciar a voz em interrogações tão adoráveis de sentimento?

É aquela a mesma voz com que pretende saber o nome da sua rival, com que deseja patenteá-la cheia de opróbrio aos olhos dos convidados da Comédia Francesa?

E com que terrível convicção ela repete os versos de *Fedra*! Como lhe palpita o rancor na voz, que vibra, quase rouca, de paixão! Que gesto soberano é aquele com que aponta à assembleia a fronte audaciosa da sua rival!

E quando morre! Como ela gradua a vida que lhe foge com a paixão que a devora! Como ela prepara habilmente as crises de surexcitação apaixonada que lhe fazem esquecer as torturas que lhe consomem o peito! Com que melancolia infantil ela repete «que não quer morrer» e pede que a «salvem do que sofre!»

Pesa-nos que um talento já amadurecido nas coisas literárias cedesse a um movimento talvez irreflectido para escrever o *folhetim* da *Emancipação*. Desterrar a senhora Emília para a sua primeira estreia no *Auto de Gil Vicente* é desconhecer a progressão ascendente do seu talento e até índole poderosa da sua vocação.

A Sr.^a Emília é um verdadeiro *Proteu* no desenvolvimento de qualquer carácter. Se a obrigassem a traduzir outra vez a resignação sentimental e a ingenuidade não desmentida de Beatriz cairia na monotonia e desprezaria uma grande parte das qualidades do seu génio artístico. Essa figura simples e sublime de candidez e pureza é bela porque destaca do drama, porque é o anjo que esvoaça melancólico por sobre as paixões tremendas que a rodeiam, mas é menos um carácter do que uma situação moral. A mulher afastada do bulício da vida, criada na intimidade dos sentimentos de família, aproxima-se mais ou menos daquela poesia triste e resignada, espécie de *fatalismo* de amor, que aceita os acontecimentos como mandados por um poder superior e que nem os combate nem os amaldiçoa.

A Sr.^a Emília não cedeu, que nos lembre, a um movimento melodramático, a uma destas exagerações de colorido moral que alteram a simplicidade da criação poética. Quando está próxima da morte, vê-a chegar com a placidez de quem se sente condenada sem remédio. O rosto não adormece no sono eterno com as violentas excitações da luta que lhe exauriu as forças da alma, o seu último pensamento, que é ainda o da felicidade que perdeu, *distingue* no semblante da mártir a esperança infinita dum mundo melhor!

Na ocasião em que vimos mais de remanso, o drama, um público escolhido, de homens de letras, de poetas, de jornalistas e de homens da sociedade, aplaudiram com entusiasmo e com convicção a ilustre actriz. Várias vezes correu pela assembleia o *bravo* comprimido que teme quebrar o fio da inspiração e que se revela no sôfrego olhar com que se admira a actriz. A homenagem que lhe concederam contentaria, decerto, a mais sôfrega ambição. O voto de uma das maiores inteligências do nosso país, presente também, nesse dia, fortaleceria a nossa convicção, se nós buscássemos outra autoridade que não fosse a da nossa própria consciência.

O Sr. Pinto compreendeu com inteligência e executou com pasmosa naturalidade o papel de Michonnet. No seu género, é decerto um dos actores de mais esperança que temos visto. O resto da companhia não pôde, por enquanto, ser competentemente avaliada. Basta-nos dizer que temos esperança que em cinco ou seis meses de estudo com o Sr. Emílio há alguns actores que poderão competir com as reputações feitas da nossa cena.

Lopes de Mendonça

IMP 10

(*A Revolução de Setembro*, 17/11/1849, n.º 2302, p. 1-2)

O *flaneur* pode *flanar* um dia inteiro sem inconveniente. Levanta-se às dez horas e vai ao ensaio do S. Carlos, às duas horas caminha para a exposição, às quatro horas vai saber notícias da importante saúde do seu cabeleireiro, às quatro e meia pode ver desfilar pelo Chiado as carruagens das elegantes. Às cinco horas prepara-se com um copo de *absinto* para o jantar do Mata. Às seis vai servir de *pesadelo*, de *cabrion* à *ménagerie* de Mr. Charles. Às oito dirige-se

para S. Carlos ou para o Teatro de D. Fernando ou do Ginásio... à meia-noite... o que há-de fazer à meia-noite? [...]

A que inconstância não está ligada a sorte dos indivíduos. Que mudanças tão repetidas nas condições humanas! Não se lembram daquele pobre rei Duncan do *Macbeth* que abaixa a cabeça com a dignidade de um herói para depois expirar no bastidor debaixo do punhal usurpador de Macbeth? Pois esse homem que faz de rei no Teatro de S. Carlos, ladra de cão no Teatro de D. Fernando. Na bonita comédia *Bruto solta César*, é o próprio rei Duncan que atormenta os espectadores imitando com naturalidade pasmosa este mamífero vulgar. Preço 120 réis. É ladrar barato!

Lopes de Mendonça

IMP 11

(A Revolução de Setembro, 24/11/1849, n.º 2308, p. 1-2)

Deu-se no Teatro de D. Fernando - *O Castelo de Mountlouvre*, drama em cinco actos, nesta semana.

O castelo é como todos os castelos feudais, cheio de portas e de subterrâneos. O drama, como todos os dramas do seu género, a que se pode aplicar: *Entrou por uma porta, saiu por outra, vá a el Rei que lhe conte outra*.

Numa noite tenebrosa e de tempestade, uma dama foi ultrajada por um desconhecido. A dama arrancou-lhe o punhal e por ele soube o suposto nome do infame infiel às leis da cortesia. A noite tenebrosa produziu o resultado de todas as noites, mesmo quando são claras e serenas: a dama teve uma filha. Pouco depois casou com Guilherme de Flavy, tendo o cuidado de lhe ocultar os segredos das noites de tempestade.

Ora acontece que este Guilherme de Flavy é um esforçado cavaleiro, valente como o Cid, e amigo do sexo feminino, como o falecido D. Rodrigo, rei dos godos. Combate os ingleses e rouba as inglesas. De modo que depois de alguns anos desta vida possui um nome glorioso e um viveiro de mulheres amplamente fornecido. A viscondessa sua mulher arde de ciúmes, e o bom do cavaleiro, sem saber medicina, aplica-lhe o tratamento homeopático que um rifão português tinha há anos posto em voga: «a ferida de cão cura-se com o cabelo do mesmo cão». Efectivamente, para lhe desvanecer as crises nervosas, o nobre campeão não lhe poupa nem as palavras cruéis nem as grosserias brutais, de modo que é na realidade uma teima amorosa admirável a que conduz a viscondessa, no fim de onze anos, a estar tão apaixonada como nos primeiros dias do casamento.

De repente, Flavy liberta aquelas ovelhas desgarradas e torna-se do amor mais puro, mais cândido, por Maria, que consegue arrancar dum convento vizinho.

No 3º acto, quando a viscondessa, alucinada pelo ciúme, pretende desfazer-se da sua rival, quando lhe propõe morrerem ambas para escaparem às agonias da sua situação, a pobre menina, em presença da morte, deixa escapar os segredos da infância, apenas distintos na sua memória, e por eles a viscondessa reconhece a filha naquela que supunha sua rival.

Esta situação é magnífica, menos na maneira por que o autor a soube apresentar do que pelo calor e pela vida com que foi declamada.

A Sr.^a Emília, numa cena, infelizmente para a emoção do espectador, longa demais, adquiriu mais um daqueles louros que bastariam à reputação de uma existência inteira.

É tão calorosa, tão variável de sentimento a intonação da sua voz, é tão pungente, tão sublime de dor a escala do seu gesto que escapa deveras à análise.

E, depois, a Sr.^a Emília é um talento de inspiração que não marca invariavelmente as frases capitais com o mesmo cunho para as reproduzir em outras ocasiões. Ela sabe, pelo maravilhoso capricho de uma imaginação fecunda, produzir um efeito inesperado num dito até ali sem significação. É o carácter essencial do seu talento. Concentra toda a sua força dramática, mas não a aplica no mesmo ponto e debaixo das mesmas condições. É uma estratégia artística que tem alguma coisa de *napoleoniana*, que não desperdiça o estudo, mas que também espera da magia do seu génio as combinações que escapam às inteligências e aos cálculos ordinários.

Admirámos também a vocação superior da menina Macedo, que tem apenas catorze anos de idade. Depois da Sr.^a Emília é, decerto, a estreia mais feliz que temos visto no teatro. De

fisionomia apaixonada, de voz suave e pura, a sua inteligência corre parilhas com os dotes naturais. É um talento esperançoso que deve ser vigiado com solicitude e desvelo. É com aquela e outras artistas que o nosso teatro pode aspirar a ser uma escola e a servir directamente a civilização do país.

Depois desta exposição breve do enredo, é fácil de conceber o desenlace. O Sr. Flavy fora o cavalheiro desleal que ultrajara a viscondessa. O punhal que ela lhe havia arrancado não lhe pertencia, tinha-o havido de um cavalheiro inglês, vencido por ele, em combate singular. Acontece que no final se reconhece a verdade e que os personagens entoam o - *Gloria a Deus nas alturas do céu e paz na terra aos homens de boa vontade*.

Este melodrama, apesar de ser em muitos pontos absurdo, de estar escrito num estilo pouco elegante e correcto, é dos que impressiona e prende mais vivamente o espectador.

Não queremos intentar um processo ao drama, mas é fácil de ver que o autor sacrificou a verosimilhança da acção ao encadeamento das situações.

Pois quê! É possível que em onze anos, se bem me lembro, de convivência com sua mulher o Sr. de Flavy não tivesse examinado o punhal que esta trazia constantemente à cintura, e o mistério daquela noite chegasse a ficar manifesto?

O 5º acto tem uma cena feliz e representada com delicadeza da parte do Sr. Macedo e sua filha. É quando esta pretende alcançar uma chave da torre onde está encerrada. As últimas cenas, de ansiedade forçada, já chegam quando o espectador está saciado de emoções tão insistidas que fatigam em vez de comoverem.

Mas não é decerto o merecimento da composição que há-de atrair a concorrência. A Sr.^a Emília desvanece pela superior inteligência todos os defeitos que saltam aos olhos menos perspicazes. A crítica não se exerce no calor do entusiasmo e no fogo da paixão. O espectador aceita, sem exame, aquelas complicações quando elas lhe aproximam aquela fisionomia transtornada pela dor, aquela voz definhada pelo sofrimento, aquele gesto que há momentos em que retrata a profunda agonia da Niobé antiga.

Notámos no Sr. Macedo um aperfeiçoamento nesta segunda peça. Se ele procurar modificar a voz e não lhe der a mesma monotonia, se ele estudar cuidadosamente a escala das *nuances* na paixão, tão difícil para o génio peninsular, amigo, sobretudo, do demasiado carregado nas intonações, talvez chegue a possuir um lugar distinto entre os melhores actores. O Sr. Viana compreendeu bem e representou com chiste o seu papel.

Lopes de Mendonça

IMP 12

(Revista Popular, 24/11/1849, n.º 37, vol. II, pp. 291, 292)

O Teatro de D. Fernando, edificado no local da antiga Igreja de Santa Justa, abriu-se ao público no próximo findo mês de Outubro.

O architecto que delineou e dirigiu a obra foi o Senhor Arnould Bérting, engenheiro francês.

Este novo teatro tem defeitos, nem podia deixar de os ter, e muito consideráveis, atendendo à estreiteza do terreno, que apenas media 67 palmos de comprimento sobre 63 de largura; merece pois, muito elogio o Sr. Bérting pelos que soube habilmente evitar.

A fachada para o Largo de Santa Justa não tem em geral agradado; nota-se principalmente o triste efeito que fazem as meias janelas de volta-redonda, que dão logo uma ideia daquelas *bocas-de-forno* do sumptuoso mausoléu que vulgarmente se conhece pelo nome de Teatro de D. Maria II.

A sala do espectáculo é formosa de simplicidade e elegância; tem a forma elíptica medindo 38 palmos de largura sobre 52 de comprimento, a contar das pilastras do proscénio; acha-se dividida em quatro ordens de camarotes, sendo 54 públicos, 3 para suas majestades e dois pertencentes ao proprietário; tem mais na ordem inferior uma galeria de cada lado, e na superior em frente do arco do proscénio um chamado anfiteatro. A sala pode conter 636 pessoas: 324 nos camarotes, 52 nas galerias, 224 na plateia, 36 no anfiteatro.

A abertura do proscénio é de 28 palmos. A *caixa*, mede 57 palmos de fundo sobre 48 de largura e 65 de altura, até ao lugar em que estão suspensos os panos.

A plateia tem três entradas, uma ao centro, com uma pequena escada para cada lado (e seria para desejar que se lhe tivesse dado mais alguma largura) e duas laterais junto da orquestra.

Os corredores das diferentes ordens vêm todos acabar em uma salinha óptimamente ventilada. As escadas e demais serventias estão lançadas com a maior elegância e segurança e perfeitamente iluminadas a gás, como todo o teatro.

A sala do espectáculo, que a nossa estampa representa, é igualmente iluminada a gás, com um belo lustre; o tecto é pintado de azul-pérola e branco, com filetes de ouro, pendendo o lustre de um rico florão. Os camarotes são forrados de carmesim. As decorações e pintura correspondentes foram dirigidas e executadas, simultaneamente pelos distintos artistas Rambois, Cinatti, Rusconi e Ignácio Caetano.

O senhor Francisco Rodrigues Batalha fez um assinalado serviço à capital e às letras, construindo este formoso teatro que, provavelmente, servirá de refúgio à arte dramática quando o *Teatro Normal de D. Maria II*, edificado à custa da nação, e em que se despendeu a enorme soma de 300 contos de réis se houver inteiramente convertido em *hipódromo ou ménagerie* de algum futuro Mr. Charles ou Laribeau.

IMP 13

(A *Revolução de Setembro*, 15/12/1849, n.º 2325, p. 1)

Enquanto se observava este desconcerto no regulador directo dos destinos do país, a Assembleia Filarmónica abria as suas salas ao almejado concerto. Foi um terramoto de segas pelas ruas adjacentes. Corriam alvoroçadamente comendas e caleches, caleches e comendas pela cidade. Contavam-se coisas fabulosas do serviço, havia em todas as bocas o algarismo dos doces e dos refrescos; o estômago estava muito mais prevenido do que os ouvidos para os prazeres prometidos naquela reunião longamente anunciada. Dizem que a festa correu na paz do Senhor e que se operou de uma maneira expeditiva o consumo abundante que pusera em azáfama os conserveiros da capital.

Tudo isso não impediu que *As proezas de Richelieu* voltassem à cena com um feliz sucesso no Teatro de D. Fernando.

Nesse nosso país ortodoxo, alguns caturras chamam imoral à comédia. É classificarem por outras palavras o casamento como uma instituição fora do círculo dos mandamentos evangélicos. Qual é o pensamento da comédia? O destruir um absurdo artigo 5º que privava por cinco anos um esposo dos seus legítimos direitos. É o pensamento mais trivial, mais vulgar, que se conhece na história doméstica. É desconhecerem esse famoso preceito que manda que o género humano se desenvolva porque é esse o seu destino e a sua missão.

E depois as épocas devassas não se podem descrever com os mesmos traços com que se pintam as situações bucólicas da vida humana. Os últimos anos do reinado do *grande rei* tocaram os escândalos da regência desse carnaval contínuo de costumes que preparou tão energicamente a revolução de 1788. É necessário aceitar a História como ela é. Acaso o nome de Richelieu poderia servir de pretexto a alguma meiga combinação amorosa, puramente platónica, cheia de juramentos apaixonados e de cândidos protestos?

Dizer que a Sr.^a Emília é um *Proteu* dramático não é exagerar, decerto, as proporções grandiosas do seu talento. A mesma actriz, que acabava de nos comover a alma naquela dolorosa despedida da *Adriana*, veio doudejar espirituosamente na cena com o elegante vestuário de Richelieu. A mademoiselle Mars fez-se mademoiselle Déjazet. A artista apaixonada tornou-se um *roué* cheio de vivacidade e de desenvoltura. A transformação, na mesma noite, é para provocar uma homenagem desinteressada de admiração.

É que, à parte o brilho daqueles olhos que juntam ao mesmo tempo a paixão e a graça, à parte o timbre delicioso daquela voz que amacia as intonações mais feras, quem poderia reconhecer no duque de Richelieu, atormentado pelas prescrições do artigo 5º, a saudosa Adriana, unindo no mesmo culto ao seu amor por Maurício e a sua admiração pelo grande Corneille?

Há até uma passagem que a Sr.^a Emília, com a rara penetração da sua inteligência dramática, repetiu com uma acentuação cheia de dignidade e de heroísmo. Aí a frivolidade do cortesão cede aos brios generosos do guerreiro. É quando empunha a espada que depois ilustrou

defendendo nobremente a pátria, que o génio do seu tio cardeal elevara a ser árbitro dos destinos do mundo.

A peça foi representada com igualdade e a menina Macedo, no papel de Mademoiselle Noçay, e a Sr.^a Ana Cardoso, no de baronesa de *Belle Chasse*, houveram-se em espírito e chiste.

Lopes de Mendonça

IMP 14

(*Revista Popular* n.º 40, 15/12/1849, p. 321)

O Teatro de D. Fernando vai um pouco melhor desde que puseram em cena *As proezas de Richelieu*; mas dificilmente poderá sustentar-se se tornar tudo dependente da Sr.^a Emília, que não tem forças para continuar no trabalho de representar em ambas as peças cada noite. Dizem-nos que o *Ramalhete de violetas* há-de fazer furor. Se a fusão fosse possível, poderíamos agora organizar um belo teatro com estes elementos que se acham dispersos pelos três nacionais de Lisboa.

IMP 15

(*A Revolução de Setembro*, 22/12/1849, n.º 2331, p.1)

Deu-se no Teatro de D. Fernando um drama escrito com espírito e representado pela Sr.^a Emília com uma superioridade pasmosa. Parte da concorrência que houve, não duvidamos atribuí-la à novidade da construção do teatro. Em presença de uma obra de Scribe, magnificamente concebida pelo talento de uma actriz distinta, o nosso mundo não se mover da sua inércia. Nem ao menos discutiu o timbre e o volume da voz, a palidez do semblante, o estremecimento febril que acometeu a artista nas crises da paixão, esses lugares comuns da crítica individual facilmente aplicáveis a um espectáculo de touros ou a uma corrida de cavalos!

Em presença desta curiosidade moribunda, o teatro não se pode constituir. Há ensaios felizes, não se pode dizer que tenhamos um repertório mesmo deficiente. A assimilação dos melodramas franceses desnatura a índole da nossa literatura, sem fundar ou tal ou qual domínio intelectual sobre um público incoerente. Escrever para o teatro, curvar o talento às exigências de uma plateia sem elementos de instrução nem instintos de sentimento é uma tarefa impossível para quem preza a sua dignidade de escritor. Triunfem muito embora os maquinistas, os domesticadores de feras e os educadores equestres.

Lopes de Mendonça

IMP 16

(*Revista Popular*, 05/01/1850, n.º 43, p. 346)

No Teatro de D. Fernando continua a ser bem recebida *A priminha* em que a Sr.^a Maria Amália Macedo desempenha magnificamente o papel de Priminha. A Sr.^a Maria Amália, se não a cegarem lisonjas, há-de vir a ser uma actriz excelente, a primeira, talvez, do nosso teatro. O drama novo [*Os órfãos da Ponte de Nossa Senhora*] também foi bem recebido. O Sr. Macedo entra melhor neste drama. Como Vicente de Paula não desagrada tanto a sua voz e o método da declamação que adoptou. Nos outros papéis é de muito mau gosto declamar cantando e arrastar as palavras, pronunciando com intenção a frase mais insignificante. O final da *Adriana* perde grande parte do efeito por culpa do Sr. Macedo.

IMP 17

(*A Revolução de Setembro*, 26/01/1850, n.º 2358, p. 1)

Por que é que no quarto acto da *Adriana* corre um estremecimento pela plateia quando Michonnet diz à Lecouvreur, devorada de ciúme e palpitante de amor, estas simples palavras: «Bem vês que há no mundo quem represente melhor do que nós!»? Quantos homens se não poderiam levantar para jurarem com alvoroço aquelas palavras de Scribe!

Lopes de Mendonça

IMP 18

(Revista dos Espectáculos, 01/03/1850, n.º 1, 1º vol.)

Não nos enganámos, o público tem continuado a receber o *Episódio no reinado de Jacques 1º* como esta linda comédia o merece. Conta já com numerosas representações em que tem sido sucessivamente aplaudida, e parece prometer-nos ainda uma longa duração em cena. É que, além do mérito superior desta composição, de que já demos uma rápida notícia, o desempenho torna-se igualmente recomendável.

Folgamos confessá-lo, a execução desta comédia é a prova mais eloquente dos consideráveis progressos da companhia. O Sr. Doux, a quem a cena portuguesa deve tantos e tão valiosos serviços, continua a merecer bem fundados elogios, pelo zelo, gosto e inteligência, com que prossegue na sua honrosa missão....Felizmente não têm sido infrutíferos os seus esforços, nem malbarato o seu talento. Quando em tão curto espaço de tempo, e com dificuldades de tanta monta, os resultados são já tão lisonjeiros, o futuro não pode deixar de ser esperançoso e produtivo...

Não exageramos, quem vir o episódio concordará connosco. É impossível dar mais relevo do que dá a Sr.^a Maria Amália ao da cândida e interessante Arabella. É esta uma formosa criação que daria honra a uma actriz consumada, numa jovem que enceta apenas a carreira do palco é um verdadeiro milagre de talento que revela toda a superioridade de uma organização privilegiada. Desde o primeiro até ao último acto a jovem artista faz-se igualmente admirar; inocência, vivacidade, amor, gratidão, ternura – tudo aqui exprime com a mesma felicidade, tudo compreende com o mesmo tino, em tudo imprime aquele profundo selo de inspiração que Deus só concede ao génio, para engrandecimento da arte, e eterno desespero da mediocridade.

Da Sr.^a Emília é ocioso falar, a nossa primeira actriz, é sempre a mesma. Não traduz, engrandece todos os papéis. O Sr. Macedo também se distingue como já de outra vez notámos, no papel de Jacques 1.º, onde é muitas vezes natural e delicado como em poucas ocasiões o temos visto ser. Outro tanto desejaríamos poder afirmar do Sr. Viana, que apesar de não ser aqui certamente onde vai pior, nos parece todavia, não só pelo seu porte e maneiras, mas pela frequência das suas incorrecções gramaticais, pouco ou nada apropriado ao papel de um presidente de conselho de ministros, ao menos de Inglaterra. Citaremos para exemplo uma entre muitas – o rei não quer que ficais – Um actor que aspira a ser digno deste nome, deve abster-se de tão repreensível defeito. Dispensa de gramática, não há bula teatral que possa concedê-la, o público e a crítica não a reconhecem. O Sr. Viana, deve lembrar-se de que é esta a primeira e mais indispensável condição do seu progresso artístico, se tem realmente em vista adiantar-se: corrigir-se. Chamamos a atenção do Sr. Doux sobre este ponto.

Como tínhamos anunciado, a *Madalena* subiu com efeito à cena neste teatro. Infelizmente sucedeu o que tínhamos previsto. O público saciado deste belo drama, não festejou a sua reaparição. Além disso as comparações não lhe foram vantajosas como receávamos. Optimamente executado pelo que diz respeito à Sr.^a Emília e distintamente compreendido pelo Sr. Vitorino, que noutra época tinham já colhido bem merecidos louros nos seus respectivos papéis, este drama não teve a mesma felicidade, que já lograra, com relação a outros actores que nele agora tomaram parte. O mesmo Sr. Pinto, de reconhecida aptidão e inteligência, ficou desta vez à quem das nossas esperanças no papel daquele honrado e afectuoso André, a que outrora o Sr. Epifânio imprimira tanta vida como interesse.

A *carteira*, drama do mesmo autor, foi também ultimamente representada. Victor Bourgeois não foi aqui tão feliz, como na contextura, na acção, nos caracteres, nas peripécias, em quase nada se vê a mão experimentada que traçou com tanto vigor os quadros belos e tocantes que abundam na *Madalena*. Produção da mesma pena, não é filha da mesma inspiração, numa vê-se o cunho do talento, noutra insculpe-se a hesitação da mediocridade. Confundi-las no mesmo elogio seria desconhecer a distância que separa estas duas composições e trair indesculpavelmente a nossa missão, que não é, nem pode ser a de uma hipérbole permanente e sistemática.

Exporemos em poucas palavras o assunto deste drama. Ernesto Lemir, jovem médico, filho de um valente general do império, aspira à mão de uma formosa menina, irmã de Artur Devarenes, seu amigo.

Está quase chegando o dia do casamento que vai coroar a ambição dos dois amantes, e estreitar mais intimamente os laços que há muitos ligavam as duas honradas e opulentas famílias. Prepara-se tudo para o feliz consórcio, o lugar, o dia, a hora, tudo está previamente determinado. Por fatalidade aparece um homem que vem impedir esta desejada e próspera união. É Júlio Lebrun, também amigo de Artur, que vem pedir-lhe a mão de sua irmã em conformidade de uma solene promessa cujo cumprimento implora e reclama. Um crime dera origem a essa promessa. Devarenes saído do colégio tinha-se entregado em Paris a uma vida caprichosa de prazer e dissipação, endividara-se, a sugestões de Júlio, associara-se com ele na falsificação de umas letras a fim de poder pagar aos seus credores. O delito foi descoberto, e o castigo recaiu sobre o cofre da extremosa mãe de Artur, que a fim de salvar o filho teve de desembolsar a importância da fraude cometida. Foi nessa ocasião que, para comprar o silêncio de Júlio, Artur se viu obrigado a prometer-lhe a mão de Maria. Arrepentido da imprudente promessa que fizera, Artur recusa lançar aos pés de um homem como Lebrun, o futuro de sua formosa e inocente irmã. Júlio insiste ameça-o com a declaração do terrível segredo ao pai, que morreria de dor e de vergonha vendo a desonra de seu filho. Para evitar o infortúnio da irmã e um golpe mortal no coração do pai, Artur vê-se forçado a um novo crime. Júlio é assassinado.

As suspeitas do assassinio fogem do seu autor e recaem por uma série de funestas coincidências, sobre a cabeça de Ernesto Lemir, que se vê caluniado, perseguido e infamado pelo crime de outrem. A sentença de absolvição que afinal obtém do jurí não lhe apaga da frente o ferrete da ignomínia, porque se os votos não foram bastantes para condenar, as provas também não foram assaz fortes para destruir inteiramente todas as suspeitas do crime, que lhe imputava. Sob o peso do opróbrio que o esmaga, porque o fere a ele e a seu pai, o brioso general do império, Ernesto, jura não descansar enquanto não descobrir o verdadeiro criminoso, precisa reabilitar-se da opinião dos seus amigos, dos seus concidadãos, da família a que pretende ligar o seu destino, aos olhos de seu pai e da sua futura esposa. É-lhe mister achar o assassino. Um acaso lho depara, é o seu amigo, o irmão da sua amante, o filho estremecido de uma família honrada! Esta situação é bela assim como toda a generosa dedicação com que os dois amigos pretendem reciprocamente salvar-se, sacrificando-se heroicamente a si. Artur, que não aceita a nobre devoção de Ernesto, apresenta-se ao pai como o verdadeiro assassino. Mas isso não basta, para salvar a honra de Ernesto é preciso apresentar-se como tal aos tribunais, e remir talvez no cadafalso... Um escrito achado na carteira de Júlio vem engenhosamente poupar-lhe a vida sem comprometer a inocência de Ernesto. As duas famílias, salvas assim a existência e a honra de seus filhos, realizam o projectado casamento. Eis como termina o drama, concisamente exposto no resumo, que fazemos da sua acção.

Falta-nos examinar o seu desempenho. Infelizmente não tivemos nele coisa que admirássemos, a não ser alguns solecismos do Sr. Viana e o desagradável efeito do Sr. Brea. Deste último actor não é possível esperar nada, embora lhe notem boa presença, alguma inteligência, maneiras distintas, tudo isso é bom, mas não dispensa a voz, cujo defeito orgânico o inabilita evidentemente para a cena. A Sr.^a Emília não entra neste drama. O papel da Sr.^a Maria Amália é quase nulo. O Sr. Pinto, que é no seu género um dos nossos melhores actores, executa com graça, delicadeza e propriedade a parte de que se incumbiu.

Estrearam-se também no mês passado mais três comédias neste teatro. A primeira foi *O dia de São Silvestre*, que o público não perdeu em ver proscrita da cena. Era uma imitação de pouco chiste, inferior no mérito e no desempenho. A segunda foi *O morgado da Quinta dos Sapos*, em que ressuscitou o *Pantaleão de Mato-Grosso*, enterrado há muito no Teatro da Rua dos Condes. A transformação não o livrou da mesma sorte, nesta segunda tentativa, o palco lhe seja leve. A terceira foi *Onde estarão as minhas calças?* Composição que tem o mérito único de provar algumas gargalhadas. Dois viajantes acham-se numa estalagem onde, por descuido, lhes desaparecem as calças. Desta situação tirou-se o partido possível até à execução, em que os defeitos do Sr. Viana são mais indesculpáveis.

A empresa fez um grande serviço que não podemos passar em silêncio, e que certamente há de influir no aumento da concorrência neste teatro. É a redução dos preços de camarotes e plateia, em harmonia com o estado geral de pobreza, que há muito o reclamava. É mais uma notável comodidade que favorece o Teatro de D. Fernando, já recomendável por muitas circunstâncias que o tornam credor da protecção do público.

No dia 3 há de ter lugar o benefício da Sr.^a Emília das Neves. Um nome, a que está ligado há tanto tempo o glorioso prestígio de uma popularidade bem merecida, tem em si a mais valiosa de todas as recomendações possíveis. O drama, destinado para essa noite, que em tudo promete ser deliciosa, é novo, e, segundo consta, de muito efeito. À insigne actriz cabe o papel de protagonista.

Ensaia-se também neste teatro, onde não tardará em subir à cena, uma comédia original intitulada *Clero, nobreza e povo*. É uma bela produção do nosso amigo, o Sr. A. J. de Sousa Almada já vantajosamente conhecido neste e noutros géneros de literatura. Oportunamente falaremos dela, por hoje limitamo-nos a dar ao público esta boa nova, na certeza de que há-de apreciá-la tanto como nós.

IMP 19

(A Revolução de Setembro, 06/04/1850, n.º 2413, p. 3)

No Teatro de D. Fernando deu-se uma linda peça em 3 actos - *Um episódio no reinado de Jacques 1º* - que foi recebida com favor e agrado. Folgamos de ver os progressos não interrompidos da jovem Macedo, cujo talento artístico dá as melhores esperanças à futura organização do nosso teatro. A comédia, que pertence à pena conhecida de Eugénio Sue, traduzida com esmero e aticismo, serve de contraste a esses melodramas pomposos, devorados pela curiosidade de um público pouco ilustrado. A *Madalena*, em que a Sr.^a Emília conseguiu criar um papel admirável de entusiasmo e paixão, e que serviu de debute ao Sr. Vitorino, que no papel de cura alcança também um triunfo merecido, representou-se num destes últimos dias.

Lopes de Mendonça

IMP 20

(A Revolução de Setembro, 13/04/1850, n.º 2419, p. 3)

Teatro de D. Fernando

Amanhã (Domingo) apresenta o Teatro de D. Fernando um espectáculo dos mais bem combinados.

Todos os actores principais em uma noite: Emília, Macedo, Ana Cardoso, Macedo, Viana, Pinto, Vieira. É uma noite que deve ser aproveitada. Todos quererão ver o belo pagem William Seymour (Emília) na linda comédia - *Um episódio no reinado de Jacques 1º* - todos quererão admirar o talento da jovem Macedo representando Lady Arabella, para depois tornarem a aplaudi-las nos *Meninos da aldeia*.

Além deste já por si tão belo espectáculo, a comédia em 1 acto - *Onde estarão as minhas calças?* - em que o riso não cessa em toda ela e em que se encontram situações as mais extravagantes deve por certo chamar ao Teatro de D. Fernando numerosa concorrência. - É raro gozar uma noite de três comédias de tanto interesse e novidade.

IMP 21

(A revolução de Setembro, 20/04/1850 n.º 2425, p. 2)

No Teatro de D. Fernando representou-se *A carteira*, melodrama pelo autor da *Madalena*. Produziu excelente efeito no público e foi bem compreendido pelos actores. Domingo deve ir pela primeira vez à cena - *Dois casamentos de conveniência* - pelo nosso amigo Palmeirim. Debuta uma nova actriz que nos asseguram ter grandes disposições dramáticas, sobretudo no género cómico

Lopes de Mendonça

IMP 22

(A revolução de Setembro, 11/05/1850, n.º 2413)

Luísa ou a nódoa de sangue é o drama que a Sr.^a Emília escolheu para o seu benefício.

Para quem não leu o seu Balzac, para quem se dedica humildemente a abrir a boca aos aplausos de admiração para as sonhadas aventuras de *Monte-Cristo* ou das *Memórias dum Médico*, ou a

comprimir as costelas para não arrebentar de riso a alguma anedota de Paulo de Kock, o drama não podia ser compreendido nem avaliado.

Parto da escola socialista, o drama é apenas um quadro da sociedade actual, esboçado com ousadia, e que não exagera as leis da perspectiva. É uma cabeça de *Medusa* que deve fazer passar todos aqueles que como o doutor Pangloss acham este mundo o melhor de todos os mundos possíveis.

Para quem duvidar desses mistérios íntimos de uma civilização corrompida, para quem não supuser a *Revolução de Fevereiro* um protesto armado contra a abjecção duma classe e contra as torpezas de um materialismo ávido e sem grandeza, basta lembrar-se das cenas de 1847. Ao lado do cadáver ainda quente da Duquesa de Praslin, os processos vergonhosos de Teste e Curbières. Podia-se aplicar aos últimos momentos do reinado de Luís Filipe o dito comentado de Mr. de Serre: «A imortalidade corre em torrentes».

Os caracteres estão energicamente desenhados. Há até uma grande finura de contrastes nalguns. O poeta ambicioso que sonha com os gozos esplêndidos do mundo, que vende a sua alma de artista num mercado infame, atravessa a acção entre duas mulheres que desde o primeiro acto demonstram a sua oposição moral: uma, a *leoa* frívola e *blasé* que converte em ouro os afectos dos seus adoradores, a outra é uma mulher ingénua e apaixonada, que eleva o amor até à adoração e o sentimento até ao sacrifício.

Nem mesmo um céptico pode supor esta última criação um sonho arrojado de poesia. Essa mulher, baptizada pela desgraça ao desabrochar da vida, isolada do mundo, não tendo como único confidente do seu martírio senão Deus e a natureza, afinou a alma nas mais sublimes aspirações de entusiasmo e de afecto. A solidão engradeceu-lhe o espírito. Assim como essas flores nascidas nas fendas dos rochedos, e que vivem embaladas pela tempestade, é no êxtase da dor que ela compreendeu o que vale no mundo um amor nascido e criado nas longas intimidades de uma reprobção mútua, ao cintilar das estrelas, às pálidas projecções do astro das noites.

É um carácter de excepção talvez, mas, é devidamente concebido na situação com que ele pode dar-se na vida real. Eu não acreditaria naquelas brilhantes qualidades de mulher se recaíssem num destes anjos pálidos que dançam quatro polkas num baile e que conversam horas esquecidas debaixo da sombra encantada do leque. Se a civilização adelgaça as cinturas, se pousa nas frentes flores artificiais, que resistem à atmosfera abrasada duma sala, faz também do amor a declinação mais ou menos artificiosa de um cálculo financeiro e desterra as explosões ardentes do coração para os livros dos artistas e para os versos dos poetas.

O último acto, sobretudo, um pouco melodramático porque finaliza num momento idêntico o drama de todas aquelas experiências, está repassado de unção religiosa e completa o pensamento do autor.

O drama não agradou porque o mesmo público que aplaudia as ridículas máximas do *Peregrino branco*, as tropelias dos dois rapazes, declarou-se *blasé* e já vê com indiferença as obras literárias que não são aferidas por um certo criterium que ele só entende.

O artista apela para o público, o autor em se vendo desdenhado também recorre a ele, o crítico fundamenta as suas conclusões com a sua autoridade. Eu declaro solenemente que só tenho fé em duas sortes de público: no povo que sente e nas classes que pensam. Estes espectadores que pretendem esconder o vazio da sua inteligência e a deficiência da sua instrução demonstrando pretensões exageradas, que têm vergonha de se enternecer, que julgam um atentado contra o bom gosto o demonstrar o seu entusiasmo, não os avalio em relação à arte senão como contribuintes pecuniários.

É delicioso ver um habitante da Graça, ou um *dandy* da Rua dos Fanqueiros abrindo desdenhosamente a boca a um monólogo apaixonado, ou a um diálogo cheio de vivacidade poética. Os descendentes daqueles que aplaudiam António Xavier, que se entusiasmavam em pequenos ao ouvir *Pedro o Grande visitando os cárceres da Rússia* ou a *Escrava de Marienburgo* devem achar insuficiente para o seu espírito e para a sua esmerada educação literária uma comédia de Scribe, um drama de Dumas ou um quadro social de Félix Pyat.

Esta affectação de fastio é hoje uma feição geral na sociedade portuguesa. Que um espírito superior se sinta abafado neste limitado horizonte não há muito que admirar. Que um homem que anda com prazer umas poucas de horas no passeio, a ouvir algumas notas de fagote, e a ver

alguns chapéus amarelos e cor de rosa, se ache com direito de sonhar em gozos de espírito esplêndidos e em progressos de civilização sumptuosa, não se hão-de agastar que o suponha pouco sincero. Gosta, entusiasma-se por tudo isto. Vive oito ou dez dias com as gratas recordações de um jantar no *Vítor* ou de um petisco comido na *Feira do Campo Grande*.

É necessário confessar que a Companhia do D. Fernando está incompleta. A Sr.^a Emília vê-se às vezes abandonada nos seus movimentos dramáticos. A declamação exagera-se, as paixões perdem o seu colorido, a sua fisionomia especial, quando se confundem no mesmo tom de intonação arrebatada. A Sr.^a Macedo, num papel para que decerto a sua idade a não tornava própria, continua, todavia, a dar as mais lisonjeiras esperanças. Inteligência viva e penetrante, não há intenção que lhe escape, e a mobilidade do seu gesto presta-se maravilhosamente a traduzir todas as impressões dramáticas. O Sr. Vieira, no papel de judeu, representou também com pausa e naturalidade. Houve momentos em que alguns actores, ainda pouco experientes, se houveram de modo a podermos ter esperança, que encaminhados com solicitude, possam vir a merecer um lugar honroso na arte. Entretanto, falta igualdade à Companhia, com tão grandes diferenças de vocação, uma obra literária não pode ser eficazmente avaliada. Julgamos desnecessário dizer que a Sr.^a Emília teve situações em que denunciou toda a grandeza do seu talento e toda a sensibilidade da sua inteligência dramática.

Lopes de Mendonça

IMP 23

(*Revista Popular*, 11/05/1850, vol. III, n.º 6, p.48)

A *nódoa de sangue* fez fiasco no teatro novo.

IMP 24

(*Revista dos Espectáculos*, 01/06/1850, n.º 4, 1º vol.)

O mês de Maio, tanta vez celebrado e invocado nas hipéboles metrificadas dos poetas da nossa terra, além de não corresponder este ano à lisonjeira expectação dos bucólicos amadores, foi também um mês de pasmosa esterilidade em sucessos de toda a ordem. O teatro não foi isento da sua maléfica influência, os espectáculos novos foram raríssimos, e alguns deles mal recebidos. Felizmente, como tudo neste mundo, o mês não foi eterno, morreu, como todos morrem, mas sem as lágrimas saudosas dos necrólogos, do público, nem dos empresários a quem não fez grande falta, cremos nós. Deus o tome à sua conta, e Junho lhe seja leve.

O primeiro espectáculo novo, que no Teatro de D. Fernando se levou à cena, teve lugar no dia três, em benefício da Sr.^a Emília das Neves. É quase inútil dizer que o teatro foi pequeno para a concorrência dessa noite. A Sr.^a Emília é daquelas artistas cujos admiradores constituem um público. O seu nome, que um dia se registará na página mais brilhante da nossa história teatral, não pode deixar de atrair uma numerosa e inteligente reunião. Foi o que sucedeu, o teatro não teve um lugar vago. Prova mais solene das simpatias que o mérito sabe granjear não a há, ao menos entre nós. Receba-a a Sr.^a Emília como deve, que é a recompensa mais subida a que o génio pode aspirar nesta malfadada terra em que o talento rasteja humilde e a mediocridade se pavoneia insolente.

O drama escolhido foi *Luísa, a nódoa de sangue*. Esperávamos que o papel de protagonista coubesse à distinta actriz, como o título da peça, e a circunstância do benefício, pareciam indicar. Enganámo-nos, Luísa é um personagem importante, mas não o principal do drama. É por isso que o original não tem semelhante nome, crismaram-no assim em português e daí proveio o nosso engano. Não querendo, ou não podendo, traduzir o seu verdadeiro título, era *Kernoel* que devera denominar-se. É essa a figura mais pronunciada, que aparece em todo o quadro, e é em torno dela que se agrupa a acção e os incidentes. Dar-lhe outro nome, a não querer tirá-lo da acção, que seria talvez mais conveniente, é uma verdadeira impropriedade, que não pode reputar-se indiferentemente cometer ou evitar.

Luísa, Kernoel, ou como lhe queiram chamar, o melodrama de que hoje nos cumpre dar notícia não agradou. A deferência que se devia ao nome da beneficiada, não bastou para sufocar

completamente as demonstrações quase unânimes de uma desaprovação espontânea. Um público numeroso e inteligente, reunido pela influência prestigiosa de um nome já vinculado à glória da cena portuguesa, não pode qualificar-se de suspeito quando assim procede. O júri era competente, proferiu o seu *verdictum*, e condenou.

Seria injusta e absurda a sentença? Erraria o público na apreciação da peça? Fulminaria a obra, ou irritou-se apenas contra o desempenho? Deixando estes pontos à investigação dos curiosos, que os há de todos os géneros, passaremos a dar uma rápida ideia do drama, e da sua execução. Nisso levamos também em vista dar uma prova do nosso amor às teorias constitucionais (que mandam respeitar os factos consumados) e não imitar a impertinência ridícula dos que mandam abrir o defunto para terem o gosto de saber por que morreu!

A acção começa na Bretanha, é aí que vive Kernoel, inteligência elevada e coração magnânimo, de que Deus e a Natureza fizeram um poeta, e a desgraça uma vítima. A sós, com as maravilhas da criação, habitando os serros alpestres da sua pitoresca pátria, ouvindo as harmonias longínquas do oceano, a cujo melancólico rugido seu berço fora embalado, aquela alma tornou-se depressa grande, harmoniosa e bela, como a natureza que a cercava e o eco que lhe sorria. Infelizmente era um pobre tangedor de *corne-muse* que se via obrigado a tocar e cantar pelas aldeias do sei país, comprando à custa das suas rudes, mas formosas, inspirações o pão amargo do infortúnio. Errante, abandonado, e quase mendigo, Kernoel não tem um peito que sinta bater junto do seu, nem uma dextra que aperte na sua.

O céu faz-lhe encontrar esse ente suspirado que vem acompanhá-lo na solidão da sua existência, derramando-lhe doce bálsamo nas chagas daquele peito, mais envenenado ainda pelo vazio que pela dor. Esse ente é Luísa, abandonada, infeliz e só no mundo como ele, filha de um celerado que matara sua própria mulher, ela vergava sob o peso do opróbrio que devia esmagar seu pai. A desgraça atrai-se, conhecer Kernoel foi amá-lo. Desde esse dia a existência de Luísa não foi mais do que uma longa epopeia de abnegação, de sacrifício e de angústia que só um coração de mulher pode ocultar em silêncio sem blasfemar de Deus e descrer dos homens. Luísa ama secretamente Kernoel, que não é para ela mais do que o seu companheiro de infortúnio, mais que o seu amigo ou o seu irmão. Não era à infeliz que estava guardado aquele coração tão caprichoso e móbil como a fantasia; a mulher a quem devia pertencer era outra. O acaso não tardou a deparar-se-lha.

Rosa Linon tão sedutora de beleza física como Luísa o era pelos encantos da sua alma, Rosa tão deslumbrante de formosura como era de elegância e vivacidade, Rosa tão livre nas maneiras e ávida de prazeres como era modesta e casta a desventurada aldeã de Pennmarc'h; Rosa é a rival de Luísa. É a luta destes dois amores, tão violentos como opostos, é este conflito desesperado entre a influência fascinadora dos sentidos e o predomínio insinuante do espírito; é a peleja entre a carne e a alma que o autor, cremos nós, teve certamente em vista apresentar. Depois de numerosos transes e provações terríveis em que Luísa se vê sempre como uma criatura celeste, que protege, que vigia e que salva Kernoel o poeta esquece afinal a mulher que o perdera para adorar o anjo que o salvara. É o espírito que suplanta a carne, é o céu que triunfa da terra.

Como se vê deste rápido esboço, o drama não pode deixar de ter belezas; tem-nas e de grande vulto, mas a par delas incidentes mal combinados, situações arrastadas, e sobretudo caracteres monstruosos. Entre eles avulta o de Mac-Trevor, pai de Luísa, encarnação repugnante de uma ferocidade brutal e de veleidades quase pueris. Em compensação, há três caracteres perfeitamente desenhados: Kernoel, natureza dúplice onde transparece a par do poeta, que é do céu, o homem que é da terra; Luísa, tipo da mais generosa dedicação que Deus concede à mulher quando ama ou sofre e Rosa Linon, graciosa imagem de uma organização ardente, cheia de vida, e não menos afectuosa quando chega a amar.

A execução foi muito inferior ao drama. O Sr. Macedo, actor de inteligência, como se revelou no *Domingos o endemoninhado*, no *Jacques 1º*, e noutros papéis que habilmente desempenha, ficam muito aquém das nossas esperanças na interessante parte de Kernoel. Além da figura que o tornava muito pouco apropriado ao papel do petit *Breton* que representava, o sistema de declamação, que adoptou em certo género de papéis, fazia rebaixar consideravelmente o seu talento. É preciso, convençam-se disto todos os nossos actores, não confundir um transporte com um berro desafinado. Trovejar não é declamar, nem grunhir é falar. No palco não deve esquecer uma coisa tão clara, tão fácil, tão indispensável.

O Sr. Vitorino foi pouco feliz no papel que lhe coube. Além do catarro crónico que a voz deste artista parece denunciar, a sua declamação tem ainda alguns vícios da escola antiga que importa modificar e corrigir. Sobretudo é necessário que estude mais atentamente os seus papéis, sem isso não se consegue nada, por maior que seja a habilidade do actor. O Sr. Vitorino deve ter isso em vista, se toma a sério o seu desempenho das suas obrigações com o público.

A Sr.^a Maria Amália, apesar de deslocada no papel que lhe deram, e que tão pouco devia casar-se com a tímida experiência da sua idade, compreendeu excelentemente o carácter de Rosa Linon, distinguindo-se muitas vezes na maliciosa intenção de alguns ditos. A admirável flexibilidade do seu talento presta-se a tudo.

O Sr. Vieira mostrou-se um actor de muitas esperanças no papel importante que se lhe confiou. Estude e não duvidamos profetizar-lhe uma muito distinta, se não gloriosa, carreira.

A Sr.^a Emília interpretou óptimamente o carácter de vaporosa idealidade, que individualisa a extremosa amante de Kernoel. É uma criação que pode juntar-se a tantas outras que lhe fazem honra. Os outros artistas não merecem menção.

As traduções deste teatro merecem, merecem na maior parte, uma austera e implacável censura. É uma vergonha que se atrepele assim a língua num teatro da capital. A cena é um recreio, mas é também uma escola. Convertê-la num patíbulo, onde se suplicia a gramática, a língua, e até, algumas vezes, a pronúncia, é um abuso que não podemos deixar correr sem reparo. O Sr. Doux deve evitá-lo, seja como for.

Em seguida à *Luísa*, representou-se um drama em 10 quadros, intitulado *Martinho e Bombocha*. É uma bela composição de Eugénio Sue extraída do seu excelente romance, *Martim ou as memórias de um escudeiro*. A acção está bem aproveitada e conduzida, apesar do quadro estreito a que foi preciso reduzi-la no drama. Aqui há um nexos, uma dedução clara, e um fim determinado para que tudo conspira e tende, é o que não sucede com *Os mistérios de Paris*, de que se transplantam para o drama alguns quadros, famosos sim, mas de tal forma destacados que o todo não passa de uma coisa caótica e informe, sem nome nem qualificação na arte. Mutilou-se também no *Martinho* muita coisa interessante, modificaram-se alguns caracteres e corrigiu-se algum tanto o plano do romance, mas tudo nos limites da necessidade, em interesse na cena e para harmonia da obra. O enredo, as situações, os caracteres, as peripécias, tudo provoca o interesse e prende a atenção, apesar dos numerosos incidentes que a imaginação do autor lhe soube habitualmente entrelaçar. O drama agradou e cremos que há-de continuar a agradar, recebendo os aplausos que já teve na primeira representação a que assistimos.

Ao mérito do drama acresce o da execução, que é a mais igual e inteligente que temos visto neste teatro. O Sr. Macedo, apesar de ser talvez já um tanto pesado para um papel de tanto movimento e vida como o de *Bombocha*, concebeu optimamente este carácter formosíssimo. É uma criação que o deve elevar muito no subido conceito que já merece, e que prova de quanto é capaz o seu talento se quiser dirigi-lo com acerto. A Sr.^a Maria Amália pareceu-nos alguma coisa constrangida no papel que representou, apesar de não discordar da natureza de outros em que se tem eminentemente distinguido. Acreditamos que este levíssimo *senão* tenha desaparecido nas representações posteriores. A Sr.^a Emília sobressaiu, como era de esperar, no papel cheio de delicadeza, de dignidade e nobre altivez que caracteriza a formosa regina. Notámos entre muitas expressões felizes a intenção belíssima com que foram proferidas aquelas poucas palavras – *há que se vender* – escritas no fundo do cofre, em que o seu futuro esposo lhe mandava uma bracelete. É nestas dificuldades que se revela o génio de uma artista. Uma frase encerra às vezes o segredo de uma situação inteira. Proferi-la com acento, com a intonação e com o gosto que lhe são devidos, pode ser um triunfo que faça uma reputação. É nisto, especialmente, que melhor se observa o talento superior da Sr.^a Emília, a muitos outros respeitos admirável.

O Sr. Pinto, o Sr. Vieira e o Sr. Victorino também estão ao nível dos seus respectivos papéis. O Sr. Fernandes apesar da monotonia da sua declamação, teve momentos de felicidade. O Sr. Brêa diminui, como pôde, o efeito pouco agradável da sua voz.

Não faremos ao público a injúria de supor que despreza um espectáculo, que por tantos títulos desperta a sua curiosidade e merece o seu auxílio.

IMP 25

(*Revista Universal Lisbonense*, 13/06/1850, 2ª série, t. II, n.º 36, 9º ano, p. 440)

Vamos ter muitas novidades no Teatro de D. Fernando. - O Sr. Doux deixou de ser empresário, mas fica no Teatro que passa a ser convertido em Sociedade. – A Sr.^a Emília não entra na Sociedade formada.

Tribuamos louvor aos que unindo-se se sujeitam a partilhar os lucros e as perdas, e desejaremos que a nova companhia do Teatro de D. Fernando seja auxiliada pelo público, já que o monopólio do subsídio que alimenta o castelo feudal do Rossio não serve para premiar esforços tão louváveis como este, e como os que tem feito a empresa do Ginásio, a qual incontestavelmente merece muito auxílio.

IMP 26

(*O Interesse Público*, 15/6/1850, n.º 934)

O Teatro de D. Fernando interrompeu os seus espectáculos: O Sr. Doux saiu da direcção. As circunstâncias sabidas, que o obrigaram a isso, iriam fazer fechar as portas do novo teatro na primeira quadra da sua existência se a companhia não se unisse e não pensasse em se associar para desta arte sustentar o teatro. Estimaremos, ingenuamente o dizemos, que a companhia seja feliz e que exista perfeita união nos seus membros. Recomendamos-lhe a escolha de espectáculos como primeiro incentivo para atrair concorrência. As peças originais, ou pelo menos de costumes portugueses, principalmente no género comédia, cremos serão sempre melhor recebidas. O povo gosta de ver o que entende e regozija-se a presenciar os seus hábitos e seus usos.

IMP 27

(*Revista dos Espectáculos*, 01/07/1850, n.º 5, 1º vol., p. 35)

Depois de lutar corajosamente com as mais graves e numerosas dificuldades, o Teatro de D. Fernando acaba de suspender as suas representações. A empresa deste teatro, não podendo fazer face às despesas do seu custeamento, deu por terminado o seu contrato. A companhia, a quem o Sr. Doux fez presentes os motivos da sua penosa resolução, acolheu-os com a afável benevolência de que eram merecedores, dando uma solene prova de sentimentos que muito a honram. Os actores constituíram-se logo em Sociedade oferecendo ao seu antigo empresário o lugar de ensaiador, bem como uma parte na associação. Folgamos de ver este procedimento tão louvável da parte dos artistas e sentimos ver frustrados os trabalhos do Sr. Doux, que tem incontestavelmente direito às simpatias públicas, pelos importantes serviços que prestou em todo o tempo ao teatro português.

Consta-nos que fora convidada para tomar parte na Sociedade, e que o recusara, a Sr.^a Emília das Neves. A nossa abalizada actriz, costumada a pingues ordenados, sempre garantidos pelas cautelas preventivas das mais escrupulosas escrituras, não quer de forma alguma sujeitar-se às eventualidades assustadoras das perdas e danos. Não louvamos este procedimento que achamos pouco em harmonia com a alma de uma artista de primeira ordem, a cujos olhos deve importar alguma coisa, entendemos nós, o amor da arte, da glória e da classe a que pertence. Esperamos que a Sr.^a Emília, pensando maduramente as consequências de uma recusa tal, se desprenderá corajosamente das considerações mesquinhas, que por ventura possam ter influído na sua primeira resolução, restituindo afinal ao Teatro D. Fernando o prestígio do seu nome e talento. Desejamo-lo para crédito seu e para glória da companhia, de que era, e deve continuar a ser, o primeiro e mais brilhante ornamento – voltaremos a este assunto se, por fatalidade, os nossos votos não forem satisfeitos.

A companhia, reconhecendo que lhe convém reformar-se, e variar quanto ao poder e natureza dos seus espectáculos, não se poupa a sacrifício algum para obter o fim a que se propõe. No princípio deste mês devem começar as suas representações. O espectáculo destinado para a noite de abertura consta de duas peças de muito merecimento: - *A barcarola*, ópera-cómica em 3

actos, representada em francês com aceitação enorme no Teatro das Laranjeiras; e dos – *Trabalhos em vão* – chistosíssima imitação do Sr. Duarte Sá Júnior, representada na Thália. Na ópera-cômica há-de entrar a Sr.^a Catarina Persolli, escriturada para cantar a parte principal, assim como dois cantores já premiados (um tenor e um barítono) do Conservatório Dramático. O irmão do nosso insigne actor Sargedas há-de fazer na *Barcarola* o papel que desempenhou no Teatro das Laranjeiras o exmo. Sr. Conde Farrobo, e temos as melhores esperanças de que não desmerecerá da família. O tradutor é o Sr. José Maria Mendes Leal, e o ensaiador da música o Sr. Casimiro.

A Sociedade deu ainda outro passo, que lhe é sobremaneira honroso, dirigiu-se aos outros teatros da capital implorando a sua protecção e benevolência. A fraternidade mais estreita deve unir os cultores conscienciosos da arte, são membros de uma mesma família, devem ligar-se como irmãos. A Sociedade, proclamando estes santos princípios e fechando os olhos às desprezíveis rivalidades, que lho podiam vedar, deu um exemplo que enobrece e que talvez não seja estéril em resultados.

Creemos firmemente no bom êxito dos esforços que se têm empregado, e que não tardará em raiar para este infeliz teatro uma nova época de regeneração e prosperidade. Ver perecer à míngua de socorro uma empresa de arte, quando se conserva, se alimenta e se escora à custa dos sacrifícios da fazenda pública tanta instituição raquítica, inútil e até perigosa, seria mais uma dessas anomalias irritantes em que actualmente é fértil a nossa terra. Fazemos votos por que essa, ao menos, se não realize, e nutrimos a lisonjeira esperança de que assim será. As circunstâncias deste teatro, e os precedentes da companhia, tornam-no digno da protecção do público.

IMP 28

(*Revista Universal Lisbonense*, 04/07/1850, n.º 39, 2ª série, t. II, 9º ano, p.476)

Teatro de D. Fernando

Em o n.º 37 da Revista noticiámos os motivos por que este teatro havia suspendido os seus trabalhos e louvámos o modo honroso e desinteressado com o os actores se houveram por esta ocasião.

Hoje temos a satisfação de anunciar que no dia 29 o Teatro se abrirá, começando com a representação da linda ópera-cômica *A barcarola*, os seus trabalhos regulares.

Muitas são as circunstâncias pelas quais este Teatro merece o favor do público.

O edifício é bonito, elegante e muito aseado. A Companhia foi reforçada com os seguintes artistas para canto: as Sr.^{as} Persolli; Luísa; os Sr.^s Lisboa, Rorick, Sargedas, Faria, Simões.

O Sr. Emílio Doux é o ensaiador. Com estes auspícios, a nova organização do teatro há-de forçosamente adquirir as simpatias do público.

IMP 29

(*Revista Popular*, 07/1850, n.º 15, vol. III, p.120)

(*Revista dos Espectáculos*, 01/08/1850, n.º 6, 1º vol., p. 45)

Correspondência.

Sr. Redactor: - Tendo lido o seu n.º 5 da *Revista dos Espectáculos*, um artigo respectivo ao Teatro de D. Fernando, no qual se diz que a empresa do mesmo teatro, não podendo fazer face às despesas do seu custeamento, deu por terminado o seu contrato, acolhendo a companhia com afável benevolência os motivos que lhe expusera o Sr. Doux da sua penosa situação, e irrogando-se-me depois uma grave censura pelo motivo de me ter recusado a tomar parte da Sociedade em que logo se constituíram os actores, entendo dever responder à parte que me respeita no dito artigo (sem ânimo de encetar polémicas que poderão ser desagradáveis para quem as desafia) que se caso os ditos actores tiverem motivo para anuir à resolução do Sr. Doux, desistindo do direito proveniente dos seus contratos, muito diferente era a minha posição, achando-me escriturada por três anos e meio, e quebrando-se-me no fim de sete meses um contrato solene a que me liguei sem alguma exigência de garantias, e confiando somente em

uma pena convencional, que hei de fazer valer, e nos promettimentos de quem faz timbre em faltar a eles por mesquinhas especulações.

Escarneada por um procedimento tão infame comigo praticado, e que tenho sobejos motivos para conceituar colusivo e concertado com os influentes da companhia, desde quase um mês antes, com o fim único de me excluírem dela ou de me privarem do meu vencimento: não é de admirar que me recusasse a fazer parte da Sociedade, sujeitando-me a essas assustadoras eventualidades de perdas e danos a que V. se refere. Sentindo portanto que tão poderosos e justificados motivos, e não os que se me atribuem de *ambição por ordenados pingues*, me obriguem a não poder satisfazer os desejos manifestados por V. no dito artigo, tenho a honra de rogar a V. a fineza de inserir no seu primeiro número da *Revista Popular* esta minha resposta, pela demora da publicação do seguinte número daquele suplemento.

Sou com toda a consideração de V. etc, etc.

Emília das Neves e Sousa.

IMP 30

(*A Revolução de Setembro*, 15/07/1850, n.º 2491, p. 2)

O Teatro de D. Fernando parece que não tarda a abrir-se de novo com uma ópera-cómica. A encantadora Catarina Persolli, uma das mais apetitosas formosuras da época finda em S. Carlos, é a *prima donna* da nova empresa.

Porque ela, com aquele tacto feminino que é a partilha de todas as mulheres e sobretudo das italianas, deixou-se vestir de homem e tocou sanfona, como o mais gaiato dos Pierrotos, na *Linda de Chamounix*, sem se fazer rogar. Expôs-se, sem trejeitos estudados a todos os olhares do público. Não deixou que à afirmativa *la faccia buona!* se acrescentasse a pergunta, mais sensata do que modesta: E la gambia? Podemo-nos apaixonar desde os bicos dos pés até à cabeça. É uma convicção consoladora. Ponha-se um rosto d'anjo sobre a estrutura desalinhada e raquítica duma bruxa e veremos, em louvor do senso comum, que o anjo pairará errante na atmosfera abrasada do sentimento.

Lopes de Mendonça

IMP 31

(*O Interesse Público*, 20/07/1850, n.º 962, p. 2)

O Teatro de D. Fernando ensaia uma ópera-cómica para a nova abertura. Está escriturada para primeira dama a Sr.^a Catarina Persolli, que vimos este ano no Teatro de S. Carlos.

IMP 32

(*A Revolução de Setembro*, 27/07/1850, n.º 2502, p. 2)

O Teatro de D. Fernando abre-se com uma ópera de *Auber* e palavras de Scribe. [...]

O que é verdade é que o teatro não se fez para o Verão nem o Verão é estação para se ver o teatro. Por que se não constrói um edifício como os dos antigos gregos, teatros colectivos aonde a população inteira é que baptizava e coroava poetas os seus mais notáveis talentos? Aonde os guerreiros de Plateias e Maratona recebiam com orgulho os aplausos dos seus concidadãos, constituídos em juizes do seu engenho!

Lopes de Mendonça

IMP 33

(*O Interesse Público*, 27/07/1850, n.º 968, p. 2)

Torna-se a abrir hoje o Teatro de D. Fernando, e a ópera-cómica, como havíamos anunciado, vai abrir os espectáculos da Sociedade Empresária. O espectáculo de hoje é bastante variado e o público não se desgostará de o presenciar. Os Srs. Lisboa e Sargedas Senior também estão escriturados e entram na ópera-cómica.

Estimamos ver anunciada a farsa lírica do Sr. Duarte de Sá (imitação) que se denomina *Trabalhos em vão*. Se a Sociedade atender ao mérito das composições originais portuguesas que existem nas gavetas dos autores ou dos empresários por falta de protecção, embora se percam os nossos usos e a nossa literatura, esperemos que o público não há-de deixar de lhe dar protecção. Felicitamos a Sociedade pela lembrança de entregar a direcção da música ao Sr. J. Casimiro Junior, em cujo género o julgamos bem competente

IMP 34

(*Revista dos Espectáculos*, 01/08/1850, n.º 6, 1º vol., pp. 42-43)

Abriu-se, felizmente sob os melhores auspícios, o Teatro de D. Fernando. O público avaliou os esforços da companhia, e parece disposto a protegê-los eficazmente. A concorrência tem sido numerosa e os aplausos unânimes. Os espectáculos têm constado, como anunciáramos, da *Barcarola* e *Trabalhos em vão*, composições ambas de superior merecimento.

Na *Barcarola* a graça, o mimo e sentimento dos trechos líricos casam-se admiravelmente com o interesse e movimento da acção. A suavidade da música, fácil e habilmente instrumentada, é tal que a não ser algum tímpano tão duro como o coração de um agiota, nenhum haverá por certo que possa resistir-lhe. A execução foi boa, e atentos os elementos da companhia, óptima: composta de actores que nunca tinham garganteado uma modinha e de cantores que não haviam declamado ainda uma só vez era impossível conseguir-se mais em tão curto espaço de tempo. O que se fez foi muitíssimo e além de todas as esperanças; devem-se tão belos resultados não só aos bons desejos, fadigas e aptidão dos artistas, como ao raro talento, gosto e vocação de seu digno maestro, o Sr. Casimiro. É um verdadeiro homem de génio, a que só falta um nome em - *ini* para inspirar às honras de uma grande celebridade artística.

Sobressaiu na parte de Gina a Sr.^a Persoli, já conhecida dos dilettanti de S. Carlos. A jovem cantora revelou uma notável tendência para a declamação, em que pode vir a ser eminente, modificando com o tempo o acento pátrio da sua pronúncia. Foi uma bela aquisição de que deve felicitar-se a empresa.

O Sr. Sargedas, irmão do distinto actor que fez as delícias do Teatro Normal da Rua dos Condes, merece também especial menção pela graça e inteligência com que se houve em todo o seu importante papel. Tanto na parte da música, em que se estreou admiravelmente, como na declamação, em que algumas vezes chegou a confundir-se com o seu ilustre irmão, o Sr. Sargedas, foi em tudo o mais feliz possível. O Sr. Rorck, Lisboa e Faria, são moços de esperanças, que prometem colher merecidos loiros na carreira a que se dedicam. Por mais de uma vez foram todos os artistas aplaudidos e victoriados.

Os *Trabalhos em vão* são um esforço de espírito do Sr. Duarte de Sá Júnior. É impossível amontoar com tantos *à propos* os ditos felizes, os equívocos, e os *calembourgs*, reputados por muita gente quase privativos da língua francesa. Como um ensaio neste género os *Trabalhos em vão* têm um valor indisputável, como produção dramática o público já a conhece do Ginásio onde foi imensas vezes aplaudida com o título de *À porta da rua*, ainda que muito diferente em grande parte. O desempenho não foi inferior no mérito da composição, o Sr. Vieira na parte de Queiroga, o Sr. Sargedas na do sapateiro de escada e o Sr. Pinto na de Pinto (já se vê que estava em carácter) distinguiram-se igualmente. A Sr.^a Maria Amália, como costuma, e a Sr.^a Rosa, no papel da prodigiosa Serafina, ainda melhor do que esperávamos, apesar de termos já ouvido elogiá-la nesta comédia. À vista de um espectáculo tão completo a protecção do público não pode ser duvidosa.

A Sr.^a Emília das Neves não quis, definitivamente, associar-se aos seus últimos companheiros de trabalhos artísticos. É a própria actriz que o declara pela imprensa. O público fica portanto privado das formosas criações do seu talento, e o Teatro de D. Fernando sem a glória de possuir a mais preciosa gema de toda a cena portuguesa. Sentimo-lo deveras, não porque reputemos indispensável o concurso da Sr.^a Emília para sustentação do teatro, que, aliás, evita de comprar muito caro o prestígio do seu nome, mas porque, sinceros amadores da arte, nos dói cruelmente o coração de assim a vermos menosprezada e esquecida por quem singularmente sabia compreendê-la e cultivá-la. É, além de uma perda lamentável, que deploramos, uma grave falta,

que não podemos deixar de estranhar. Foi o que já fizemos na folha anterior e o que repetimos hoje, não só porque o prometemos, mas porque a Sr.^a Emília no obriga a isso.

Pesa-nos realmente voltar a um assunto em que, por mais cautelosas que sejam, as nossas palavras hão de ferir por certo alguma melindrosa susceptibilidade. Mas o nosso dever força-nos a isso, advogámos a causa do público, de quem a insigne actriz se esquece por considerações bem pouco elevadas, tomamos a peitos os interesses da arte, a que a Sr.^a Emília parece antepôr os seus, o nosso silêncio torna-se impossível. Censuramos o procedimento da Sr.^a Emília, havemos de censurá-lo sempre.

A arte não pode, não deve, ser de modo algum uma simples especulação mercantil. Cristo, que expulsou os vendilhões do templo, não os toleraria mais aqui – neste outro templo quase tão augusto, da poesia e das letras. Quem sacrifica tudo ao ídolo do interesse, quem não leva em conta as emoções da luta, os loiros do triunfo e as coroas da glória, quem não ama a arte se não pelo que ela pode representar em moeda corrente, pode ser tudo menos artista, na grandiosa significação da palavra artista, pelo talento, pelo coração e pela alma, como nós os concebemos, como nós os queremos, e de que nós pensamos. De outro modo pode-se aspirar a negociar habilmente com os fundos públicos, a explorar grandes empresas, a jogar oportunamente na alta e na baixa, a apreciar todos os títulos... azuis, mas nunca os da glória, pode-se chegar a um grande banqueiro e nunca a um verdadeiro artista. Estará neste caso a Sr.^a Emília? O seu sexo, a sua classe e o seu talento deviam-nos persuadir que não, mas os factos obstinam-se a indicá-nos que sim.

Debalde a eminente actriz se revolta contra a ideia de ambição por ordenados pingues, que nós tivemos a ousadia de lhe atribuir, debalde se indigna contra a interpretação que demos ao seu procedimento, as suas palavras não fazem esquecer os seus factos, os precedentes são os mais terríveis dos seus inimigos.

Não é fácil desmenti-los. Se não foi o receio das eventualidades de perdas e danos, ou antes, o extremoso apego que a Sr.^a Emília em todo o tempo tem manifestado às escrituras, qual foi a causa que a obrigou a desligar-se dos seus colegas, recusando-se a tomar parte na associação que eles prontamente constituíram, e para que mais prontamente ainda a convidaram? Foi o ressentimento para com o Sr. Doux que a impeliu a tal? Que têm com ele os actores? Foi por desprezo, vingança ou ódio contra estes? Em que o motivaram eles? A Sr.^a Emília há de convir, é muito difícil descobrir outra causa para uma tal resolução. Quando as palavras e os factos se hostilizam tão abertamente, como seria fácilimo provar, todas as declarações são estéreis, o silêncio é o mais prudente.

Pelo que toca ao ponto principal da carta que a Sr.^a Emília nos dirigiu, e à correspondência a que deu origem, temos dito por hoje o suficiente, e desejaremos não ser obrigados a acrescentar nada mais. Enquanto a uma outra parte que nos é relativa só temos que declarar-lhe que não desafiámos nunca... as polémicas, e que daquelas que o acaso nos faz encetar com a Sr.^a, seja qual for o resultado, nunca poderemos ter de que nos arrependamos. São muito amáveis, mesmo na controvérsia, para que evitemos contrariá-las em objectos de opinião.

Ao resto da carta respondem cabalmente os documentos que em seguida lhe juntamos. Estranhos à questão entre o Sr. Doux e a Sr.^a Emília, não carecemos de interpor o nosso voto em semelhante assunto. O público, à vista da correspondência, que a julgue. Nós temos cumprido o nosso dever.

IMP 35

(*Revista dos Espectáculos*, 01/08/1850, n.º 6, 1º vol., pp. 45-47)

Sr. Redactor. – Tendo lido, no n.º 15 da *Revista Popular*, e em mais alguns periódicos da capital, uma carta, dirigida pela Sr.^a Emília das Neves e Sousa, não querendo continuar por mais tempo o silêncio que nos havíamos imposto na questão entre o Sr. Doux e a mesma senhora, questão que sempre julgámos e continuaremos a julgar inteiramente estranha à Sociedade actual do Teatro de D. Fernando: «e sem ânimo de encetar polémicas, que poderão ser desagradáveis a quem as desafia, respondemos só à parte que nos diz respeito». Dois são os artigos daquela carta, no primeiro considera a dita senhora a sua posição, em relação ao Sr. Emílio, muito diferente da dos seus colegas, esquecendo-se, talvez, que as razões que alega em seu favor são

as mesmas em que se acham quase todos os mais, porque assim como ela, estavam quase todos escriturados por três anos e meio; *a todos no fim de sete meses se quebrou um contrato solene, a que se ligavam sem alguma exigência de garantia, e confiando tão somente em uma pena convencional*; conseqüentemente, a diferença não existe nos direitos adquiridos, e só sim na maneira de disputar esses direitos, e na avaliação da posição actual do Sr. Doux, o resto da companhia considera-o um homem desgraçado, e a Sr.^a Emília não! Das duas partes uma se engana, - mas nessa questão não queremos de modo algum entrar e entregamo-la ao juízo imparcial do público.

No segundo artigo daquela carta são acusados os influentes da Companhia de conluio com o Sr. Doux para o fim de excluïrem a Sr.^a Emília do seu grémio! – Aqui, Sr. Redactor, está desafiado o nosso silêncio e forçosamente o romperemos, por esta vez somente – porque não queremos questionar com aquela Sr.^a, e sim defender-nos de tão gratuita como injusta arguição. – Mais de um mês antes da quebra do Sr. Doux toda a companhia, principalmente a Sr.^a Emília, desconfiava de que tal acontecesse. Sabe melhor do que ninguém a Sr.^a Emília as diligências que alguém da companhia fez para evitar a quebra, querendo aproveitar diferentes propostas que o Sr. Doux apresentou para mudar a sua posição e evitar os contínuos prejuïzos que sofria, mas não foi possível chegar a um acordo, e assim foi correndo o mês de Maio, até que no fim deste e princípio de Junho por toda a parte ecoava uma só voz dizendo – Doux fecha o teatro – e a Sr.^a Emília tanto o não ignorava que quando se anunciou o último espectáculo com a *Adriana*, disse – «falta-lhe a *Perna de pau* para acabar como principiou». Os actores então supondo a quebra inevitável, reuniram-se, conluïaram-se mas não com o Sr. Doux, de quem nada sabiam, e a quem nada diziam, e vendo que dado aquele passo ficavam a morrer de fome e não podiam de sorte alguma obrigar o Sr. Doux a continuar com a empresa por carecerem dos meios para isso, no dia 5 de Junho, juntaram-se em casa do Sr. Macedo, constituïram uma Sociedade que tomasse conta da gerência do teatro, caso se desse a quebra do Sr. Doux, como se suspeitava. Esta é a verdade franca e que consta da acta daquele dia, onde expressamente se lê – Caso o empresário Emílio Doux largasse a empresa como se suspeitava. – Apresentaram-se uns estatutos tirados dos do Ginásio, aprovaram-se, e muitas vezes a Sr.^a Emília viu os seus colegas convidarem-na mutuamente para estas reuniões, pois eram feitos publicamente, e na sua mesma presença, e se não foi convidada directamente foi por não haver ideia a esse tempo de que as senhoras fizessem parte da Sociedade: chegou o dia 8, apareceu uma carta do Sr. Doux dirigida à companhia na qual declarava não continuar com a Empresa do Teatro, não poder fazer face às despesas do seu custeamento, dando por terminado o contrato. – Tiveram conhecimento desta carta todos os actores, exigindo a Sr.^a Emília uma cópia dela, a qual lhe foi entregue imediatamente. Então os actores, vendo que não tinham outro remédio, julgando chegada a época prevista, declararam-se constituïdos em Sociedade, e condoïdos da triste posição do Sr. Doux, determinaram convidá-lo para ensaiador, sendo o actor Macedo incumbido de lhe fazer este convite. E bem assim sem perda de tempo escreveram à Sr.^a Emília a carta que abaixo se transcreve de que não tiveram resposta, pelo que concluïram que a Sr.^a Emília os abandonava. – O Sr. Doux aceitou o convite, e só dias depois se celebrou o contrato legal por escritura social. Ora, Sr. redactor, como se poderá julgar conluio com o Sr. Doux este procedimento da Sociedade? Pois o Sr. Doux sendo objecto de combinação sujeitar-se-ia à posição, em que está, de ensaiador sem voto naquilo que em todos os teatros é privativo daquele cargo? Com que fins carecíamos nós de que a Sr.^a Emília deixasse de receber os seus vencimentos? Acaso seria com essa soma que o Sr. Doux nos embolsaria daquela que nos ficou devendo? Os artistas do Teatro de D. Fernando perderam mais do que a Sr.^a Emília, colectivamente, com a resolução tomada pelo Sr. Doux. – Os artistas do Teatro de D. Fernando estavam na província, transportaram-se para Lisboa, arranjaram casa nesta cidade, empenharam-se, ficaram desgraçados! E a Sr.^a Emília, estando em Lisboa, recebeu 7 meses 840\$000 réis, fora um benefício. Esta Sr.^a não dirá por certo que o Sr. Doux os embolsasse dos 24.000\$000 réis que a todos ficou devendo, provenientes de cláusulas iguais às que a Sr.^a Emília evoca para demandar o Sr. Doux! A perda de uma tal soma seria um sacrifício inacreditável se ele tivesse sido feito com o fim que aquela Sr.^a quer inculcar. Se a nova Sociedade quisesse afastar de si a Sr.^a Emília, quem a obrigava a fazer o convite que fez sem que nisso perdesse um só momento? O que a Sociedade não podia era garantir à Sr.^a Emília vinte e cinco moedas mensais, porém se esta Sr.^a quisesse ser justa nas

suas pretensões seria recebida com geral prazer. A Sr.^a Emília acaba de fazer penhorar todos os objectos de casa pertencentes ao Sr. Doux, pela soma que lhe é devida. Assistia aos artistas do Teatro de D. Fernando igual direito para praticarem outro tanto. Saiba a Sr.^a Emília que só para isto houve conluio, e concerto entre todos eles, para não agravarem mais a posição de um homem desgraçado, para este concerto, para este conluio é que não convidaram a Sr.^a Emília. Esses que acusa de lhe quererem fazer perder os seus vencimentos perdem também toda a sua dívida, muito superior à da Sr.^a Emília, nada querem do espólio do seu antigo empresário, e deixam tudo à Sr.^a Emília. Para isto, unicamente para isto, houve concerto e conluio entre os artistas do Teatro de D. Fernando.

Finalmente a carta abaixo transcrita responde cabalmente às injustas arguições da mesma Sr.^a

Sr. Redactor – A Sociedade do Teatro de D. Fernando deseja e quer continuar a ser indiferente na questão do Sr. Doux e Emília, acha-se reunida para continuar a carreira artística começada pelos seus sócios e para assim prover à sua decente sustentação, não quer polémicas, e deseja não ser envolvida naquela questão – só ambiciona cumprir o fim a que se propõe, e tendo exposto com franqueza e lealdade a maneira e os motivos por que se organizou recolhe-se ao silêncio, prometendo não responder a mais nenhuma arguição por isso que, depois de tão franca e leal declaração, tem direito para julgar todas injustas e falsas.

Temos a honra de nos assinarmos.

Presidente da Direcção:

A. A. X. de Macedo.

José Maria Vieira.

Nicola Marechezi.

F. Fernandes.

F. da S. Pinto

Junho 8 – Cópia – Ill.^{ma} Sr.^a - Em consequência da deliberação do nosso empresário Emílio Doux, que hoje nos foi comunicada, a Companhia se constituiu em Sociedade para continuar a representar neste teatro, para o que nomeou a direcção composta dos indivíduos abaixo assinados. Assim, desejando muito que V. S.^a nos continuasse a prestar o valioso auxílio do seu talento, apressamo-nos em nome da mesma Sociedade a rogar-lhe se digne associar-se aos seus últimos colegas. Caso a tal sirva anuir, novo testemunho e penhor será da nossa gratidão, no caso contrário pedíamos que nos dirigisse querendo as suas propostas para a escritura. Rogando nós finalmente que, qualquer que seja a sua deliberação, se digne comunicarmo-no-la por escrito. Aproveitamos esta ocasião para, desejando-lhe toda a sorte de venturas, nos assinarmos de V. S.^a Colegas atentos e muito obrigados – O secretário, Nicola Marcheze – O presidente da direcção, André Augusto Xavier Macedo – O vice-presidente da direcção, José Caetano Viana – Os vogais, Francisco Fernandes e Feliciano da Silva Pinto.

IMP 36

(*Revista Universal Lisbonense*, 01/08/1850, n.º 43, 2ª série, t. II, 9º ano, p. 524)

Teatro de D. Fernando

Começaram os trabalhos da Sociedade Empresária. As nossas esperanças foram não só realizadas mas excedidas. O público maravilhou-se ao ver como em alguns dias se improvisou uma Companhia de ópera-cômica. Poucas vezes os artistas se estreiam tão felizmente. Tem sido muita a concorrência do público e até do mais escolhido. Confiamos em que não há-de afrouxar, porque poucas pessoas, podendo, deixarão de ouvir a linda ópera *A barcarola* e de ver a engraçada comédia *Trabalhos em vão*. Mais de espaço falaremos destas duas composições que inquestionavelmente serão das mais acreditadas do repertório deste teatro. Estimamos que por este modo fossem premiados os tão zelosos esforços de todos os artistas.

IMP 37

(A Revolução de Setembro, 03/08/1850, n.º 2508, p. 1)

O folhetinista, por exemplo, tem de assistir irremissivelmente à primeira representação de uma peça. Há uma enchente. Chegou tarde. Ei-lo que dá saltos ginásticos para alcançar um lugar, que se vê torturado entre dois *diletanti*, que respira uma atmosfera mefítica e sufocadora, e que alcança uma inqualificável enxaqueca em nome do seu zelo crítico, estético e artístico.

É exactamente o que nos aconteceu na *Barcarola* com que o Teatro de D. Fernando deu princípio aos seus trabalhos dramáticos.

O teatro teve as honras de um segundo debute. Os espectadores alcançaram todos os efeitos de um banho de vapor ministrado nos estabelecimentos higiénicos do doutor Nilo.

A música da ópera-cómica é de Auber e as palavras de Scribe. É uma intriga simples e chistosa que, distribuída em *árias*, *duos*, *cavatinas* e *tuttis*, produziu um legítimo e merecido sucesso.

Estamos em Parma, num desses pequenos estados da Itália de que Alexandre Dumas se ri tão espirituosamente nas suas *Impressões de viagem*. O Duque é cioso da Duquesa. O autor, com uma modesta eliminação da real efígie da Duquesa, poupou-nos o trabalho de indagar se é ou não justificado este sentimento italiano.

Não imaginem, entretanto, que este ciúme é exaltado a sombrio como o de *Otello*. Parece-me, ao contrário, que é um aspecto do *dolce far niente*. Como o governo absoluto era o aceite naquele estado, como sua alteza não tinha nem ministros responsáveis, nem câmaras legislativas, nem partido conservador, nem hidras revolucionárias para debelar, nem liberdade de imprensa, nem direito de petição, achou que o único modo de ocupar a sua augusta ociosidade e o seu real embrutecimento era proclamando-se cioso de sua mulher. É uma ocupação como qualquer outra!

Ora acontece que um conde namora uma marquesa, que levado pela harmonia e pelo amor, lhe dedica uma *barcarola*, em que as palavras são de uma ternura excessivamente clássica. É esta pobre *barcarola* que desafia as cóleras ducais, que alimenta a ansiedade de um chanceler, espécie de *Richelieu* em *letra diamante* que dá largas às ambições de um mestre-de-capela cujo nome acaba em *ini*, como o de todo o bom italiano, pondo em contribuição as deliciosas melodias do mavioso Auber.

Já ouvistes um cego apregoando pelas ruas alguma anedota célebre, ou alguns versos mal rimados? Depois de repetir uma parte de cor, exclama: «quem quiser ver o resto deve comprar o papel».

É exactamente o que diz o *folhetinista*. Se querem saber como é que o terno conde desposa a sua idolatrada marquesa, como o pobre músico prefere no fim a sua Ginna ao ambicioso sonho de um amor elevado, tenham o incómodo de comprar um bilhete de plateia ou uma chave de camarote e contem-me depois se gostaram!

Eu declaro que aprecio em muito esta tentativa musical. O tenor tem uma voz de um timbre sentimental e simpático; o barítono possui firmeza e agilidade no canto; a Ginna tem gestos e notas com uma graça irresistível e um chiste tentador. Quanto ao Sr. Sargedas sénior, não é arriscada profecia o afirmar que a sua carreira há-de ser gloriosa e que é, desde já, uma das melhores aquisições que podia fazer o teatro.

Dizer que o tradutor, o Sr. Mendes Leal, teve um importante trabalho em traduzir verso a verso o *libretto* francês; que o maestro, o Sr. Casimiro, deu mais uma prova do seu elevado talento como compositor; que ao Sr. Emílio Doux lhe cabe muito elogio por pôr em cena actores estranhos a todo o ensino dramático e meramente *debutantes* é apenas ser o eco desinteressado da opinião pública.

Lopes de Mendonça

IMP 38

(O Interesse Público, 03/08/1850, n.º 974, p.2)

O Teatro de D. Fernando continua a representar a ópera-cómica *A barcarola* e a farsa *Trabalhos em vão*. Porque nos tem faltado ocasião de visitarmos novamente este teatro calamos ainda hoje o nosso juízo sobre o merecimento e desempenho destas peças. [...]

Tem aparecido em vários jornais uma correspondência da Sociedade Empresária do Teatro de D. Fernando, relativamente à questão que a Sr.^a Emília encetou com a sua primeira carta e nós, que não desejamos, como dizem os correspondentes, encetar polémicas, não podemos, contudo, deixar de estranhar o proceder da Sr.^a Emília das Neves relativo a penhorar a casa do Sr. Doux pela violação do contrato. Este proceder deprime tanto a Sr.^a Emília quanto se torna cavalheiro para a sociedade empresária, que não se esqueceu dos danos causados por essa violação para com ela mas até convidou o Sr. Doux para os ensaiar como até ali!

IMP 39

(*O Interesse Público*, 10/08/1850, n.º 980, p.2)

O Sr. Lisboa é expulso do conservatório por ser cantor público.

IMP 40

(*O Interesse Público*, 17/08/1850, n.º 985, pp.1-2)

Custa-nos bem a crer e a pensar o que fará o público de Lisboa sem a abertura do Teatro de S. Carlos, mas é muito de presumir que não morra por causa disso e que em remuneração volte para o Teatro de D. Maria II ver algum drama português e aos teatros de D. Fernando e Ginásio a ouvir alguma ópera-cómica ou rir de algum espirituoso episódio da nossa comédia, que poucas vezes infelizmente sucede. [...]

A *Barcarola* continua a agradar e chamar concorrência ao Teatro de D. Fernando, que acertou muito bem na bonita produção de Auber, traduzida com bastante engenho pelo Sr. Mendes Leal Junior, e que com tanta graça e método é desempenhada pelos actores societários do teatro que, vendo-o cair, não esqueceram forças para o sustentar.

Na Segunda-feira foi o primeiro benefício do montepio do teatro que, à semelhança das mais sociedades, a corporação formou, o que foi bela ideia, pois que o artista, mais que ninguém, precisa ter remédio certo e pronto para a doença que lhe pode sobrevir, precisa de uma associação benéfica que o sustente durante a sua enfermidade e que lhe alivie a sua sorte. É por isso que sempre saudamos com prazer a instalação de uma dessas corporações que acreditam os homens que as formam para alívio da humanidade enferma e desgraçada. A Sociedade do Teatro de D. Fernando ganhou muito em se regular pelos estatutos do teatro do Ginásio.

IMP 41

(*A Assembleia Literária*, 17/08/1850, n.º 35, pp. 31-32)

Teatro de D. Fernando.

A *barcarola* e *Os trabalhos em vão* solenizaram a nova abetura deste teatro. A Sociedade tem visto coroados os seus louváveis esforços porquanto além dos justos aplausos com que o público tem demonstrado a sua aprovação, a concorrência tem sido imensa e sem interrupção. A *Barcarola* é uma linda ópera-cómica – as palavras são de Scribe, traduzidas pelo Sr. Mendes Leal, José, com a maior elegância e exactidão – a música é de Auber, muito harmoniosa e interessante. O Sr. Casimiro é o director da música, muito bem escolhido porque o Sr. Casimiro é um excelente professor e compositor de muito gosto e as suas composições são animadas de uma graça particular que as caracteriza e onde quase sempre reflecte o seu génio jovial e bom, que lhe tem gangeado muitas simpatias, tem muita habilidade e admirável facilidade em compor; é igualmente muito activo e diligente nos seus trabalhos. Felicitamos a Sociedade por esta acertadíssima escolha. O Sr. Doux, tão conhecido por grande ensaiador, continua a proteger o teatro com sua cooperação, dando todos os dias aula de declamação, de sorte que o Teatro de D. Fernando faz mais que o Conservatório: tem todos os dias aula de música com o Sr. Casimiro, de declamação pelo Sr. Doux. A Sr.^a Persolli como sempre nos agrada, mas veio alcançar uma coroa tão preciosa quanto inesperada! Na *Barcarola* brilha não só pelo canto mas

pela engraçada declamação, provando os ardentes desejos que a animam de agradar ao público e de cooperar para o justo fim a que se propôs a nova Sociedade Empresária daquele teatro.

A Sr.^a Ana Cardoso vai desenvolvendo muito bem a sua habilidade para o canto e principalmente para a declamação.

O Sr. Sargedas é digno de grandes encómios, possui o dom de uma bela voz, muita graça e naturalidade.

O Sr. Lisboa e Rorick, discípulos do Conservatório, desempenham perfeitamente seus papéis. Suas vozes são excelentes e seus bons desejos alcançam-lhes as afeições do público, tornam-se dignos da coroa de artistas que tanto se esforçam por merecer.

O Sr. Faria causa admiração pelo bem que preenche a sua parte em música sem saber uma só nota! Tem boa voz e génio.

Os coros vão muito bem e perfeitamente ensaiados.

Os *Trabalhos em vão* é uma linda e engraçada imitação da *Porta da rua* onde graciosamente se introduz o calembourg formando uma engenhosa cadeia. Damos os parabéns ao Sr. Duarte de Sá, seu autor, pelo feliz pensamento e pelo seu triunfo, pois esta farsa tem merecido grandes aplausos. Os actores entram com a maior naturalidade, distinguindo-se sobremaneira os Srs. Sargedas, Vieira e Pinto.

IMP 42

(*O Interesse Público*, 24/08/1850, n.º 91, p.2)

O Teatro de D. Fernando não apresenta novidade. A *Barcarola* e os *Trabalhos em vão* continuam a atrair o público de Lisboa.

IMP 43

(*Revolução de Setembro*, 31/08/1859, n.º 2531, p. 1)

Admiram-se, meus leitores, desta longa dissertação política, ainda que embuçada pelos melindres e conveniências da legislação actual? Em que quereis que vos fale, se até os teatros, favorecidos pela concorrência, nem até mudam de repertório? A *Barcarola* ainda se canta em D. Fernando. Os *Trabalhos em vão* ainda não trabalham em vão.

E a propósito disto quero eu fazer justiça completa a um sexo caluniado. Não é frágil como querem dizer, é robusto, é activo, é incansável. Não há tormento a que não resista com sorriso nos lábios e a serenidade no rosto.

De Inverno, por exemplo, ide ao teatro. O que vedes? Mulheres decotadas, de braços nus, como se o frio fosse uma pretensão ideal da estação.

Os homens na plateia com o pescoço cuidadosamente envolvido num lenço ou numa manta, abotoados até ao pescoço ou, quando muito, vestidos de cerimónia com o *paletot* que os espera a cada saída do espectáculo.

A vitória neste primeiro caso pertence evidentemente ao belo sexo.

Querei, agora que vos exprima, pela centésima vez, os terríveis abalos dum corpo humano quando tenta penetrar numa igreja bloqueada pela multidão?

E quem é que persiste numa festa cinco horas a fio, sentada ou ajoelhada, tendo por única distração o movimento do leque? É ainda o sexo frágil.

Outro dia, por exemplo, no Teatro de D. Fernando, enchente completa. Calor de abrasar. Camarotes hermeticamente fechados e senhoras permanecendo sem pestanejar neste vulcão musical. E saem frescas, saudando um homem com aqueles movimentos imperceptíveis de cabeça e aquele franzido gracioso de lábios. É incrível! E, todavia, o adjectivo *frágil* continua vitoriosamente a rimar com todas as palavras do mesmo consoante.

Lopes de Mendonça

IMP 44

(*O Interesse Público*, 31/8/1850, n.º 997, p. 1)

O Teatro de D. Fernando continua com as duas peças primitivas e espera-se para 7 ou 8 de Setembro uma nova ópera-cómica do Sr. Casimiro.

IMP 45

(Revista dos Espectáculos, 01/09/1850, n.º 7, 1º vol.)

Teatro de D. Fernando.

Está provado, não eram os escrúpulos religiosos das conscientes timoratas que afugentavam do Teatro de D. Fernando o público da capital. Sempre assim julgámos, o público sabe distinguir o sentimento religioso da exageração hipócrita, por que muita gente o quer substituir. Os que julgam o contrário fizeram-lhe uma grave ofensa, de que ele se está hoje honrosamente desafrontando. Alguns santarrões... em teoria, não constituem o público, são excepções, quase imperceptíveis, que não servem se não de provar que as há ... até mesmo no senso comum.

O Teatro de D. Fernando não era frequentado porque os espectáculos que oferecia estavam longe de corresponder ao gosto das plateias. Variar o género das suas representações, acomodando-as aos elementos da companhia e satisfazendo as exigências caprichosas das turbas, era uma indicação urgente, que o próprio interesse lhe formulava, e uma lei imperiosa da sua crítica e difícil posição. Foi isto o que a actual Sociedade compreendeu e tentou, com felicíssimo êxito, estreado neste teatro a ópera-cómica.

Estamos bem longe de quinhoar nesta parte a paixão, cada vez mais crescente e generalizada, que o público manifesta por este género de composições. A ópera-cómica, ramo bastardo e degenerado da família dramática, não há-de passar nunca de uma coisa falsa, absurda e repugnante que não satisfaz as indicações da arte nem as exigências do verdadeiro gosto. Sem a majestade imponente da ópera e sem a insinuante naturalidade do drama, a ópera-cómica é o himeneu forçado e incestuoso de dois seres que, embora da mesma família, se repelem e hostilizam abertamente. As transições bruscas e desengenhosas, da música para a declamação e da declamação para a música, o excerto arbitrário das árias e do recitativo na parte dramática, a amálgama informe de tudo isto, não pode deixar de produzir um todo irregular, caótico e monstruoso que constitui semelhantes obras, os verdadeiros hermafroditas da arte. Apesar disso o público afluí, extasia-se e aplaude, não há remédio se não respeitar-lhe o gosto e sacrificar nos seus altares, seguir uma outra vereda, unicamente por devoção da arte, seria um nobre empenho, mas equivalia a um suicídio, no fim de tudo, inglório. Era loucura esperá-lo, e barbaridade exigi-lo. Já lá vai o tempo dos sacrifícios heróicos, o positivismo do século desterrou-os.

Postos porém de parte os defeitos do género, a *Barcarola* foi uma óptima escolha. Uma série de não interrompidas representações lhe tem granjeado numerosas provas do mais lisonjeiro acolhimento. O público tem-na festejado sempre com os mesmos aplausos, e parece ainda longe de se mostrar saciado. Outro tanto tem sucedido com os *Trabalhos em vão*, constantemente vistoriados apesar do grande número de vezes que tem subido à cena. *O duque e a duquesa* é que não teve a mesma sorte. A plateia, habituada aos gracejos delicados da chistosa imitação do Sr. Sá, que ressumbra espírito por todos os poros, não podia tolerar de bom grado os equívocos grosseiros e os forçadíssimos *quid pro quos* em que abundava esta comédia. Fundada além disso sobre um costume, ou antes sobre um preconceito popular da bretanha, desacertadamente importado para a nossa cena, a sua acção não podia deixar de ficar entre nós um imbróglio inverosímil, absurdo e insustentável. O público fez-lhe justiça recebendo-a com a desaprovação que devia esperar-se.

No desempenho não temos que censurar. O Sr. Pinto distinguiu-se, como costuma. As Sr.^{as} Maria Amália e Ana Cardoso compreenderam inteligentemente os seus papéis. A Sr.^a Maria Cândida, que se estreou (se não nos enganamos) na parte da crédula e ambiciosa aldeã, disse algumas coisas com bastante acerto e naturalidade.

Ensaia-se para ir brevemente à cena *Um sonho* de que temos muito favoráveis informações; é um drama em 3 actos, produção do Sr. E. Biester. Trabalha-se também numa ópera-cómica original do Sr. Casimiro que deve ser óptima, se corresponder, como é de esperar, aos elogios que a seu respeito já temos ouvido.

IMP 46

(Revista Universal Lisbonense, 05/09/1850, n.º 49, 2ª série, t. II, 9º ano, p. 582-583)

Teatro de D. Fernando

A nova organização deste Teatro tem sido muito feliz.

É para admirar o modo rápido com que em alguns dias se improvisou uma companhia de *ópera-cômica*.

Seria exagerar o dizer que o género se apresenta perfeito, mas é incontestável que nunca em parte alguma se encetou por tal arte esta agradável ramificação da arte dramática.

Todas as noites o teatro é brilhantemente concorrido e bem merecidos aplausos premeiam o mérito e o estudo da grande maioria dos actores.

A *Barcarola*, pelo enredo e pela música, é uma bela inspiração do génio francês.

Três ou quatro factos unidos por diálogos rápidos e incisivos são a tela em que se desenham as mais simples e famosas notas que se grupam em massas ligeiras de harmonia, que embalam a alma com o seu fagueiro encanto. – Tudo isto se percebe quando se diz que Scribe é o autor do poema e Auber o autor da música. – Esta peça tem sido sempre representada por actores de grande crédito e aqui mesmo em Lisboa o Sr. Conde de Farrobo a tinha escolhido para uma daquelas primorosas representações do seu lindo teatro, nas quais o Conde e seus amigos dão provas de superior inteligência e apurado gosto artístico.

A Companhia do Teatro de D. Fernando tinha a vencer não só as dificuldades do género de espectáculos para que mudava, mas também o difícil desempenho da ópera que escolheu. - E pode-se dizer que estas dificuldades foram vencidas mais do que se devia ou podia esperar. Uma rápida recordação no desempenho basta para o provar.

Começemos pelo que mais se fixa na memória do espectador, pela linda e graciosa Gina, ingénua no pensamento, meiga na voz, feiticeira no olhar abrasado e vivo, e encantadora na desalinhada simpleza do porte e do gesto. Dirão «mas a Sr.^a Persolli, de quem falais, já cantou em S. Carlos, e as simpatias do público a cercaram sempre que houve a satisfação de a ver sobre as tábuas do palco». É verdade, mas a parte cômica que em S. Carlos se não exigia, que aí não era nada, no Teatro de D. Fernando se exige e é a parte principal da actriz. Na parte cômica, bem como na cantante, a Sr.^a Persolli desempenha graciosamente a sua parte.

O papel de Cafarini, tutor de Gina, foi confiado ao Sr. Sargedas, irmão do actor tão querido do nosso público e por ele há muito desejado. O órgão da voz deste novel cantor é mais forte e agradável do que a voz de seu irmão. Na parte cômica, a sua vocação o chama para sustentar o difícil carácter que a arte tem criado entre a alta comédia, que a Sr.^a Emília simboliza, e a farsa baixa e rasteira, que o Sr. Lisboa ainda representa no Brasil e o Sr. Teodorico em Lisboa.

O Sr. Sargedas para sustentar essa posição precisa de empregar grande cuidado no seu estudo, porque uma só linha fora dela o seu talento ficará perdido. Aceite como grande favor o conselho que no futuro lhe apontar para qualquer exageração, e, se fizer obra pela opinião desapassionada da crítica, o seu nome será dos primeiros da nossa cena. Nenhum destes reparos lhe é, por enquanto, aplicável, mas ficam aí consignados, como a demarcação dos escolhos em que génio cômico tão vantajosamente estreado pode vir a naufragar.

Sobre o palco, ninguém poderá dizer que o Sr. Sargedas é um actor novo. Como cômico e como cantor se apresenta senhor da cena e do seu papel, e como baixo sustenta as cadentes harmonias de Auber que, no papel de Cafarini, acham o seu indispensável claro-escuro.

A parte de tenor é representada por Fábio. O Sr. Rorick, discípulo do Conservatório, possui voz simpática, que se doma sem custo aos vários sentimentos da alma e que se compõe de algumas cordas firmes e sonoras, dessas que sabem levar o pensamento do maestro até ao coração do espectador. Se nos não enganamos, e se o estudo der à voz do Sr. Rorick o desenvolvimento que parece comportar, já o podemos considerar como esboço de um grande talento músico, do qual o trabalho e o tempo hão-de aprimorar os traços e avivar as esplêndidas cores.

Conhecemos Ferreti um mau tenor - vimos fugirem de ouvir o som agreste da sua voz os passageiros de um vapor quando uma das mais belas noites de estio convidava para a tolda do barco, e depois... Ferreti educou a voz, aperfeiçoou-a diariamente que nem ele nem o nosso público souberam conhecer, e o maior crédito se ligou ao seu nome. Não se esqueça destes factos o moço Rorick, e julgue-se menos do que é para que o estudo o faça muito mais do que

ele mesmo possa esperar. Como actor, o Sr. Rorick ainda não possui o desembaraço cénico de que precisa, mas não pode este reparo ser considerado como censura, porque em uma estreia não se pode exigir mais do que as boas provas de vocação artística que este actor apresentou. O Sr. Lisboa, também discípulo do Conservatório, encarregado da parte do Conde de Fieschi, foi mais outra estreia de *A barcarola*. Cantor apreciado em muitos concertos das filarmónicas, a sua parte não lhe oferece meios de patentear todos os recursos da sua voz agradável e educada com bom método.

Foi bem na sua parte, ainda que preso nos movimentos cénicos, porque pela primeira vez pisava as tábuas do palco.

Dizem-nos que o Sr. Faria, que desempenha a parte de Marquês de Felino, não sabia uma só nota de música. Se tal é, só por este motivo se torna digno de louvor e de admiração o modo como desembaraçadamente canta. Não simpatizámos com a figura nem com a voz da Sr.^a Ana Cardoso, e por esse motivo só podemos falar da sua entrada na ópera-cómica para lamentar que o teatro não possa alcançar um centro que fosse mais do agrado do público.

De todo este desempenho parcial resultou que a ópera, bem cantada e representada, tem sido continuamente gostada e aplaudida pelo público.

Fazendo justiça ao estudo e vocação pronunciada dos actores, não podemos esquecer a inteligente direcção do Sr. Doux na parte cénica e do Sr. Casimiro na parte musical, porque estamos persuadidos de que sem o zelo e esforço de ambos tão brilhante resultado seria impossível.

A tradução do poema é feita pelo Sr. Mendes Leal Júnior, e tanto basta para se poder citar como trabalho consciencioso e português na beleza e na forma.

Louvor merecerá a Sociedade de Actores se na escolha de traduções se houver tão acertadamente.

Continuando assim, enquanto o Teatro Nacional do Rossio abastardar a língua com o subsídio que a nação lhe paga, o teatro não subsidiado saberá, por este meio, prestar um verdadeiro serviço à literatura nacional.

Os Trabalhos em vão tem agradado pelo chiste do enredo, pela perfeição do desempenho e pela variedade da cadeia de calembours que seu imitador, o Sr. Duarte Cardoso de Sá, soube ligar, com apropriada graça e natural originalidade. A um dos mais sabidos cultores da nossa língua ouvimos nós a valiosa opinião de que não conhecia neste género veia de mina tão rica como a descoberta pelo Sr. Sá.

Continue o Teatro de D. Fernando os seus novos trabalhos com a fortuna com que os começou e o favor do público e da imprensa o coadjuvará no seu belo empenho.

IMP 47

(A Assembleia Literária, 07/09/1850, nº 36, p. 39)

Teatro de D. Fernando.

A barcarola e *Os trabalhos em vão* estão em cena, coroados de incessantes aplausos. A Sociedade Empresária deste teatro tem alcançado as simpatias do público e vai tocando um dos pontos principais: oferecer em espectáculo alguns originais portugueses de mistura com boas traduções. É pecado que se não perdoa a um teatro nacional o não saber ou não querer fazer uma boa escolha de peças originais a que se deve dar preferência porque anima os autores, acredita o teatro e satisfaz o público. Entretanto conhecemos que se devem aproveitar as traduções de mérito, mormente em óperas-cómicas, porque temos poucas e mui poucas do merecimento da *Barcarola*, *Duende*, etc. [...]

No dia 9 do corrente é o benefício do Sr. Rorick, jovem actor digno do público acolhimento, por isso esperamos que há-de ter uma brilhante concorrência. O espectáculo é dos melhores: a *Barcarola*, farsa *Uma assinatura em branco ou a procuração* – original português – ; em um dos intervalos o beneficiado e a Sr.^a Persolli cantarão o dueto da ópera *Marino e Falieri*, em carácter.

Sabemos que irão em breve à cena duas lindas óperas; uma é *A Batalha de Montereau*, outra é espanhola, onde cantará o Sr. Nicolás Mollas, tenor de muito merecimento que ultimamente veio de Espanha, em companhia do Sr. Volpini.

IMP 48

(A *Revolução de Setembro*, 14/09/1850, n.º 2543, p.2)

Até que enfim a *Barcarola* está a ponto de abandonar as abóbadas de D. Fernando. Espera-se peça nova. Conta-se com a vista apetitosa (?) das mulheres vestidas de guerreiras e fazendo o exercício. Não me chamem má língua, mas eu applicava ao exército feminino as divisões administrativas do exército português. Dividia-as em *estado-maior*, serviço efectivo, 2ª e 3ª secção, inválidos. Havia nomes para preencher todos estes quadros. E, quem sabe? Talvez procedesse a um novo recrutamento: - uma época de teatro é mais mortífera do que uma campanha nos pântanos da Hungria ou nas neves solitárias da Rússia.

Deram-se *As esmolos* no Teatro de D. Maria. Agradou com razão. É uma comédia chistosa, de acção fácil e simples, e representada com graça. Quereis que vos conte o enredo? Era repetir-vos a comédia que leva dez minutos a representar.

Eu aplaudo-me dum grande progresso: o melodrama vai em decadência. Já estamos quase livres das fechaduras, dos molhos de chaves, do traidor misterioso, do tirano parvo, e do infalível punhal ou veneno. *O peregrino branco*, no D. Fernando, e aquele histórico *Conde de S. Helena*, no Teatro de D. Maria, vieram justificar este pressentimento.

Lopes de Mendonça

IMP 49

(A *Revolução de Setembro*, 21/09/1850, n.º 2549, p. 2)

[diálogo entre o folhetinista e a Semana]

- E a peça nova de D. Fernando? [*A batalha de Montereau*]

- Assisti ao ensaio geral e é necessário confessar que é um dos meus rasgos heróicos. Apareci eu, do género feminino, molhada até aos ossos. A chuva não cessou de cair e eles não cessaram de cantar. A peça é espirituosa, a música rica e animada e a *mise-en-scène* graciosa e cheia de chiste. O teatro tinha enchente completa... gratuita.

Imagina um rebanho de filhas de Eva de espingarda ao ombro, marchando e contra-marchando pela cena, capitaneadas pela Macedinho, tendo por oficial subalterno a Persolli e por tambor a Ana Cardoso. Palavra de honra! Era uma tropa com que eu me batia com gosto, e dispensava, para isso, os deliciosos coros e a instrumentação peregrina do *maestro* Casimiro. E talvez me rendesse... de cansaço.

Lopes de Mendonça

Teatro de D. Fernando

As belas árias dos *Dois Foscari*, *Atila* e de *Lucia* foram cantadas há pouco pelo Sr. Volpini no Teatro de D. Fernando. Se se pode julgar do mérito e das simpatias de um artista pelos aplausos recebidos, o Sr. Volpini deve estar satisfeito. O seu triunfo foi completo.

Dizia-se que este senhor estava um tanto cansado de voz. Não se canta a ária do *Átila* com a energia e força com que o fez o Sr. Volpini, e o público, decerto, não chamaria à cena o cantor falto de voz. O Sr. Volpini foi recebido com os maiores aplausos, chegando a repetir o final do *Átila*. O seu triunfo foi o mais completo.

IMP 50

(A *Assembleia Literária*, 21/09/1850, n.º 37, p. 47)

Teatro de D. Fernando.

A Sociedade Empresária ofereceu o teatro ao triunfo do Sr. Volpini, o qual cantou nas noites de 16 e 18 do corrente. Foi recebido com entusiasmo e o público deu todas as provas das simpatias que este distinto artista nos merece. As vozes de aprovação e regozijo, as coroas de flores que juncavam o palco, os inocentes pombinhos e rolinhas que voando dos camarotes iam cair aos pés do artista, as poesias, e, finalmente, um aplauso geral atestou o alto merecimento do Sr.

Volpini. Publicaremos, segundo nos permitir o pequeno espaço desta folha, as poesias que se lhe consagraram, principiando pela nossa.

Foi à cena a farsa *Uma assinatura em branco ou a procuração* onde a Sr.^a Pinto e os Srs. Pinto, Sargedas, Vieira e Francisco Fernandes sustentaram seus papéis com a maior perfeição e naturalidade. A Sr.^a Pinto é digna de todo o elogio porque sofrendo graves incómodos de saúde emprega todos os esforços para acreditar a Sociedade e agradar ao público, o qual, reconhecendo os seus bons desejos, sabe dar valor ao seu mérito e disto vê as provas nas palmas que recebe nos *Trabalhos em vão*, na contenda com o Sr. Feliciano Pinto, actor de muito mérito, e que muito se vai acreditando.

A *batalha de Montereau* é bonita, mas o que mais a faz brilhar é a linda música do Sr. Casimiro, unida ao bem ensaiado das manobras militares do exército das damas que é elegantíssimo e onde as Sr.^{as} Persolli, Macedo e Ana Cardoso entram perfeitamente. Foram todas as damas muito aplaudidas e com justiça, pois é admirável a maneira como desempenham os exercícios militares. O Sr. Sargedas vestido de mulher tem um papel difícil e executa-o com a maior naturalidade, merecendo cada vez mais o bom acolhimento, tem ganho a coroa de excelente artista.

O Sr. Lisboa cantou muito bem.

O benefício da Sr.^a Macedo é no dia 20 do corrente. Esta actriz jovem e de tanto mérito, que na idade de 14 anos representa com tanta perfeição os papéis mais importantes, é digna da protecção do público e esperamos que o seu benefício terá grande concorrência. O espectáculo será novo e dos melhores.

IMP 51

(*O Interesse Público*, 28/9/1850, n.º 1021, p.2)

Recomendamos a récita que na Segunda-feira há-de ter lugar no Teatro de D. Fernando. É o benefício da jovem Maria Amália Macedo, actriz de muita esperança e merecimento. Além dessa circunstância, representa-se nesta noite pela primeira vez o drama original do Sr. Biester *O sonho*. Este dia não pode deixar de lembrar aos amadores do teatro, do talento e das obras pátrias.

IMP 52

(*O Espectador*, 29/9/1850, 2ª série, n.º 5, pp. 34-36.)

Teatro de D. Fernando

1814 ou a batalha de Montereau

Ópera-cômica em 2 actos. Poesia do Senhor Mendes Leal, música do Senhor Casimiro Júnior. Sendo esta a primeira vez que falamos de uma ópera-cômica, parece-nos conveniente dizermos alguma coisa, primeiramente, deste género dramático-lírico.

A ópera-cômica é uma invenção exclusivamente francesa. É um drama misto: comédia pelo entrecho e pelos personagens; e ópera pela música de que está entremeado. O princípio deste género de espectáculo data de 1624, a mesma quase da origem do teatro em França. Um iluminador dos teatros, chamado Honoré, lembrou-se de ser empresário também, e obteve licença para abrir um teatro que denominou de ópera-cômica. Três anos depois já este teatro tinha excelentes actores, hábeis pintores e músicos perfeitos. Já se vê que o género encontrou logo simpatias e caiu em moda.

Em 1745 teve um eclipse de sete anos porque foi suprimida; mas tornando de novo a abrir-se atraiu de tal modo a concorrência que outros espectáculos de Paris foram quase totalmente desamparados, especialmente o teatro italiano. Em consequência disto, anexaram-se estes dois teatros em 1762, anexação que durou até 1780, época em que se separaram. Muitos e bons escritores e excelentes compositores têm escrito óperas-cômicas. Modernamente, os dois que mais se distinguem nesta mútua colaboração são Scribe e Auber. As óperas-cômicas deste compositor e de Adam e Halevy são hoje as mais estimadas em França.

A ópera-cômica, participando dos dois géneros de grande ópera e drama, serve-se do diálogo em vez de recitativos; e este diálogo e toda a sua acção devem ser jocosos e cómicos, de restrita obrigação. Há exemplos, contudo, de se haver dado alguma ópera-cômica que só o era no nome; e já aqui em São Carlos vimos uma desta natureza, o *Zampa*; mas os críticos franceses condenam esta usurpação dos direitos da ópera, e todos eles são de acordo que poema e música devem ser modulados pelos das óperas bufas italianas.

Esta de que hoje tratamos não seguiu esta opinião, como vamos ver.

Estamos em França, dentro de um colégio de meninas; e já vê o leitor que não estamos em mau lugar, se a sua ideia não for mais maliciosa do que a nossa intenção, quando assim falamos. O estabelecimento está todo assustado porque aí perto vai dar-se uma grande batalha entre franceses e aliados.

Apesar disso, um pobre alfaiate vizinho, soldado da guarda nacional, tendo de marchar com os seus camaradas para o combate e receando deixar sua filha só em casa, tem a feliz ideia, para os espectadores, de pedir para que seja guardada neste colégio, onde supõe ficará mais ao abrigo de algum atentado cossaco ou serviço demasiado amável da parte de um tenente da Guarda que a requista.

A traquinas da filha do alfaiate põe logo todo o colégio em completa sublevação. Todo o ardor marcial francês, que falta no sangue de seu pai, se lhe inoculou nas veias. As educandas são convertidas em soldados e contribuem, diz a peça, para a derrota dos inimigos da França com alguns tiros que disparam da cerca do seu colégio.

A acção do libreto é esta, extraída de uma comédia francesa do mesmo título, se não é *L'hospice de Montereau*. O desfecho é o casamento de Cecília, a chefe das educandas insurgidas, com o tenente Alfredo, seu amante; alguns episódios engraçados completam a peça.

A música original do senhor Casimiro Júnior está primorosamente orquestrada e tem algumas peças de muito mimo, nomeadamente os dois finais dos actos e o coro das educandas: *Estas horas prazenteiras*.

É nossa opinião, porém, que em geral a música é pouco animada e esperta, carecendo muito daquela vivacidade, jovial e saltitante, que deve caracterizar os motivos fáceis e cómicos de uma composição desta natureza. Por outras palavras, parece-nos que a música se não coaduna convenientemente por muito sentimental, às vezes patética e quase sempre lânguida, com as situações cómicas e as frases lépidas, jocosas e maliciosas de uma peça que quase se pode chamar farsa. Por exemplo: o coro que acima mencionámos, que bem parece uma linda pagueira, e ainda a ária guerreira do senhor Lisboa, no 2º acto, etc. E, todavia, não é porque ao ilustre compositor lhe falte a inteligência das situações, porque quem escreve tão sensatamente o coro da retirada dos soldados, no 1º acto, descrevendo com admirável gradação na orquestra o seu caminhar deles até se lhe sumir de todo o rumor da marcha, mostra que sabe bem apreciar uma situação.

Poderíamos ainda acrescentar que há certo abuso de instrumentação nocivo ao canto, porque sendo cada instrumento de per si um lindo ramalhete de flores, o seu complexo de mistura com o canto não dá resultado igual à beleza de cada uma das suas partes.

Supomos que algumas considerações especiais relativas aos executores e a influência da escola italiana contribuíram poderosamente para os motivos dos nossos reparos. Como quer que seja, em composições desta ordem preferimos aquele género em que o senhor Casimiro já mostrou que mui bem sabia primar: nas coplas do senhor Sargedas Júnior, na farsa lírica *O par de luvas*, que ainda não esqueceram e na narrativa, tão divertida como apropriada, à letra de outra farsa lírica sua, *O ensaio da Norma*, e que começava: “Era voz constante, Lá na minha terra”, trechos estes que temos por modelos do género.

De resto, a execução foi regular, tendo produzido muito efeito as evoluções militares das educandas, cujo traje é de muito bom gosto, e distinguindo-se a senhora Ana Cardoso, tambor deste vistoso pelotão, mas causando sobretudo a maior hilaridade o senhor Sargedas, vestido de mulher, e querendo esquivar-se ao importuno galanteio de dois abrutados cossacos.

O senhor Cossoul Júnior, jovem de um mérito extraordinário e discípulo do senhor Pinto, está escrevendo uma ópera-cômica nova para o Teatro de D. Fernando, que se intitula *O arrieiro*.

IMP 53

(Revista dos Espectáculos, 01/10/1850, n.º 8, 1º vol.)

Retirou-se finalmente da cena a mimosa composição D'Auber e de Scribe. Daqui por diante a *Barcarola* pertence ao domínio quase exclusivo das filarmónicas fixas e ambulantes que povoam o reino e as suas dependências, às bandas marciais dos nossos mais pacíficos batalhões, às laringes desafinadoras dos janotas em retirada, e, por cúmulo de desgraça, ao assovio petulante dos típicos gaiatos de Lisboa e termo. *Sic transit gloria mundi!* – ao pé do Capitólio a Rocha Tarpeia, próximo dos Eliseus o sombrio Lethes, limítrofe do sublime o caricato, contígua do *Camões a Pedreira!* É a sorte das coisas humanas.

Napoleão que disse... uma coisa que seria pedantismo repetir porque é citação obrigada de quantos *literatos em dia e meio* por ai pululam... Podia referir-se igualmente ao palco que também não está, por certo, a maior distância da goela contrafactora de um garoto de corte. Propomos o alvitre, como substituição ou aditamento, para alguma nova edição *correctior et auctior*, aos incansáveis exploradores de ditos históricos em meio-uso. Deixemos porém em pás a *Barcarola* tantas vezes aplaudida quantas representada, e falemos da nova peça que veio lograr a honra que lhe suceder na cena.

A *Batalha de Montereau* é uma ópera-cómica de simplicíssimo assunto, mas de bastante animação musical... e feminina. A poesia é do Sr. Mendes Leal Júnior e a música do Sr. Casimiro. A glória do ilustre literato não a acrescentam, é manifesto, composições desta natureza; embora de improbo trabalho, são apenas meros pretextos para meia dúzia de árias e cavatinas, evidentemente despidas da mínima ambição literária. Ao insigne maestro, de talento geralmente admirado, é que pertencem indisputavelmente as honras deste novo triunfo para o Teatro de D. Fernando. O Sr. Casimiro, cuja vocação artística é ainda maior que a excentricidade do carácter pessoal, oferece, como autor e como homem, admiráveis pontos de contacto com o nosso imortal Bocage. A par da espontaneidade, que distinguia o numeroso *Elmano*, reúne o ilustre artista a independência, quase *farouche*, do grande poeta. Prossiga o Sr. Casimiro na sua brilhante carreira e merecerá por certo o gloriosíssimo título de Bocage da música. É uma profecia cuja realização de ninguém mais depende. Esperamos não ser desmentidos.

Quereis, meus caros leitores, mais circunstanciadas novas da batalha? Faço justiça à vossa curiosidade e conto com isso com um infalível sim. Pois bem, começarei por vos dizer que não é batalha, será quanto muito um tiroteio inexperiente e rápido entre meia-dúzia de soldados de ambos os sexos, como vereis – e numerosas forças inimigas, que não vereis nunca. Não há exércitos que se invistam, nem canhões que nos ensurdeçam – duplicada vantagem para quem tem desventura de ser nervosamente sensível como pede a moda que todos nós sejamos, visto que o são todas as senhoras. O cheiro do sangue, o fumo da pólvora e a vista dos cadáveres não decoram o palco nem horrorizam a plateia. Já vedes, meus pesados modelos de sensibilidade natural ou artificial, que podeis contemplar sem receio esta miniatura inocentíssima de um sanguinolento e glorioso combate. Não há perigos nem incómodos que afronteis. Levai afoitamente vossas mulheres e vossos filhos que não há pretextos para desmaios nem motivos de berreiros. É uma boa notícia que vos dou, agradecei-ma e passemos adiante.

Supondo que levais a tirania de vossa exigente curiosidade ao ponto de me perguntardes o enredo de uma ópera-cómica, dir-vos-ei o desta, se é que o tem. Algumas, já se sabe encantadoras, jovens, que são educandas num colégio de Montereau, querendo evitar os perigos de uma temida entrada do inimigo, resolvem-se, por uma feliz inspiração, a imitar corajosamente os bravos que defendem a França. Para esse fim servem-se dos fardamentos destinados para a escola militar, e que a filha de um velho guarda-nacional soubera astuciosamente alcançar. Fardada e armada esta formosa corte, com que mais de um folhetinista desejaria combater, embora a final rendesse de cansaço, como espirituosamente alguém já observou – as novas Amazonas capitaneadas por Cecília, a mais endiabrada e não menos interessante das intrépidas colegiais, vão reforçar os combatentes no campo de batalha já travada rijamente. O inimigo começa a debandar e a vitória coroa as águas do império, triunfantes em Monterau, como em Morengo e Austerlitz. Para a maior felicidade a vitória da França é a vitória de dois corações que se amavam ternamente. Um oficial da Guarda-Nacional

pedira a mão de Cecília a seu pai, que obstinadamente prometia recusar-lha enquanto não melhorasse de fortuna. O jovem tenente é ferido em acção. Um ajudante de ordens do imperador vem conferir, em seu nome, ao oficial que mais se houvesse distinguido o posto de capitão. Cecília indica o amante. A nova posição do valente mancebo vem cortar as dificuldades. O pai cede, e o casamento efectua-se prontamente como todos os consórcios teatrais. Já se vê que o mérito dramático da nova ópera não pode ser grande, tem porém algumas cenas bastante jocosas que são justamente aplaudidas. Entre elas merece notar-se a entrega de uma carta, do nosso tenente para Cecília, por meio do seu mesmo inexorável pai.

A música de todo o primeiro acto pareceu-nos fresca, viçosa e original como poucas. Os coros militares, sobretudo, excelentes. Os das educandas, apesar do mimo que apresentam, são talvez menos animados do que deveriam para exprimir adequadamente a alegria buliçosa de uma hora de recreio e descanso num colégio. A instrumentação é soberba. Temos ouvido notar feições italianas na construção, música do Sr. Casimiro. A nós pouco nos importa isso uma vez que seja harmoniosa, delicada e brilhante, como esta é indubitavelmente em muita parte. No 2º acto observam-se trechos de feliz inspiração, a par todavia de algumas reminiscências do repertório de S. Carlos.

A execução foi boa. A Sr.^a Persolli, cuja voz ameaça talvez diminuição considerável, agradou principalmente pelo interesse que inspiram as suas engraçadas maneiras e esquisita pronúncia. O Sr. Rorick e Lisboa tiram todo o partido das excelentes vozes que possuem. O Sr. Sargedas na paródia e declamação distingue-se visivelmente. A Sr.^a Maria Amália entra muito bem. Outro tanto podemos dizer a Sr.^a Ana Cardoso a cuja inteligência devemos fazer justiça, é uma actriz de mérito.

O Sr. Volpini, que muita gente recomenda à nova empresa de S. Carlos, cantou algumas vezes neste teatro. Em abono da verdade, o Sr. Volpini é um belo artista, mas, devemos confessá-lo igualmente, a sua voz não está como dantes foi. As notas centrais dificilmente se lhe distinguem hoje. Tem gosto e boa escola, mas isso não basta. O teatro lírico não fará por isso uma grande aquisição escriturando-o. Nós não lho aconselhamos de certo.

É ocioso dizer que a *Batalha de Montereau* tem atraído as atenções de todo o público lisbonense. Até hoje tudo lhe promete a mesma popularidade que obteve a *Barcarola*. As evoluções militares do belo-sexo têm sido, sobretudo, vivamente aplaudidas, e o Sr. Casimiro frequentemente vitoriado. Folgamos de ver estes lisonjeiros testemunhos da admiração e simpatia pública tão solenemente liberalizados a quem por tal forma sabe merecê-los. É uma prova de que os talentos nacionais vão sendo apreciados, e que o nome de português nem sempre há-de ser um diploma desfavorável a quem vai tentar entre nós fortuna artística ou literária.

Continuam ainda em cena os *Trabalhos em vão*, que o teatro em vão trabalha por substituir dignamente. A empresa não é realmente das mais fáceis, mas está longe de ser impossível, se houver alguma inteligência, gosto e boa vontade da parte daqueles a quem isso toca. A direcção, que está, se não nos enganamos, nesse caso, deve mostrar, ou pelo menos, fingir decentemente que possui estes indispensáveis requisitos, na escolha das peças que aprovar. Ensaiar e representar ao acaso a primeira inépcia que se lhe depara é fazer um deplorável emprego do tempo e abusar indesculpavelmente da protecção do público. É perigoso confiar em demasia na indulgência caprichosa das turbas; contar com a justiça, e não com o favor, eis a regra salutar que a prudência dita e o próprio interesse justifica. Se uma pacífica e inocente plateia absorve misericordiosamente quantos pecados se cometem contra os invioláveis e mais rudimentares preceitos do senso comum, a crítica, por mais benévola que seja, não pode nem deve ser cúmplice de tão graves e imperdoáveis fraquezas. É mister não deixar escapar impunes estes atentados da ignorância e da estultícia, se não queremos correr o perigo de algum fatal dilúvio que venha engolir sem piedade o pobre microcosmos intelectual em que vivemos. Fechar as portas da cena a essa multidão importuna de analfabetos comparsas literários é uma necessidade imperiosa que importa satisfazer instante e corajosamente. De outro modo transformar-vos-eis em algozes officiosos da razão, da ciência e da arte, fareis do teatro uma espécie de templo consagrado à imbecilidade, e de cada representação uma hecatomba augusta de sensorias e sandices. A glória não será grande, e o interesse menos: - acautelai-vos.

A *Assinatura em branco* ultimamente representada autoriza, se não demanda, inexoravelmente as reflexões que fizemos. Inferior ainda ao *Duque e duquesa*, tão desfavoravelmente recebidos há pouco mais de um mês, a nova comédia só pode colocar-se a par dos celebrados *Anos da menina*, espécie de consoante forçado com que há-de eternamente rimar tudo quanto for atrozmente inepto e sem sabor. Não se analisa, não se descreve nem se discute o que, longe de nivelar-se com a crítica, está rigorosamente paralelo aos mais grosseiros e inofensivos tacões. Perdoai-me pois, amáveis leitores, se não exponho o assunto desta produção verdadeiramente original, baste-vos saber que, sem prejudicar o interesse da acção e o pensamento do autor, podeis assistir indiferentemente ao princípio, ao meio ou ao fim, suprimir *ad libitum* os personagens, à excepção do *limpa-chaminés* indispensável... não sabemos para quê, e, finalmente, amputar, se quiserdes, a maior parte das cenas. É um sistema completo de elasticidade dramática! O autor pode ensaiá-lo praticamente, e não será esse o menor merecimento desta parvoíce em um acto.

Teve lugar ultimamente o benefício da Sr.^a Maria Amália. Ninguém soube ainda estrear a cena com tão felizes auspícios, nem coroá-los, depois, num curto espaço, de tão rápidos e brilhantes progressos. O público festejou-a como era de esperar. Quando a jovem actriz veio ao proscénio recitar uma formosa poesia, que o talento do Sr. Mendes Leal inspiradamente lhe pusera na boca, os bravos e as palmas ecoaram por toda a sala, verdadeiramente uníssonos e eléctricos. Foi uma ovação merecida, que tem de ser, talvez, eclipsada por outras muitas, se o estudo, o zelo e a dedicação lhe não faltarem na trabalhosa carreira que encetou. É de crer - o talento que tem de si profunda consciência não conta os abismos que rodeiam a íngreme e escabrosa estrada da glória, confia no futuro e marcha. A luta é uma necessidade incessante de toda a organização superior, suprimir estes duelos clandestinos, mas quotidianos, entre as vocações fortemente pronunciadas e as espinhosas dificuldades, de que as bloqueia a sua própria missão, é roubar à chama fulgurante do génio o combustível que muitas vezes alimenta. A Sr.^a Maria Amália há-de compreendê-lo.

O drama representado foi o *Sonho*, mediocrementemente acolhido. A plateia, já habituada à ópera-cómica, e quase melomaníaca, dificilmente recebe uma composição que não pertença ao seu género favorito. Apesar disso, o drama tem por certo merecimento, e nós faltaríamos à verdade se lho negássemos. Mingua-lhe sem dúvida o interesse que resulta de uma acção múltipla e enredada de numeroso pessoal e de cenário esplêndido, não lhe falta porém sentimento, poesia e melancolia, verdade em grande parte dos caracteres, do assunto e do estilo. Há na mesma simplicidade de toda a obra coisa de majestoso e grande. Um pobre velho, veterano da guerra peninsular, que a pátria deixa na penúria, como tantos outros a cujos serviços cabe o mesmo galardão, - uma virtuosa mulher companheira fiel dos seus trabalhos e meeira certa dos seus pesares, - fruto de ambos, uma inocente menina, a quem cedo amanhecem as coisas da arte, engenho e tendência irresistível, - um honrado operário que a ama e pretende a sua mão, - eis aí os personagens sobre que gira o drama todo. O sujeito não é menos complicado, a filha do valente soldado conhece a vocação que a impele para o teatro. Uma leitura do *Frei Luís de Sousa* faz-lhe sonhar que executará com inspiração o mimosíssimo papel daquela ideal Maria, que o génio do nosso primeiro dramaturgo tão brilhantemente concebeu. É este sonho que dita imperiosamente o seu destino e a determina resolutamente a abraçar a carreira da cena. Alguns obstáculos que tem de superar a fim de satisfazer a sua gloriosa ambição constituem o fundo de toda a peça. Com tão escassos elementos é evidente quão difícil era despertar o interesse das turbas, ávidas sempre de imprevisto, do maravilhoso, e, muitas vezes do absurdo. Se o não conseguiu inteiramente o Sr. Biester, o seu trabalho não deixa de ser, por isso, uma tentativa de mérito, que revela prometedora vocação para o género e literatura dramática. O autor não deve desfalecer.

Não terminaremos sem algumas reflexões, posto que as não autorize muito a vista de uma só representação. Os caracteres são bons, o de Amália porém, se atendermos à sua humilde posição social, evidentemente idealizado. Miguel parece-nos muitas vezes arrebatado e imprudente em demasia, à vista dos seus anos e da experiência que eles infalivelmente nos trazem. É sobretudo de mau efeito aquela desamorável e pouco paternal felicidade com que Abraão, espontâneo, brande a espada sobre a cabeça da filha... por felicidade aparece a mãe com o anjo salvador.

Há em quase todo o drama uma linguagem que não harmoniza inteiramente com a modesta simplicidade do assunto e dos personagens: Gabriel, por exemplo, mostra em algumas falas um verniz de estilo pretensioso, impróprio da sua condição pouco elevada. É um operário, não deve falar tão frequentemente como um alambicado tradutor de novelas sentimentais. A frase com que termina o primeiro acto, a não ser um cumprimento, bem supérfluo, ao Sr. Garrett, não pode ter significação razoável, que nós, pelo menos, entendamos. A reprodução da cena final do *Frei Luís de Sousa* seria mais conveniente limitando-se a uma só parte dela, na totalidade achamo-la mal traduzida e impertinente. O monólogo de Maria, tão belo no drama do Sr. Garrett, deslocado das circunstâncias que lhe são próprias e enxertado violentamente no sonho, torna-se aqui frio, inoportuno e sem efeito, como devera esperar-se.

Quanto ao desempenho, a exceptuarmos a Sr.^a Maria Amália, não foi tão bom como o drama o requeria. O Sr. Vitorino, especialmente, esteve muito abaixo do papel. A sua declamação pesada, uniforme e quase ridiculamente enfática, torna-se cada vez menos apreciável. O passo de continência que tem adoptado na cena, e os berros desentoados por que traduz ordinariamente todos os transportes, fá-lo-ão brevemente um bom actor de província. É a terceira secção da arte, o Sr. Vitorino ambiciona-a.

Um par de mortes, calembourg em um acto do Sr. Sá, foi também à cena em benefício da Sr.^a Maria Amália. O público recebeu-o tão lisonjeiramente como os *Trabalhos em vão*, pela abundância de frases ambíguas e dos engraçados equívocos, o *Par de mortes* é talvez superior à primeira imitação do Sr. Sá. Pelo mérito dramático, não diremos o mesmo. Em todo o caso é um novo ensaio que os amadores do género hão de apreciar devidamente e que prova de sobejo a espiritosa veia do Sr. Sá.

Para outra vez tornaremos mais espaço ao assunto.

IMP 54

(*O Interesse Público*, 5/10/1850, n.º 1027, pp. 1-2)

No Teatro D. Fernando foi na Segunda-feira o benefício da jovem Maria Amália Macedo. Estava o teatro completamente cheio. Representou-se pela primeira vez *O sonho e Um par de mortes ou a vida sem par*. *O sonho*, drama em três actos original do Sr. Biester, não satisfaz ao que se esperava. Faremos algumas observações sobre o mérito da obra e sobre o desempenho.

É incontroverso que o drama é uma poesia pouco estudada na nossa terra. Esta asserção, que já tem provado capacidades competentes, depreende-se da maior parte desses ensaios que aparecem poucas vezes, por infelicidade, nos nossos teatros. O drama do Sr. Biester acusa muita corda falsa e outras muito mal afinadas. Contudo, há alguns pensamentos sofríveis, alguns desejos de agradar, algum vislumbre de nacionalidade. Notámos, contudo, falta de caracteres. Não queríamos aparato, mas desejávamos mais personagens em um drama em três actos. A ideia de copiar uma cena do *Frei Luís de Sousa* não foi, enquanto a nós, muito feliz. O pensamento do drama não foi em geral mal meditado, e agradaria muito mais se não fosse a falta de naturalidade com que se apresentaram alguns actores. Se exceptuarmos o Sr. Vitorino e a jovem Maria Amália, os actores entram mal caracterizados. A Sr.^a Ana Cardoso não pode representar a mulher de um veterano nem sujeitar-se aos affectos da dor que o drama repetidas vezes pede. Além disto, notámos a falta de propriedade nos trajés. A Sr.^a Ana não parecia nem mulher de veterano nem mãe de uma menina de 14 anos. Pensaria, por acaso, que um lenço branco posto com muita modéstia faz mudar o rosto, a idade e os dissabores? O tambor da *Batalha de Montereau* não era para esta parte. O Sr. Fernandes podia agradar mais do que agradou. Não podemos aprovar que o Sr. Fernandes não vestisse, pelo menos, uma sobrecasaca. Não esquecemos que ele era um espingardeiro, mas haveria uma pouca naturalidade em um operário vestir uma sobrecasaca? Diga-se o que se quiser, nós achamos que é, além de insignificanmte, muito ridículo um galã de affectos a transportar-se em cena trajando uma prosaica jaleca. O Sr. Vitorino entrou bem, assim como a jovem Maria Amália, a quem, talvez, se deve a peça não cair na primeira noite. Custa-nos bem que as nossas coisas não sejam mais apreciadas, que se não façam mais diligências para o completo desempenho das nossas obras originais. O *calembourg* é muito bem desempenhado, ornado de situações por extremo graciosas e de belo efeito. O Sr. Duarte de Sá não foi menos feliz nesta sua composição doo que

com os *Trabalhos em vão*. Em quanto aos actores merecem todo o louvor. O Sr. Vieira e a jovem Maria Amália entram perfeitamente, por isso que conservam muita propriedade. Esta noite foi de completo triunfo para a beneficiada, esta recitou uma poesia e foi mimoseada com muitos elogios em verso, que lhe dedicaram. Folgamos com tal sucesso porque desejamos cordialmente todas as felicidades a quem, em tão curta idade, mostra uma propensão, um talento e desejos tão fecundos pela arte.

IMP 55

(*A Assembleia Literária*, 05/10/1850, nº 38, pp. 55-56)

Teatro de D. Fernando.

Em uma das próximas noites cantará o Sr. Jacomo De Bezzi, tenor. É um exímio artista que se dirige a Madrid. Não sabemos por que a empresa de S. Carlos não o escritura! Para este não pode haver o pretexto que deu o Sr. Cambiaggio para não escriturar o Sr. Volponi! O Sr. De Bezzi não é aqui ainda conhecido e todavia vão-se demandar outros à Itália na incerteza de os achar tão bons como estes que aqui estão!... *Dios la depare buona*. O público ouviu o Sr. Volpini, ouvirá o Sr. De Bezzi, ouvirá os que vierem e saberá fazer o seu juízo. Nós temos sempre muito pesar em ver menosprezado o verdadeiro mérito, entretanto asguramos feliz acolhimento em outros teatros da Europa aos dignos artistas que apreciados do nosso público a Empresa julga não dever escriturar.

O Sr. Molas cantou na engraçada ópera-cómica espanhola intitulada *La venta del puerto*, que foi à cena ontem, 4 do corrente. Desempenhou com a maior naturalidade um papel difficilimo, pode-se dizer sem exageração que é um grande artista. A sua voz é de tenor e muito entoada. Obteve muitos e justos aplausos.

O Sr. Faria vai ganhando os maiores créditos! Executou perfeitamente o seu papel de contrabandista espanhol, cantando com muita graça e sem a menor affectação.

O Sr. Sargedas, igualmente, foi muito bem, assim como a Sr.^a Persolli e os coros.

A farsa *Um par de mortes*, pelo Sr. Duarte de Sá, foi muito bem acolhida e é, por certo, muito bonita. Ao seu digno autor podemos intitular o génio do calembour. Os actores desempenharam com arte os seus papéis e o Sr. Faria, de galego, distingue-se sobremaneira.

A Sociedade continua a acreditar-se não poupando despesas nem diligências para agradar ao público, o que tem conseguido, pois a concorrência é sem interrupção. Parece este o Teatro de D. Fernando do ano appado? Por certo não! O Sr. Emílio Doux fez um grande serviço ao teatro em se demitir. É sem dúvida um excelente ensaiador na cena, mas não ensaiava o meio de atrair as afeições do público, antes tinha a habilidade de as afastar... Julgamos que esta falta era devida à falta de delicadeza, e a delicadeza é indispensável a todos os que vivem em sociedade e mormente a quem precisa de público... O Sr. Doux neste ponto nem parece francês!... A Sociedade actual tem remediado este mal tornando-se, por suas atenções com todos, digna de todas as atenções, senão teriam de declamar em deserto como outrora lhe aconteceu.

IMP 56

(*O Espectador*, 6/10/1850, 2ª série, n.º 6, pp. 42-43.)

Teatro de D. Fernando

O Sonho

Drama original em 3 actos, pelo senhor Ernesto Biester

O Teatro de D. Fernando estava, desde que novamente se abriu, considerado pelo público como um teatro exclusivamente de ópera-cómica. A aparição de um drama neste teatro foi tida, pois, como uma novidade no género. Emitindo a nossa opinião franca e leal, nem desconceituamos o autor nem vamos contra a tentativa feita pelos directores do Teatro de D. Fernando.

O género do drama a que aludimos é do que vulgarmente se chama íntimo. Sem entretermos o leitor a contar-lhe com minuciosidade o enredo, limitar-nos-emos a dizer que o pensamento que lhe serviu de base é o de engrandecer o *Frei Luís de Sousa*, do senhor Garrett, demonstrando até que ponto a sua representação pôde influir na poética imaginação de uma rapariga educada com recato e recebendo o íntimo baptismo artístico da mais sentida obra do nosso escritor. Alguns reparos faremos ao autor do drama, a começar pelo simples enunciado que da sua produção

acabamos de fazer. Num país excessivamente pequeno, aonde todos nos conhecemos, aonde a sociedade está restrita aos mais acanhados limites, o drama-íntimo não pode deixar de perder a influência e verosimilhança que em mais larga escala pode manter e conservar muitas vezes. Mais nos pareceu, e não nos leve o autor a mal estes reparos, que as legítimas influências do drama do senhor Garrett podiam bem alcançar ao ponto de fazer converso a um homem colocado na posição de Manuel de Sousa, no *Frei Luís*, mas nunca a despertar a imaginação de uma rapariga, a ponto de se afastar do trilho seguido por Madalena de Vilhena para ir pisar as escorregadias pranchas do teatro. As representações dos *Salteadores*, de Schiller, produziram um profundo abalo na Alemanha. Muitos mancebos honestos abandonaram as carreiras a que se dedicavam para se fazerem salteadores, mas a nenhum deles ocorreu a ideia de procurar carreira estranha à tão romântica e poeticamente descrita por Schiller, na sua mais pensada produção.

Além destas observações gerais, pareceu-nos que o drama estava excessivamente individualizado e localizado. A isto me poderá dizer o autor que foi exactamente o que quis, mas nós, na qualidade de críticos, não podemos deixar de lhe observar, por exemplo, que o viver e crer de um veterano da guerra da Península não pode razoavelmente elevar-se a mais daquilo que a plateia esperava, baseada no conhecimento que tinha de uma classe, poética talvez, para aqui a mais anos, mas por enquanto sujeita à bitola de um raciocínio tanto mais seguro quanto é sabida a história da classe simbolizada no drama por um indivíduo. Se dos personagens passarmos às localidades, permita-me o autor que lhe digamos que depois da pomposa narração de uma grande dor que finaliza pela desforra de homem a homem... o duelo, remate de tão violentas cenas, se passa no Largo da Patriarcal... Sabemos que aí como em outro qualquer sítio poderá ter lugar, mas o que também sabemos é que vinha aqui a pêlo um verso de um soneto de Camões que exprime pouco mais ou menos a nossa ideia – é o em que o poeta fala do amor que Jacob tinha por Raquel, dizendo que seria

Para tão longo amor tão curta vida.

É este o verso que, *mutatis mutandis*, aplicamos a tamanhas dores rematadas em tão prosaico e conhecido local.

Pelo que acabamos de dizer, se colige que o jovem autor do drama *O sonho* não acertou no delineamento feral em que depois moldou os personagens e com eles o seu modo de viver e sentir. Influído e inspirado pelo drama do senhor Garrett, o autor persuadiu-se, mas enganou-se, que numa época desiludida e numa sociedade não ilustrada o *Frei Luís* alcançasse das turbas o que não pôde alcançar para a Sociedade do teatro de D. Maria II.

Como nos não temos por impecáveis, por isso nos abalançamos a mais uma observação que nasce espontaneamente do conhecimento do coração humano e que o autor julga possível com a boa fé dos poucos anos. Supor que um homem no último quartel da vida se sinta e lastime por não saber quem foram seus pais parece-nos um erro, se aferirmos pela lógica dos sentimentos este pensamento que acompanha o quase protagonista do drama. Depois das sinceras observações que nos vimos obrigados a fazer, pede a justiça que digamos que o drama é escrito com naturalidade e revela entusiasmo pela arte e talento. Cremos que o autor, pensando mais maduramente o terreno em que tiver de edificar, há de escrever obra que satisfaça duplicadamente às exigências cénicas e à severa circunspecção analítica que se requer para o desenho rígido dos caracteres.

A execução foi confiada a quatro actores: as senhoras Macedo e Ana Cardoso, e os senhores Vitorino e Fernandes. A senhora Macedo percebeu com inteligência e representou com entusiasmo o papel que lhe foi confiado. O senhor Vitorino ressuscitou os antigos pais nobres, traduzindo-os numa declamação não muito eufónica. O senhor Fernandes, sem a rústica nobreza do homem do povo, traduziu com pouca felicidade o seu papel, tendo ainda a desfortuna de se caracterizar pouco convenientemente. Pelo que respeita à senhora Ana Cardoso, o papel era de pequena monta, e como tal se esquivava a uma análise que não seja banal.

IMP 57

(*O Espectador*, 6/10/1850, 2ª série, n.º 6, p. 48.)

Ensaia-se no Teatro de D. Fernando *O caquet du couvent*, ópera-cómica em 1 acto, de Potier, traduzida em português pelo senhor Mendes Leal.

IMP 58

(*O Espectador*, 13/10/1850, 2ª série, n.º 7, pp. 51-52.)

Teatro D. Fernando

La venta del puerto, o sea Juan el contrabandista

Zarzuela andaluza num acto, no idioma espanhol

Toda a nação que quiser ter uma escola nacional de música há de ir buscar aos cantos populares o fundamento para essa escola. Rossini, o próprio Rossini, explorou esta rica mina para reorganizar a ópera italiana, e foi dessa mina que ele deduziu todo esse vasto sistema de melodias que depois têm imitado todos os compositores que o seguem. Mayerber tem usado do mesmo princípio para dar a cor local às suas grandiosas composições. Bastará citar estes dois nomes famosos.

A Espanha é uma das nações mais capaz de com tais fundamentos estabelecer uma escola de música, característica como nenhuma e talvez também variada, fogosa e alegre como nenhuma. Por toda a Espanha abundam os cantos populares e as melodias árabes e godas do mais original carácter e, desde muitos séculos, a *tonadilla*, as *segadillas*, o *bolero* e o *fandango* têm uma reputação estabelecida no mundo civilizado. E, contudo, a Espanha não tem ópera nacional, com tantos e tão belos elementos para ela, assim como nós também a não temos com bastantes desses mesmos elementos. Lá como cá, a influência da música italiana com que os compositores nacionais estão fascinados tem feito com que se desprezem como ridículos os cantos populares, e se entregue à língua e escola italiana um ceptro musical que ela não tem pretensões nem mérito para exclusivamente empunhar.

A ópera italiana, pois, estabelecida em Espanha no reinado de Carlos II, tem conquistado o gosto dos nossos vizinhos como o nosso até à hora em que escrevemos. Mas ainda assim a Espanha, mesmo no meio desta deficiência, tem sido muito mais feliz do que nós. A *tonadilla*, canto singelo e popular introduzido nas suas composições cénicas mais nacionais, os *sainetes* e as *zarzuelas* têm sido como um protesto constante da nação contra a invasão feroz da música estrangeira. E as *zarzuelas*, hoje elevadas à forma de ópera-cómica francesa, prometem um princípio de ópera nacional se compositores ineptos e imperitos, querendo fazer alarde duma ciência fofa, que lhes deve ser pateada por inconveniente, não tiverem o imperdoável descoco de abastardar com as melodias italianas o tipo original, ancião e respeitável das melodias nacionais.

Juan el contrabandista é uma dessas *zarzuelas* geralmente vazadas nos moldes dessas melodias. As três peças características: as coplas dos contrabandistas, a *zarabanda* dos estudantes e, principalmente, a cançoneta da *ventera*, têm um cunho de nacionalidade que não pode ser mais fiel.

O entrecho desta peça reduz-se a muito pouco. É um pequeno quadro de costumes nacionais. Numa venda próxima ao mar, na província de Andaluzia, há uma bonita *ventera*, querida de todos que a vêem. Acontece que um grupo desses estudantes, que em suas ambulâncias peninsulares algumas vezes aqui nos têm vindo parar, entra-lhe pela porta, pedindo-lhe duas coisas, refeição e pousada, que ambas lhe são concedidas. Por outro lado, um sargento, comandante de um destacamento que persegue os contrabandistas da costa, também ali vem pousar. E este e o maioral dos estudantes, enamorados ambos da *ventera*, tentam de noite aproximar-se dela às escuras. Mas o verdadeiro querido da *muchacha*, Juan, *el contrabandista*, bate então à porta e a ladina *ventera* tudo lhe conta, indicando os dois que estão um escondido numa talha de água e o outro numa arca de farinha. O severo contrabandista castiga aquele com meia dúzia de mergulhos, e o outro, o sargento, saindo da arca todo enfarinhado, consegue o perdão com a promessa de não mais perseguir os contrabandistas.

O senhor Mollas, tenor espanhol que debutou nesta peça, deu mostras de bom artista, ao menos no género do seu papel. A sua voz pareceu-nos pouco extensa, mas de um timbre agradável, cantando com bastante expressão e inteligência.

Todos os outros actores que entram nesta peça são portugueses, à excepção da senhora Persolli, que é italiana; e obrigados a cantar numa língua estrangeira fizeram quanto puderam para não

desmerecer, sobressaindo o senhor Faria no papel de contrabandista – e, realmente, este actor mostra bastante vocação para a arte dramática.

Esta pequena peça agradou. E com efeito o teatro espanhol tem sido em todos os tempos muito do gosto do público lisbonense. Estabelecido em Portugal no tempo dos Filipes, quase se pode dizer que nunca de entre nós saiu inteiramente, porque os teatros castelhanos, renovados em diferentes épocas, chegaram até aos nossos dias, e por aí há ainda muito quem tenha saudosas recordações das damas e bailarinas das companhias castelhanas dos teatros do Bairro Alto e Salitre.

IMP 59

(*O Espectador*, 13/10/1850, 2ª série, n.º 7, p. 56)

Ensaia-se no Teatro de D. Fernando, *O postilhão de Lonjumeau*, ópera-cómica em 3 actos, música de Adam; *O anel do Rei*, comédia em 2 actos; *Capitão!...de quê?* comédia em 1 acto.

IMP 60

(*O Interesse Público*, 19/10/1850, n.º 1039, p.2)

No Teatro de D. Fernando representou-se a bonita comédia *O Sargedas em Santarém.*, ornada de música e cheia de situações muito graciosas e naturais, escolha que mostra o bom gosto da direcção do teatro. Ensaia-se também o *Regedor da paróquia*, da Exm.^a Sr.^a D. Antónia Pusich, e sabemos existir na mão da direcção mais algumas peças originais do mesmo género que esperamos ver em cena, com interesse da arte e da sociedade.

A experiência mostra de dia para dia que as comédias originais (bem poucas nós contámos) são muito mais bem recebidas e agradáveis que as francesas, traduzidas pessimamente e muitas vezes ofendendo a moral e os costumes. A fugida da Sr.^a Persolli tem feito e deve fazer muita falta ao teatro, porque o seu porte gracioso e sedutor e o seu talento no canto atraíam sempre as simpatias dos espectadores. Esperamos, porém, que a empresa preencha esta lacuna do modo que for mais compatível com os interesses do teatro.

IMP 61

(*A Assembleia Literária*, 19/10/1850, n.º 39, p. 64)

Teatro de D. Fernando

Segunda-feira, 21 do corrente, é o benefício do Sr.^a Pinto, actriz digna da protecção do público, por isso muito estimaremos que a auxiliem como por tantas razões merece. No dia 29 debuta a Sr.^a Dorosila Mugnaine na ópera *Le caquet du convent*. A Sr.^a Regina Persolli entra na ópera espanhola *La venta del puerto*; julgamos que pelos bons desejos fará o possível por agradar [...] À última hora.

Cartas de Elvas nos confirmam a prisão da Sr.^a Catarina Persolli na mesma cidade, onde se acha em estado o mais melindroso de saúde!...

IMP 62

(*O Espectador*, 20/10/1850, 2ª série, n.º 8, pp. 59-60)

Teatro de D. Fernando

O Sargedas em Santarém

Farsa num acto com música

O talento de Ravel, um dos primeiros cómicos de Paris, é particularmente notável na maneira de se caracterizar, e com tanta propriedade o faz que dele se contam muitas anedotas em que o distinto artista, em suas viagens, se tem divertido à custa da ilusão que sabe produzir, mesmo fora da cena. Uma destas anedotas foi aproveitada para assunto de um vaudeville que tem por título *Ravel en voyage*.

Deste vaudeville é imitada a farsa *O Sargedas em Santarém*. Figura-se nesta que o senhor Sargedas fora do Teatro de D. Fernando para representar os *Trabalhos em vão* em Santarém. O acaso lhe deparou no caminho um homem que, sendo todo o seu retrato, se foi hospedar na mesma estalagem. O sogro deste, o empresário do teatro, e a estalajadeira, todos três, se enganam repetidas vezes com as duas figuras tão parecidas, resultando destes enganos uma tal confusão entre eles que vem a reflectir no público, de modo que a farsa acaba sem que este a tenha entendido.

E, na verdade, o nosso público não percebe convenientemente os papéis diversos feitos por um só actor na mesma peça. Todas as peças em que esta circunstância se tem dado, desde o *Próspero e Vicente* até ao *Conde de Santa Helena*, todas têm caído, à excepção da primeira. Esta experiência deve fazer com que os teatros sejam mais cautelosos na escolha deste género de peças e quando, por acaso, alguma destas se haja de representar, temos por essencial que nos cartazes se declare que o actor Fulano representará dois papéis.

O senhor Sargedas houve-se muito bem em toda a peça, executando os seus dois papéis com bastante propriedade e caracterizando-se de modo que, sem destruir a ilusão deles, conhece-se contudo que as figuras são diversas, como é de razão em tais peças.

Não concluiremos ainda sem dizer que a música das coplas deste vaudeville, parece-nos que original do senhor Casimiro, está escrita com a propriedade e gosto do género francês, o que muito e muito louvamos. E principalmente a primeira copla, depois do coro, é mui bonita.

O público não simpatizou com esta peça.

IMP 63

(*O Espectador*, 20/10/1850, 2ª série, n.º 8, p. 62)

Ontem (18) no Teatro de D. Fernando, a senhora Regina Persolli substituiu sua irmã na zarzuela espanhola *La venta del puerto*. O público deu-lhe as maiores provas de simpatia acolhendo-a com muitos aplausos e chamando-a ao proscénio no fim da peça. A senhora Regina apresentou-se bastante assustada, mas de resto o seu papel foi mui regularmente executado.

IMP 64

(*O Interesse Público*, 26/10/1850, n.º 1045, p.2)

No Teatro de D. Fernando desagradou, contra toda a expectativa, *O Sargedas em Santarém*. Não sabemos se a comédia não ser bem recebida foi devido ao seu merecimento ou a outras circunstâncias indirectas. Há plateias pouco justas assim como há outras muito indulgentes. Em todo o caso, a parcialidade não deve nunca ter lugar em juízos tão melindrosos como é a reprovação de uma peça. A Sociedade Empresária deu a peça em espanhol, onde substituiu a Sr.^a Catarina Persolli por sua irmã Regina Persolli. Avaliamos que isto foi devido aos embaraços com que tem lutado pela fugida da Sr.^a Persolli. Porém, a ideia não foi boa. A Sr.^a Regina não tem voz, nem graça, nem dote algum de cantora. *A Batalha de Montereau* subiu de novo à cena. A parte do encantador oficial das educandas foi entregue à Sr.^a R. Persolli!

Em quanto à Sr.^a C. Persoli, prenderam-na as autoridades a pedido da Sociedade do teatro. Consta-nos que a linda cantora cantou, a pedido de uma autoridade, em um soiré que essa deu. *A perseguida* pelas autoridades não estava muito resolvida a isso, mas, por fim, cedeu aos rogos do magistrado.

IMP 65

(*O Espectador*, 27/10/1850, 2ª série, n.º 9, p. 71)

Ensaia-se no Teatro de D. Fernando *O club*, farsa em 1 acto, ornada de música.

IMP 66

(*Revista dos Espectáculos*, 01/11/1850, n.º 9, 1º vol.)

No mês que findou ontem, apenas tivemos de novo neste teatro, a ópera-cômica – *Juan el contrabandista*, e a farsa em um acto, com música – *O Sargedas em Santarém*.

Juan el contrabandista é uma zarzuela engraçada, que o público aplaudiu com justiça. O enredo da peça é simples. Juan, chefe de contrabandistas oculta o contrabando e recolhe o armamento da sua tropa numa casa vizinha do mar em que habita uma bela andaluza, não só cúmplice do seu crime, mas também, o que mais vale, amante sua, e por isso duplamente interessada em afastar a polícia da sua porta. Infelizmente não era fácil desviar de uma venda as vistas do fisco; e a casa da formosa amante de Juan, bom é que se diga, não era nem mais nem menos do que uma venda, na qual, a toda a hora do dia, era franca a entrada a qualquer caminhante. Por isso o bando dos contrabandistas entrava sempre e saía de maneira que ao vê-los qualquer estranho diria que eles não eram senão honestos e pacíficos cidadãos, capazes de beber, é verdade, algum quartilho de mais, mas inofensivos e inocentes como uma dúzia de cordeirinhos. E enganava-se – porque naqueles contornos Juan era o rei do contrabando, e os seus ministros, em valor e energia, não tinham semelhança nenhuma com certos ministros que nós conhecemos.

Voltara de suas correrias dos contrabandistas e descansava com o seu bando em casa da famosa andaluza quando, sem que eles pensassem, entra pela porta adentro um destacamento. Outros, menos habituados ao perigo, surpreender-se-iam com a visita. Juan, senhor de si, começou a cantar, e tão sossegado se mostrou que o próprio sargento, com ter olho de lince, tomou o sagaz contrabandista por algum honesto freguês da casa. Não sei se a vista da bela ventêra concorreu também para isso. O certo é que, poucos momentos depois, a amante do contrabandista, sem que o quisesse, havia feito mais uma conquista. O sargento foi aquartelado nas vizinhanças, os contrabandistas saíram como quem ia a curar da obrigação, e a ventêra ficou só em casa, sem se inquietar com o incêndio que lavrava no peito do seu novíssimo amante. Poucos momentos antes a deixaram só. Um troço de estudantes destes que andam de terra em terra cantando tonadilhas e canções populares entrou pela porta a dentro. Vinham esfaimados, rotos e caindo de cansaço. Apesar disso, abafando os clamores frenéticos do estômago, o principal dos estudantes apaixonava-se pela ventêra. A muito custo consegue ela que se recolham a um quarto de casa, e depois de haver fechado a porta, vai também repousar um pouco das fadigas do dia.

Apenas começa o silêncio a reinar sente-se abrir a janela do quarto, o chefe dos estudantes desce e começa a procurar pela casa em trevas a bela moça que o hospedara. Um instante depois sente-se quebrar um vidro, abre-se outra janela e entra o sargento. Segue-se uma destas cenas cómicas que, por muito repetidas, já não fazem hoje grande efeito. Num acesso de entusiasmo o estudante beija a mão do sargento. Vem a luz e as explicações vão começar. Mas batem à porta, e os dois rivais colhidos de súbito em delito flagrante tratam de se esconder, um numa arca de farinha e o outro numa talha de água. Não foi por escondê-los, mas por vingar-se, que a bela andaluza para ali os conduziu. Apenas o chefe entra na casa, conta-lhe ela o que fez, e apresenta-lhe os dois prisioneiros, que depois de haverem permanecido por algum tempo saem de lá, um encharcado e tiritando com o frio, o outro coberto de farinha e jurando que não perseguirá mais os contrabandistas.

A peça foi geralmente bem desempenhada. Depois da fuga da Sr.^a Catarina Persoli (cujas vendas se mudou seguramente para as vizinhanças da raia, lugar mais próprio para o contrabando) tivemos em seu lugar a Sr.^a Regina Persoli que fez todas as diligências para desempenhar bem o seu papel.

Debutou nesta peça um novo tenor – o Sr. Molas – A sua voz, pouco extensa, é todavia agradável. Como cómico o Sr. Molas merece todo o elogio.

O Sr. Faria distinguiu-se no papel de contrabandista. O teatro espanhol tem as simpatias do nosso público. Este ensaio, que seguramente será seguido de novos trabalhos no mesmo género, fez honra à Sociedade do Teatro de D. Fernando.

O *Sargedas em Santarém* é uma imitação do *Ravel en voyage*. Figura-se nesta farsa que o Sr. Sargedas, actor do Teatro de D. Fernando, achando-se em caminho de Santarém, encontra um indivíduo que é o seu retrato vivo. Chegando a Santarém, onde o espera um empresário de um teatro particular, o Sr. Sargedas procura ocultar-se, mas o seu retrato vivo compromete-o sem querer. Umas vezes é o empresário que se dirige ao desconhecido, pensando que fala ao actor. Outras vezes é o sogro do viajante que se dirige ao Sr. Sargedas, pensando que é o seu genro. A estalajadeira fala alternadamente com um e com outro, e por tal arte se confundem todos que só dificilmente e a custo pode cada um deles, no fim de muito tempo, colocar-se no seu verdadeiro lugar. Esta imitação não foi bem acolhida. Depende sobretudo da habilidade do artista, esta peça

requer um público que sem dificuldade perceba os papéis diferentes desempenhados por um só actor. O público, em relação a peças deste género, está ainda no mesmo atraso lamentável em que o vemos quando acredita piemente, e na melhor fé, os elogios hiperbólicos que por aí aparecem a produções como – *Um Deus na Terra – Um rei só Deus*, etc., etc. Falta-lhe o critério para distinguir o que é irónico; assim como lhe falta para compreender o enredo de uma peça, cujas peripécias não são moldadas pelas que já conhece de longa data.

A empresa do Teatro de D. Fernando, desejando satisfazer os desejos do público, levou outra vez à cena a *Batalha*, em que a Sr.^a Regina Persolli se encarrega de defender o posto abandonado por sua irmã.

No dia 29 debutou a Sr.^a Drusilla, na ópera-cómica em um acto *Os mexericos do convento*. A ópera não desagradou.

IMP 67

(*O Interesse Público*, 02/11/1850, n.º 1050, p. 1)

Na Sexta-feira 29, para festejo do aniversário de S. M. el Rei, todos os principais teatros de Lisboa deram escolhidos espectáculos com peças novas. [...]

No Teatro D. Fernando representou-se pela primeira vez *O mexerico do convento*, ópera-cómica em um acto, traduzida pelo Sr. Mendes Leal Junior, música de Potier, onde debutaram as Sr.^{as} Drusilla e Freire. A Sr.^a Catarina Persolli apareceu Quarta-feira representando novamente na *Batalha de Montereau*. Não tivemos ocasião de assistir a esta representação nem temos notícia alguma do acolhimento que teve, mas é de julgar do cavalheirismo dos espectadores que fosse bem recebida, por isso que já deram provas de quanto apreciavam o seu merecimento. Nem podia deixar assim de suceder. É uma vilania servir-se da desgraça para satisfazer paixões ignóbeis e sentimentos pouco justos. A Sr.^a C. Persolli, sendo mal recebida, cairia o ridículo da acção sobre os espectadores. Há acções que ficam mais mal a quem as recebe, e o público lisbonense julgamo-lo muito cavalheiro para praticar acções que o não enobrecem. A Sr.^a C. Persolli é a melhor cantora do Teatro de D. Fernando, reunindo ao mérito que possui uma ingenuidade e graça que a tornam apreciável o público sentiu muito a sua falta, o teatro havia de sofrer deterimento nos seus interesses se não continuasse.

IMP 68

(*O Espectador*, 03/11/1850, 2ª série, n.º 10, pp. 75-77)

Teatro de D. Fernando

Os mexericos do Convento

Ópera-cómica em 1 acto, traduzida do francês, música de Potier.

Debut das senhoras Drusilla e Freire.

Contíguo a um convento de freiras de Sevilha, no jardim palácio da marquesa d' Arcos, passa-se uma cena florida e garrida como a amenidade do lugar o pedia. A marquesa apresenta a sua irmã, Isabel, educanda que acabava de sair daquele convento, a D. Fernando, um oficial moço, seu primo, e que lhe está destinado para marido. Serafina, outra irmã da marquesa, com as companheiras, educandas também do mesmo convento, são confiadas pela abadesa à marquesa para passarem com Isabel a véspera do seu noivado.

As jovens educandas vindas todas impressionadas com o ruge-ruge* que no convento corria de que uma mulher ficava perdida se dormindo era vista por algum homem e este recusava casar com ela. A jovem Serafina, o furão do convento, era a causa inocente deste pânico das donzelas. Divertia-se a comer bolos na cela da velha soror Úrsula, quando sentiu parar uma carruagem à porta do convento. A curiosa da menina espreitou por entre o canavial da cerca e viu apear uma senhora toda lacrimosa e conduzida por um familiar do Santo Ofício. Percebeu que a fechavam no cárcere do convento e ouviu que a triste senhora se lamentava do *amor... fatal veneno!* Não podendo conciliar no seu espírito a sua suavidade das ideias do amor com os efeitos do veneno, resolve-se a pedir a soror Úrsula que lhe explique o que vira e ouvira. A freira velha,

experimentada nos perigos do mundo e da curiosidade feminina, disse-lhe que aquela senhora era encarcerada e ficara perdida e desonrada, porque um guapo moço entrara no seu quarto enquanto ela dormia e tivera a crueldade de... de a ver dormir, recusando depois casar com ela.

Ora Pacheco, um certo estudante, cobiçoso de casar-se e dando no jardim com um bando de raparigas, que todas lhe parecem lindas, morre-se por todas. Sabendo o lugar onde elas pernoitam tem o arrojo de as espreitar. Serafina sonha que vê dois olhos de homem que a lobrigam pela janela e levanta-se sobressaltada para vir fechá-la, receosa de ser vista a dormir. Encontra-se então com Pacheco e aí se tratam logo os preliminares do seu mútuo casamento.

O pior porém está para acontecer. O noivo de Isabel não quer passar de uma entrevista de cerimónia imediatamente à igreja e, para intermédio, pede a Isabel um encontro no jardim. A noiva, para provar que será obediente esposa, não falta ao apazado encontro. Mas, enquanto espera, adormece sentada num caramanchão, deitando um malmequer. Eis que o noctívago Pacheco lá vai dar também com esta ao tempo que Isabel acorda, e vendo um homem diante de si julga-se perdida se ele a não desposar. Fernando, que sobrevem, brama de ciúme, enquanto não sabe da balela do convento, mas depois que lhe contam a peta de soror Úrsula tudo acaba em bem, casando ele com Isabel, e Pacheco com Serafina.

Como se vê, o pensamento desta pequena peça tem novidade e graça. A sua singeleza é igual ao mimo do desenvolvimento, e a finura da intenção sobressai graciosamente no travesso das situações.

A música é por vezes bonita e graciosa, e originalmente desenhada como o fora a ideia dramática. Não ocultamos, porém, que esta peça ouvida no teatro das Laranjeiras em 1848 nos pareceu em tudo superior ao que desta vez ouvimos. Lá conheceram-se e apreciaram-se todas as belezas do poema, aqui todas elas passaram despercebidas; lá agradou muito a música, principalmente os coros, que todos são de damas, aqui toda a música foi recebida friamente, e talvez ainda mais os coros.

E, na verdade, nota-se um certo desalinho e falta de nexos em toda a execução musical^[1] e uma incúria e desconveniência tal no desempenho dramático e tais deficiências na *mise-en-scène*, que este resultado não é para admirar. É de esperar, porém, que se esta peça continuar em cena se possam ir remediando alguns destes defeitos, se eles por ventura são remediáveis. Mas dos quais, todavia, individualmente exceptuamos a senhora Maria Amália Macedo, que na generalidade do interessante papel de Serafina se houve com a sua natural habilidade, assim pudesse ter dado mais mimo aos seus gestos e maior nobreza ao seu porte. As tímidas educandas do convento de Sevilha são antípodas das bulhentas pensionistas do colégio de Montereau. Não fazemos esta reflexão à menina Macedo, ainda muito nova para bem avaliar tais reparos; fazêmo-la a quem tiver a seu cargo o agradável empenho de dirigi-la, porque desejáramos que a sua educação artística fosse condigna do seu talento.

A senhora Druisilla, de cujo mérito como cantora já tratámos em o nosso número 5, parece-nos uma excelente aquisição para este teatro. Vê-se que emprega todas as diligências e boa vontade para bem pronunciar o português e mostra bastante inteligência pela maneira com que se expressa. Carece muito, porém, de bons conselhos sobre o modo de se apresentar convenientemente caracterizada. Achamos que a senhora Druisilla prepara mal a sua fisionomia, aliás agradável e juvenil, e usa mal da sua figura, aliás gentil. Qualquer pequena reflexão fará com que esta artista possa dignamente alardear os seus dotes naturais.

A senhora Freire, noutro tempo discípula do nosso Conservatório, tem uma voz pouco volumosa mas agradável. Noutra peça, talvez teremos melhor ocasião de podermos avaliar as suas qualidades artísticas.

* Aqui faremos de passagem um leve reparo sobre a tradução do termo francês *caquet* pelo substantivo *mexericos*. Mexerico diz-se quando alguém intriga ou refere coisa oculta para semear cizânias, meter dissensões ou ter cabimento com outrem. Por consequência é vocábulo sempre tomada à má parte. Mas nem o termo *caquet*, nem o trecho da peça dão a entender semelhante coisa. O que aquele significa é a papeação, taramelice, falatório, ruge-ruge ou, ainda, balela que vogava no convento e cujos resultados a peça põe em acção, como em cima se irá vendo pela análise do seu trecho.

IMP 69

(*O Interesse Público*, 09/11/1850, n.º 1056, p. 2)

No Teatro de D. Fernando faz-se sentir a falta de algumas comédias novas para novidade dos espectadores e mesmo porque depois de se apresentar uma ópera recebe-se com mais agrado uma comédia de outro género do que outra ópera. Na diversidade dos espectáculos, no equilíbrio dos gostos é que está o segredo de chamar concorrência. O que é muito repetido perde por fim da graça primitiva e conduz ao aborrecimento. Esse aborrecimento é de grande interesse de um teatro evitar. O teatro é necessário ter em vista um fim variável – a *distracção*.

IMP 70

(*O Interesse Público*, 16/11/1850, n.º 1062, pp. 1-2)

No Teatro de D. Fernando continuam *Os mexericos do convento* a serem pateados e a empresa a apresentá-los sempre em cena. Em muitas noites não passa o acto de metade porque a pateada impede a sua continuação. O Sr. Rorick tem sido mal recebido. O preço da plateia geral subiu e está igual ao da superior, o das galerias, que foi algum tempo o mais subido, está hoje quase o mais barato.

Ensaia-se a ópera *A Giralda*, que nos dizem subirá à cena para o fim do mês, e ouvimos falar nas comédias *O regedor da paróquia*, *Um club*, e *Um criado da pomba de ouro*, que convenientemente se apresentarão.

IMP 71

(*Revista dos Espectáculos*, 16/11/1850, n.º 10, 1º vol., p. 74-75)

Ao passo que a declamação vai definhando sensivelmente nos teatros da capital, a música instala-se, aclimata-se e prospera gradualmente, ao menos, em quase todos. O teatro de Santa Justa deve-lhe até a sua própria regeneração. – O estado florescente a que chegou depois de atravessar as mais difíceis e desesperadas crises - a popularidade de que actualmente goza - a concorrência que diariamente sabe atrair – é tudo obra da nova ordem de espectáculos a que a empresa, por uma feliz inspiração, ultimamente recorreu. Não é pois de estranhar que o novo contrato se consagre quase exclusivamente à ópera-cómica, é o género favorito do público e o que mais propício tem sido à companhia, à falta de outro, eis aí um dúplice e atendível motivo para ser cultivado de preferência.

A última ópera-cómica representada no Teatro de D. Fernando é o *Caquet du convent*, vertido em português, não sabemos se com grande propriedade, por *Mexericos do convento*. A música se não pode reputar-se igualmente boa, tem alguns trechos de notável originalidade e graça. Merecem especial menção os dois tercetos da Marquesa dos Arcos, Isabel, e seu primo, bem como a cavatina de Pacheco de muita harmonia e gosto. Os coros são geralmente bonitos. Fora para desejar que a letra do poema se fizesse mais perceptível, como nos parece essencial na ópera-cómica. Os franceses evitam ordinariamente com grande tino e habilidade este defeito, em quanto a nós importante. Seria bom estimulá-los.

O assunto da nova peça não oferece coisa notável. É uma acção simplíssima, despida de quase todo o interesse dramático, e prolongada talvez demais para o alcance do seu pensamento. É daqui naturalmente que provém a espécie de frieza com que tem sido recebida, e para que também devem contribuir não pouco as lembranças, ainda vivas, do aristocrático teatro onde teve a fortuna de ser, há tempos, representada. Exporemos o sujeito do poema e ocupar-nos-emos depois da execução.

A Marquesa dos Arcos, viúva ainda jovem, e não sabemos se formosa ... na fantasia do autor, não se descuida, como boa irmã que é, do futuro que deve preparar às suas travessas e interessantes manas.

A prova é que estamos chegados à véspera de um grande e faustoso dia, o do casamento de Isabel, irmã mais velha da Marquesa. O noivo é apresentado à sua futura, e aproveita a ocasião

de ajustar com ela um encontro noturno, que deve ter lugar no jardim do palácio. Os noivos nunca haviam passado juntos uma só hora, era justo que não os surpreendesse o altar sem o inocente preliminar de um colóquio amoroso. Demais, na véspera de um casamento não admira que dois jovens que se amam tenham mil confidências que segredar, mil comunicações a fazer, mil assuntos em que largamente discordam. Privá-los de semelhante liberdade fora atentar grosseiramente contra as regalias do estado e influir talvez perniciosamente na estatística de himeneus. No teatro ao menos não aconselhamos tal.

Para assistirem ao casamento de Isabel obtêm as educandas de um convento próximo a grata licença de vir passar com a noiva o ditoso dia. Vêm todas buliçosas, contentes e galhofeiras, como era natural em semelhante caso, infelizmente não dura muito a sua viva e expansiva alegria. Uma revelação inesperada faz mudar num instante a boa disposição daqueles crédulos e levianos espíritos. É Serafina, o maldito furão do convento, como a abadessa lhe chamava, e irmã mais nova da Marquesa, quem espalha com a sua taramelice um pânico terrível nas fileiras das tímidas donzelas. O caso, que vira e que narra às suas companheiras, é o seguinte – estava uma vez comendo bolos na cela da velha madre Úrsula quando ouviu o estrondo de uma carruagem, que parou à porta do convento. Por curiosidade, bastante natural no seu sexo e idade, espreitou e viu... o quê? – uma senhora debulhada em pranto, conduzida por um familiar do Santo Ofício ao cárcere do convento. As únicas palavras que percebeu foram - *amor ... fatal veneno!* – Desejosa de saber a causa de semelhante aventura abalançou-se a interrogar a respeitável soror Úrsula. Velha freira, a quem certamente não conviria dizer a verdade, respondeu-lhe, como prudente matrona que era, com uma santa e virtuosa peta. Segundo ela, a pobre senhora, barbaramente encarcerada, fora vítima de uma atroz desgraça que a perdera e desonrara para sempre aos olhos do mundo... tinha havido um celerado mancebo, que entrara no seu quarto enquanto ela descansava e... e que a vira dormir sem casar depois com a infeliz e difamada menina! – A história inocentemente comentada, voa de boca em boca, e enche de susto os corações inquietos das timoratas educandas.

Não tarda que o terror cresça consideravelmente.

Um guapo mancebo, que fora convidado para assistir ao próximo consórcio, vem encontrar no jardim as preocupadas jovens. Apesar do sobressalto não deixam de trocar-se entre o recém-chegado e as educandas alguns furtivos, mas eloquentes, olhares. Serafina, como a mais curiosa, é a que mais observa mais atentamente o estudante, que não deixa de retribuir-lhe com liberdade. Não é aqui porém que está o perigo! o pior é o que vai suceder. As educandas recolhem-se a uma estufa onde têm de passar a noite. Dormiam já profundamente quando Pacheco volta ao jardim, aproxima-se da estufa, olha, repara, espreita e vê-as dormir! Quase ao mesmo tempo, Isabel que tinha vindo esperar Fernando ao sítio ajustado, adormecera também num caramanchão e é vista igualmente pelo arrijado mancebo. A noiva e as educandas acordam, e Pacheco é encontrado em flagrante delito... de curiosidade. Todas se julgam perdidas, todas o acusam, todas o reclamam para marido, Fernando, o prometido esposo de Isabel, chega nesta ocasião e, julgando Pacheco um sedutor infame, injuria-o, ameaça-o, desafia-o. A tempestade chegou ao seu auge, quando as ingénuas explicações de Isabel a vêm serenar. O casamento não se frustra - pelo contrário, duplica-se, porque Pacheco pede a mão a Serafina, e a honra do convento fica salva. Assim termina a peça conjugalmente, como quase todas, para satisfação da moral e do belo sexo.

O desempenho não foi tão igual e completo como seria para desejar. À excepção da Sr.^a Drusilla no canto e da Sr.^a Maria Amália na parte dramática, a peça não pode julgar-se muito feliz a este respeito. Notaram-se descuidos que importa evitar por meio de frequentes e bem dirigidos ensaios. O Sr. Rorick, além de nem sempre entrar a tempo, vai enrouquecendo repetidas vezes. Na declamação os seus progressos não passam de negativos. Outro tanto sucede nesta parte ao Sr. Lisboa, que apresenta as mesmas inflexões e os mesmos gestos em quase tudo. Não terminaremos sem observar que nem todos os personagens vinham convenientemente caracterizados, e que no cenário também seriam acertadas algumas alterações, a estufa, por exemplo, como apareceu nas primeiras récitas, ninguém a tomaria se não por um tosco viveiro de pássaros. É mister atender a todas estas e outras muitas considerações, igualmente óbvias, se não querem arriscar-se a desmerecer do favor e conceito público. A empresa ou a direcção que a

representa deve tentar prevenir estes ou outros quaisquer reparos, pelos meios que tiver no seu alcance.

IMP 72

(*O Interesse Público*, 23/11/1850, n.º 1069, pp. 1-2)

A *Semana Teatral* esteve numa esterilidade admirável. Os nossos teatros não apresentaram uma só variação ou novidade nos seus espectáculos – *O templo de Salomão*, *O andador das almas*, e *A batalha de Montereau* não abandonaram os nossos principais teatros. E o público, já cansado de ver a *Emília travessa* e de ouvir a Sr.^a Rosalina a recitar os versos do andador, se possuído de *spleen* se encaminha para o templo da Sr.^a Persolli, não é lá muito distraído. Os *Mexericos* cobertos de pateadas são anunciados nos cartazes, mas às vezes a *doença* da Sr.^a Drusilla impede a sua representação e lá aparecem para os substituir dois duetos da *Barcarola*! No benefício do Sr. Vitorino sucedeu isto. Notamos, porém, que cumpre à direcção ter cuidado em que centenas de pessoas não admitem a péssima redacção com que tais avisos ou contra-avíscios são feitos. O de Segunda-feira deu assunto a ditos que lhe são pouco lisonjeiros. Segunda-feira há-de ter lugar no Teatro D. Fernando o benefício da Sr.^a Persolli. O nome da beneficiada é por si só bastante para atrair nesta noite ao teatro uma concorrência numerosa e escolhida. O mérito da Sr.^a Persolli, não desconhece alguém, todos sabem que é o principal íman do teatro, e por isso concorrer ao seu benefício, ao primeiro benefício que faz no Teatro de D. Fernando é um dever do público que ela tem encantado pelos seus dotes artísticos. Cremos que, além disso, teremos um escolhido espectáculo, pois que a direcção não podia deixar de atender à pessoa da beneficiada.

IMP 73

(*O Interesse Público*, 30/11/1850, n.º 1076, pp. 1-2)

A Sr.^a Persolli retira-se do Teatro de D. Fernando. Não o dizemos sem pena porque desejamos os interesses da empresa e sabemos quanto esta vai perder com a sua saída da companhia, por isso que se lhe retira o astro que abrilhantava o teatro e o fazia resplandecer mais que o lustre em que tantos bicos de gás o ilumina! Percebem a comparação, que acusa falta de poesia. Mas sabemos dar o seu a seu dono. No folhetim está talvez mais próprio o estilo burlesco.[...] Não nos pergunteis por notícias teatrais, coisa nenhuma poederia acrescentar ao que já sabeis. Os nossos teatros, estacionados, não apresentam novidade no seu repertório. Se vos disséssemos que em quase todos os teatros se ensaia *A Giralda*, que o D. Fernando tem algumas comédias em quarentena [...] não diríamos coisa alguma que já não soubésseis.

IMP 74

(*O Espectador*, 01/12/1850, 2ª série, n.º 14)

A senhora Emília das Neves foi estabelecer-se no Porto, como empresária de uma companhia nacional no teatro de S. João. Muito estimamos que a ilustre artista tomasse uma deliberação que lhe há de mostrar pela prática como são condenáveis e injustas certas exigências de alguns escritores.

IMP 75

(*A Assembleia Literária*, 02/12/1850, n.º 40, p. 72)

Teatro de D. Fernando

A 29, dia de grande gala, debutaram as Sr.^{as} Dorosila Mugnaine e Freire, discípula do nosso conservatório. O público aplaudiu com justiça a Sr.^a Dorosila. A Sr.^a Freire tem uma voz clara e entoada. A peça foi *Os mexericos do convento*, tradução do nosso ilustre poeta o Sr. José Maria Mendes Leal Júnior, música de Potier. Não é das músicas que mais nos agrada, porém conhecemos que é mui fina e tem merecimento.

A Sr.^a Catarina Persolli apareceu em cena e recebeu do público todas as demonstrações de indulgência e afeição.

A 4 do corrente é o benefício do Sr. Sargedas, a 11 é o benefício do Sr. Pinto. Estimaremos que o público auxilie estes dignos artistas que tanto se desvelam por lhe agradar, o que têm conseguido; e por isso esperamos continuem a ser favorecidos com a protecção do público.

IMP 76

(*O Interesse Público*, 07/12/1850, n.º 1082, p. 1)

Os desejos dos nossos leitores [...] que exigirão do folhetinista a resenha completa das novas peças dos teatros e que quererão [...] que lhes conte como se recebe *A Giralda* no D. Fernando, que lhes confesse se a Sr.^a Persolli deixou saudades aos espectadores e ao primo Lulu.

IMP 77

(*O Interesse Público*, 12/12/1850, n.º 1086, pp.1-2)

Teatro de D. Fernando.

Giralda ou *A nova Psyché*.

Ópera-cómica em 3 actos, poesia de Scribe, música d' Adams.

A *Giralda* representou-se pela primeira vez em Paris no Teatro da Ópera-Cómica no mês de Julho do ano corrente. Nunca Scribe e Adams fizeram obra mais espirituosa e alegre, a partitura é das mais engraçadas que temos visto.

Giralda é uma jovem espanhola destinada em casamento ao moleiro Gines, pelo qual não sente a menor sombra de afeição, isto porque, indo uma Quarta-feira ao mercado, logo ao amanhecer, foi atacada dos salteadores e salva por um desconhecido a quem não viu o rosto, ficando-lhe com tudo a voz gravada no coração.

Desde esse dia não se passou uma só Quarta-feira sem que o desconhecido deixasse de se achar no mesmo lugar onde encontrou Giralda. Esta fez parte a Gines desta aventura, este, porém namorado do dote, zombou da confiança e fixou a hora dos esponsais para a meia noite.

Nem as confissões de Giralda nem a chegada do rei e rainha nesse dia à aldeia obstam à cerimónia.

Um pouco antes da meia-noite, Gines achando-se só, aproxima-se dele um indivíduo e lhe promete em troca do seu chapéu, da capa e da noiva, uma soma superior ao dote. O ambicioso moleiro aceita a oferta e os noivos dirigem-se para uma capela da igreja demasiado escura, de maneira que Giralda casa sem a menor desconfiança com o desconhecido. Sua majestade católica desejando passar o tempo, e sabendo da celebração de um casamento, e que a noiva era moça e formosa, ficando a sua habitação apenas meia-légua distante da herdade onde havia parado, dirige-se àquele sítio. O monarca castelhano, moço atrevido, galanteador, chega ao moinho no meio da mais profunda obscuridade, acompanhado tão somente por um criado velho e fiel. Apesar de ser rei nem por isso é mais feliz do que Gines, pois enquanto busca orientar-se para descobrir o objecto que o conduz a estes lugares ouve um estrondo bastante significativo que lhe faz ver quanto chegou mal a propósito.

O esposo misterioso e feliz reconheceu o importuno, e o meio de se desembaraçar dele é prometer a Gines uma forte soma, contanto que este previna a rainha de se achar o rei no moinho exposto a eminente perigo. Na volta é ao próprio rei a quem Gines dá parte da sua missão julgando dirigir-se ao desconhecido. Vendo que a rainha não pode demorar-se, o rei só trata de ocultar-se, e é o próprio desconhecido quem lhe facilita os meios. Em remuneração de um tal serviço lhe promete o rei conceder-lhe a graça que pedir. A rainha apresenta-se então precedida de toda a sua comitiva, mas só encontra D. José d'Atocha, que por esquecimento havia ficado de sentinela a uma janela para prevenir o rei da chegada da rainha. Vê-se este obrigado a declarar que se acha casado com a Giralda, o que esta não pode negar, pois só sabe não estar casada com Gines mas sim com um desconhecido de quem nunca viu o rosto, apesar das rugas de D. José não condizerem com o belo ideal, que havia sonhado, nem a harmónica voz

que até então ouvira se parecer com a voz quebrada e rouca que ouve. O *quidproquo* continua a complicar-se durante todo o acto, a tal ponto que o velho confidente é acusado do crime de bigamia por estar legitimamente casado com outra mulher não menos jovem, nem menos bela.

Finalmente graças aos prodigiosos recursos do espírito de Scribe, tudo se explica. Giralda fica sendo mulher de D. Manuel, valido do rei e da rainha, daquele, enfim, a quem ama. O que é de razão, pois aliás seria sair dos hábitos dramáticos, segundo os quais tudo acaba em casamento.

Toda esta produção é conduzida com infinita graça, provocando a hilaridade desde o princípio até ao fim, coisa rara e preciosa no tempo presente. A jovialidade do poema prestou-se admiravelmente ao talento do maestro, em cuja imaginação nunca se apresentou nem mais viva nem mais fértil, nem mais delicada.

Em primeiro lugar devemos mencionar a abertura, delicioso mosaico de temas graciosos, que se desprendem como em relevo a par de uma instrumentação de extrema finura e do mais brilhante colorido. O coro da introdução é todo ele de arrebatamento, e os couplets de Gines, em forma de invocação ao seu vestuário de casamento, são habilmente trabalhados.

A cavatina de Giralda – *Sonho gentil da mocidade* – é da mais esquisita expressão e gosto. Segue-se depois o duo entre Giralda e Gines, brilhante pelo seu andamento vivo e bem combinado.

A ária de D. Manuel é um dos pedaços mais felizes da partitura: no andante e melodia é de uma suavidade admirável. O tema do alegre, começando pelas palavras *Oh flor da manhã*, é da mais perfeita elegância. O duo em seguida cantado pelo mesmo e Gines, *Podes bem calcular*, é dialogado com um espírito de cena cómica de grande merecimento, pode chamar-se verdadeira comédia musical. A este duo segue-se o belo coro dos desposórios, o mais característico de toda a ópera.

Na ária da entrada do rei admira-se o tema e vocalização, sobre o ritmo de bolero que é do maior efeito e bom gosto. O coro religioso em que as damas oram pelo fim da santa peregrinação da rainha é um tipo de perfeição. O final do primeiro acto é tratado com infinito talento e o motivo principal tem grande mérito.

O segundo acto começa por um coro de damas conduzindo Giralda à câmara nupcial, tem uma cor toda misteriosa finalmente expressiva.

Os couplets cómicos de Gines, *Em quanto fico celibatário*, são graciosíssimos. No meio de uma série de cenas semeadas de engraçadas farsas é cantado um duo e um trio, sendo dos mais bem combinados pedaços de partitura, no duo, que é entre Giralda e D. Manuel, encontra-se uma expressão voluptuosa que só é dado à música exprimir, sem ofender as conveniências.

O trio e a cena em que o rei procurando Gines ouve de repente do lado oposto o som de beijos, em que o monarca faz de baixo, e baixo obrigado, é da mais deliciosa originalidade.

Do final deste acto devemos citar uma melodia larga e de um sentimento do mais belo desespero cantada por Giralda.

O terceiro acto não é menos rico de música, é ornado de uma ária de Giralda, romance da rainha e de um quinteto, verdadeiro golpe de força musical e de todas as peças concertantes a mais sublime e a mais bem escrita.

O romance do rei, *Anjo dos céus*, pareceu-nos perfeitamente escrito.

Finalmente, um duo de Giralda e D. Manuel merece toda a atenção, a última frase do final, cantada por Giralda e D. Manuel, *Mistério de amor*, merece ser citada e aplaudida sem restrição. Para nos resumirmos, diremos que se devem ao talento de Adolfo Adams grandes produções. Segundo a nossa opinião a partitura de *Giralda* é superior a todas.

Como nos apresenta o Teatro de D. Fernando a *Giralda* de Adams.

A Sr.^a Drusila foi encarregada do principal papel, à Sr.^a Freire coube-lhe ser a rainha – o Sr. Lisboa executou o papel de rei, o Sr. Rorick representou D. Manuel, o Sr. Sargedas o moleiro e o Sr. Faria o papel de D. José.

Daremos os nossos louvores bem sinceros ao Sr. Casimiro, a quem se deve o bom andamento de tão difícil produção. Aos empresários cabe-lhes o elogio pela perfeição e riqueza da mise-en-scène, no que se houveram com inteligência. A Sr.^a Drusila é, sem lisonja e com justiça, a quem cabe a maior soma de louvores.

Se o público está contente com esta artista, não o deve ela estar menos com este. O seu triunfo foi completo e as simpatias foram gerais.

Os Srs. Rorick e Lisboa cantaram com gosto e habilidade, folgamos ver que este último Sr. começa a desprender-se de um acanhamento mal justificado. O Sr. Sargedas mostrou-se artista inteligente. O Sr. Faria, encarregado de um pequeno papel, não deixou de agradecer. A ópera-cômica a *Giralda* fará por longo tempo as delícias dos habituados do Teatro de D. Fernando, e por muitas noites os aplausos provaram aos actores quanto deixam o público satisfeito.

IMP 78

(*O Interesse Público*, 14/12/1850, n.º 1088)

Depois que se publicou neste jornal um folhetim sobre o mérito e desempenho da *Giralda* no Teatro de D. Fernando que poderemos acrescentar que ininteresse aos nossos leitores?

IMP 79

(*O Espectador*, 22/12/1850, 2ª série, n.º 16, p. 128)

Ensaia-se no Teatro de D. Fernando a ópera-cômica em 3 actos *O sonho de uma noite de verão*, música de A. Thomas, e as farsas: *Uma hora no Cacém*; *O Tenente ou os sessenta cartuchos na patrona* e *Quem não tem padrinho morre mouro*.

IMP 80

(*O Interesse Público*, 28/12/1850, n.º 2000, p. 2)

Continuam os juízos sobre a *Giralda* nos teatros de D. Fernando e Ginásio.

IMP 81

(*O Espectador*, 29/12/1850, 2ª série, n.º 17, pp. 129-130)

Teatro de D. Fernando

Giralda, ou *A nova Psyché*

Ópera-cômica em 3 actos. Poesia de Scribe. Música de Adam.

Giralda é uma palavra espanhola que significa em português catavento ou ventoinha, e era de esperar que, com este título, o espirituoso Scribe quisesse caracterizar uma protagonista infiel, propensa a mudar de amante a qualquer sopro de seus caprichos femininos. Ou que, lembrando-se da torre mourisca de Sevilha, que hoje serve de torre de sinos da Sé, e à qual chamam Torre da *Giralda* porque tem cima um catavento com a figura da Fé, combinasse a lenda de D. João de Maraña, que numa noite de ebriedade lhe veio à cabeça convidar esta torre para cear com ele (como D. João Tenório convidará a estátua do Comendador), com algum daqueles bonitos enredos de que tamanha provisão acha sempre na sua fantasia para divertimentos dos espectadores.

Nem uma nem outra coisa aconteceu, porém. *Giralda* é o nome de uma aldeã espanhola, nova *Psychis*¹, e aqui teremos que fazer um novo reparo, porque a não ser a curiosidade desta aldeã em querer conhecer seu marido, curiosidade que a todas as mulheres faria dar, forçosamente, o título de nova *Psychis*, não sabemos em que a história mitológica da esposa de Cupido, mãe da voluptuosidade, ou a sua alegoria, possam ter correlação com a destinada esposa do moleiro Gines, cujos encantos são disputados por nem menos de quatro concorrentes.

Quem for ao teatro ver a *Giralda* é preciso deixar o bom senso à porta, guardado na casa das bengalas. Para esta composição ser em tudo escura, até os dois primeiros actos se passam nas trevas. Já se vê, pois, que através de tanta sombra pouco poderíamos elucidar os leitores sobre o seu entrecho. Não obstante tanta escuridão, porém, o público mostrou divertir-se muito com esta peça, não só no seu complexo, mas ainda em muitas situações particulares.

A música é bastante banal, quase toda com ares de música de baile, de modo que mais parece assistirmos a um espectáculo coreográfico do que ouvirmos uma composição melodramática. Mas, por isso mesmo, tem muito movimento e está escrita com grande habilidade. A sinfonia consta quase toda de um fandango, que é o final do 2º acto. Segue um coro de introdução no qual estão intercaladas as coplas² de Gines (Sargedas) e as de Giralda (Druisilla). Temos por demasiado longo o episódio do fato do noivo, onde se repetem muitas palavras e grande número de frases musicais. Nesta introdução está também enxertada uma caricatura da dança *Paquita*, inventada neste teatro onde três ou quatro crianças dançam sofrivelmente para a sua idade, mas que de bom grado dispensaríamos. Vem depois uma bonita ária de D. Manuel (Rorick) sensabormente cantada; e um dueto entre o mesmo e Gines. A primeira parte deste dueto está escrita no estilo bufo italiano; a segunda parte é toda francesa. Pareceu-nos este o trecho mais notável da partitura. Por fim temos uma ária do Príncipe das Astúrias (Lisboa), menos má, e um final medíocre.

O 2º acto começa por um bonito coro de damas e umas engraçadas coplas de Gines. Segue-se um dueto entre Giralda e D. Manuel, cuja cabaleta, em 3 por 4, é uma linda valsa. Vem depois um terceto entre estes e o Príncipe das Astúrias com uma cabaleta em ritmo muito agradável e original, e por último um final com muita vocalização da Giralda.

O 3º acto rompe com uma bela ária de bravura da Giralda à qual se seguem umas coplas da Rainha (Freire). Vem depois um quinteto bonito e original em que se distingue a narração de Gines. A este quinteto seguem-se umas coplas de Giralda e outras de D. Manuel, e a ópera termina com um final e novas vocalizações da Giralda.

Da instrumentação desta peça nada poderemos dizer em referência ao seu autor porque nos consta que, pela maior parte, fora instrumentada pelo senhor Casimiro sobre uma partitura de piano e canto. Mas Halevy, compositor também, gaba muito a instrumentação de Adam, porque «através de um tecido brilhante de orquestra se percebe clara e límpida a acção do drama, uma das numerosas dificuldades da ópera-cómica, notavelmente vencida por Gretry, Boildieu, Herold e Auber».

Temos esta peça por muito superior às forças da companhia, tanto em canto como em declamação; não deixaremos porém de louvar todos os esforços que se façam para interessar o público e tornar a cena portuguesa cada vez mais variada e brilhante. A senhora Druisilla tem sido muito aplaudida, principalmente no 3º acto, e o senhor Sargedas na parte de canto merece também algum louvor.

Os senhores Rambois e Cinatti têm-nos acostumado a tão magníficas obras do seu belo pincel que a vista do 2º acto não é digna de menção, comparada com elas.

O vestuário em geral é novo, e o das primeiras partes suficientemente rico. Não simpatizámos, porém, com algum dos acessórios do traje dos camponeses.

Simplório ou a herança de minha mulher

Farsa num acto.

Não podemos dar notícia aos nossos leitores do que é esta farsa porque nem nós nem ninguém que assistisse à sua primeira e única representação, estamos certos, pôde perceber nem sequer uma só das cenas. É impossível, pois, avaliá-la em nenhuma das suas partes, nem mesmo na do desempenho, porque os espectadores, indispostos com algumas situações equívocas, começaram a patear a peça quase desde a primeira cena, e assim continuaram até descer o pano, sem que os actores soubessem mais o que diziam ou faziam nem o público o que via ou ouvia.

Não fazemos, pois, mais do que registrar a queda de mais uma peça de declamação neste teatro. O que em quanto a nós corrobora a opinião em que estamos de que o público não tolera peças declamadas no Teatro de D. Fernando.

¹ Pedimos licença ao cartaz para traduzir assim o *Psyché* francês

² Também aqui pediremos licença ao cartaz para empregarmos o termo coplas em vez de *couplets*.

IMP 82

(*A Revolução de Setembro*, 04/01/1851, n.º 2636, p. 1)

Temos os mesmos ministros, possuímos a mesma câmara, há a mesma gente nos camarotes do teatro, continuam as mesmas *Giraldas* nos espectáculos portugueses, aparece a mesma bela Sofia na *Esmeralda* [...]

Nesta comédia governamental e representativa, distribuíram os papéis e executam-se com exemplar solicitude: faz um de galã, outro de tirano, outro de confidente, outro de *pai nobre*. Ajustam todos os quatro anos, por empreitada, os coros, e legislam, governam, improvisam crises, fantasiam terceiros partidos, sendo ao mesmo tempo empresários deste pequeno teatro entalado entre Espanha e o Oceano. E nós, espectadores obrigados, não temos outro remédio se não uma pateada, as mais das vezes bem contrapesada pelas palmas frenéticas de alguns esfomeados *claquers*!

De tudo isto se conclui que o ano de 1851 há-de ser tão estéril como os outros, para a civilização, para a dignidade.

Lopes de Mendonça

IMP 83

(*O Interesse Público*, 04/01/1851, n.º 2005, p. 1)

A *Giralda*, não fosse já vista com música e sumptuosidade nos teatros de D. Fernando e Ginásio, agradaria neste teatro [D. Maria II] pelo engenhoso enredo de Scribe, ornado de situações que a declamação torna mais próprias do que a música.

IMP 84

(*O Espectador*, 05/01/1851, 2ª série, n.º 18, pp. 136-138)

Teatro de D. Maria II

Giralda

Comédia em 3 actos, traduzida de Scribe

No dia 1 do corrente dava-se a *Giralda* em três teatros de Lisboa: no de D. Fernando e Ginásio como ópera-cômica que é; no de D. Maria II como comédia declamada, em que a tornaram. Este acontecimento, novo entre nós, da mesma peça ser representada ao mesmo tempo em mais de um teatro, merece ser intimamente conhecido. [...]

O ser a *Giralda* a peça da moda, e este precedente, suscitaram a ideia de dar a *Giralda*, como comédia também no teatro de D. Maria II. Ainda então se não falava desta peça em nenhum dos outros teatros. Mas quando os papéis dela se vieram a repartir no teatro de D. Maria II, distribuíam-se, pelo mesmo tempo, no do Ginásio, e já se ensaiava a música no de D. Fernando. Se estamos bem informados, parece que certa avidez deste teatro nos desejos de dar ele primeiro e de surpresa a *Giralda* foi a causa d'esta peça ser dada ao mesmo tempo em todos os três teatros; porque figurando-se ensaiar *O postilhão de Lonjumeau*, os outros dois teatros, na boa fé, ignorantes cada um deles do que se passava no outro, escolheram bem naturalmente a *Giralda*. Lançada assim a pedra, como recolhê-la? O resultado foi representar-se a *Giralda* em todos estes teatros; com o que nenhum deles perdeu decerto, e o público lucrou bastante. De lutas assim vem o estímulo; deste a consequência é o esmero; e daí vem o formar-se o gosto do público pelas comparações e pela observação.

O teatro de D. Maria II seria de todos o que muito primeiro teria representado a *Giralda*, se as récitas do *Templo de Salomão*, se a ocupação dos pintores em S. Carlos, se outros estorvos enfim, não houvessem retardado esta representação. E dada como comédia primeiro, a *Giralda* teria sido mais festejada em todos os três teatros. No de D. Maria II pela novidade e engraçado das situações; nos outros porque o público, já bem conhecedor destas, as entenderia perfeitamente quando tratadas em música; o que não acontece facilmente quando é vista pela primeira vez em D. Fernando ou no Ginásio.

IMP 85

(*O Espectador*, 05/01/1851, 2ª série, n.º 18, p. 141)

Teatro de D. Fernando

Uma hora no Cacém

Farsa num acto, ornada de música

Uma hora no Cacém, imitação pelo Sr. D[uarte] de Sá, é um verdadeiro *vaudeville*: e não vejo razão por que assim lhe não chame. É um género hoje importado do francês, com que o nosso público tem repetidas vezes simpatizado, e que já agora merece carta de naturalização. O entretcho deste é singelo. Um certo F... (Sargedas) que ia de Lisboa para Sintra, quebra-se-lhe a sege próximo ao Cacém, e entra na estalagem, ou bodega, do lugar, fazendo horas a que passe o ómnibus que o há de conduzir ao termo da sua jornada.

Para não perder o tempo, o Sr. F..., que é bom chocarreiro, diverte-se a enrolar os lorpas que encontra nesta casa. Assim, a dona da bodega, viúva durázia (A[na] Cardoso), com suas veleidades matrimoniais, e efectivamente justa a casar com um saloio, Joaquim Morgado (Simões), lavrador d'Agualva, acredita na paixão que inspirara ao seu procurador (Pinto); o qual pela sua parte deseja de todo o coração o seu enlace com a remediada viúva. A criada da bodega (Perpétua), requestada pelo cozinheiro (Vieira), anui a casar com o criado galego (Faria), pela ambição de um figurado trespasse da bodega para ele. O cozinheiro despede-se e pula de contente com a esperança de um bom cómodo em Lisboa. O boleeiro pacato (Brea) dispõe-se a partir para Lisboa com a sua traquitana do *Semicírculo* sem o freguês e sem a paga, fiado num *gancho* imaginário. E por este gosto, outros semelhantes enredos.

Como estudo de costumes e desenho de tipos populares é inegável que esta peça apresenta um trabalho de observação mui consciencioso e louvável. É pena, porém, que semelhante trabalho recaia sobre caracteres tão rasteiros, e que a peça, por longa e pouco interessante, não apresente melhor fundo para tão bom desenho das figuras.

A representação é digna de louvor pela propriedade e naturalidade do desempenho. O Sr. Macedo no papel de boleeiro bêbado, Passarinho, e o Sr. Simões no do saloio Morgado, são, principalmente, cheios de verdade e conveniência.

A música das coplas, se exceptuarmos a primeira, e alguma outra do Saloio, pareceu-nos somenos à de outras composições deste género do mesmo autor.

IMP 86

(*A Assembleia Literária*, 05/01/1851, 2ª série, n.º 6, p. 47)

Teatro de D. Fernando

O Periódico dos Pobres, no Porto, sem dúvida mal informado, escreveu no seu folhetim do dia 28 de Dezembro último que a sociedade empresária do teatro de D. Fernando ralhava do Macedo porque *ganha muito, trabalha pouco e reparte menos!* Sentimos que um colega, por muitos títulos autorizados na imprensa periódica, desse ouvidos a intriguinhas de bastidor que tendem a nada menos que a desacreditar um homem de bem; e tanto mais estamos nesta persuasão quanto é verdade que muitos sócios daquela empresa nos asseguraram que o Sr. Macedo nem ao menos toca em dinheiro senão no que muitas vezes pede aos seus amigos, valendo-se do seu crédito pessoal para acudir às urgências do teatro, que, estando sobrecarregadíssimo com os ordenados escriturados, acontece que a receita não chega para a despesa.

E tanto assim é que o Sr. Macedo, na qualidade de sócio, no primeiro do corrente pagou mais de 14\$ rs [sic], soma que lhe competiu de perda em relação ao mês de Dezembro último. Finalmente só dirá que o Sr. Macedo não trabalha quem não esteja ao facto do que seja dirigir uma sociedade de tal natureza, quanto mais que o Sr. Macedo, além da direcção, tem também os trabalhos cénicos a que nunca se recusa, já fazendo as partes que lhe são distribuídas, e mesmo de corista quando é preciso nas óperas-cómicas.

Temos dito bastante em resposta ao colega do Porto que, não duvidamos, terá o cavalheirismo de se confessar mal informado. Resta-nos falar do modo por que em D. Fernando vão correndo os espectáculos.

Team continuado em cena a *Giralda*, em que a Sr.^a Dorosila continua a merecer aplausos. A farsa em música, do Sr. Duarte de Sá, *Uma hora no Cacém*, é sempre aplaudida e com justiça. Todos os artistas vão muito bem, mas devemos especificar os srs. Faria, Macedo, Sargedas e Pinto, a quem decerto cabem as honras da execução.

De novo volta à cena a *Batalha de Montereau*, sendo a Sr.^a Persolli substituída pela Sr.^a Rafaela Galindo, artista que vai pisar o tablado de D. Fernando e em quem temos as maiores esperanças. Por último, a Sociedade D. Fernando, sendo obrigada a trabalhar nos mesmos dias de São Carlos, luta com grandes dificuldades pela concorrência do teatro lírico. À Inspecção Geral dos Teatros compete remediar este inconveniente, designando-lhe outros dias, e nós não cessaremos de bradar por protecção aos teatros não subsidiados.

IMP 87

(Revista Popular, 01/1851, n.º 1, vol. IV, p. 10)

No de D. Fernando e no Ginásio tivemos ainda a *Giralda*. [...]

A comédia não prospera como a ópera-cómica no Teatro de D. Fernando. À parte de algumas raríssimas excepções, os fiascos são quase tantos como as tentativas. *O simplório ou a herança de minha mulher* teve a sorte da grande maioria, e, diga-se a verdade, com inegável justiça. Entredo, estilo, desempenho – tudo merece o título da infeliz comédia, verdadeira simplicidade, que apenas apresenta o mérito de ter um só acto, o que não acontece com todas as parvoíces. É para lamentar que se consuma tão improdutivamente cabedal, trabalho e tempo, em levar à cena composições que, evidentemente, não merecem as honras de uma leitura completa. Desculpamo-las de alguma forma quando são apenas uma inocente sensaboria, não podemos deixar de fulminá-las quando são, além disso, uma indecência e imoralidade. A nova comédia, licenciada pelo conservatório (*altos juízos de Deus*) não é mais que a admirável combinação destes três diversos elementos. Representá-la uma vez foi temeridade – duas seria um escândalo – três um atentado atroz para que seria insuficiente ainda toda a penalidade da legislação filipina. Acreditamos que a empresa não quererá passar de temerária, pedimos-lhe que reserve para o *Simplório*, no pulverulento arquivo do teatro, um lugar distinto, a par da *Assinatura em branco* de insípida e cruelíssima memória.

Representou-se, mais recentemente, *Uma hora no Cacém*. É uma nova imitação do Sr. Duarte de Sá. Torna-se recomendável pela fidelidade com que são copiados alguns tipos exclusivamente portugueses. O enredo é simples e o diálogo chistoso. A acção passa-se na estalagem do Cacém, sobejamente conhecida dos frequentadores de Sintra. Um sujeito que se vê obrigado a esperar o *omnibus* naquele hotel, realmente pouco elegante, para se distrair enquanto não chega o pesado veículo, resolve-se a intrigar uns com os outros personagens que vão aparecendo na histórica estalagem. A embrulhada que tece não é das mais verosímeis, mas produz, algumas vezes, bastante hilaridade. O leitor pode informar-se do resto muito facilmente, se quiser, dispensando-nos generosamente dessa tarefa. Assim o cremos porque fazemos justiça ao seu bom gosto e curiosidade.

O desempenho é geralmente bom, mas não inteiramente digno de estrepitosos aplausos que se lhe tem prodigalizado. O Sr. Faria representa com propriedade o papel de galego, o mesmo sucede ao Sr. Macedo no de boleeiro bêbado e o Sr. Simões no do rústico lavrador de Agualva. O Sr. Pinto chora com bastante graça. Os outros artistas vão sofrivelmente.

Muito de propósito nos abstivemos de manifestar até agora o nosso parecer sobre o mérito comparativo da *Giralda* no Ginásio e no Teatro de D. Fernando, e temos assim procedido para que o tempo e a observação nos habilitassem suficientemente a expor com segurança a nossa opinião. Hoje, porém, que nossas ideias se têm fixado já a respeito da engraçada produção de Scribe e Adam, e da maneira por que entre nós foi desempenhada, vamos expor em poucas palavras o que entendemos sobre tal assunto, cumprindo assim o que prometemos aos nossos

leitores, sem que todavia pretendamos por modo algum que o nosso parecer se repute o mais competente e acertado de todos quantos até aqui se têm emitido.

Começando pelo *libretto* diremos que o do Ginásio está mais corrente, e em parte muito mais chistosa do que a de D. Fernando.

A instrumentação foi, em ambos os teatros, arranjada sobre a música para piano, e em ambos eles pode dizer-se excelente. Todavia, se atendermos aos recursos que os dois maestros tiveram ao seu alcance, não podemos deixar de confessar que achamos maior mérito na instrumentação que, com menos meios, produz o resultado requerido, e neste caso se acha a nosso ver, a do Ginásio. Há certos trechos mesmo em que neste teatro encontrámos mais gosto e novidade, do que no de D. Fernando, e para não sermos prolixos citaremos dois exemplos: o acompanhamento feito às *coplas* cantadas por Gines na mesma cena 2.^a do 2.^o acto e o do *tercetto* da cena 10.^a do mesmo acto. – No Teatro de D. Fernando, na cena 12.^a do 1.^o acto, quando entra a Rainha, é acompanhado a órgão, o que não acontece no Ginásio, mas nisto permita-se-nos que o digamos, nada mais vemos que uma armadilha ao efeito cénico, em prejuízo do bom-senso e da propriedade. Com efeito, nem no *spartito* se acha indicado este acompanhamento nem razoavelmente deve admitir-se, atendendo à distância em que se considera a igreja, onde o referido órgão se supõe existir. No Ginásio finalmente evitou-se a repetição de alguns cantos menos importantes e cortaram-se as *coplas* que deviam ser cantadas pela Rainha na cena 2.^a do 3.^o acto. Mas com isso cremos que o público decerto ganhou sem que o complexo da ópera perdesse.

Enquanto ao desempenho diremos que, entre as Sr.^{as} Drusilla e Cassano (Giralda) damos preferência à primeira como actriz e cantora, porque se possui do seu papel, tem uma voz fresca, extensa e argentina, canta com mais gosto que a Sr.^a Cassano, e só é inferior a esta em sustentar menos rigorosa afinação, especialmente nas peças concertantes. Em abono da verdade deve dizer-se que a Sr.^a Drusilla tem feito consideráveis progressos na sua carreira, e dá esperanças de vir a ser um belo ornamento na cena.

Entre a Sr.^a Freire e a Sr.^a Paula Maire não há comparação possível. A Sr.^a Freire fala, canta e acciona, enquanto a outra actriz não fala, não canta e quase se não move.

O Sr. Celestino (Príncipe de Aragão) é inquestionavelmente superior, por todos os respeitos, ao Sr. Lisboa; não é porque este actor não possua excelentes qualidades artísticas, mas porque estas, além de não terem ainda o necessário desenvolvimento, o que só com o tempo se adquire, não podem também ombrear com as do seu antagonista. O Sr. Celestino possui uma voz de melhor timbre que a do Sr. Lisboa, tem muito boa escola de canto, e como actor mostra bastante inteligência e perfeito conhecimento de cena.

A parte de Gines é desempenhada no Ginásio pelo Sr. Taborda, e em D. Fernando pelo Sr. Sargedas. Se unicamente consultássemos as exigências da música para decidirmos da propriedade com que os dois artistas se acham colocados no respectivo papel, sem hesitar diríamos que o artista do Ginásio leva a palma, pois que a parte de Gines, escrita para Sainte-Foy, deve ser desempenhada por um tenor e não por um baixo, e isto é tão significativo como alguém talvez presuma, porque, principalmente para o efeito de certos trechos musicais, não é indiferente a substituição de uma a outra voz. Mas referindo-nos mesmo ao desempenho do papel do moleiro, achamos, na parte cómica, menos exageração e mais naturalidade no Sr. Taborda do que no Sr. Sargedas. Enquanto à parte cantante, embora o artista do Ginásio não tenha talvez conhecimentos músicos iguais aos do seu colega de D. Fernando, é certo todavia que em nada lhe ficou inferior na execução.

O Sr. Moniz no Ginásio e Faria em D. Fernando fazem a parte de D. José de Atocha. Inteligentes actores, ambos sabem perfeitamente identificar-se com o importante personagem que representam, e não é fácil de decidir a qual deva conceder-se primazia. Esta dificuldade acreditamos que ainda se tornará maior se o Sr. Faria se coibir de exagerar demasiadamente algumas vezes o seu acionamento e as inflexões da sua voz, como por exemplo lhe acontece nas cenas 5.^a e 6.^a do 3.^o acto.

Resta-nos falar do Sr. Rorick e Torres. Como actores, ambos estão ainda muito longe de atingir a perfeição. O Sr. Torres começa agora a sua carreira e não admira por isso que não se ache ainda bastante iniciado nos preceitos da cena. Do Sr. Rorick não se pode dizer outro tanto, o seu atraso não pode atribuir-se se não à falta de estudo. O Sr. Torres não tem a voz tão forte como a

do Sr. Rorick, porém, mais insinuante - canta com muito gosto, passa ao falsete com grande facilidade, mas pela razão que apontámos o artista do Ginásio não sobressai tanto como o de D. Fernando nas peças concertantes.

No Ginásio obtém-se incomparavelmente melhor a ilusão cénica com os Srs. Torres e Taborda, do que o Sr. Rorick e Sargedas em D. Fernando, em referencia à 9.^a do 1.^o acto.

Em quanto ao vestuário e cenário, é geralmente reconhecido que o Teatro do Ginásio excede muito o de D. Fernando, tanto em magnificência como em gosto.

Em resumo, somados os prós e os contras, relativamente a cada um dos teatros, parece-nos que ambos devem estar satisfeitos com os resultados obtidos na luta que travaram, que há circunstâncias peculiares a cada um deles que os colocam em posição de não recearem competir um com o outro no novo género que ambos há pouco encetaram.

Os Srs. Frondoni e Casimiro são dignos dos maiores elogios pelo esmero com que, nos respectivos teatros ensaiaram a ópera.

IMP 88

(*Revista Popular*, 01/1851, n.º 3, vol. IV, p. 31)

Teatro de D. Fernando

Além da *Giralda*, que tem continuado a agradar, voltaram algumas óperas-cómicas já representadas neste teatro. A Sr.^a Persolli foi substituída na *Batalha de Montereau* pela Sr.^a Rafaella Galindo, e na *Barcarola* pela Sr.^a Drusilla. É muito conhecida a superioridade da jovem artista, que tão primorosamente executou a parte da *Giralda*, para que tentemos compará-la de alguma forma com a sua interessante predecessora. A Sr.^a Rafaella Galindo, posto que de merecimento inferior à Sr.^a Drusilla, apresenta, além de uma agradável presença, um timbre de voz insinuante e simpático que a tornou uma boa aquisição para este teatro. A direcção retirou de cena a comédia *O simplório*, é uma prova de bom-senso que folgamos de registar, e a que não recusaremos o nosso louvor.

IMP 89

(*A Assembleia Literária*, 12/01/1851, 2.^a série, n.º 7, p. 55)

A *Giralda* no teatro de D. Maria não tem chamado a atenção, e na verdade depois de vermos esta ópera com toda a magnificência miscal nos teatro de D. Fernando e Ginásio não vale a pena ir ouvir alguns coristas desafinados em D. Maria! Seria o mesmo que numa festa de igreja preferir o cantochão estropiado à boa música de instrumental.

A Sr.^a Dorosila faz 2.^a feira, 13, o seu benefício com a ópera-cómica *A barcarola* em que tão aplaudida foi a Persolli, e parece-nos que não há de ficar atrás. A Rafaela foi bem recebida na *Batalha de Montereau*.

IMP 90

(*A Assembleia Literária*, 19/01/1851, 2.^a série, n.º 8, p. 63)

Teatro de D. Fernando

No teatro de D. Fernando representou-se *Um baile*, farsa do Sr. Neto. Podemos dizer que é muito engraçada e que agradou tanto que o seu autor foi chamado fora, merecendo aplausos. A *Barcarola* subiu de novo à cena, e a Sr.^a Dorosila causou maior fanatismo ainda que a Sr.^a Persolli. A Sr.^a Rafaela, na *Batalha de Montereau*, vai muito sofrivelmente.

IMP 91

(*O Interesse Público*, 25/01/1851, n.º 2024, p. 2)

No Teatro de D. Fernando ensaia-se a comédia ornada de música e *calembourgs* *O tenente ou a patrona com os sessenta*. Ou o *rapaz pacato* se engana ou a tal comédia não se demorará muito em cena e irá fazer companhia ao seu estimável irmão *Simplório*. O tempo o dirá.

IMP 92

(*O Interesse Público*, 01/02/1851, n.º 2030, p. 1)

No Teatro de D. Fernando tem continuado o *Baile* e a *Hora no Cacém*. A primeira é uma farsa sem merecimento algum e onde debalde se procura episódio ou cena que interesse e recomende. Se a imitação é da comédia *Um baile de criados*, foi a mais infeliz que o autor nos tem apresentado. As alusões quase pessoais que se fazem quando entram os convidados têm muito pouca graça e ofendem mais que divertem. O desempenho é todavia sofrível, e singularizaremos a Sr.^a Ana Cardoso que para os papéis daquele género já deu uma prova do que vale na *Fidalga do tempo de Napoleão*. A *Hora no Cacém* já não serve de muito divertimento ao Sr. Fernandes, que tem recebido provas de que o público não gosta muito de vê-lo efectuar um papel de pateta. O Sr. Sargedas continua a desempenhar a sua parte com muita graça, finura e propriedade, que lhe ganham sempre merecidos aplausos.

IMP 93

(*A Assembleia Literária*, 02/02/1851, 2ª série, n.º 10, p. 80)

Teatro de D. Fernando

No [teatro] de D. Fernando ensaia-se *O postilhão*, ópera-cómica em 3 actos de Adam. Consta-nos que é posta em cena com toda a riqueza e bom gosto.

IMP 94

(*A Assembleia Literária*, 09/02/1851, 2ª série, n.º 11, p. 87)

No teatro de D. Fernando sobe à cena *O postilhão*, oxalá que a Sociedade faça fortuna porque, na verdade, tem estado muito em baixo.

O *Patriota* dá-nos a notícia de que o De Bezzi está escriturado para o teatro de D. Fernando. Não o acredito, por hora, e também sou de opinião que era melhor aproveitado para São Carlos.

IMP 95

(*Revista Popular*, 02/1851, n.º 5, vol. IV, p. 50)

Teatro de D. Fernando

Não há novidade, nem mesmo a de ter acabado o *Baile*, que seria decerto a mais agradável. Além da malfadada comédia, farsa ou o que quer que seja, assim chamada, continuam as representações da *Giralda*, algumas vezes substituída pela *Barcarola*, ou pela *Batalha de Montereau*. Ensaiam-se algumas óperas-cómicas, entre elas, *O quinhão do Diabo* por Scribe e Auber. O teatro continua menos frequentado depois da abertura do S. Carlos. Parece-nos até certo ponto iniquidade obrigar a concorrer com o teatro lírico uma empresa que não tem a seu favor nenhum subsídio. O governo deve atender às reclamações que se fazem, segundo nos consta, sobre este objecto, providenciando como for justo.

IMP 96

(*Revista Popular*, 02/1851, n.º 6, vol. IV, p. 59)

Teatro de D. Fernando

Não se representou ainda peça alguma nova, todos os espectáculos têm sido compostos de óperas-cómicas já repetidas, e das comédias há muito estafadas neste teatro. Para compensar a falta de necessidade houve a infelicíssima lembrança de ressuscitar a *Assinatura em branco*. Não perdoamos à empresa uma extravagância de tal ordem. Esperamos que não reincida em pecados de tamanha gravidade e nos poupe à dolorosa obrigação de fazermos a obras destas a justiça que merecem.

IMP 97

(*Revista Popular*, 02/1851, n.º 6, vol. IV, p. 60)

O maestro Casimiro Júnior já não está no Teatro de D. Fernando e acha-se substituído pelo maestro Garbato. Não conhecemos este último, nem queremos deprimir o seu mérito, parecemos todavia, que o Sr. Casimiro há-de fazer falta ao teatro, onde, até há pouco, prestou o valioso auxílio do seu incontestável talento.

IMP 98

(*O Interesse Público*, 15/02/1851, n.º 2041, pp. 1-2)

Os estudantes espanhóis que representaram Domingo no Teatro de D. Fernando fizeram fiasco. [...] O *postilhão*, ópera-cômica que principiou a ser ensaiada no Teatro de D. Fernando pelo Sr. Casimiro Júnior foi posta em cena pelo Sr. Grabati. Houve certa desinteligência entre o Sr. Casimiro e a empresa do que resultou sair de compositor do teatro o *jovem* maestro. Enquanto a nós, a empresa andou mal e há-de ainda lastimar a falta do Sr. Casimiro, que prestou ao Teatro de D. Fernando serviços não equívocos.

IMP 99

(*Revista Popular*, 02/1851, n.º 7, vol. IV, p. 68)

Teatro D. Fernando

Não houve se não uma deplorável novidade nas espectáculos deste teatro - a representação de duas comédias em espanhol por alguns actores recém-chegados do reino vizinho. O público foi, incontestavelmente justo, reprovando mais que ordinária esta parte quase indecente do espectáculo de Domingo. E num áspero, mas salutar, aviso à empresa, que não deve ceder tão facilmente o seu teatro à primeira tribo errante de saltimbancos anónimos. Oxalá que o *Postilhão*, ansiosamente esperado, nos venha em breve indemnizar.

IMP 100

(*Revista Popular*, 02/1851, n.º 8, vol. IV, p. 74)

Teatro D. Fernando

Está finalmente em cena uma peça nova e de merecimento, como há tanto se desejava nos espectáculos desta casa. É *O postilhão de Lonjumeau*, ópera-cômica em três actos, palavras de Brunswich e música de Adam. A ópera, na parte música, não deixa com efeito nada a desejar – na dramática não diremos outro tanto. Pelo contrário é frouxa, e o assunto sobretudo absurdo. Um homem que se esquece de sua mulher a ponto de casar com ela segunda vez, sem presumir de modo algum que vai cometer esta singular espécie de bigamia, eis aí o protagonista e o enredo do *Postilhão*! Já se vê que se, em geral, nenhuma ópera-cômica suporta análise, esta não é por certo mais feliz que as outras. A execução foi na maior parte boa, mas inferior, no papel mais importante, às exigências da peça. Chollet, que reunia o duplo mérito de cantor e actor num grau a muitos respeito elevado, podia colher assinalados triunfos em Paris, representando esta importante parte, o Sr. Rorick, que, por qualquer dos títulos, não há de alcançar nunca tão brilhante reputação, forçosamente havia de ficar muito aquém do personagem que representava. A Sr.^a Drusilla desempenhou com graça e habilidade a parte que lhe coube, distinguindo-se também num papel cómico o Sr. Sargedas. Estava inteiramente deslocado, no papel que lhe confiaram, o Sr. Simões muito bom por certo no grosseiro lavrador da *Hora no Cacém*, mas impróprio no de marquês açucarado na corte de Luís XV.

Recomendamos-lhe, sobretudo, algum cuidado na pronúncia das palavras, porque é realmente desagradável ouvir num teatro da capital *apausiguar*, *holocasto*, e outras incorrecções igualmente indesculpáveis.

IMP 101

(*O Espectador*, 16/02/1851, 2ª série, n.º 20, p. 164)

Teatro de D. Fernando

Um baile

Comédia em 1 acto – imitação do Sr. Neto

A boa escolha de peças é um dos principais elementos para a prosperidade de um teatro. Dela depende em grande parte o sustentar-se ou decair qualquer empresa, e é preciso que haja com essa escolha um cuidado extraordinário. Infelizmente o Teatro de D. Fernando tem sido desgraçadíssimo em tal escolha. Quase todas as peças de declamação que aí temos visto são indignas de aparecerem na cena de um teatro regular, já pelos equívocos rasteiros e indecentes de que são recheadas, já pela sua extraordinária sensaboria; e é disto que depende em grande parte o estado de decadência a que este teatro tem ultimamente chegado, a ponto de ser preciso vender quasi todas as récitas; estado que sinceramente muito lamentamos e que não esperávamos, atenta a prosperidade com que a actual Sociedade começara as suas representações.

A comédia, ou farsa, *O baile*, que ultimamente foi à cena, é também pertencente à família das grandes sensaborias. É uma peça sem merecimento de qualidade alguma que a torne recomendável.

Não nos é possível explicar o seu enredo, nem tão pouco marcar qual é o pensamento fundamental, porque, por mais que fizéssemos, não pudemos descobrir nem uma nem outra cousa, o que estamos certos que acontecerá também a todos que tiverem o pouco gosto de a ver representar.

O Teatro de D. Fernando deve para o futuro ser mais escrupuloso nos espectáculos que houver de levar à cena, e não tomar o trabalho de ensaiar toda a qualidade de paça que se lhe apresente sem a mínima escolha, como até hoje tem feito; aliás, prognosticamos-lhe um futuro muito infeliz.

IMP 102

(*A Assembleia Literária*, 16/02/1851, 2ª série, n.º 12, pp. 91, 95)

Teatro de D. Fernando

Foi este o teatro que começou mais cedo a época de Carnaval, levando à cena a ópera-cômica em 3 actos *O postilhão*, que, geralmente, foi bem desempenhada. Esta peça foi posta em cena com toda a riqueza de vestuário e adereços, e admira na verdade o como a direcção pode fazer tais sacrifícios para agradar ao público.

A Sr.^a Dorosila foi devidamente aplaudida em toda a ópera, merecendo louvor principalmente na cena cômica do 3º acto, em que se houve perfeitamente. Depois de mais algumas representações faremos um juízo mais circunstanciado. [...]

Ao teatro de D. Fernando vieram representar uns espanhóis que nada tinham de boa educação. O público pateou-os e eles praticaram acções menos decorosas que, a ser noutro país, em que o público não é dotado da paciência e da bondade deste nosso, eles não haviam sair do palco às mãos lavadas! A direcção do teatro não teve culpa nenhuma, e honra lhe seja pela deliberação que tomou de lhes fechar as portas e os não tornar a deixar ali representar.

IMP 103

(*O Interesse Público*, 22/02/1851, n.º 2047, p. 2)

Se alguém correr a escala dos nossos teatros e depois do de D. Maria se dirigir para o de D. Fernando achará o *Postilhão*, ópera em que tantas esperanças se fundavam, já cedendo o seu lugar à *Batalha*; verá o *Club*, farsa que o próprio autor chamou disparate cômico e o *Octogenário* que, não obstante os seus anos, se apressou em se anunciar para não motivar exactamente o contrário do que a direcção prometeu, isto é, que haveria espectáculos todos os

dias até ao Entrudo. Quem muito cedo começa muito cedo afrouxa, não há coisa alguma mais certa.

Um teatro conhecemos muito mais frequentado e que, contudo, se dá 17 representações seguidas é porque muitas noites já tem a casa vendida para benefícios.

Cai muito bem dizer que os estudantes espanhóis que foram brincar para o Teatro de D. Fernando em um dos últimos Domingos andam tocando pela cidade, grangeando deste modo os interesses que a arte dramática lhes negava.

IMP 104

(A *Assembleia Literária*, 23/02/1851, 2ª série, nº 13, p. 100)

Teatro de D. Fernando

Esta em cena *O postilhão*, linda ópera-cômica em 3 actos. Esta peça, em que a música e o poema são belos, torna-se excelente pelo bom desempenho dos actores e pelo vestuário, o qual é todo novo, em carácter e muito rico.

A música é toda de muito efeito, mas tem alguns bocadinhos arrebatadores tais como o rondó do 1.º acto, pelo Sr. Rorick e coros, o dueto do 2.º, pelo Sr. Rorick e Sr.ª Dorosila.

A Sr.ª Dorosila agradou-nos, como sempre, pois principalmente nesta ópera brilha não só pelo canto mas pela engraçada declamação, mormente no 3º acto, em que vai o melhor possível. O Sr. Rorick e Sargedas desempenharam muito bem os seus papéis. O Sr. Simões entra com muita graça e naturalidade e é dotado de boa voz e faz todas as diligências para agradar, o que tem conseguido. O Sr. Faria também vai perfeitamente, sentimos, porém, que seja tão pequeno o seu papel.

Finalmente, toda a peça é linda. Gostámos, porém, especialmente, da última cena do 1º acto, de muito efeito; da do 3.º, em que os dois corifeus (Sargedas e Faria) vêm anunciar ao 1.º tenor da grande ópera (Rorick, o postilhão) que vai ser enforcado por crime de bigamia e avisá-lo que fuja; bem como da cena em que Sr.ª Dorosila faz de Madalena e ao mesmo tempo de marquesa de Courcy. Felicitamos por esta comédia, assim como pelas outras, a empresa e os actores do teatro de D. Fernando, e muito deveras desejamos que o público continue a favorecer artistas de tanto mérito.

IMP 105

(A *Semana Teatral*, 25/02/1851, n.º 9, pp. 33-35)

Teatro de D. Fernando

Subiu à cena no Teatro de D. Fernando uma nova ópera-cômica em três actos – *O postilhão de Lonjumeau* – palavras de mm. de Leuven e Brunswick, e música de m. A. Adam, representada pela primeira vez no Real Teatro da Ópera Cômique, em Paris, a 13 de Outubro de 1836, onde obteve um maravilhoso sucesso.

Se o limitado espaço desta folha nos permitisse, faríamos uma análise mais circunstanciada desta ópera-cômica, porém apenas nos é possível expor pouco mais ou menos o seu enredo e dizermos o que entendemos acerca da música e do desempenho em geral.

Tratemos do assunto.

Sobre a ribeira de Ivette, no distrito de Versailles, há uma aldeia denominada Lonjumeau aonde em 1756 existia um homem chamado Chapelou, cujo emprego era postilhão. Nesta mesma aldeia e pelo mesmo tempo havia também uma rapariga chamada Madalena, dona de uma estalagem, que agradando-se de Chapelou, e ele dela, combinaram em se desposarem. No dia porém em que teve lugar a cerimónia do casamento dos dois aldeões passou por aquela aldeia o marquês de Corcy, encarregado pelo rei Luís XV de procurar algumas vozes que pudessem substituir duas das que haviam faltado de repente para se representar o *Castor e Polux* no teatro de Fontainebleau, o qual entrou na estalagem de Madalena a perguntar se haveria ali alguém que lhe compusesse uma roda da sege que trazia desmantelada, para imediatamente ir de novo seguir o seu caminho. Apresentou-se Biju, carpinteiro de carros e encarregou-se de fazer a precisa compostura. Enquanto o marquês esperava num quarto da estalagem que lhe

compusessem a sege, entraram os noivos acompanhados dos seus conhecidos que haviam ido convidar, entoando cantilenas alegres próprias de um tal dia. Entre as muitas vozes que se deixavam ouvir sobressaía muito a de Chapelou. O marquês, acabando de o escutar atentamente, foi ter com ele e o instou, oferecendo-lhe grandes vantagens, para o acompanhar à corte onde seria muito bem recebido, não só por todo o cortejo, mas até pelo próprio rei. Comunicou-lhe então que ele, marquês, estava encarregado de apresentar algumas vozes ao rei, e que a sua (a de Chapelou) havia infalivelmente de aproveitar. Prometeu-lhe também o marquês que dentro de seis meses o poria no estado de poder cantar na Grande Ópera, e que ali havia de ganhar dez mil libras por ano. O rústico postilhão, seduzido mais pelas grandes promessas do marquês que pelos deveres de esposo, não obstante ao princípio não querer aceitar tais ofertas, decidiu-se por fim a partir com o marquês, deixando a sua interessante esposa no primeiro estado da vida! Chapelou antes porém de deixar Lonjumeau, deu parte a Biju de todas as suas novas aventuras. Apenas o marquês e o postilhão acabavam de sair da aldeia, entrou Madalena a chamar por seu marido: nisto apareceu-lhe Biju e participou-lhe o que acabava de acontecer. Madalena ouvindo uma tal notícia quase como doida pedia socorro em alta voz. Acudiram-lhe muitos dos seus vizinhos, os quais foram logo informados daquele inesperado acontecimento. A pobre noiva, mesmo toda entregue à sua dor, esperava ainda de tornar a ver o seu ingrato esposo, mas Biju arrancou-lhe da mente aquela lisonjeira esperança, afirmando-lhe que não mais o veria. No meio de toda esta confusão, ouviu-se ao longe a voz de Chapelou dizendo:

Oh! oh! oh! qu' il était beau
Le postillon de Lonjumeau

Madalena ao ouvir a voz de seu marido, lamentou a sua muita desgraça, caindo quase desmaiada nos braços daqueles que a rodeavam, e Biju, invejoso da sorte de Chapelou, também se dispôs a partir, seguindo como ele o mesmo caminho.

Depois de sobre estes singulares acontecimentos haverem passado dez anos, recebeu Madalena uma herança considerável por morte de uma tia sua, e por isso resolveu-se a partir para a Ilha de França, e aí mudou o seu nome no de Mme. de Latour. Foi então residir num belo palácio, próximo daquele marquês de Corcy. Chapelou (que também havia trocado o seu nome pelo de Saint-Phar) ainda cantava na Grande Ópera sendo já primeiro membro da Academia Real de Música. Querendo Madalena aproveitar todas as ocasiões em que podia ver o seu infiel marido, a quem havia já dirigido tantas cartas sem de alguma ter resposta, por espaço de um mês não faltou num camarote de boca a algum dos espectáculos. Vendo Chapelou que aquela dama o olhava sempre de um modo particular, dirigiu-se a ela declarando-lhe uma grande paixão. – Estabeleceu-se entre eles a correspondência do estilo e na última carta lhe pedia Chapelou um encontro.

O marquês de Corcy foi quem lhe deparou a mais pronta e oportuna ocasião! Este marquês morria de amores pela sua encantadora vizinha Mme. Latour, (muito longe de supor que era aquela Madalena que ele havia visto na estalagem de Lonjumeau) e só com o sentido de a divertir e de se queixar da sua indiferença para com ele, escreveu uma ópera, compondo ele mesmo a música, e foi pedir-lhe licença de consentir que a companhia do teatro a fosse cantar a sua casa. Madalena condescendeu e ficou muito satisfeita por se lembrar que tinha uma ocasião maravilhosa de poder ver seu marido e seu namorado no teatro. Entraram então os cantores e por acaso soube Saint-Phar que estava em casa de Mme. Latour. Vendo o marquês que os devia obsequiar, convidou-os a um lauto banquete que lhes havia preparado, e assim os conduziu para uma outra sala. Saint-Phar, porém, não os acompanhou, pois o que só desejava era que lhe aparecesse a interessante Latour. Com efeito, a dama desejada havia chagado, e Saint-Phar não cessava de lhe dirigir as mais agradáveis palavras, chegando até a ajoelhar-se-lhe aos pés, jurando-lhe um eterno amor. Foi nesta ocasião que entrou Biju, corista da Grand' Ópera, antigo carpinteiro de carros de Lonjumeau, sob o nome de Alcindor. O bom do corista trazia uma carta que Madalena tinha dirigido a Saint-Phar: este leu-a e ficou surpreendido, mas intentando disfarçar-se. A Mme. Latour não escapou a grande sensação que ele recebeu ao ler aquela carta, e revestindo-se de maneiras um tanto enérgicas lhe disse que a queria ler, porém vendo que ele hesitava em lha mostrar, arrebatou-lha e leu-a.

A carta vinha assinada por Madalena Birotteau, como legítima mulher de Saint-Phar. Mme. Latour perguntou-lhe então se ele era casado, e ele jurou-lhe que não – que aquela carta era forçosamente feita por algum que intentava desuni-lo dela, que para lhe provar a sua inocência lhe concedia a escolha de qualquer sacrifício em seu favor. Mme. Latour para lhe sondar o coração, disse-lhe que só queria que ele lhe aceitasse a sua mão e com ela a sua fortuna. Saint-Phar não só aceitou aquela oferta, mas prometeu-lhe que naquele mesmo dia seria seu esposo. Contando de fazer revestir de trajes sacerdotais algum amigo seu e de poder apresentá-lo à sua nova esposa, para que ele os recebesse. Mme. Latour satisfez-se com isto e retirou-se, ficando Saint-Phar e Alcindor divertindo-se à sua custa e combinando ao mesmo tempo em que um dos coristas servisse de padre para executar a cerimónia da igreja. Alcindor lembrou-lhe que um dos corifeus, Mr. Bourdon, era muito capaz de satisfazer ao que se desejava.

A este tempo o marquês de Corcy escutava os perversos desígnios de Saint-Phar e de Alcindor, e estes tendo acabado de combinar o seu plano foram dar passos para que se pudesse oportunamente executar. Assim que eles saíram entrou o marquês como desesperado e daí a pouco tempo Mme. Latour. O marquês ardendo de ciúme participou a Mme. Latour a traição que se lhe ia fazer, e esta tratou de agradecer ao marquês o seu importante aviso, e de mandar chamar um padre que morava perto da sua casa, dando ordem a uma criada de o fazer entrar na capela, que devia estar pouco alumiada, e que se viesse Alcindor acompanhado de um outro indivíduo, que os demorasse até que o seu casamento estivesse realizado.

O marquês supôs que era para se receber com ele que Mme. Latour mandava chamar o padre e ficou muito satisfeito. Ausentando-se esta, entrou Saint-Phar com os seus colegas e daí a pouco veio de novo Mme. Latour com os convidados, aos quais apresentou o seu futuro esposo Saint-Phar. Ora nisto o marquês, que se persuadia que passados poucos instantes lhe pertencia a bela dama, ficou assombrado e caiu sobre uma cadeira. O sino da capela já anunciava que os noivos deviam aproximar-se do altar. Madalena jurou vingar-se de seu marido, depois entraram os noivos e convidados e o marquês levantou-se e saiu cheio de cólera. Só os colegas de Saint-Phar ficaram na sala, tomando do delicioso Champagne à saúde do noivo.

(continua)

IMP 106

(*A Semana Teatral*, 25/02/1851, n.º 9, p. 36)

Teatro de D. Fernando. No Domingo 23 do corrente subiu de novo à cena a zarzuela andaluza, com a Sr.^a Rafaella e o Sr. De-Bezzi, há pouco tempo escriturados neste teatro. A Sr.^a Rafaella desempenhou menos mal o seu papel e o Sr. De-Bezzi desempenhou-o perfeitamente chegando até a produzir um geral entusiasmo. Tem-se também dado neste teatro uma nova farsa intitulada *Um club*.

IMP 107

(*Revista Universal Lisbonense*, 27/02/1851, n.º 25, 2ª série, tomo III, 10º ano, p. 298)

O postilhão de Lonjumeau é uma ópera-cómica em 3 actos, ultimamente representada no Teatro de D. Fernando. A música é bonita, mas de suma dificuldade para as forças da companhia. A acção passa-se no tempo de Luís XV, época sempre fértil para composições deste género. O pensamento é muito engenhoso e sempre sustentado e desenvolvido com conhecimento do teatro. Resume-se nisto: um postilhão de Lonjumeau acabava de se casar quando o Marquês de Croisy, intendente dos teatros reais, chegava a Lonjumeau incumbido por el Rei Luís XV de escriturar cantores para o seu teatro. Agradando-lhe a bela voz do postilhão, de tal maneira o soube captar que resolveu partir para Versailles, abandonando a mulher com quem há pouco se casara. No segundo acto, tem-se já passado dez anos. O postilhão metamorfoseado em cantor arrebatou Paris inteiro, e principalmente as senhoras. A aldeã com quem se casara, tendo recebido uma avultada herança, acha-se feita condessa e entretém-se nas horas vagas namorando o seu rebelde marido. As coisas chegam por fim ao ponto de se reconciliarem, tendo-se ambos casado segunda vez e protestando nunca mais se desunirem. Como vêem, o enredo é sumamente

espirituoso. A música, porém, é de tal força, principalmente a parte do postilhão, que o Sr. Rorick mal pode com ela. O Sr. Sargedas tem também música superior à sua voz, e a Sr.^a Druizilla, como actriz, parece-nos pouco amestrada nos segredos de declamação, de que muito partido poderia tirar no terceiro acto da ópera-cómica.

Os espectadores receberam bem esta peça em que avultam as belezas musicais e não menos as dramáticas.

Um baile é uma composição sem novidade, sem mimo, sem chiste. E o que mais é, ainda, sem mérito de cena nem de observação. O enredo é impossível transportado para português, e a linguagem incorrecta e pouco de sala, mesmo na boca dos personagens que a deveriam saber falar. Não tem agradado, apesar de nem sequer ter merecido as honras da pateada.

IMP 108

(*A Revolução de Setembro*, 01/03/1851, n.º 2682, p. 1)

O Teatro de D. Fernando pôs em cena a ópera-cómica *O postilhão de Lonjumeau*. As óperas-cómicas há-de chegar o tempo em que não hão de cobrir os gastos excessivos do *mise-en-scène*. O público daquele teatro, que corria e apreciava a introdução do vaudeville, que se deve certamente à espirituosa pena do Sr. Duarte de Sá, vê-se hoje unicamente em presença de peças pouco chistosas, e mal calculadas para o gosto. *O club* irritou, e irritou até certo ponto com razão, a classe operária. Não que ela queira a inviolabilidade, que não perceba que tem ridículos como a aristocracia do sangue e do dinheiro, como os poetas literatos e artistas, mas apresentá-la como pecando, em geral no vício da embriaguez, é motivo suficiente para lhe ferir o pundonor. Eu não sei mesmo se houve intenção oculta, de quem quer que é, tradutor ou imitador, para desconceituar as associações que hoje se propagam e que denunciam uma certa vida própria, que deve incomodar os ragalados possuidores da popularidade censfítica e oficial.

Enganam-se! Que as grandes ideias não se matam com um ridículo sem-sabor, e que se se começar a luta, não hão de deixar de ter pela frente um exercício inteligente e convicto.[...]

Lopes de Mendonça

IMP 109

(*A Revolução de Setembro*, 08/03/1851, n.º 2687, p. 1)

Há a parte amuada, onde despertam agora alguns belos e viçosos botões femininos, que aparece apenas alguma vez no teatro, não no de D. Fernando, que é edificado sobre uma igreja, e quase sempre neste baile oficial de beneficência política. Dezassete anos não alteraram a adoração poética e quase mística daqueles tesouros de fidelidade: até no *toilette* se revela, eu sei, alguma feição desta inalterável bem-aventurança. Ironia à parte, deve haver respeito e veneração por estas crenças, e não serei eu que menos as considere. O culto à desgraça, a um proscrito que se tem havido com dignidade e honradez no desterro, pode ser condenado perante as ideias, há-de ser sempre estimado em nome dos sentimentos nobres e elevados do coração.[...]

Lopes de Mendonça

IMP 110

(*O Espectador*, 9/3/1851, 2ª série, n.º 23, p. 179)

Teatro de D. Fernando

Um club

Comédia num acto, traduzida do francês

Parece-nos que esta comédia, ou antes, farsa, é tradução doutra francesa, intitulada *Les enfants du délire*. Trata-se duma sociedade de operários para cujo grémio se entra por meio de certa cerimónia burlesca e crapulosa ao mesmo tempo. Estes *Irmãos* dizem-se muito unidos e impõem de grande fraternidade entre si, como todos os outros *Irmãos* desta ou daquela

denominação; mas, não obstante, há entre eles inimizades, e até mesmo vias de facto, como acontece em todas as sociedades humanas.

De resto, não vale a pena contar o entrecho da peça que é sem interesse, abjecto e grosseiramente conduzido. As coplas são pouco notáveis, e o desempenho só no papel do Sr. Macedo achámos algum incidente comicamente executado.

Mais vale quem Deus ajuda do que quem muito madruga.

Provérbio num acto.

Pouco temos que dizer desta peça, porque não lhe achámos princípio, nem meio, nem fim. É uma imitação do francês cujo menor inconveniente é não estar nos nossos costumes nem ser conforme aos nosso hábitos. Encontrámos-lhe, todavia, um episódio engraçado: o do ferrolho a quem um dos três companheiros que vegetam juntos numa água-furtada vende as calças de um dos outros dois, que ainda estava deitado. Esta cena é natural e bem conduzida do princípio ao fim.

O todo deste provérbio (como o alcunhou o tradutor) é extraído dos primeiros capítulos do muito conhecido romance de Paulo de Kock: *Moustache (Bigode)*, porém com bastante infelicidade e sensaboria.

No desempenho distingue-se o Sr. Vieira.

IMP 111

(A *Semana Teatral*, 10/03/1851, n.º 10, p. 38-39)

Teatro de D. Fernando (continuado do n.º antecedente)

O postilhão de Lonjumeau

Daí a pouco entrou Alcindor, acompanhado de Bourdon, para este se revestir de trajes sacerdotais e ir à capela receber os noivos. O marquês, que sabia do intento com que eles entravam, disse-lhes que já era tarde... que Madame de Latour estava ao facto de tudo, e que em consequência disso tinha mandado chamar um padre do seu conhecimento, e que já lá estava em torno do altar, recebendo a benção da igreja. Alcindor ficou aterrado com esta notícia, e para ver se ainda se podia evitar aquele casamento (porque Saint-Phar consentiu nele julgando que fosse Bourdon que o casasse), descobriu ao marquês que Saint-Phar era casado e que ainda naquele dia tinha ele recebido uma carta de sua mulher. O marquês aproveitou este aviso e dispôs-se logo a perder Saint-Phar, assim como a Alcindor e a Bourdon, por serem cúmplices naquela traição, os quais fechou numa sala próxima àquela em que estavam. O marquês ia sair, mas nisto deparou com os noivos sem cortejo, que vinham entrando: dirigiu-se então ao noivo dando-lhe com ironia os parabéns do seu casamento e saiu. Todos os convidados e mais pessoas também se despediram, ficando apenas Saint-Phar e Madame de Latour, a quem sua criada Rosa veio avisar para ir mudar de vestido. Saint-Phar entregou-se então a mil ideias agradáveis, admirando-se ao mesmo tempo do bem que Biju e Bourdon tinham sabido desempenhar o seu papel. Quando Saint-Phar acabou de assim falar, bateram os dois coristas na porta da sala em que o marquês os tinha encerrado; e indo Saint-Phar a abrir a porta, deparou com eles, que entravam assombrados a anunciar-lhe que estavam todos perdidos – que tinha sido um verdadeiro padre que o havia casado com Madame de Latour – que ele (Saint-Phar) era um bígamo – que o marquês de Corey sabendo disto tratava de o perder, e que eles como cúmplices num tal crime iam fugir ao alfange da justiça, e que fugisse ele também. Saint-Phar deixou-os partir sem que se animasse a fugir com eles: nisto entrou Madame de Latour (vestida como antigamente costumava vestir-se em Lonjumeau); lançou mão de dois castiçais que alumiam a casa e aproximou-se dele, dirigindo-lhe a palavra. Saint-Phar reconheceu imediatamente a sua primeira mulher; e esta, apagando as luzes e tomando a maneira de falar de uma aldeã, principia a argui-lo do seu repreensível proceder. Saint-Phar teme que alguém possa presenciar aquela desagradável cena, e com a maior instância lhe pede que não grite; que se cala – que ele é verdade que tinha desposado Madame de Latour; mas que o único motivo que a tal o havia obrigado era ela

parecer-se com a sua Madalena, a quem ele de futuro havia somente de amar. Madalena tomando a voz de Madame de Latour, entrou a chamar por Saint-Phar e a perguntar-lhe por que estava às escuras, e se com ele estava alguém. Madalena tornando a usar do modo de falar da gente da sua aldeia respondeu-lhe que era ela – a legítima mulher de Saint-Phar, cuja escritura de casamento trazia consigo, e que protestava não mais consentir que ele a abandonasse. Madalena figurando ser Madame de Latour, exclamou: - Meu Deus! é a minha nova criada – aquela que hoje de manhã recebi em minha casa! Será isto possível? – Saint-Phar na maior aflição quer sossegar uma e outra prometendo-lhes um igual amor; e pede-lhes que dele tenham piedade – que não queiram fazer-lhe azedar mais a sua triste sorte. Madalena, vendo-o numa tão deplorável situação, considera-se vingada do seu marido. Neste momento batem fortemente na porta. – Era o marquês acompanhado de um oficial de justiça, de soldados, de Alcindor, Bourdon e criados. O marquês ordena aos soldados que se apoderem de Saint-Phar, assim como de Alcindor e Bourdon; e depois disto pergunta por Madame de Latour. Madalena, apontando para uma porta, diz-lhe – ei-la naquela casa, senhor, toda entregue ao pranto. O marquês entrou logo na casa que Madalena lhe indicara e nela não achou mais que uma carta em que se lia o seguinte - «Saint-Phar. Quando lerdes esta carta todas as indagações serão inúteis – Madame de Latour já não há de existir.» Esta carta foi lida pelo marquês na presença de todos. Saint-Phar, tendo acabado de a ouvir, mostrou-se muito consternado; e o marquês julgando ser verdadeira a morte de Madame de Latour, por quem lhe palpitava extremamente o coração, ordenou aos soldados que fosse imediatamente preso o infame Saint-Phar, para ser privado da vida, logo que o tribunal competente o decidisse. A isto acudiu Madalena, pedindo que ao menos a deixassem acompanhar seu marido, porque o queria ver perecer. O marquês consentiu nisso, dizendo que ela devia assistir ao suplício de seu marido, visto ser uma tão preciosa testemunha. Madalena rebateu então o dito do marquês afirmando-lhe que ela servia de duas testemunhas... e de repente muda a voz de Madalena na de Madame de Latour, e pede-lhe que não dê a morte ao desgraçado Saint-Phar – que visto seu marido possuir duas mulheres ficará de certo mais castigado vendo-se obrigado a viver com elas. Saint-Phar reconheceu naquele momento que Madalena representava as suas duas esposas e lançando-se-lhe aos pés lhe pergunta cheio de alegria donde lhe tinha vindo tanta riqueza! Madalena respondeu-lhe que era a herança que tinha tido de sua tia. O marquês entendendo já tudo, mas ao mesmo tempo desejoso de se vingar de Saint-Phar, dizia a Madalena que seu marido não era menos que um bígamo, e como tal iria ser morto. Madalena, olhando para o marquês com ar de riso, respondeu-lhe com desdém - «Alto lá, senhor marquês – para o homem que desposa duas vezes a mesma mulher não há crime marcado por lei. Conheceu o marquês ser verdade o que lhe dizia Madalena, e vendo que não podia vingar-se de Saint-Phar, saiu, entregue à desesperação, acompanhado do oficial de justiça, dos soldados e de toda aquela gente que trazia consigo. E Madalena foi passar na opulência o resto da vida com seu marido, o qual lhe prometeu de deixar o teatro e entregar-se todo a ela.

Já pode ver o leitor que esta ópera-cômica tem um tal ou qual enredo; posto que não seja muito verosímil, principalmente naquela parte em que Madalena representa simultaneamente de Madama de Latour, não obstante a cena ser passada às escuras. Se quiséssemos sujeitar esta ópera a uma análise rigorosa teríamos certamente de lhe notar alguns defeitos, segundo a arte, a verosimilhança e o bom senso. Dispensemo-nos porém disso e passemos a dizer que a música é geralmente bela e duma mimosidade original.

Quanto ao desempenho, começaremos por elogiar a senhora Drusilla (Madalena), que tanto na declamação como na música, mostra ter bastante inteligência, não nos esquecendo porém do seu dueto e final do primeiro acto, e da sua ária e dueto no segundo, onde mais se distingue.

O senhor Rorick (Chapelou) representa a parte principal nesta ópera. Não se pode dizer que não dá conta do seu papel, já declamando, já cantando. Nos duetos do primeiro e segundo actos é onde este artista se torna digno de mais algum louvor.

O senhor Sargedas (Biju) desempenha geralmente bem o seu papel. Nesta ópera-cômica prova ainda mais a sua muita habilidade e talento. Bastante estimamos que nos aparecesse esta boa ocasião de podermos render ao senhor Sargedas um tão merecido elogio.

O senhor Simões (marquês de Corcy) esforça-se quanto pode para conseguir desempenhar bem o seu papel. Não devemos dizer que o desempenha mal; parece-nos porém que não é nesse género de caracteres que o senhor Simões pode fazer melhor figura.

A senhora Antónia Joaquina (Rosa) desempenha com bastante naturalidade a pequena parte que lhe pertence.

O senhor Faria (Bourdon) não obstante falar e cantar muito pouco, satisfaz perfeitamente. O senhor Faria tem bastante merecimento, até nos pequenos papéis de que se incumbem revela que é um actor inteligente.

O mise-en-scène é próprio e bem apresentado.

A orquestra vai agora muito melhor do que foi nas primeiras vezes que se deu a *Giralda*.

IMP 112

(*A Assembleia Literária*, 16/03/1851, 2ª série, nº 15, p. 119)

A Sociedade tem ultimamente enriquecido o seu repertório com óperas-cómicas e comédias novas que têm agradado: *O polichinelo*; *A jarra quebrada*; *O octogenário*; *Mais vale quem Deus ajuda que quem muito madruga* e *A volta do cemitério*. Tudo isto foi à cena em tão pouco tempo que bem mostra os esforços que esta empresa faz por agradar. *A volta do cemitério* foi ontem em benefício dos Srs. Macedo e Vieira. É uma farsa que já se representou em Lisboa com o título de *Dois papalvos* e que, arranjada agora de novo e com coros, muito agradou.

O que neste teatro está causando entusiasmo é a zarzuela espanhola em que entram a Sr.^a Rafaela e o Sr. De Bezzi em lugar da Sr.^a Persolli e do Sr. Molas; e tanto estes dois artistas como os srs. Sargedas, Faria e Vieira são sempre muito aplaudidos, fazendo o público com que repitam muitas das engraçadas quadras que costumam cantar.

IMP 113

(*Revista Popular*, 03/1851, n.º 9, vol. IV, p. 83)

Teatro D. Fernando

Voltou à cena a engraçada zarzuela andaluza, *Juan el contrabandista o la venta del puerto*. A parte em que outrora se distinguiu tão visivelmente o Sr. Mollas jovem artista espanhol, foi agora confiada ao novo tenor o Sr. De Bezzi. Como actor, é força confessá-lo, o Sr. De Bezzi ficou muito aquém do seu hábil antecessor; como tenor a confrontação é-lhe evidentemente vantajosa. Coube à Sr.^a Rafaela Galindo o papel que pertenceu à Sr.^a Persolli, cuja graça e vivacidade não pode contudo imitar. O Sr. Faria, que teve o seu antigo papel, desempenhou-o com a mesma naturalidade e inteligência. Representou-se ultimamente *O club*, disparate cómico-trágico em um acto. É uma farsa de pouco chiste. Na primeira noite foi mal recebida por alguns artistas de melindrosa susceptibilidade, que lhe descobriram alusões, não sabemos quais, altamente ofensivas para a sua classe.

IMP 114

(*Revista Popular*, 03/1851, n.º 10, vol. IV, p. 99)

Teatro de D. Fernando

Está em cena a ópera-cómica intitulada *O polichinelo*, a música é fresca, viva, engraçada, isto é incomparavelmente superior ao diálogo, ao enredo, à comédia, apesar do nome de Scribe com que vem adornada.

IMP 115

(*Revista Popular*, 03/1851, n.º 13, vol. IV, p. 119)

Teatro de D. Fernando

Temos já por vezes notado o mau gosto que preside quase sempre à escolha das peças de declamação neste teatro. Não sabemos a que atribuir semelhante facto, mas não podemos deixar de lamentá-lo. *Mais vale quem Deus ajuda que quem muito madruga* é uma coisa pouco maior que o título na extensão e completamente nula no mérito. *A volta do cemitério* não passa de uma parvoíce em diálogo, absurda, inverosímil e sem-sabor, a que apenas o talento do Sr. Pinto

consegue dar algum relevo. A *jarra quebrada* tem uma situação que não é feia, assim fosse melhor compreendida, e um dos melhores actores não estivesse inteiramente deslocado. Finalmente *O octogenário*, é de todas as novidades deste teatro, a única que pode reputar-se de merecimento, ainda que o público a não aplaudiu. O desempenho foi irrepreensível, especialmente nos papéis da Sr.^a Maria Amália Macedo, e do mesmo Sr. Brea, de cujos dotes artísticos não esperávamos tanto.

IMP 116

(*Revista Universal Lisbonense*, 13/03/1851, n.º 27, 2ª série, tomo III, 10º ano, p. 322)

Teatro de D. Fernando – Este teatro tem posto em cena, quase que em seguida, umas poucas de farsas, que todas têm sido mal recebidas pelo público. Depois das que mencionámos no último artigo da «Revista» saíram mais as duas farsas o *Octogenário* e a *Jarra quebrada*, ambas mereciam o destino que tiveram.

O *Club* é uma farsa num acto que se tem sustentado em cena, apesar de sempre ter sido mais ou menos pateada em todas as representações. É uma farsa no gosto das antigas farsas chamadas de barbante. Não tem enredo, nem diálogo, nem caracteres. O epigrama é substituído pela chalaça grosseira, e o que deviam ser caracteres pelas caricaturas grotescas e desenxabidas. Não agradou nem podia agradar. Além de que o sestro de caricaturar uma classe inteira contribuiria, só por si, para a sua queda, se não fosse bastante a sensaboria para a matar. Recomendamos ao Teatro de D. Fernando melhor escolha nas peças de declamação que se resolver apresentar ao público.

Voltou novamente à cena neste teatro a zarzuela espanhola, substituído nas partes de soprano e tenor pela Sr.^a Rafaela e pelo Sr. De Bezzi. A Sr.^a Rafaela não tem voz, mas em troca tem mais desembaraço de cena do que a Sr.^a Persolli (Regina). O Sr. De Bezzi ressentia-se um pouco de cantar italiano, querendo dar à farsa as proporções da tragédia. Emendando-se este defeito, pode servir com préstimo a companhia do Teatro de D. Fernando.

IMP 117

(*O Espectador*, 16/3/1851, 2ª série, n.º 24, p. 188)

Teatro de D. Fernando

O octogenário

Comédia num acto, traduzida de Scribe

Em nossa opinião é esta a mais bonita peça declamada que temos visto no Teatro de D. Fernando. Quem não souber apreciar a nobreza de sentimentos, a boa educação, a franqueza d'alma, a generosidade de ânimo e a gratidão, pode ser que ache esta linda peça, tão exemplar como delicada, uma indigesta sensaboria! Se não tem cambalhotas para os néscios rirem, nem asneiras para divertimento dos maliciosos, nem situações grosseiras para recreio dos parvos!...

Estas *grandes faltas* fizeram, talvez, com que esta bonita peça não tenha agradado como devia. Procuraremos dizer o entrecho em duas palavras.

Uma ingénua menina de 15 anos sai de um colégio para casar com um velho octogenário. O bom do velho queria um anjo que lhe assistisse ao lado os últimos dias de vida. Tem bens de fortuna e quer deixá-los ao objecto das suas simpatias. Foram estas as ideias do seu casamento. As da sua jovem companheira, ainda que mui diversas, estão muito longe do pensamento material, que o facto lhe poderia sugerir mas que a sua idade e educação lhe não deixam atingir. Bem tratar seu esposo, divertir-se, ter dinheiro para socorrer os desvalidos, são as únicas ideias com que a jovem esposa embala suavemente a sua existência matrimonial.

O coração, porém, os instintos de mulher, haviam-lhe antecedentemente suscitado a simpatia por um mancebo vizinho do seu colégio, a quem deveras tinha amor, cuidando que uma singela amizade, semelhante à que nutria pelas suas companheiras, era o único sentimento que a ligava ao seu jovem conhecido. E este era afilhado e protegido do octogenário, seu marido.

A cena entre aquele e a sua amante, sabendo-a casada com o seu protector, é notável pela paixão do mancebo e pela inocente candura da recém-casada. A outra cena, entre o octogenário e sua

mulher, sobre o amor dos dois, que tem descoberto, não é menos notável pela moral exemplar que respira todo o diálogo entre os dois esposos.

O mancebo infeliz parte espontaneamente para o Brasil, e a última frase da peça, dita pelo octogenário, resume o porvir dos dois amantes, expressão de uma alma elevada que bem conhece a sociedade, e que aprecia tão bem a conveniência do presente como antevê a consequência do futuro.

A menina Macedo é exactamente própria para o papel que desempenha, e tudo quanto depende do seu admirável instinto dramático é dito com uma inteligência e uma naturalidade d'encantar. Pena é que talvez poucos cuidados higiênicos lhe tenham feito durar uma certa afeição de laringe, assaz prejudicial à sua bonita voz. Em tudo, porém, para que não basta a inspiração do talento, e que exige o estudo de combinações artísticas, a jovem actriz, talvez por falta de quem bem a aconselhe, cai em defeitos que é mágoa encontrarem-se no meio de tanta habilidade.

IMP 118

(A *Semana Teatral*, 25/03/1851, n.º 11, pp. 42-43)

Teatro de D. Fernando

A volta do cemitério

Temos pena que a empresa deste teatro tenha feito tão má escolha de comédias. Parece que se tem ocupado em procurar quantas falhações há, sensabor e fosséis que desde séculos existem pendentes do clássico cordel, espécie de ostracismo literário.

A *Volta do cemitério*, farsa ou comédia, comédia ou farsa, é um abrimento de boca, sensaboria, dormideira ou como lhe queiram chamar, em um acto, já representado no encarapinhador Salitre sob o título de *Os dois papalvos*. Só por este motivo se pode concluir o grande vulto literário que tal composição fará na república das letras.

Contar-vos o enredo, querido leitor, seria abusar muito da vossa paciência. Bastará dizer-vos que há um amante, uma amante, um velho ambicioso, um velho burlado, um criado – tipo das farsas de mil e quinhentos, etc. O diálogo é repassado daquele espírito que só se encontra, quase igual, nos escritos de José Daniel.

Porém, pedra a quem toca, o Sr. Pinto, a quem ninguém pode negar mérito artístico, provoca algumas vezes o riso pela naturalidade com que asremeda um tartamudo.

Esperamos que no Teatro de D. Fernando se representem para o futuro algumas composições dramáticas a que se possa dar o nome de comédias.

IMP 119

(A *Semana Teatral*, 25/03/1851, n.º 11, p. 44)

A Sr.^a Drusilla Magnani já não é a primeira dama do Teatro de D. Fernando. É apenas essa tão apreciada cantora que na *Giralda* de Scribe e Adam conquistou tantas ovações, dando ao mesmo tempo consideração àquele teatro, é hoje uma dama que foi e nada mais.

Não diremos aos nossos leitores quais foram os motivos que obrigaram a Sr.^a Drusilla a despedir-se do teatro em que estava porque achamos conveniente não tratarmos de bernardas-de-bastidores. O que nos parece dever dizer é que o Teatro de D. Fernando há-de sentir muito a falta desta cantora que tão bem soube preencher o lugar que primeiramente ocupou a Sr.^a C. Persolli.

A economia que a empresa do Teatro de D. Fernando pode fazer com a saída da Sr.^a Drusilla talvez nunca possa equilibrar a perda que por essa mesma saída lhe há-de sobrevir. Queira Deus que nos enganemos.

A Sr.^a Drusilla, que no nosso ver está no caso de ombrear com muitas comprimárias e segundas damas dalguns teatros líricos de primeira ordem que nós conhecemos, pode ufanar-se de ter sido a melhor cantora que pisou o tabalado do Teatro de D. Fernando.

IMP 120

(A *Revolução de Setembro*, 26/03/1851, n.º 2704, p. 1)

De resto Mr. Ratel dá saltos mortais no D. Fernando, com aquela nitidez que já há muito nele se admirava.

Lopes de Mendonça

IMP 121

(*O Espectador*, 6/4/1851, 2ª série, n.º 26, p. 208)

Mr. Ratel, que trabalhou outrora no *circo de Madrid* tem dado algumas representações dos seus *jogos* no Teatro de D. Fernando!...

IMP 122

(*Revista Universal Lisbonense*, 10/04/1851, n.º 31, 2ª série, tomo III, 10º ano, p. 370)

No Teatro de D. Fernando – nada! O canto indolente, seráfico e monótono da Sr.^a Druizilla foi substituído pelas cabriolas do Sr. Ratel! Nem óperas-cómicas, nem peças de declamação, nem nada! Este teatro vai-se desmantelando; dizem-nos que o Sr. Rorick e Lisboa desertam para a Páscoa, como já fez na Quaresma a Sr.^a Druizilla. E depois? As notas daqueles cantores de improviso descem no mercado da opinião pública; que a ópera-cómica acabasse, muito embora, mas quem há-de declamar? A Sr.^a Macedo só não pode valer por uma Companhia inteira, o Sr. Sargedas exagera-se num ponto que só na farsa poederá ter cabimento e o Sr. Francisco Fernandes está tão longe de poder ser um bom galã como o Sr. Brea de representar com naturalidade em papel em que avulte o senso comum. Agora sério. Por que não põe a Sociedade na rua o Sr. Ratel, já visto e revisto, e não trata de reconstruir a Companhia com elementos duráveis, não esquecendo a declamação e aproveitando o muito talento da Sr.^a Macedo? Se o não fazem, perderam-se. A ópera-cómica é por certo muito agradável quando os cantores sabem cantar e declamar ao mesmo tempo, mas assim... valha-nos Deus, ponham os olhos no Sr. Rorick e vejam se aquilo é declamação que se possa ouvir sequer num teatro de Aldeia Galega! Acreditamos que os societários pesarão estas observações e farão o possível para não andarem sempre a porem contra-anúncio nos cartazes, dando o dito por não-dito, e escusando-se até com doenças do Sr. Ratel, como se este Sr. fizesse parte da companhia ou pudesse obstar a que se representasse uma bonita comédia ou se pusesse em cena uma ópera-cómica fácil, bonita, ligeira e em tudo acomodada às forças da companhia!

IMP 123

(*A Semana Teatral*, 10/04/1851, n.º 12, pp. 46-47)

Teatro de D. Fernando

Subiu pela primeira vez à cena a comédia traduzida do francês - *As capas*.

Falando com imparcialidade, a comédia é uma daquelas composições francesas que passam desapercibidas nalgum teatro de terceira ordem; mas que o nosso público, desgraçadamente, muito aplaude e aprecia! Há certas comédias que trazem no título o cunho do que são; mas um cunho mal gravado, que apenas produz uma moeda safada, sem arestas vivas... sem serrilha... sem coisa alguma que possa caracterizá-la.

As capas é uma das tais produções; e com efeito o seu título não lhe podia ser mais adequado: nele se encontra o cunho da tal comediazinha, um cunho misteriosíssimo, mas insignificante; porque a comédia toda se apresenta envolvida numa capa de mistério incompreensível, sob a qual se distingue o tedioso vulto das inverosimilhanças, que apenas se podem tolerar na magia. O principal motor da comédia, a mola-real que faz trabalhar todas as outras, é uma coisa monstruosa e disforme, que não deveria ter saído do gabinete do seu autor.

Eis a descrição: Um alfaiate que, tendo recebido pano para fazer uma dúzia de capas destinadas a certos conjurados, assentou dever cortar da mesma porção de pano mais uma capa! Ora nós

não somos alfaiates; porém, uma vez que devemos falar neste assunto sempre diremos que nos parece muito inverosímil o pensamento; absurda a execução dele a menos que as outras capas ou todas elas não ficassem muito mais pequenas, coisa com que os fregueses altamente se indignariam. Voltemos à descrição da tal mola principal. O alfaiate que em lugar das 12 capas fez 13, guardou uma para si; e apresentando-se com ela em público logo foi julgado irmão dos tais irmãos, que apenas se distinguiam pelo distintivo das capas. Nem mais uma palavra... nem mais um gesto... nem mais um toque... ou outro sinal; nada se tornava necessário para a segurança dos tais irmãos.

Ora não é tudo isto forçado? Onde está aqui a naturalidade!... Pois, meus amáveis leitores, a comédia é toda tão natural como o que acabamos de expor, sem que ao menos a salve a graça dos lances ou situações.

A análise de uma série de banalidades e inverosimilhanças torna-se enfadonha e nós não queremos enfadar; por isso não analisamos a comédia cena por cena.

Em quanto ao desempenho parece-nos que devemos dizer bem.

A senhora Antónia Joaquina entrou perfeitamente e supriu com bastante graça e arte uma cena do 2º acto em que o autor se esqueceu que figurava a mulher do alfaiate! (fazia esta parte). O senhor Pinto (o alfaiate) é um belo artista, não há dúvida; mas padece muito da doença que afecta o senhor Teodorico do teatro de D. Maria II. Faz quanto não deve! Segue absolutamente a mesma escola – torna-se às vezes caricato. E a escola do senhor Teodorico é a que se considera sepultada debaixo das ruínas do Bairro Alto.

Aconselhamos ao senhor Pinto (conselho de amigo) que deixe jazer em paz a pobre e bem pobre da escola que tanto fez rir nossos bons avós: que no-la não apresente agora porque um espectro é sempre hediondo. e muito principalmente visto à luz clara e radiante do gás. Faça-se bom cómico e não engraçado actor.

Dos mais senhores, Nicola, Francisco Fernandes e Teresa, nada temos a dizer senão que – entravam nas *Capas*.

Parece-nos dever lembrar à Sociedade Empresária as murmurações do público contra os grandes intervalos. Realmente chegam às vezes a ser demasiados; e nem todos encontram nalgum camarote, uns olhos... um rosto... um sorriso que lhes faça esquecer que estão num teatro para se julgarem no céu.

IMP 124

(*A Assembleia Literária*, 15/04/1851, 2ª série, nº 17, pp. 134-135)

Teatro de D. Fernando

Mr. Ratel e a sua companhia têm feito a admiração dos frequentadores deste teatro, e posto não sejamos de opinião que tais espectáculos se dêem em teatros de declamação, todavia, depois de termos visto que os teatros subsidiados têm aberto as suas portas a quantos charlatães e arlequins por aí têm, aparecido, não achamos digno de censura que um teatro de segunda ordem admita os trabalhos de uma companhia ainda há pouco tão vitoriosa nos principais teatros de Espanha. Mr. Ratel tem nome em toda a Europa, e na verdade que o merece porque os seus trabalhos difficilimos são executados com perfeição tal que é impossível descrever-se. Pelo que diz respeito à companhia de canto e de declamação é falso o ter-se dito que os srs. Rorick e Lisboa deixam de pertencer-lhe. A Sociedade, segundo nos consta, reorganiza agora a companhia e ensaia com assiduidade algumas óperas-cómicas e comédias para a abertura da sua nova época teatral que começa na próxima Páscoa.

IMP 125

(*Revista Popular*, 04/1851, n.º 15, vol. IV, p. 136)

Teatro de D. Fernando

Uma vítima dos últimos acontecimentos esquisitos - é um pobre homem que, achando-se com o estômago tão vazio como as algibeiras, procura, nos recursos da sua fantasia, alguma forma de sair de tão melindrosa crise. Faz-lhe o acaso saber que se prepara na Madre de Deus um bom jantar em festejo de uns anos. Dirige-se até lá. Aparece-lhe um sujeito que observa, com amorosa vista de proprietário, alguns prédios da estrada. O nosso herói concebe o primeiro

plano. Apresenta-se como engenheiro, encarregado de dirigir a linha de circunvalação da cidade, e noticia-lhe que tem que demolir parte dos prédios, que o proprietário tão carinhosamente contemplava. Trava-se o diálogo, lamentações e pedidos de uma parte, desculpas e insistências de outra, acabam afinal pelo desejado convite para jantar, oferecido por cálculo, e aceite por necessidade. Infelizmente o faminto pseudo-engenheiro não chega a prová-lo porque aparece o verdadeiro encarregado das obras da estrada que desmascara o embuste. O desgraçado socorre-se a outros meios, mas todos por fatalidade com o mesmo resultado. Não é preciso mais para avaliar o pequeno mérito desta composição. O desempenho não passou também de medíocre. *As capas*, imitação de Scribe, é uma comédia de escasso interesse, friamente executada, até mesmo na parte do Sr. Pinto, pouco apropriada ao seu carácter. Não agradou.

IMP 126

(*Revista Popular*, 04/1851, n.º 17, vol. IV, p.151)

Teatro de D. Fernando

Representa-se com o título e pretensões de comédia uma espécie de pantomina em dois actos denominada de *Jocó*. O protagonista é um macaco habilmente copiado d'*après nature* pelo Sr. Ratel, distinto artista ginástico agregado actualmente à companhia. É de lamentar que a Sociedade, para atrair a concorrência e variar de alguma forma os seus espectáculos, se veja obrigada a estas coalizões, que nem sempre nos parecem convenientes.

A Sr.^a Drusilla, um dos melhores ornamentos da companhia, abandonou este teatro, onde mais de uma vez há-de sentir-se incontestavelmente a sua falta. Ensaíam-se algumas peças novas, que muito folgaremos de poder aplaudir e recomendar porque desejamos vivamente a prosperidade da arte e dos artistas.

IMP 127

(*O Espectador*, 12/4/1851, 2ª série, n.º 27, pp. 214-215)

Teatro de D. Fernando

A volta do cemitério

Farsa em 1 acto, imitada do francês

O Padre António Vieira – quando escreveu a sua *arte de furtar* – esqueceu-lhe um capítulo que dissesse respeito às *empalmações* dos teatros. Num país como este, onde a propriedade literária é, por enquanto, uma quimera, onde as leis que se fizeram para a propriedade comum são ineficazes, por que tem de sujeitar um autor, tradutor ou imitador, a um pleito (?), o que importa (desculpe-se-nos a expressão por vulgar) *tornar mais cara a mecha que o sebo*. É natural que os diversos teatros, ou por má fé ou mesmo inocentemente, se apropriem do alheio e o exponham ao público como objecto que lhe custasse *o seu dinheiro*.

Daqui resulta que queremos indicar que esta farsa de que se trata é propriedade de pessoa muito conhecida desta redacção, ou para o dizer duma vez, sem rodeios: é dum dos redactores deste jornal.

Acreditamos piamente que a Sociedade do Teatro de D. Fernando o ignora porque, existindo o hábito de subrepticamente se tirarem cópias de tudo quanto se representa em Lisboa e enviá-las para as províncias, nada mais fácil do que comprar a peso uma dessas cópias em qualquer cantinho do reino. Por isso não lhe fazemos censura, mas sempre consignamos para aí estas linhas para que a todo o tempo nos não venham à cara com o adágio *quem cala consente*. Acresce que nenhuma reclamação fizemos; e podia isso, talvez, servir de argumento contra nós. Mas reclamação para quê? A primeira dificuldade seria provar a identidade, e isso serviria de tema por certo a algum advogado rabugento para citar vinte vezes a Novíssima Reforma Judiciária. Porém, o que nem a Reforma (para nos servirmos da frase dum advogado moderníssimo que tão brilhantemente se estreou na carreira do foro), nem o Pegas, Valasco ou outro que tal, que ressuscitasse de bacalhau e calhamaço debaixo do braço, poderia destruir é a

convicção que temos de que *A volta do cemitério* é uma imitação nossa que nasceu com o nome dos *Dois papalvos*.

A produção não vale a pena disputá-la, pois que, com muita razão notou o nosso colega da *Revista Popular*, é um disparate sensabor; todavia, quantos pais há por esse mundo que morrem pelos filhos disparatados e sensaborões?

Nasceu, portanto, *A volta do Cemitério* crismada com o nome de *Dois papalvos*, baptizada assim no teatro do Salitre, na empresa Gil Vicente, filha de pais franceses que lhe puseram o nome de *Les trois Gobbemouches*. O mérito literário é nulo – e nula também a verosimilhança. No entanto, fazia rir; ou pelo seu desempenho ou fosse pelo que fosse. O Sr. Vasco, no Salitre, criou o papel de Luís da Silveira – imitando chistosamente um tartamudo, papel que reproduzido no mesmo género no Ginásio, pelo Sr. Taborda, na *Porta da Rua*, obteve o resultado que todos sabem. O Sr. Pinto quis copiar o Sr. Vasco e, sendo a cópia não muito fiel, contudo, deve confessar-se que foi o único tolerável no desempenho.

Ainda no teatro da rua dos Condes os *Dois papalvos*, desempenhando o papel de protagonista o Sr. Sargedas, agradaram muitíssimo. Só no Teatro de D. Fernando caíram quase redondamente. Por que seria? O público que responda.

Não nos fazemos cargo de dar conta do enredo, que por muito conhecido nos dispensa desta formalidade.

Uma vítima dos últimos acontecimentos esquisitos

Comédia em 1 acto

Outra composição bem medíocre com que a Sociedade do Teatro de D. Fernando nos apoquentou ultimamente! O seu *canevas* não oferece interesse de qualidade nenhuma; a peça é mal conduzida, e no seu todo nota-se-lhe certa frieza que faz perder o efeito dalguma cena sofrível que porventura tenha.

Um pobre diabo, achando-se à paz do piroló, com as algibeiras em cotão e o estômago a pedir chuva, anda excogitando na sua fantasia algum meio de sair de semelhante apuro. Por acaso sabe um dia que, lá para as bandas da Madre de Deus, há um grande jantar para festejar os anos de um proprietário rico daqueles sítios, e lembra-se de dar um passeio até lá, para ver se pode apanhar algum alimento para o estômago. No caminho encontra um sujeito que observa com a complacente vista de dono alguns dos prédios da estrada. O nosso herói concebe um belo plano. Apresenta-se-lhe como engenheiro civil encarregado das obras da linha de circunvalação de Lisboa, e dá-lhe a notícia: que em consequência do plano que adoptara, tem ele que mandar demolir parte dos prédios que o seu proprietário tão carinhosamente contemplava. A conversação está entabulada: rogos e lamentações por um lado, insistências e desculpas pelo outro, acabando tudo com o desejado convite para jantar, oferecido por cálculo e aceito por necessidade. Infelizmente, porém, o faminto pseudo-engenheiro não chega a prová-lo porque aparece o verdadeiro encarregado das obras das estradas que desmascara o embuste. O pobre homem recorre a outros meios, mas infelizmente todos com o mesmo infeliz resultado. Por esta pequena descrição do enredo se pode avaliar a insignificância da peça. O desempenho foi abaixo do medíocre, como a maior parte das peças que temos visto neste teatro.

IMP 128

(*O Espectador*, 20/4/1851, 2ª série, n.º 28, p. 222)

A jarra quebrada

Comédia num acto traduzida do francês

A *Jarra quebrada* é uma peça delicada e de situações cómicas, fundada no ridículo ou no divertido dos costumes nacionais, como são hoje quase todas as peças deste género em França, depois que se operou a transformação do jocoso cénico que lá, como em nossos antigos entremeses, estava baseado em extravagantes sandices com que o povo ria estupidamente. Foram banidas as grosseiras graçolas dos palhaços e os torpes saltos dos arlequins como cá se

tem ido desterrando os indecentes equívocos do gracioso, das lambarices da lacaia e as fastidiosas lamúrias do velho namorado.

Deste modo as faras se têm modificado até à comédia de costumes, mais ou menos exagerada, mais ou menos verosímil. A *jarra quebrada* peca por ambos estes lados. É exagerada quase sempre, inverosímil no seu complexo. Apresenta, porém, uma série de qui pro quos que divertem muito. Uma viúva moça mora defronte de um advogado rapaz. O namorado da criada da jovem viúva atira para dentro da casa desta com um bilhete que trazia dentro uma pedra que quebra uma jarra que estava à janela. Era a dona da casa que ali tinha chegado e toma o bilhete como a ela dirigido. Indaga quem sejam os vizinhos e presume que não pode ser outro senão o advogado. A curiosidade feminina e, talvez, o desejo de buscar pretexto para passar a segundas núpcias fazem com que ela o mande chamar para o consultar sobre um processo que quer propor, que é nada menos que o de pedir uma indemnização pelo quebramento da sua jarra válida. Maravilhada, porém, fica com a indiferença e placidez com que o moço advogado a escuta e quando este se despede, já namorada dele, relê de novo o misterioso bilhete. A esse tempo espreitava-a, escondido, o amante da sua criada, e, presumindo por aquela afectuosa leitura que a ama se apaixonara dele, apresenta-se audacioso como pretendente à sua mão. Tem, porém, que se contentar com a da criada porque, apesar doutro velho pretendente, que dá ocasião a um episódio engraçado, o jovem bacharel vem a casar com a sensível viuvinha. Se exceptuarmos a menina Macedo que, assim mesmo, parece-nos que é aonde menos feliz a temos visto, a execução não tem análise possível.

IMP 129

(A *Semana Teatral*, 26/04/1851, n.º 13, pp. 50-51)

Teatro de D. Fernando

Depois das *Capas* deu-se naquele teatro a comédia original em um acto – *Uma vítima dos últimos acontecimentos esquisitos*. É uma composição vulgar que não deixa de ter alguma graça. Um homem que ficara reduzido à miséria, a ponto de morrer de fome, sabe que na Madre de Deus se dá um jantar, e aí voa guiado pelo instinto de todos os animais para a conservação da vida. Encontra-se com o *independente* que projectava saborear o seu jantar em frente dum magnífico prédio que ali perto tinha feito construir, e o nosso herói concebe o seu plano. Inculca-se como o encarregado de traçar o plano de circunvalação e declara ser necessário, para esse fim, demolir parte do prédio. O proprietário indigna-se com semelhante projecto – o *encarregado* persiste na sua deliberação – finalmente pactuam – agradecimento dum e anuência doutro, e o remate é o desejado convite para o jantar. Mas sucede que o verdadeiro oficial engenheiro ali se acha presente. O engano é reconhecido e a impostura desmascarada: logo, lá se vai o convite do jantar!

O herói não esmorece com isto, e inculca-se como um certo figurão que ali mandara preparar um jantar para três pessoas, conforme ao que tinha ouvido dizer ao criado do mesmo; faltam-lhe os dous amigos, mas ele corre a buscar e convidar os dou primeiros janotas que encontra. Infelizmente um deles é o próprio que mandara encomendar o jantar; conhece a estratégia mas deixa caminhar a aventura, que o diverte.

Finalmente tudo se desmascara e entra nos seus verdadeiros caracteres. As cenas são tratadas com alguma habilidade, ainda que por vezes lhe[s] falta o natural. O desempenho é bom. – O Sr. Pinto (a *vítima*) vai bem, e muito melhor iria se deixasse de se fazer caricato. Em quanto aos trabalhadores da companhia do Sr. Ratel, não podemos deixar de lhe tecer louvores. O Sr. Dias é um artista de muita habilidade e presteza: o público bem lho deu a entender nas suas sinceras ovações. Realmente agrada muito no *Trapézio grego*, onde se apresenta sempre com desembaraço e natural presença de espírito, nas suas raras e perigosas agilidades.

Deu-se também a segunda representação do *Jocó*, executado pelo Sr. Ratel com suma graça. O Sr. Brea entra perfeitamente na sua parte de proprietário europeu. – A Sr.^a Macedo apresenta-se com toda a graça duma escrava que sabe escravizar corações. O seu vestuário fantástico de caçadora dos bosques dá-lhe muito realce, se é que a Sr.^a Macedo não reparte com tudo quanto a cerca a beleza e o esplendor que lhe são naturais.

O que no *Jocó* nos não pareceu bem executado é a trovoada, a tempestade e o incêndio do bergantim. Enfim... Sabemos que a caixa do teatro não se presta muito para aquelas visualidades.

A concorrência tem sido pequena, tanto na plateia como nos camarotes e galerias: eis o que resulta do pobre Teatro de D. Fernando trabalhar com o de S. Carlos! A culpa não é da direcção, porque por vezes tem solicitado o contrário, mas sim de quem olha com indiferença os interesses daquele teatro português! Mas o que se há de fazer, se quase tudo é assim nesta nossa malfadada terra! Tira-se o necessário ao filho para dar o supérfluo ao adoptado!

E por que se faz isto? porque o filho é pobre de graças e de merecimento?... Embora! Sempre é filho!

Dadas certas circunstâncias, prometemos falar largamente sobre este assunto, e demonstrar o absurdo de se exigir dum teatro não subsidiado que trabalhe em noites determinadas.

IMP 130

(*O Espectador*, 27/4/1851, 2ª série, n.º 29, pp. 230-231)

Teatro de D. Fernando

As capas

Comédia em 2 actos, traduzida de Scribe.

Já noutro tempo tínhamos visto esta comédia no Teatro do Salitre sob o nome dos *Capotes*, sendo aí muito aplaudida, mesmo apesar de não ser representada por actores de primeira ordem. Desta vez, porém, no Teatro de D. Fernando, caiu completamente, o que foi devido, sem a menor dúvida, ao modo como foi representada, que está abaixo de toda a crítica.

Esta comédia é uma produção de enredo muito simples, porém bem conduzida e em extremo delicada, como tudo o que sai da pena do seu autor. Certos conspiradores tinham combinado entre si usarem de uns capotes (capas, no Teatro de D. Fernando) os quais servissem como de senhas para entre si se reconhecerem. Com este fim dirigem-se a um alfaiate para este fazer doze capotes iguais. O alfaiate, que vê que o pano chega para mais um capote, e que não desgosta do feitio dos que lhe foram encomendados pelos tais sujeitos, resolve-se a fazer um também para si. É isto que constitui quase todo o enredo da comédia e que dá ocasião a uma série de cenas bastante divertidas, fazendo com que os conspiradores tomem o alfaiate por um dos iniciados nos altos mistérios, não entendendo este nada de tudo quanto aqueles lhe dizem e sendo o décimo terceiro capote a origem de a conspiração ficar malograda.

Para Scribe poder ser devidamente apreciado, para que o público possa dar apreço e gostar das suas produções, quase todas elas fundadas principalmente nas belezas do diálogo, no bem cozinhado das cenas, na delicadeza dos *qui pro quos* e na naturalidade do *todo*, é preciso que sejam representadas como elas o demandam e não sejam estropiadas no uso dos chamados teatros de província, onde se representa ainda hoje como se fazia há vinte anos passados.

Para hoje em dia reproduzir em cena esse viver doméstico que se encontra nas composições ligeiras e coquettes de Scribe, estudadas, quase todas, na vida tumultuosa dos salões, é mister andar no grande mundo, aliás a Marquesa sairá com modos de colareja e o *elegante* não passará dum ordinário moço de cocheira. Com estas e outras dificuldades tinham de lutar os actores deste teatro e por isso, talvez, compreenderam tão mal os seus papéis: os seus movimentos eram forçados e sem graça, e o seu *todo* não tinha visos do que pretendiam copiar.

IMP 131

(*Revista Popular*, 05/1851, n.º 20, vol. IV, p. 174)

Teatro de D. Fernando

Tem havido uma longa intermitência nos espectáculos desta casa, devida, segundo cremos, em grande parte, às circunstâncias da companhia. Ultimamente representou-se o melodrama jocoso em 2 actos e 4 quadros intitulado *Uma aventura de Escaramúcia*. A música é pitoresca e engraçada, assim como a parte dramática fria e sensabor. Na execução, as forças da companhia

mostraram-se frequentemente inferiores à peça, exceptuando a Sr.^a Maria Amália na parte do *Conde Mutilhi* [sic], o mais gentil e galhardo Conde, que há muito vemos. Se todos compreendessem a arte como esta esperançosa e inteligente menina, outra seria a estrela deste teatro. Infelizmente exemplos destes não aliciam, entre nós, imitadores.

IMP 132

(*O Espectador*, 18/5/1851, 2^a série, n.º 31, p. 244-245)

Teatro de D. Fernando

O cego

Comédia em 1 acto, traduzida do francês.

Temos a registar no nosso jornal a queda de mais uma peça no Teatro de D. Fernando. O *Cego* não agradou aos poucos frequentadores deste teatro e quanto a nós com toda a razão. É uma sensaboria, digna irmã dos *Clubs*, *Bailes*, *Vítimas dos últimos acontecimentos* e outros anfiguris anti-cômicos com que ele quase constantemente nos tem ralado a paciência nestes últimos tempos. O enredo é mal conduzido e em parte inverosímil, o mérito literário nulo, o diálogo frio e insulso e não merece que nos demorem na sua análise nem mais um instante.

Aproveitamos também o ensejo para fazermos uma observação. Temos notado que os tradutores de moderníssima data tomam uma afeição tal às suas traduções que mais não pode ser. Estomagam-se se lhas censuram, amofinam-se e não choram, por vergonha. E todavia o odioso, se o há, não recai nunca senão sobre o autor. Covençam-se, pois, os nossos compatriotas que há uma diferença incomensurável entre os filhos naturais e legítimos, não pelo lado dos sentimentos do coração, mas *coram populo*. Portanto, debaixo deste ponto de vista permita-nos a mocidade tradutora que lhe digamos, sem ofensa da sua delicada susceptibilidade, que a sua parte é distinta da *parte credora*, inteiramente distinta, isto é, entre o tradutor e o autor vai o mesmo espaço que entre o Rossio e o Terreiro do Paço.

Jocó

Comédia em 2 actos.

O Teatro de D. Fernando vegeta há tempos a esta parte, quase ao abandono. Quando em Julho assistimos à sua reabertura bem longe estávamos de prever que tão cedo tivesse de lutar com o desfavor do público. A novidade, que é em quase tudo uma boa condição, incluindo, segundo já disse um respeitável estadista nosso, o belo sexo e as leis, não lhe tem bastado até hoje para o salvar duma precoce e nada equívoca impopularidade; era a melhor garantia da concorrência, ao menos durante os primeiros tempos, mas os factos, como todos nós sabemos, zombam infelizmente de todas as garantias; algumas noites, algumas semanas, quando muito, e a curiosidade pública estava satisfeita! Daí por diante este teatro tem estado quase sempre deserto!

Por que será? Donde vem esta pronunciada indiferença pelo Teatro Dom Fernando? Será o espectro assustador da ex-igreja que afugenta o público indignado? Serão os escrúpulos, meticulosos das consciências ultra-ortodoxas - o santo horror ao templo mascarado - a causa única deste desamparo fatal? Influirá também nas turbas o receio de respirar algumas horas os miasmas de pútridas sepulturas... que ali houve? Não o cremos. O público está acostumado a esquecer estas higiénicas e pias considerações quando trata de se divertir; os vermelhos da religião e as beatas macróbias não são o público. As causas devem ser outras.

Estarão na escolha dos espectáculos e no pessoal da companhia? É provável que sim. Os espectáculos nem sempre têm sido acertadamente escolhidos. Os actores não satisfazem cabalmente as exigências do público.

A Sociedade deste teatro para suprir isto de algum modo tem ultimamente recorrido aos meios *extraordinários* com o fim de atrair o público. Associou-se com Mr. Ratel, antigo palhaço do circo dos cavalinhos, para este dar ali algumas representações dos seus sublimes jogos

ginásticos e outras arlequinadas. Mas ainda estes meios violentos não puderam fazer com que o público concorresse aos seus espectáculos.

Ultimamente foi à cena neste teatro uma pantomima em dois actos, com o título e pretensões de comédia, intitulada *Jocó*. Esta peça é ainda um dos ramos que por nossa desgraça nos tem constantemente perseguido desde 1835. Nesse ano tivemos em S. Carlos uma dança intitulada *Jocko ou la scimmia riconoscente*. Em 1836 foi representado, pela companhia francesa do Sr. Doux, no Teatro da Rua dos Condes, um drama *Jocko ou le singe du Brésil*, e em 1851, no mesmo teatro, representou a companhia portuguesa também um drama *Jocko ou o macaco de Malicolo*. Daí para cá temos tido constantemente Jockos em cena por toda a parte, no *Circo de Madrid*, na *Praça do Salitre*, na *Rua do Vigário*, etc., isto sem falar nos infinitos *Jockos políticos* de que infelizmente tanto abunda a nossa terra.

O protagonista desta peça é um macaco que na verdade é habilmente copiado *d'après nature* pelo Sr. Ratel, mas que nos parece mais próprio para ser representado numa praça de arlequins do que num teatro de declamação. É de lamentar que a Sociedade, para atrair a concorrência e variar de alguma forma os seus espectáculos, se veja obrigada a estas *coalisões* que não nos parecem sempre convenientes.

Não nos esqueceremos de mencionar a Sr.^a Macedo que representa com muito chiste o papel da escrava Cora. O seu vestuário fantástico de caçadora dos bosques é elegante e fica-lhe muito bem. Do resto dos actores não há nada que especializar.

IMP 133

(*O Espectador*, 31/5/1851, 2ª série, n.º 32, pp. 253-254)

Teatro de D. Fernando

Uma aventura de Scaramucia

Ópera-cômica em 2 actos e 4 quadros: música de Luís Ricci.

A Sociedade do Teatro de D. Fernando quis ainda tentar uma prova para ver se alcançava a concorrência pública que de há tempos a esta parte tão limitada se tem tornado neste teatro. Para este efeito lançou mão da bonita burleta de Ricci *Una aventura di Scaramuccia*, já representada no nosso Teatro de S. Carlos em 1838 pelas Galvi (Sandrina), Hanzon (Conde de Pontigny) e Valentini (Helena) e por Maggiorotti (Scaramuccia), Campagnoli (Tomás), Zambaite (Lelio), Ramonda (Domingos) e Crosa (Visconde de S. Valier). Mas a tentativa não foi feliz. O teatro, salvo alguns dias de benefício, tem continuado a estar deserto e parece-nos que já não há remédio, por mais heróico que seja, que o possa livrar de uma morte muito próxima.

Daremos uma leve ideia desta ópera: Tiberio Fiorelli, nascido em Nápoles em 1608 e falecido em Paris em Dezembro de 1694, foi o maior cómico dos seus tempos, gozando, em grande parte, da privança dos reis Luís XIII e Luís XIV. Este célebre actor obteve o nome de Scaramuccia por uma qualidade de papéis ou máscara assim chamados que ele costumava representar. Introduziu em Paris a comédia italiana e por tal modo agradou que causaria inveja ao próprio Molière se este grande homem fosse susceptível deste *pecado mortal*. Fiorelli compunha ele mesmo as mais jocosas farsas tornando-se, sobretudo, notável nas comédias improvisadas, para as quais tinha uma habilidade particular. E se não foi o inventor foi decerto naquela época o principal fautor das produções misturadas de música, prosa e daquelas jocosas paródias com as quais se punham em ridículo as mais sérias representações dramáticas. Tal é o personagem sobre o qual se funda este melodrama, constando a acção de uma anedota tida por verdadeira, em que figura principalmente uma tal Sandrina, criada de Scaramuccia. Passaremos, porém, em silêncio o enredo e desenvolvimento desta ópera para não tornarmos demasiadamente extenso este artigo.

A poesia da Scaramuccia é do célebre Felix Romani e, como tal, escusado é dizer que está recheada de óptimos versos, de belas sentenças, de engraçados ditos, e de cenas muito chistosas, como todas as produções que saem da pena deste ilustre poeta, que goza da reputação de primeiro *libretista* do mundo. No Teatro de D. Fernando, porém, foi o poema tão mutilado e está traduzido de tal modo e tão mal alinhavado que parece inteiramente outra peça. Basta dizer

que a parte do conde de Pontigny, uma das principais da ópera, foi em grande parte cortada e aquilo mesmo que dela se conservou é declamado em lugar de ser cantado!

A música é toda muito característica, engraçada e pitoresca e na opinião do maestro Mazzucato «é um verdadeiro ramalhete de flores musicais, dignas do autor da *Clara de Rosemberg, Dois sargentos*, etc.». Acontece com esta, porém, no Teatro de D. Fernando, o mesmo do que com o *libreto*. Está toda mutilada, tendo-se-lhe cortado alguns trechos inteiros, como, por exemplo, a cavatina do conde de Pontigny, o dueto deste com Scaramuccia, no 1.º acto, a ária do conde, no 2.º acto, etc., e perdendo todo o efeito outras peças pela falta que faz a voz de contralto.

A execução foi em geral má, o que não podia deixar de acontecer visto a música ser muito superior às forças dos artistas cantantes deste teatro. Exceptuaremos, porém, (na parte declamada e cénica) a menina Macedo, que desempenhou o papel do conde de Pontigny com suma habilidade e, servindo-nos da expressão de um nosso amigo e colega, diremos que é «o mais gentil galhardo conde que há muito vemos».

IMP 134

(*Revista Popular*, 06/1851, n.º 23, vol. IV, p. 199)

Teatro de D. Fernando

Pelos avisos publicados nos jornais depreende-se que a companhia infeliz deste teatro, não podendo lutar por mais tempo, se vê obrigada a interromper as récitas. Não acreditamos que lhe seja possível de novo levantar-se e ganhar crédito.

IMP 135

(*Revista Popular*, 07/1851, n.º 27, vol. IV, p. 235)

Teatro de D. Fernando

Mau fado parece perseguir este teatro, por mais esforços que a empresa tenha feito por chamar ali a concorrência, esses esforços têm saído em grande parte frustrados. Encerrado por alguns meses torna agora a abrir portas, para encetar outra época, em que é, desgraçadamente, provável que não seja muito feliz. Uma companhia de actores espanhóis propõe-se dar naquele teatro algumas representações no idioma castelhano. – No dia 14 foi a primeira récita, compondo-se esta do drama histórico – *Guzmán el Bueno* – do distinto literato e poeta D. António Gil de Zarate. Não assistimos a esta representação, sendo-nos por consequência impossível, por ora, emitir a seu respeito uma opinião conscienciosa.

IMP 136

(*Revista Universal Lisbonense*, 24/07/1851, n.º 46, 2ª série, tomo III, 10º ano, p. 551)

Chegou há poucos dias a Lisboa uma companhia de actores espanhóis que tem dado as suas récitas com regularidade no Teatro de D. Fernando. Parece-nos que a imprensa tem sido hiperbólica nos elogios *gerais* com que a tem recebido. Na nossa opinião, apenas faz parte da companhia um actor verdadeiramente digno desse nome – é o Sr. Fragoso. Tem representado alguns dramas do moderno repertório espanhol, digno dos sucessores de Calderón e Lopo da Vega. *Guzmán el bueno*, com que debutaram, é um drama do Sr. Gil y Zarate em que a par duma metrificacão novíssima avultam pensamentos e belezas poéticas de primeira ordem.

Contudo, não estamos costumados a ouvir declamar em verso e a pronúncia arrastada que nos dizem pertencer à nova escola de declamação espanhola quadra-se pouco com a singeleza e desafectação que se requerem como dotes principais na declamação do verso português. Fizemos, porém, uma observação. Na declamação da prosa recitam com naturalidade e sem esforço, o que decerto prova que outro tanto fariam do verso se o gosto público e a escola de declamação moderna se não opusessem a isso. A companhia é numerosa. Tem baile, canto e declamação. As dançarinas por certo que não são rivais de Vénus. Dançam mal e devem consultar pouco os espelhos com medo dos desenganos. O canto – apesar de serem canções andaluzas – foi mal recebido. Têm dado algumas comédias bastante espirituosas, principalmente

o *Manolito* e *D. Patricio*, em que o Sr. Fragoso desempenha os papéis de protagonista. O resto dos seus colegas supre, mas não satisfaz. A Sr.^a Bastio tem pretendido armar à popularidade desempenhando papéis de homens. Se bem que tenha inteligência acima do vulgar para os papéis de comédia, é sofrivelmente desfavorecida da natureza para poder representar de Adónis. O repertório da Sociedade é bastante variado e, principalmente em comédias, têm sempre sido felizes. No fim de nove récitas, dizem-nos que desejam dar algumas no Teatro de D. Maria, por se não prestar D. Fernando a certa ordem de espectáculos.

IMP 137

(*O Interesse Público*, 26/7/1851, n.º 3068, p. 2)

A companhia espanhola tem sido aplaudida em D. Fernando e o teatro concorrido.

IMP 138

(*Revista Popular*, 08/1851, n.º 29, vol. IV, p.301)

Teatro de D. Fernando

Este teatro é actualmente concorrido pela melhor sociedade de Lisboa, graças à companhia espanhola que aí dá suas representações. Têm subido à cena algumas das melhores peças do abundantíssimo repertório espanhol, que, em geral, agradaram e têm sido desempenhadas com muita regularidade. A Sr.^a Bastio, primeira dama da companhia, é uma actriz de subido mérito: nas *Travessuras de Joana*, principalmente, revelou grande inteligência, e sem conhecimento profundo da arte que professa com distinção, merecendo os aplausos com que o público reconheceu os seus esforços. No *Monolito Gázquez*, sainete andaluz, tivemos o gosto de ouvir o Sr. Fragoso, realmente é um actor inimitável de graça e de naturalidade. Representou-se o *Conde de Monte Cristo* e anuncia-se o *Tio Canniguitas*, zarzuela de muita nomeada, e o *Memorialista*, em que o Sr. Fragoso desempenha o principal papel, tanto basta para ali atrair grande concorrência.

IMP 139

(*Revista Popular*, 08/1851, n.º 32, vol. IV, p.323)

Teatro de D. Fernando

Neste teatro continuam as representações pela companhia espanhola. O repertório que a companhia apresenta é riquíssimo. Quase todas as noites há uma peça nova no Teatro de D. Fernando.

Distingue-se entre os actores, por seu raro mérito, o Sr. Fragoso. Ninguém deve deixar de ir, ao menos uma vez, ao teatro para assistir a um dos bons espectáculos, que esta companhia costuma apresentar.

IMP 140

(*Revista Universal Lisbonense*, 14/08/1851, n.º 1, 2ª série, tomo IV, 11º ano, p. 11)

Teatro Francês

Dentro de algum tempo vamos ter a fortuna de possuir por alguns meses uma Companhia Dramática Francesa. Anda-se em ajustes com os actuais alugadores do Teatro D. Fernando para concederem licença para ali se darem as representações da Companhia Francesa. Esta companhia vem aqui de passagem para Madrid onde se vai estabelecer.

IMP 141

(*O Interesse Público*, 5/9/1851, n.º 4002, p. 2)

Teatro de D. Fernando.

A Sociedade dramática espanhola, que durante a sua permanência nesta corte tantos favores recebeu do público, próxima a regressar à sua pátria deseja em testemunho da sua gratidão que as últimas récitas que tem a apresentar possam satisfazer os seus amigos e protectores.

Conhece que reduzido hoje a um pequeno número de actores mal poderia desempenhar o seu desejo se um feliz acaso não tivesse conduzido a Lisboa a Sociedade de amigos panderetólogos composta de quatro artistas dirigidos pelo célebre Sr. Miralles, a qual, com a sua extraordinária habilidade e destreza, soube dar ao pandeiro toda a suavidade e harmonia necessária para com ele tocar todas as peças mais difíceis de quaisquer partituras, tendo sempre sido acolhidos com o maior entusiasmo nos primeiros teatros de Espanha, chamando-lhe a empresa, com justa razão, o rei do pandeiro.

O público lisbonense vai, pois, julgar do mérito deste artista que, unido com a Sociedade dramática espanhola, se apresentará pela primeira vez perante ele, dando-se o seguinte espectáculo:

1.º - Valsas e polkas, obrigadas a pandeiro pelo Sr. Miralles.

2.º - Primeira representação do drama andaluz em um acto intitulado *El corazón de un bandido*, desempenhado pelos Srs. Lutgado, Frago, Lafuente e a Sr.ª Barana e pelo resto da companhia.

3.º - Grande sinfonia *Os dois Figaros* com pandeiro obrigado, o qual executará com ele diferentes sons harmoniosos e evoluções.

4.º Baile inglês pelo Sr. Hidalgo

Terminando o espectáculo com o surpreendente quinteto de pandeiro sobre motivos da ópera *O dominó preto*, composto e dirigido pelo Sr. Miralles.

Na próxima semana subirá à cena a excelente ópera-cómica do género andaluz, música do maestro Soriano Fuertes, poema de D. José Sanz Pérez, intitulado *El tío Caniyitas*. Por que esta ópera se apresente com a maior exactidão pintou-se uma cena representando a praça de S. João de Deus, de Cádiz. A música tem sido ensaiada e dirigida pelo maestro, o Sr. José Sanz.

IMP 142

(*Revista Popular*, 09/1851, n.º 36, vol. IV, p.359)

Na Terça-feira, estava anunciada a segunda representação da ópera-cómica em dois actos *El tío Caniyitas*, e a segunda representação da comédia em um acto – *Trapisondas por bondad*. – À hora do costume abriu-se o teatro, acenderam-se as luzes, e a orquestra estava no seu posto, mas os camarotes e os bancos da plateia estavam vazios, e a companhia espanhola, depois de pedir competente licença à autoridade administrativa, não teve remédio senão mandar fechar as portas, e ir cada um para sua casa pensando naquelas célebres palavras do *Scaramuccia*:

La scena è un mare instabile

Che cangia ad ogni vento.

O abandono em que ficou o teatro nesta noite atribui-se geralmente às desordens que ali tiveram lugar no Domingo.

IMP 143

(*O Interesse Público*, 12/9/1851, n.º 4008, p. 2)

Teatro de D. Fernando

Recomendamos o benefício da Sr.ª Escobar, que tem lugar hoje Sexta-feira, tocando pela última vez a pandeireta o Sr. Miralles que o público aplaudiu ultimamente, e com justiça, pelo muito mérito que realmente tem.

A Sr.ª Escobar acaba de restabelecer-se de uma longa enfermidade e é uma verdadeira acção filantrópica o concorrer ao seu benefício. Este convite aos nobres sentimentos do público achará eco em todos os corações generosos.

Domingo terá lugar a primeira representação da excelente ópera-cómica *El tío Caniyitas*.

A abertura do teatro com a companhia portuguesa terá pouca demora. Na primeira noite serão representadas duas comédias, sendo uma do Sr. Duarte de Sá e a outra do Sr. Martins da Silva.

IMP 144

(*O Interesse Público*, 17/9/1851, n.º 4012)

Teatro de D. Fernando

Tendo tido lugar neste teatro em a noite 14 do corrente uma ocorrência desagradável entre o público e um actor da companhia espanhola, sente vivamente que sobreviesse tão triste acontecimento, por isso que tendo recebido do ilustrado público desta capital toda a protecção e bom acolhimento só com gratidão deseja retribuir a tantos favores. E assim, não tendo tomado parte neste acontecimento os mais actores da companhia, estes pedem ao respeitável público, que, esquecendo aquele escândalo, os continue a proteger e receber com magnânima benevolência, pelo que, reconhecidos, protestam ser estreitamente gratos e aproveitam esta ocasião para prevenir que o Sr. Lafuente será substituído na ópera o *Canyitas* pelo Sr. Brea.

IMP 145

(*Braz Tizana*, 19/09/1851, n.º 69, p. 1)

Temos a lamentar um desacato ao público no Teatro de D. Fernando. O actor Lafuente foi recebido com uma pequena pateada acintosa. Orgulhoso e altivo, o filho de Espanha provocou a plateia, chegando a ameaçá-la com uma bengala que trazia. O Augusto Lima, administrador do bairro da Mouraria, que estava presente, portou-se bem, mandando com segurança, para o Limoeiro, o actor insolente que tinha insultado a plateia.

IMP 146

(*Braz Tizana*, 22/09/1851, n.º 71, p. 2)

O meu galego assistiu aos acontecimentos sinistro-cômicos do Teatro de D. Fernando. O Sr. Lafuente (olhe que não é o F. R. Gerundio, autor da História de Espanha) furtou uma rapariga a certo ratão que frequenta o Toscano. Esquentou-se o homem com o rapto e vingou-se dando pateada ao Lafuente. No fim do acto, o Lafuente veio à plateia e provocou o pateante; mas o lugar era impróprio e a autoridade sacudiu o espanhol. No fim do acto o Lafuente saiu e provocou o mundo inteiro. Interveio a guarda e acomodou-se o barulho. Começou a farsa e apenas apareceu o Lafuente começou também uma daquelas pateadas estrondosas a que não se resiste. Já era questão de espanhóis com portugueses. O Lafuente saíu do seu sério e ameaçou a plateia com a bengala. Foi então um dia de juízo. Tudo fez bulha, tudo berrou, por pouco não saltam ao palco para fazer em pedaços o actor insolente. O Lima, que estava no camarote da administração, mandou prender o actor e lá conseguiu, como pôde, fazê-lo escapulir, sem que o público lhe pusesse mais as vistas em cima. O homem foi para o Limoeiro, mas anda já solto. A companhia deu uma satisfação, e o tal Lafuente escreveu uma carta, que explica, mas não justifica, o seu procedimento. O meu galego está sentido com a coisa e por espírito de patriotismo deu palmas quando o homem dirigiu à plateia a sua estúpida e insolente ameaça. A companhia de D. Fernando teve ontem, 16, um grave dissabor. Abriu-se o teatro, estava tudo a postos, mas faltava o público!... Fechou-se outra vez tudo, tendo as autoridades de se retirar em santa paz, depois daquela inequívoca demonstração com que o público castigou os artistas espanhóis.

IMP 147

(*A Semana Teatral*, 17/10/1851, 2ª série, n.º 1, p. 2)

Abriu-se de novo o Teatro de D. Fernando. Mas a nosso ver promete mui limitada existência, pois somente o vemos apoiado sobre bases bastante frágeis.

É preciso que sejamos francos e que nos deixemos de contemplações quando se trata de, por meio da análise, fazermos justiça a quem ela toca.

Não hesitamos em dizer que, seja qual o for o repertório que a Sociedade Empresária deste teatro queira estabelecer, nunca poderá ele conseguir o menor resultado, porque a maior falta não está no repertório mas sim na companhia.

O que importa que a Sociedade Empresária se esmerasse em apresentar-nos cinco ou seis damas se todas elas, exceptuando a jovem actriz, a Sr.^a Maria Amália, não podem suprir a extrema falta de uma boa primeira dama?

É na quantidade que a Sociedade se esmera e não na qualidade?

A companhia deste teatro está de tal modo estabelecida que achamos incompatível com as suas pequenas forças a sustentação de um género qualquer.

Desengane-se a Sociedade Empresária que, ainda que tenha muito boas peças para apresentar, é impossível que em elas possa fazer fortuna.

A companhia, mesmo supondo que o seu repertório seja bem escolhido, faz o mesmo a respeito dele que uma criança que, tendo acabado de aprender o catecismo, passa a ler um bom livro que não entende e que por isso o lê sem ordem, sem nexos, sem a menor perfeição, em suma.

Se a Sociedade deste teatro não tratar de novas aquisições, isto é, de associar a si uma boa *dama*, um bom *galã*, um bom centro, etc. desengane-se, que nada faz, porque o público, acérrimo inimigo de tudo quanto seja sensaboria, há-de fugir-lhe, e como ele é somente que sustenta o teatro, o teatro não poderá subsistir.

Ora eis aqui um esboço do estado da companhia do Teatro de D. Fernando e o fim que em virtude desse estado é susceptível de ter.

Por ora nada falaremos do género ali adoptado, porque, não podendo nós aconselhar a sustentação dele, não conhecemos, contudo, um outro nas actuais circunstâncias seja mais adaptado às forças da companhia e ao gosto do público.

No meio de tudo isto louvamos a companhia deste teatro pelos grandes esforços que emprega para adquirir a simpatia pública.

IMP 148

(A *Revolução de Setembro*, 18/10/1851, n.º 2870, p. 1)

O homem gordo no Teatro de D. Fernando afirmam-nos que não produziu grande efeito.[...]

Lopes de Mendonça[...]

IMP 149

(A *Semana Teatral*, 28/10/1851, 2ª série, n.º 2, p. 8)

Teatro de D. Fernando

O Teatro de D. Fernando ainda funciona a par do de D. Carlos; e o Ginásio, que parece ser o teatro protegido, continua com o de D. Maria II.

A autoridade a quem por tantas vezes nos temos aqui dirigido a fim de estabelecer o encontro das representações dos teatros sem que uns prejudiquem os outros nada, por enquanto, tem decidido a tal respeito; e o Teatro do Ginásio a lucrar com a demora e o de D. Fernando a perder com ela. Quiséramos que já de uma vez se decidisse esta singular contenda; mas que essa decisão fosse baseada na lei, como em todo o caso cumpre às autoridades que sabem desempenhar as suas missões quando se trata de fazer justiça inteira a quem ela pertence.

Enquanto este mesquinho problema, que pode resolver-se sem o auxílio da álgebra, não estiver resolvido não nos descuidaremos em apresentar os nossos justos reparos acerca dessa espécie de controvérsia que há muito tempo existe (segundo havemos sido informados) entre a Sociedade do Teatro de D. Fernando e a autoridade a quem cumpre tomar parte nesta questão.

IMP 150

(A *Revolução de Setembro*, 03/11/1851, n.º 2882, p. 2)

Não trataríamos do *Anel do rei* que se deu no Teatro de D. Fernando, se não devêssemos falar da jovem Macedo, e de uma debutante a quem Deus concedeu um dos mais raros dotes na vida dramática, o encanto e a sedução de um órgão de voz melodioso e apaixonado.

A comédia é vulgar. O enredo pertence a esse género que só se pode classificar com o chiste popular: «*Saiu por uma porta e entrou por outra, vá a el Rei que lhe conte outra*».

O que não é vulgar é o modo porque a Sr.^a Macedo representa. Compreende todas as intenções e acomoda com extrema finura o gesto aos ditos mais ou menos chistosos de que está semeada a comédia. A debutante, cujo nome nos não lembra, tem, tem por em quanto, só por si, uma das mais admiráveis vozes que temos ouvido. Depois da Sr.^a Emília ainda nenhuma nos comoveu com tanta veemência.

Lopes de Mendonça

IMP 151

(*O Interesse Público*, 03/11/1851, n.º 4051, p. 1)

A nossa terra é a terra das originalidades. Teremos menos espírito do que têm os parisienses, mas não nos lembram menos do que eles. O Teatro de D. Fernando lembrou-se de nos apresentar um homem-monstro e de dizer que ele tinha muita agilidade. Até aqui nada de admirar, porque estamos no tempo das mostruosidades e elas têm-se mostrado hábeis e a prova está na celeridade com que se sucedem. Mas a regra faz excepção no tal Gonçalves, quero dizer D. Gonçalves, que se deixou engordar até apresentar o tipo da inércia. E eu estou convencido que a gordura extrema toca a meta da sensaboria. Que graça tem um agiota barrigudo a contar os fundos encarcerados e a calcular sobre juros vencidos ou uma respeitável matrona a abrir pousadamente a boca como um boneco de realejo? Quero antes ver um servidor do Estado magro como o procurador do *Duende* ou os braços fitiscos de uma dançarina que não são susceptíveis de algodão que lhe fornece as pernas. O tal homem-monstro não agradou e o teatro moribundo não teve melhoras com o remédio com que pretendeu aliviar a sua miséria.

IMP 152

(*A Semana Teatral*, 10/11/1851, 2ª série, n.º 3, p. 12)

Teatro de D. Fernando

Este teatro sustenta hoje em cena a lindíssima comédia em dois actos *O anel do rei*. Já nos não é possível neste número, por falta de espaço, dar relação aos nossos leitores da qualidade da dita comédia. Do que de maneira alguma nos dispensamos é de render o maior elogio à senhora Maria Amália Macedo, à jovem actriz que sabe com tanta inteligência e espírito sustentar o carácter de Júlio, desse mancebo e travesso cortesão que timbra de possuir o amor de todas as damas e que consegue obter prendas de todas elas.

Por enquanto, a respeito do *Anel do rei* mais nada diremos agora, porque reservamos para melhor ocasião a sua especial análise.

O que nós não quiséramos ver no Teatro de D. Fernando é uma pobre e miserável farsa, que se alcunha *O sonâmbulo* e que além do seu contínuo sonambulismo passa a ser detestável e horrorosa.

O público recebeu-a como ela merece ser recebida.

IMP 153

(*Revista Popular*, 11/1851, n.º 44, vol. IV, p.424)

Diz-se que a Sr.^a Emília das Neves e Sousa pretende organizar uma companhia que se estabelecerá no Teatro de D. Fernando. Não aprovamos o projecto, nem prevemos resultado feliz.

IMP 154

(*A Semana Teatral*, 22/11/1851, 2ª série, n.º 4, p. 15)

Teatro de D. Fernando

Estamos a ficar sem o Teatro de D. Fernando: passados poucos dias, a companhia que nele ainda representa vai estabelecer-se na cidade de Évora, 20 léguas distante desta capital.

Está deste modo terminada a tal questão de que por vezes temos falado... O Teatro de D. Fernando já não requer coisa alguma... O teatro do Ginásio salvou-se... porque – *libertas decus et anima sua, in dubio erant...*

Em tais circunstâncias só nos resta oferecermos à Sociedade do mencionado teatro o nosso limitado valimento e afiançar-lhe que vamos estabelecer um correspondente nessa cidade para onde vão dirigir-se que há de dar-nos notícias das suas representações, as quais faremos inserir neste jornal.

IMP 155

(A *Semana Teatral*, 04/12/1851, 2ª série, n.º 5, p. 19-20)

Teatro de D. Fernando

No nosso número antecedente demos a saber aos nossos leitores que estávamos a ficar sem o Teatro de D. Fernando; hoje estamos efectivamente sem ele; pois a sua companhia dramática passou a estabelecer-se na cidade de Évora, como já dissemos.

Ultimamente, vimos no mencionado teatro duas lindas comédias que se pode avançar a dizer que eram as melhores de todo o repertório que aquela companhia nos apresentou; sendo uma delas – *O anel do rei* e a outra – *Um laço de fitas*.

A qualquer destas comédias (do mesmo género) não faltam, certamente, bons ditérios, situações bastante cómicas e diálogos puramente chistosos. Em qualquer delas se observam bem desenhados aqueles costumes desdenhosos e aquele espírito delicado, altaneiro, e subtil que se encontra na alta sociedade.

No *Anel do rei* cumpre-nos mencionar o bom desempenho que tiveram alguns dos papéis; e neste caso começaremos por dizer que a senhora Maria Amália (a jovem actriz, que tanta esperança nos dá de a podermos dentro de poucos anos contar no número das nossas primeiras actrizes) soube compreender a traduzir-nos em toda a sua força esse carácter de Júlio, mancebo extremamente levado das primeiras impressões e inspirado por todas as mulheres; tirando o melhor partido possível das situações as mais delicadas, e que mais demandavam de bastante viveza de espírito para poderem produzir bom efeito.

A Sr.^a Ana Cardoso, representado o carácter de dama da rainha, dessa mulher essencialmente cortesã, dessa mulher que se apresentava tão ardilosa e esperta, mas que pouco resultado tirava desses predicados que mostrava ter – desempenhou com muita inteligência o seu papel, chegando a compreendê-lo com vantagem nas situações mais delicadas de que sempre tirou bom partido.

A Sr.^a Maria Luísa, não obstante pertencer-lhe uma pequena parte na referida comédia, deu-nos, contudo, ocasião de podermos apreciar-lhe um particular talento, que o estudo lhe há-de ir desenvolvendo. Bons elementos naturais possui a jovem actriz, para por eles poder um dia figurar; pois é facto que tendo uma figura regular e boa fisionomia, possui mais um timbre de voz bastante argentino e agradável, que a sua inteligência, depois de mais cultivada, há de fazer sobressair.

É portanto não desprezar esses dotes que só a natureza pode dar e entregar-se a todo aquele estudo de que necessita; porque desse modo pode bem ser que ainda um dia a registemos no número das nossas primeiras actrizes.

A Sr.^a Antónia Joaquina, no carácter da formosa Carlota, luveira da corte, apresentou-se com muita naturalidade e desempenhou bem essa parte de que estava incumbida.

O Sr. Vieira, que representava de chefe da polícia, não podia ir melhor; pois mostrou saber perfeitamente identificar-se com o carácter de um barão semi-selvagem (como há muitos), que apenas sabe tratar os negócios por meios rigorosos, e que confiando muito na baronesa, sua esposa, tem ocasião de ver um anel, que lhe houvera oferecido, no poder de Júlio, desse travesso cortesão, a quem a própria esposa do barão não escapou às suas pesquisas amorosas.

O Sr. Paulo Martins, sendo mancebo de alguma inteligência, compreendeu bem o seu papel, e conseguiu desempenhá-lo de maneira que satisfez. Se a natureza tivera dado a este actor um melhor timbre de voz, vê-lo-íamos figurar muito mais na declamação: a culpa, porém, não é sua.

O Sr. Sargedas satisfez quanto era possível nessa pequena parte que lhe coube.

O desempenho da segunda comédia acima referida – *Um laço de fitas*, não foi nada inferior ao do *Anel do rei*; porém, quem mais nele se distinguiram foram as Sr.^{as} Ana Cardoso e Maria Amália Macedo.

Aí acabamos nós de elogiar duas comédias representadas no Teatro de D. Fernando, o qual há poucos dias se fechou, e que por isso já ninguém dele depende... Parece este nosso proceder não estar sujeito a uma teoria que certo folhetinista expendeu acerca dos jornais teatrais...

IMP 156

(*Revista Popular*, 01/1852, n.º 3, vol. V, p.24)

Companhia francesa – Os societários do Teatro de D. Fernando fizeram contrato com Mr. Bertrand [Bernard], director da companhia francesa do Teatro da Cruz em Madrid. As representações hão de começar no dia 15 de Março e acabar a 16 de Junho.

IMP 157

(*Braz Tizana*, 17/01/1852, n.º 167)

A linda Emília representou ontem no Teatro de D. Fernando, e fez furor nas suas peças favoritas o *Duque de Vandôme* e *As proezas de Richelieu*. Muito é para desejar que ela abandone o projecto de ir para o Brasil.

IMP 158

(*A Revolução de Setembro*, 8/03/1852, n.º 2983, p. 2.)

A direcção do Teatro de D. Fernando recebeu cartas de Madrid datadas de 28 no próximo passado, nas quais Mr. Bernard, director da companhia francesa, anuncia a sua próxima partida para Lisboa no dia 11 do corrente devendo a primeira representação francesa ter lugar em a noite de 17. A companhia compõe-se das seguintes pessoas.

M.M. Jules Bernard, Jacques Robert, directores; Mr. Félix, contra-regra geral; Mr. Charles, contra-regra; Mr. Léon, chefe de orquestra; Mr. Fontaine, ponto e bibliotecário; Mr. Lobry, artista do teatro do Ginásio de Paris.

– Empregos –

M.M. Dargis, galã, primeiros papéis; Francisque, primeiro galã; Thibeault, primeiro galã cómico; Roche, financeiros e pais nobres; Bernard, cómicos e caricatos; Alfredo, papéis de conveniência; Charles, segundos cómicos; Éduard, utilidades.

– Mesdames –

Lobry, jovens, primeiras ingénuas; Aubréé, primeiros papéis jovens; Dargis, lacaias, papéis ligeiros; Demortière, grandes coquetes; Meraux, aias e confidentes; Clemence, lacaias; Octavie, amorosa.

– Extracto do Repertório. –

Mademoiselle de la Seiglière. Brutus lâche César. Une femme que si jette par la fenêtre. La tasse cassée. Ce que femme veut... Un tigre du Bengale. Geneviève. Les premières armes de Richelieu. Le supplice de Tantale. Les mémoires du diable. Les fées de Paris. La sueur de Jocrisse. Le chapeau de paille de Italie. Un mari qui se dérange à la Bastille. La polka en province. Un monsieur qui suit les femmes. La fille Dominique. Indiana et Charlemagne. Le lait d'ânesse. Jeanne Mathieu. Croque-pile. La grâce de dieu. Le caporal et la payse, etc., etc., etc.

IMP 159

(*Revista Universal Lisbonense*, 18/03/1852, n.º 32, 2ª série, tomo IV, 11º ano, p. 384)

Teatro de D. Fernando
(Companhia Francesa)

A 1ª representação da Companhia Francesa chegada hoje a Lisboa terá lugar no próximo Sábado 20 do corrente e o espectáculo se anunciará por cartazes, jornais e programas. Estamos informados que a companhia nas suas partes essenciais é a mesma que representou em Madrid.

Previnem-se os Srs. assinantes que a importância das assinaturas será recebida em duas prestações, devendo a 1ª verificar-se desde a publicação deste anúncio até ao próximo dia 20 ao meio-dia. E a segunda depois das 1ªs 25 representações. Havendo falta, a Empresa poderá dispor do camarote.

IMP 160

(*Revista Universal Lisbonense*, 25/03/1852, n.º 33, 2ª série, tomo IV, 11º ano, p. 298)

Teatro de D. Fernando

A Companhia tem agradado e é merecedora do apreço valioso da escolhida e distinta sociedade que todas as noites se reúne neste teatro.

Deus queira que o nosso malfadado Teatro Nacional tire deste exemplo algum incentivo para sair do vergonhoso estado a que tem chegado.

IMP 161

(*Revista Popular*, 04/1852, n.º 13, vol. V, p. 103)

Teatro de D. Fernando.

Quand on parle des acteurs français, on doit parler comme eux, c'est-à-dire, dans leur langue, dut-on employer, comme maintenant, peut-être, un insupportable jargon.

La foule se presse à D. Fernando parce qu'une compagnie française y exerce un charme irrésistible, et toute la société fashionable et spirituelle de Lisbonne y accourt, pour entendre ce à quoi nos oreilles ne sont pas habituées.

Jeanne Mathieu est pour nous la plus jolie pièce du répertoire, car elle joint à une grâce tout à fait française un grand fonds de morale et de sensibilité. Jeanne est la fille d'un gros banquier, elle vit dans l'opulence, mais elle sent bien qu'il manque quelque chose à son cœur. Une cohorte de adorateurs bourdonne autour d'elle, par tout des louanges, par tout des hommages...

IMP 162

(*A Revolução de Setembro*, 08/05/1852, n.º 3033, p. 3)

Pois seja como for, vou ver *La fille de Dominique*, *Les fêes de Paris* e *Le supplice de Tantale*, no Teatro de D. Fernando. Olhem que não deixo de meter uma *lança em África*, segundo diriam os antigos. Estou sujeito neste momento às mais inqualificáveis distrações. No outro dia, julgando que eram oito ou nove horas, cheguei a S. Carlos no momento em que o público saía do teatro. Cometera um engano de quatro horas. Dias antes, apareci em D. Fernando exactamente quando se cantava o último *couplet* de *vaudeville* que concluía o espectáculo. É a moléstia dos *Diabos azuis de Stello* que me atormenta.

Pois M.^{me} Dargis e Thibeault digo afoitamente que são capazes, não digo de desvanecer mas de a minorar por alguns momentos.

La fille de Dominique é um pretexto dramático para fazer realçar o talento a Déjazet em Paris, de M.^{me} Dargis em Lisboa. É uma aspirante a actriz que, para se fazer admitir na honrosa companhia *des comédiens du roi* (o autor alude aqui aos actores e não aos cortesãos), apresentase a Baron, um dos artistas influentes, primeiro como aldeã, depois como mulher de um presidente, e ultimamente como mosqueteiro. Descoberto o segredo da transformação, Baron reconhece o talento da espirituosa *debutante* e oferece-lhe a mão de esposa e o lugar que solicita. Ela aceita ambas as coisas, e não faz mal. O que há de gracioso, de encantador, é a naturalidade, a *verve*, com que M.^{me} Dargis aparece em todos os três papéis. Este *Proteu* feminino é primoroso de simplicidade quando é aldeã, sublime e excêntrica quando se apresenta de *grande dame*, arrogante, pomposa, espirituosamente ameaçadora quando cinge a espada e põe na cabeça o chapéu de mosqueteiro. *Me voilà... vous applaudissant...* com a pena.

Mr. Thibeault no *Supplice de Tantale* ainda se torna mais gracioso do que o *Croque-poule*. Imaginem um homem pobre e acabrunhado de trabalho que não sonha senão em jantares sumptuosos, em mulheres belas e delirantes de paixão, em tapetes magníficos, em macios sofás,

em todos os prodígios de um luxo deslumbrante e devorador. De repente, encontra-se rico, por uma inesperada herança. Vê diante de si realizada a perspectiva feiticeira da sua imaginação. Mas um médico declara-lhe que tem um *aneurisma*, e ei-lo mais desgraçado do que quando era pobre; ei-lo deixando de beber o *Champagne* e o *Chamberlin, les truffes et le homard* e - oh cúmulo da desventura! - tendo de fugir às carícias das filhas de Eva que, uma por interesse, outra por afeição, se aproximam com as melhores intenções... de o amar! Parabéns a Mr. Thibeault.

Les fés de Paris é um vaudeville em dois actos aonde Mr. Francisque, como *jeune premier*, mademoiselle Lobry e M.^{me} Aubrée interessam vivamente o público em diversas cenas que eu não refiro e que os meus leitores e leitoras podem ir ver, como eu, se tiverem tempo disponível.

IMP 163

(*A Revolução de Setembro*, 15/05/1852, n.º 3039, pp. 1-2)

O Teatro Francês, que se tornou o pretexto de longas discussões jornalísticas, apresentou ultimamente um lindo vaudeville, *La marraine*, um melodrama, *La grace de Dieu* e uma curta e espirituosa comédia, *L'article 213*, e não sei que outras coisas que eu, decididamente, não vi.

Para não cansar os leitores com um longo e interminável processo, diremos que uma cena entre mademoiselle Lobry e Mr. Francisque na *Marraine* vale bem a pena ser aplaudida. E Mr. Thibeault no *artigo 213*? E aquela ingénua esposa que vem lealmente confessar ao marido que se acha apaixonada, pedindo-lhe, ao mesmo tempo, que a salve desta crise iminente?

É verdade que a *crise* é tudo no matrimónio. E a campanha nada é mais do que um dos resultados infalíveis da *crise*.

O que é a *crise*? É esse momento solene em que a mulher se entrega à análise do esposo. É quando repara que os seus olhos são demasiadamente tristes ou alegres, quando percebe que ele não tem tanto espírito como lhe parecera ao princípio. Quando leva este miúdo inventário ao ponto de discutir a *coupe* da casaca, ou o método de que ele usa para dar o nó da gravata. A estes anúncios sinistros, os anjos da guarda de um e de outro embuçam as faces de amedrontados. E se a *crise* tem uma solução trágica... para o marido, adejam as asas e voam para o céu.

Não sei onde li esta anedota, que pinta bem como se manifesta a *crise*. Eram dois recentes esposos que subiam as escadas da corte. A mulher, de repente, a um movimento brusco do marido disse-lhe «Meu querido, por que não reparas no modo por que o duque de Richelieu costuma trazer a espada?» - «Não há maneira mais delicada, minha senhora - respondeu o marido, adivinhando a tormenta - de me recordar que há cinco meses que somos casados!»

Pois bem! A *crise* conjugal de que agora tratamos, a da comédia, acaba serena e... virtuosamente. O esposo reconquista a confiança da esposa e ainda tem arte não digo de desvanecer mas de adiar, pelo menos, uma mais completa catástrofe a um seu amigo.

Thibeault nesta composição é um artista superior. A maneira por que ele se enternece e se afoga em lágrimas passando do cómico para o sério denuncia os dotes eminentes e flexíveis do seu talento. É certo, também, que foi calorosamente aplaudido.

Verdade, verdade, não me apraz ver representar melodramas. A companhia mesmo é incompleta para pôr em cena composições de certo género com *ensemble*. No teatro em que a porção mais inteligente e fina da sociedade concorre o *larmoyant* não produz efeito. O que eu desejaria é que substituíssem os longos cinco actos por algum provérbio de A. de Musset e de Alfred de Vigny, por uma comédia de Dumas ou de Scribe, no seu recente estilo. Afinal, a plateia nem sempre se enche e há dias em que os espectáculos se podem considerar em família.

Lopes de Mendonça

IMP 164

(*A Revolução de Setembro*, 22/05/1852, n.º 3044, p. 2)

Fui eu melidrosamente acoimado no *folhetim* do *Patriota* porque na *Semana* aludi a algumas acusações um pouco injustas feitas à companhia francesa. Parece-me que quem critica tão

desafogadamente deve ter o cuidado de consultar os *archivos da etiqueta* e as leis vestimentais das eras passadas. M.^{me} Dargis usando de cabeleira empoada estava perfeitamente caracterizada segundo o gosto da época, porque esse penteado começou a ter voga cinco anos da morte de Luís XIV e foi exactamente o duque de Richelieu um dos primeiros que o introduziu. O trazer a luva da mão direita não calçada era quase costume invariável na corte, porque seria reputado incivil o que apertasse a mão de outrem com luva, e este gesto de saudação teria forçosamente de ser muitas vezes repetido. Não seria inoportuno que o crítico reparasse nestas miudezas, que deveras não valem a pena, mas que devem saber-se quando a elas se alude.

Lopes de Mendonça

IMP 165

(A *Revolução de Setembro*, 29/05/1852, n.º 3050, pp. 1-2)

Apesar de tantos clamores contra o Teatro Francês, creio firmemente que o mundo elegante há-de lamentar, decerto, que tenha de acabar em breve. Sabia-se, existindo ele, como se haviam de passar as noites. Estava-se quase em família, tal era a regularidade com que as mesmas fisionomias apareciam nos camarotes. E para quem não anda com a imaginação ocupada num ideal artístico, que não é fácil de realizar, para quem não dá tratos à imaginação para reduzir quaisquer impressões recebidas a uma severa decepção, oferecia um agradável, um espirituoso passatempo.

Em primeiro lugar será necessário dizer que a companhia francesa não veio nem estabelecer rivalidades nem propor-se em comparação com outros artistas. Veio ganhar a sua vida representando e trouxe consigo o repertório de que usava, sem saber se as peças dele haviam ou não sido aplaudidas em Portugal.

Em segundo lugar, sabia ou devia saber, que não haviam de ser concorridos os espectáculos senão pela sociedade culta, que a massa da população não sabe francês. Os apóstolos da nacionalidade por um sentimento decerto generoso clamaram contra ela, mas sem darem peso a estas circunstâncias. Todas as indústrias são livres e a do teatro não pode ser um privilégio. Se amanhã um alemão vier estabelecer uma fábrica de chapéus ou de estearina não julgo que tenhamos o direito de acusá-lo, e se fizer bons chapéus e bem velas há-de ter compradores, se não, não.

O teatro representou ultimamente um *secret de famille*, de M.^{me} Ancelot, comédia de situações sentidas [*Marguerite*]. Digo que, aceitando nós de boa mente aquela ignorância matrimonial, demasiadamente insegura, da condessa de S. Mery, a composição está escrita com delicadeza e possui um estilo perfeitamente literário.

No teatro, a inverosimilhança é desvanecida pela rapidez e vivacidade da acção. Não pode ser assim na leitura. Não há inocência, não há candidez, não há pureza ideal que resista aos instintos da natureza, que também os possui o homem com a mesma energia do que os animais. Para o sangue que pulsa nas veias aos dezasseis anos, para os lábios que se unem fervorosos às faces de um homem, é escusada a *Arte de Amor* de Ovídio. A ciência aprende-se num instante e pelo menos pressente-se de modo que os conselhos e reticências de uma tia não sejam inevitáveis e oportunos.

Mr. Francisque declama, por vezes, com sensibilidade. Mr. Dargis é chistoso no seu papel de elegante improvisado. Mademoiselle Lobry compreende sempre bem os caracteres que representa. Mr. Roche, sobretudo na leitura da carta, comove o espectador e é perfeito na intonação, que obedece flexível ao sentimento que lhe cumpre manifestar.

Quererei dizer com isto que os actores alcançaram condão de poderem ser impossíveis à crítica? Não poderia, se quisesse, apontar esta ou aquela passagem em que foram inexactos? Não é, decerto, o meu pensamento. Mas não é, também, a propósito de uma comédia que se costuma fazer um curso de declamação dramática.

Por exemplo, a respeito de mademoiselle Lobry diria eu que possui arte cuidadosamente estudada, que raras vezes a vejo animada de inspiração, repete tudo com nitidez, com esmero, sabe o que diz e diz o que sabe com intenção, mas não exijais dela mais nada. A sua organização recusa-se a sentir-se acometida desses movimentos espontâneos que baptizam, que

engrandecem o artista. Havemos [de] condená-la por isso? Não teremos forçosamente de a aplaudir nos *Premieres amours*, na *Marraine*, que se prestam ao género do seu talento?

Quem se não deixa apoderar de entusiasmos irreflectidos é raro que tenha de fazer *reconsiderações* de opinião. Sem forçar as minhas impressões, sem as devastar pela discussão, sei que grau possuem de intensidade.

Cheguei tarde à representação da *Dama de S. Tropez*, mas cedo bastante para me rir com efusão, com franqueza, vendo Mr. Roche e Mr. Thibeault e M.^{me} Dargis no vaudeville *La polka en province*. Deus me livre de submeter às leis literárias o *vaudeville*. Mas, cedendo dessa pretensão um pouco absurda, creio que raros resistirão à hilaridade vendo dois bons, dois excelentes, actores representando com espírito, com veia cômica, e fazendo valer frases que repetidas por outros lábios não teriam graça nenhuma.

E aquele fragmento de *can can...* decente que Thibeault nos dança com graça no *Lai d'anesse*? Todos riem então. E sabe Deus quantos pés aristocráticos, que nunca pularam senão em vertiginosas polkas, tiveram tentações de ir incógnitos ao *bal Mabile* e ao *Chateau rouge* ensaiarem os variados passos daquela dança nascida no *quartier latin*, acho eu, e aperfeiçoada pelas grisettes, lorettes, e mais variedades da espécie!

Lopes de Mendonça

IMP 166

(*A Revolução de Setembro*, 10/07/1852, n.º 3082, p. 2)

O que é certo é termos três anos de Teatro Francês, e no Teatro de D. Fernando estão executando trabalhos artísticos que devem tornar a sala mais cómoda, mais elegante e mais digna de receber o *beau-monde*, que naturalmente a tem de frequentar.

IMP 167

(*Revista Popular*, 07/1852, n.º 27, vol. V, p.216)

Teatro de D. Fernando.

Companhia Francesa – Mr. Bernard director da companhia francesa, que há pouco esteve no Teatro de D. Fernando, parte para Paris no dia 19 a fim de escriturar uma nova companhia que se diz começará as suas representações no referido teatro no próximo mês de Outubro.

No Teatro de D. Fernando trata-se activamente de fazer certas reformas e melhoramentos materiais, que a experiência tem mostrado convenientes e até indispensáveis.

IMP 168

(*A Revolução de Setembro*, 14/07/1852, n.º 3085, p. 4.)

Teatro D. Fernando – Companhia Francesa. Vão começar-se os trabalhos precisos para o melhoramento do teatro. O desbaste das pilastras de cantaria que actualmente formam o proscénio, a factura de novas frisas nos lugares onde agora estão as galerias, a colocação destas nas primeiras três torrinhas de boca, de cada um lado. o elegante estofado dos lugares da plateia superior para os Srs. Assinantes é a obra mais saliente (além de outras interiores) que a empresa vai imediatamente começar. – A abertura do teatro deve ter lugar no 1º de Outubro ou no 1º de Novembro do corrente ano, conforme o acabamento dos trabalhos indicados, a empresa durará três anos (tempo por que o teatro está arrendado) divididos em três épocas, começando a 1º num dos dias acima indicados, e findando no 1º de Maio de 1853, e as duas seguintes começando e acabando em dias idênticos. Por este anúncio são convidados todos os Srs. que desejarem ser assinantes de camarotes ou lugares de plateia se dignem mandar inscrever os seus nomes a casa do Sr. João dos Santos Mata, travessa de S. Nicolau n.º 51, 3º andar, todos os dias até 18 do corrente das 10 horas da manhã até às 2 da tarde, e das 3 até às 7 da mesma. – O Sr. Mata está devidamente autorizado para as recepções de quaisquer quantias, e na ausência de Mr. Bernard, dirigir todos os trabalhos até à conclusão das obras indicadas, que todas são feitas à custa da empresa. O abaixo assinado parte para Paris no dia 19 do corrente, a fim de firmar a escrituras

dos artistas que ao presente já devem estar contratados, voltará em breve com a sua companhia que deverá no geral ser composta de artistas que bem desempenhem o drama, alta-comédia e vaudeville. – Lisboa 13 de Julho de 1852- O Director, Jules Bernard.

IMP 169

(*Revista Popular*, 10/1852, n.º 40, vol. V, p. 320)

Teatro de D. Fernando.

A companhia dramática francesa, dirigida pelo Mr. Bernard, deve embarcar em Southampton no dia 18 do corrente, para se transportar a Lisboa, e no dia 3 do próximo Novembro dará a sua primeira récita no Teatro de D. Fernando.

IMP 170

(*Revista Universal Lisbonense*, 04/11/1852, n.º 17, 12º ano, 2ª série, t. V, pp. 202)

Teatro Francês

Publicamos com satisfação o seguinte programa para a nova estação do Teatro Francês, a qual nos parece deverá ser brilhante pelas excelentes aquisições que o seu inteligente director, Mr. Bernard, teve a fortuna de fazer em Paris.

Teatro de D. Fernando
Compagnie Française

Administration – Mr. Jules Bernard, empresário e director geral; MM. Dumesnil, régisseur général; Mata, administrador, tesoureiro, etc.; Libert, chef d'orchestre (*Porte St. Martin* – Paris); Hubert, deuxième régisseur; Rondeau, souffleur, bibliothécaire.

Emplois.

Mademoiselle Pauline Lyons, artiste du Théâtre du Palais Royal

Monsieurs.

Tony, premiers rôles (Lyon, Bruxelles, Bordeaux); Réal, jeunes 1ers rôles (Gaité-Paris, Berlin, Moscou); Victor Henri, premiers comiques (Odeón-Paris); Dumesnil, comiques marqués (Varietés-Paris); Francisque, jeunes premiers (Lisbonne); Roche, financiers, pères nobles (Lisbonne); Octave Galle, jeunes comiques (Vaudeville-Paris); Bernard, des comiques (Lisbonne); Mélin, grimes et pères (Rouen); Hubert, comiques et utilité (Déclassements comiques-Paris); Alfred, utilité (Berlin, Brunswick).

Mesdames.

Pauline Lyons, jeunes premières, amoureuses; Troy, premiers rôles (Nice); Réal, soubrettes, ingénuités (Berlin, Moscou); Darcemon, coquettes et soubrettes (Palais Royal-Paris); Olivier, grandes coquettes (Rio de Janeiro); Grosnier, duègnes (Berlin, Brunswick); Dumesnil, amoureuses (Varietés-Paris); P. Fortier, rôles de convenance; Octavie, idem.

L'ouverture aura lieu très incessamment

Extrait du Répertoire

Une Chaine, Gabrielle, Bataille de dames, Le Mari a la campagne, Mademoiselle de Belle Isle, Tartuffe, Le Jeune mari, Le mariage de Figaro, etc., etc., Comédies. Un changement de main, Le diplomate, La chanoinesse, L'héritière, L'omelette fantastique, La rue de la lune, La maitresse de langues, Pauvre Jacques, Le misantrope et L'auvergnat, Les avocats, Le démon du foyer, La fiole de Cagliostro, Dieu le veut, Un soufflet n'est jamais perdu, etc., etc., Vaudevilles. Les enfatns d'Eduard (drame en vers), La cleserie des Genets, Madeleine, Marianne, Marie Jeanne, Le Camoens, Le chef d'ouvre inconnu, etc., etc., Drames.

IMP 171

(*Revista Universal Lisbonense*, 04/11/1852, n.º 17, 12º ano, 2ª série, t. V, pp. 203)

É geral no mundo elegante a ansiedade pela estreia da nova Companhia Francesa. Se dermos crédito às informações de algumas pessoas, parece que gozaremos este ano em D. Fernando noites sumamente agradáveis. Pelo menos o pessoal da Companhia é numeroso, como no-lo atesta o programa de Mr. Bernard.

IMP 172

(*Revolução de Setembro*, 06/11/1852, n.º 3183, p.2)

Teatros – “graças a Deus” - não nos faltam. A companhia francesa vinda ultimamente começa Sábado as suas representações.
Lopes de Mendonça

IMP 173

(*Revista Universal Lisbonense*, 11/11/1852, 2ª série, n.º 18, 12º ano., t. V, p.216)

Teatro de D. Fernando

Abriu o Teatro de D. Fernando e a Companhia Francesa realizou as esperanças que a seu respeito se tinham formado. É superior à da época anterior e Mr. Bernard, seu zeloso director, merece muitos louvores pelas valiosas aquisições que fez em Paris. Mademoiselle Pauline Lyons tem sido, como merece, muito aplaudida; é uma elegante artista que representa com muita verdade e gosto. Mr. Réal também agradou bastante.

O repertório promete ser tão variado que é difícil seguir o seu andamento.

É para lastimar que enquanto este Teatro sem subsídio nem edifício gratuito chama a si uma escolhida e inteligente concorrência, o nosso Teatro Nacional, subsidiado por mais de um modo, se transforme em praça de arlequins, sem que a autoridade valha a este degradamento de gosto e da arte dramática.

IMP 174

(*A Revolução de Setembro*, 13/11/1852, n.º 3189, p.1)

O que é notável é que quando o banco distribuía dez, quinze e dezasseis por cento aos accionistas, os teatros estavam desertos e muitas vezes as *notas* dos cantores expiravam quase solitárias nas abóbodas do edifício. Ao que parece, os accionistas professavam a mais solene indiferença pelas novidades líricas e dramáticas. Hoje que o banco se declara arruinado, que até, por uma expansão de desespero... cómico, se apresta para vestir o balandrau de irmão do Santíssimo, improvisando uma procissão de penitência, quatro teatros trabalham activamente, e um homem já pode hesitar entre os *fioritturi* de M.^m Castellan e os engraçados *couplets* de mademoiselle Pauline. Estamos de veras numa época tenebrosa e se não acodem ao banco morremos de sensaboria.

Ora é extraordinário, creio que é mais fácil passar sem banco do que sem teatro, sobretudo nestes dias de contínua chuva, tão tristes, tão incómodos, tão sombrios, e em que um homem facilmente se converte à ideia do suicídio.

Durante a semana representaram-se no Teatro Francês *Un changement de main*, comédia vaudeville em 2 actos, *La fiole de Cagliostro*, *La maîtrise de langues* e *La chanoinesse*, vaudeville.

Por que é que Mr. Jules Janin declarou uma guerra tão decidida contra o vaudeville? O que seria a França se não fizesse revoluções, se não representasse vaudevilles? Se não passasse com maravilhosa facilidade dum barricada para a plateia dum teatro?

O *vaudeville* é absurdo, é fantástico, é incoerente, mas faz rir. É uma coisa oca mas cheia de espírito. Não resiste à análise mas prende-nos a atenção. *Soubrettes*, *ingenues*, *duegnes*, galãs,

pais nobres, tudo aquilo se agita, às vezes sem motivo, sem razão plausível, e, entretanto, quem é que deixa de ouvir um *vaudeville* até ao *couplet* final. Eu rio-me dos críticos e gosto das composições fáceis, ligeiras, vaporosas, que vivem na atmosfera dos epigramas e dos *calembourgs*, que não têm pretensões nem de reformar a sociedade, nem de melhorar os costumes, nem de propagar ideias ou costumes novos, mas simplesmente de distrair o próximo. A existência do Teatro francês em Lisboa é mais um triunfo para o princípio da liberdade do comércio. Por que não! Importamos tanta coisa, por que não havemos de importar também mais esta? Sobretudo quando com os actores importamos também actrizes, e, sinceramente, a nossa raça feminina não é de tal modo primorosa que seja de pouca valia a aparição de um par de olhos negros ou azuis.

Mademoiselle Pauline, por exemplo, ainda mesmo que não fosse uma espirituosa artista ninguém lhe poderia negar as honras que lhe competem como uma bela mulher. Ou represente de imperatriz, um pouco indulgente para com as alucinações apaixonadas de um vassalo atrevido, ou de noiva provável de algum oficial de marinha, não rude e áspero como os rodízios que assentam à popa e à proa do navio, mas ingénua e puro como as brisas que sopram ao romper da aurora ao sul do equador, sempre o seu olhar faísca cintilante e o seu sorriso deixa descobertos dentes alvos e deliciosamente fendidos.

De tudo o que se tem dado, *La chanoinesse* é a composição que possui maior merecimento. E, também, não admira. O diálogo e o enredo são de Scribe, do fecundo dramaturgo que borda de ditos chistosos uma peça com a mesma facilidade com que uma senhora pode adornar de rendas e enfeites um vestido de baile.

Scribe quando enriquecia o repertório de teatro de *Madame* não afirmarei que fosse demasiadamente inventivo nos caracteres. Há sempre uma donzela mais ou menos ingénua, um inevitável tabelião e um *vieux de la vieille* praguejante e gotoso. *La chanoinesse* é um exemplar do género. Mas o *vaudeville* é excelentemente representado. Dizendo-se tão bem as coisas é impossível que elas não produzam excelente efeito. A acção passa-se entre quatro personagens e corre rápida, viva e animada. Deus me livre de a reduzir aqui a insípido índice, em prosa chã e rasteira. Há assuntos que se vêem representar e que se não deixam ler. E o que as senhoras olham, sem leque que lhes encubra o rosto, zangam-se muito se lho repetem por escrito ou de viva voz. Dois dos actores que ali entram eram já conhecidos e temos infinito prazer de os ter de novo entre nós. Francisque é um jovem amoroso cheio de fogo. Roche é um excelente centro cómico que compreende tudo quanto diz e que sabe dizer tudo com naturalidade e veia cómica. Desgraçadamente, e já mais de um espectador o há-de ter observado, os seus gestos são executados com o braço esquerdo porque um desastre acontecido a bordo fracturou-lhe o braço direito. Em breve o público terá ocasião de mostrar quanto o aprecia, visto que vai dar uma representação em seu benefício.

Mademoiselle Pauline é a *ingenue*. Eu, pela minha parte, acho-a encantadora. Repito o que um dos marqueses do *Misanthropo*, de Molière, dirige a Celimène:

De graces et d'attraits je vois qu'elle est pourvue

Et les défauts qu'elle a ne frappent point ma vue

É uma actriz cheia de qualidades incisivas e que não procura fazer efeito nas coisas triviais. Acentua o que tem espírito e é fácil e corrente no resto. Acho-a muito menos *manierée* do que em geral as suas estimáveis compatriotas. E depois diz as coisas com o olhar e com o gesto, sem ênfase, nem demasiada pretensão. A sua inflexão não possui aquele canto interminável que nos desagradava, por exemplo, em mademoiselle Lobry. E de mais a mais tem bonitos braços e o seu colo, quando faz de imperatriz, seria digno de qualquer testa coroada. A artista que faz de chanoinesse, cujo nome não me lembra, é uma duégne de mérito incontestável e que teremos ocasião de avaliar melhor.

La Maitresse de langues, embora fosse uma espirituosa tolice, dar-nos-ia, todavia, ocasião de aplaudir um intervalo de *can can* admiravelmente dançado. Ó polka, ó mazurka, ó scotish, ó valsa, que sois vós em presença dessa dança peregrina que se inventou de propósito para fazer morrer de inveja as senhoras que se arrastam momentaneamente cinco ou seis horas nas salas aristocráticas!... E depois disto quem não há-de preferir um baile de Mabilte ou Chaumière a

uma festa das Tulherias ou do Eliseu?... A etiqueta é a mais insuportável das tiranas e é maior crime suspender as garantias do *can can* do que o *habeas corpus* do velho constitucionalismo. E M.^{me} Réal? Sobre ela não pode haver senão uma opinião. É graciosa, inteligente, cheia de animação e de espírito, *coquette* quando quer ser, e como uma francesa o sabe ser. E se eu fosse poeta e não estivesse a chover muito, porque a chuva embaraça a inspiração e os poetas cantam como as cigarras, de Verão e com calor, fazia-lhe um hino pomposo com acompanhamento de *cornette a piston*.

Lopes de Mendonça

IMP 175

(A *Revolução de Setembro*, 20/11/1852, n.º 3195, p.1)

Com o risco de incorrer no desagrado de muitas almas sensíveis, sinto não quinhoar o entusiasmo que pareceu acolher *Gabriela*, no Teatro Francês.

A comédia tem lindos versos, vem precedida de uma reputação oficial, recebeu um prémio da Academia de dez mil francos e julgo que por muitas noites desenfatiou o apetite dramático do público francês, no Teatro da Rua Richelieu. Em D. Fernando foi excelentemente representada, e mais de uma vez certas descargas de palmas provaram a comoção que espontaneamente se apoderou do espectador.

Por que é, então, que existe em mim como a necessidade dum protesto contra este sucesso?

A razão é simples. Eu vejo neste desejo de converter o teatro em púlpito a degeneração e a decadência da arte. Creio que a cena se não inventou para a declinação de apólogos morais em verso alexandrino. Penso - e talvez me engane! - que as obras que reproduzem situações pacíficas e prosaicamente vulgares são antes feitas para pretexto de recitação de algumas frases bem ordenadas do que para nos elevarem a alma até ao culto do *belo* artístico.

Se a comédia fosse apenas escrita com o intuito de nos narrar um acontecimento individual, um facto solitário da vida humana, aceitaria de boa mente os dados da invenção. Mas Mr. Emile Angier possui mais altas pretensões. Arvora-se em legislador moral, em supremo ordenador das relações familiares e domésticas. Cada um dos personagens é um símbolo, e a sua comédia é antes uma lição de filosofia do que uma concepção artística.

Esta deplorável tendência condenaria a arte ao suicídio. O teatro tornar-se-ia um apêndice dos sermões da igreja e das práticas dos moralistas. E seria fácil fabricar uma obra dramática com alguns trechos de Massillon e Bourdaloue ou versificando os apotegmas de Vaunevargues e de Franklin.

A acção da comédia é por extremo simples. É uma mulher, enfastiada de seu marido, que ama um outro homem. E uma tia moça e um tio velho que aparecem escoltando um ciúme ridículo e uma virtude vulgar. E no fim o marido, desfazendo uma tentativa criminosa de rapto adúltero, com alguns trechos de declamação adubados duma sensatez que atinge os últimos limites da trivialidade.

Ali não há luta porque não há paixão. O triunfo do marido é fácil porque combate uma veleidade passageira e não um amor profundo e sério. A composição não prova nada senão que aquele adúltero era bonançoso e inconsistente. É o caso de repetir, a respeito desta comédia, o que Diderot formulou sobre não sei que discurso do seu tempo: «il y a du nombre mais rien ne lui bat sous la mamelle gauche».

Para que desta obra dramática se pudessem tirar graves e austeros preceitos seria necessário que a situação fosse mais perigosa, que os affectos se desenhasssem mais delirantes e enérgicos, que a virtude tivesse a triunfar de obstáculos morais mais decisivos e impetuosos.

Ama Gabriela realmente o amigo do seu marido com aquele amor inconsiderado e frenético que nos leva ao esquecimento de todos os deveres, as desprezo de todas as leis sociais? Digo mais, durante os cinco actos concebe alguém, porventura, o carácter dessa mulher, que parece medrosa e irresoluta entre os conselhos de uma amiga e as frases pouco calorosas do seu amante?

Eu declaro ingenuamente: essa mulher seria uma criatura desprezível se cedesse a um delírio passageiro. A sua paixão é toda negativa: aborrece-se dos cuidados vulgares da vida doméstica, enfastia-se das preocupações financeiras que alimentam a existência de seu marido, no seu

amante não vê o ente predestinado e sublime que deve contemplar as esperanças imortais do seu coração. A sua paixão não procede dessas aspirações vagas, indefinidas, que tumultuam na alma humana como um pressentimento divino, é um passatempo, uma alucinação do espírito. O seu afecto não é um culto, é um refúgio do tédio que a devora. Nem os sentidos a podem desculpar porque o autor não a apresenta com uma organização fogosa, nem a poesia do seu amor a pode absolver porque o seu amor é frouxo, lânguido e mal se demonstra nalgumas exclamações indecisas e incoerentes...

Que admira, então, que ela se curve perante a majestade solene do matrimónio, representada nas palavras do seu marido? Que grande sacrifício é esse que se cumpre quase sem luta, que se completa em nome dos terrores do futuro?

Aqui chegámos ao defeito capital da comédia: a comédia não tem caracteres. É uma colecção de sentenças morais que se contradizem, que discutem, não é uma acção de diferentes caracteres que se agitam em torno de alguns factos.

O marido não é uma criatura da nossa espécie, é um eco: fala como St. Agostinho e Montesquieu. Sabe repetir em diversas intonações que o adultério é um erro tremendo aos olhos da lei, que é um crime imperdoável aos olhos da religião. A conversão de sua mulher não se opera por essa influência misteriosa que um belo carácter exerce sobre os indivíduos que ainda não possuem corrompido o coração, é porque ele calculadamente lhe pinta os horrores do desprezo sucedendo aos delírios do amor, e os transidos cruentos do remorso desflorando todos os prestígios de um prazer criminoso.

O marido, por conseguinte, não é um homem, é um livro sentencioso. Não é um ente que ama e que padece, que se sente retalhado de infernais dores e devorado pelas agonias do tormento mais intenso que existe neste mundo, o do ciúme, é um silogismo de lógica, que estabelece premissas, que tira ilusões e que no fim conclui imperturbavelmente o raciocínio.

Lembra-vos aquela fábula de La Fontaine em que um rapaz a ponto de afogar-se recebe de um mestre-escola que passa uma repreensão saudável em vez de um braço solícito que o salve da morte?

O marido de Gabriela é como o mestre-escola. Pois quê! Esse homem ama sua mulher, sabe que ela ama outro homem e expõe a sua felicidade, a sua honra, a sua vida, as recordações do passado, como as vivíssimas esperanças do futuro, a uma dissertação de eloquência moral, a uma experiência *in anima vili*, ao que parece, do império de máximas e preceitos do catecismo. Nem furor, nem cólera, nem desespero, nem os acessos frenéticos que acometem os que vêm ultrajado o seu afecto, mas o arranjo de uma peripécia fria como o cálculo, impassível como a razão, sensata como um aforismo...

Os maliciosos diriam que *c'est un homme accommodant*. Eu contento-me em afirmar que é um personagem absurdo. A filosofia é uma bela prerrogativa da inteligência humana, mas não pode viver ligada com as paixões do coração. Eu compreendo o *Jacques* de George Sand e não acho possível o esposo de *Gabriela*.

E, depois, disse-me, como é que o pueril marido do 1º acto, que se preocupa de um botão que lhe caiu da camisa, se torna o filósofo sublime do 4º e 5º acto? Como se transforma este personagem tão burguesmente meticoloso naquela alta razão que analisa imparcialmente os desvarios humanos e adeja sereno sobre o abismo, sem alucinações nem vertigens?

Longe de mim o invalidar o progresso moral contido na instituição do matrimónio. A lei cristã emancipou a mulher e deu-lhe um lugar majestoso e sagrado na sociedade. A mulher deixou de ser um instrumento para se tornar uma função augusta da civilização e do desenvolvimento moral. Ao delírio dos sentidos sucedeu o culto do amor, à obediência passiva o sacrifício voluntário. Na antiguidade, era a beleza que lhe concedia o império. Hoje é o carácter inviolável de esposa e de mãe. Em despeito da corrupção que invade os costumes, o matrimónio há-de ser a instituição eterna da sociedade civilizada. Em Atenas, apesar da sua cultura, da sua filosofia, do seu governo democrático, do esplendor das suas artes, da eloquência dos seus oradores e dos seus poetas, ninguém estranhou que Péricles, pai de dois filhos, repudiasse sua mulher para viver com Aspásia, que era mais formosa e mais instruída. Hoje, esse facto desonraria um homem público porque a mulher conquistou o seu lugar na vida social e possui uma influência incontestável na existência e no futuro da humanidade moderna.

Mas a arte vive independente destas altas considerações da filosofia. A arte é por si só uma forma completa e desautoriza-se quando pretende tornar-se o instrumento resignado de ideias estranhas.

Gabriela, como oração apologética em favor do matrimónio, não apresenta a questão do adultério imparcialmente proposta; como obra de arte falta-lhe o seu elemento principal, que é a paixão; possui, é verdade, belos trechos de poesia, mas com isso não se alcança o efeito dramático.

E, todavia, eu aconselho o público a que vá ver representá-la. Raras vezes temos visto uma composição tão igualmente compreendida. E desde o protagonista, que declama com unção apaixonada, até ao velho tio, todos souberam dar realce a esta comédia, cujo estilo é melodioso e por vezes eloquente. Mas, afinal, o que parece é que se não deve calcular o valor de uma obra literária pelas suas afinidades com a moral ou a sua obediência aos dogmas e liturgia do catolicismo. Deste modo, desde *Lelia* de George Sand, até ao *Jocelyn* de Lamartine, desde *D. Carlos* de Schiller, até ao *D. Juan* de Byron, as obras mais admiráveis e mais sentidas da inteligência moderna, caíam num *índice expurgatório* semelhante ao que o cura e barbeiro de *D. Quixote* exerceram sobre a biblioteca de malaventurado amante de Dulcinea del Toboso.

Uma observação fazemos nós ao director do Teatro Francês. Fuja de nos dar vaudevilles como a *Marguerite*. O público que vai ao Teatro Francês não é o público que frequenta o Palais Royal. A peça é grosseira sem ser engraçada. Não tem o chiste de uma tolice espirituosa nem o cómico de situações imprevistas. É uma farsa chocarreira e pesada, que não possui mesmo algumas notas de flor de laranja, como a *omolleta* improvisada pela ignorância do amanuense do tabelião. Os actores não são cúmplices da obscenidade repugnante do vaudeville, e desejaremos apreciar o merecimento de Mr. Octave Gaffe em outra peça mais digna de ser vista.

Lopes de Mendonça

IMP 176

(*A Revolução de Setembro*, 29/11/1852, n.º 3202, p.1)

E para variar temos o Teatro Francês. Podemos alimentar o espírito com os alexandrinos de Mr. Casimir Delavigne e os couplets de *Bruno-le-fileur*. A primeira convida, é substancial e oferecida por um dos imortais da Academia... que morreu; a segunda é mais leve e talvez por isso a preferimos aos pomposos trechos do autor das *Messenianas*.

Les enfants d'Edouard é uma tragédia, um drama, uma comédia ou um melodrama?

A composição começa por uma cena de comédia. Assistimos ao toilette de Ricardo, duque de York, papel que, entre-parênteses, foi mui gentilmente interpretado por M.^{me} Réal. Pouco depois aparece esse terrível duque de Gloucester que Shakespeare immortalizou sob o nome de Ricardo III e que no seu rápido reinado de dois anos não recua diante de nenhum crime e estende, impassível, a sua mão sanguinolenta sobre os destinos de Inglaterra.

Não é verdade que a imaginação se recusa compreender que o homem a quem Shakespeare põe na boca essas heróicas e enérgicas palavras «o meu reino, o meu reino por um cavalo» sofra resignado os insultos de uma criança, se mostre de uma incrível inabilidade política, revelando ao duque de Buckingham, em inexpertas reticências, os seus desígnios ambiciosos, e se apresente tão transparente de hipocrisia aos olhos de Elizabeth Woodville, cuja desconfiança já deveria estar excitada pela morte misteriosa do duque de Clarence?

O segundo acto dá-nos ocasião de avaliar um novo personagem, Tyrel, que não se eleva acima de um vulgar recurso dramático, e que Gloucester encarrega das suas vinganças, como se o regente do reino não possuísse poder para destruir os seus inimigos sem recorrer a estes assassinatos, cuja responsabilidade lhe deveria ser forçosamente infringida.

A cena em que Gloucester, à janela, vê quase perdido o fruto das suas intrigas e se conserva em pungente ansiedade é realmente bela. O diálogo entre a rainha e o duque, quando ela, por amor maternal, está a ponto de se confessar desonrada, negando a legitimidade do nascimento dos seus filhos, é cheia de poesia e de verdade. O 3º acto possui cenas que, mais ou menos, deveriam comover, mas o desenlace, ainda mesmo para os que pudessem ignorar a história, é facilmente previsto. O assassino do duque de Clarence, de Lord Rivers, de Lord Hastings, aparece a todos os olhos com um punhal erguido sobre o peito das duas crianças indefesas. Mas

não repugna realmente ao coração que seja a própria mãe inconsiliável que venha anunciar a seus filhos a morte que lhes está iminente?

Quelas situações supremas não se podem retratar com a eloquência humana. Por mais lágrimas que vertam os olhos da mulher, por mais aflitos que sejam os gritos que arranque o seu peito torturado, por maiores imprecações que dirija ao céu, tudo é pouco para revelar a sua dor, para explicar a íntima agonia daquele fúnebre adeus - de um adeus talvez eterno!

Afinal Mr. Casimir Delavigne tinha ampla liberdade de tratar este assunto como lhe parecesse conveniente, sem ofender as prescrições da História. As circunstâncias do drama tenebroso acontecido em 1483 na terra de Londres são ainda completamente ignoradas. Os filhos de Eduardo IV morreram assassinados, eis o que nos diz a História. Mas o seu arranco extremo poderia ser interpretado à mercê da inspiração do poeta.

Bruno-le-fileur é um lindo drama. Não sei se foi escrito com intenções literárias, o que posso assegurar é que o autor ou autores encontraram situações sentidas e verosímeis, com uma acção extremamente simples e singelamente desenvolvida.

É um operário que se vê rico de repente, que casa, por instintos de honra e por predileções de coração, com uma senhora de superior hierarquia e que se sente estranho e ridículo no centro de uma sociedade a que os hábitos da sua vida e educação repugnam.

Mas quando essa sociedade, simbolizada na pessoa dum dandy impertinente, lhe pretende arremessar às faces a vergonha e roubar o amor da mulher que estima, o operário, cuja mão se recusa a calçar uma luva, sente-a forte para empunhar uma espada. Ferido, e conhecendo num relance a falsidade da sua posição, tenta separar-se de sua mulher, a sua mulher que compreende toda a grandeza daquele heróico sacrifício «*descend jusqu'a lui*» já que ele «*ne peut pas s'elever jusqu'a elle*».

A frase com que finda a peça exprime admiravelmente o antagonismo daquelas duas existências, mas não devia ser proferida pela boca da esposa reconhecida e justamente orgulhosa de estar ligada a um carácter tão generoso e superior. Que o mundo se curve submisso a quem ata bem um lenço ao pescoço, a quem faz com mais ou menos propriedade uma mesura acho perfeitamente natural; mas para as almas elevadas os tesouros morais são a mais superior condição dos caracteres e o obscuro e grosseiro operário vivia nessa nobre região de dignidade e sacrifício que existe sobranceira à atmosfera das *conveniências* a que se reduz toda a ciência do existir moderno. M.M. Réal e Dumesnil foram justa e merecidamente aplaudidos.

Un monsieur et une dame é um daqueles graciosos caprichos que denunciam toda a finura e aticismo do génio francês. É um palácio firmado sobre a ponta de uma agulha, como diria Balzac. Imaginem... Não, não imaginem nada. Este espirituoso paradoxo vê-se, mas não se discute. E depois quem se atreveria a descrever uma cena tão intimamente doméstica? Há um leito, há duas criaturas de diferente sexo fechadas à chave dentro do mesmo quarto e não dormem, e não fazem mais nada do que espírito. *Enhorabuena!* Se os dois viajantes se apaixonassem um pelo outro, era então que eu desejaria que a muralha chinesa, os Alpes, os Pireneus, a Serra da Estrela - que sei eu? - se interpusessem entre o espectador e o palco. Mas Réal e Dumesnil representam chistosamente,

Digam-me, no fim, se não lamentam a minha sorte? «Como, dizem, é possível que a *Gabriela* vos enfadasse, um drama tão íntimo, tão singelo, tão cuidadosamente escrito, tão delicadamente moral?» - Que veleidade vos acometeu quando criticastes tão severamente uma tão deliciosa composição?

Lopes de Mendonça

IMP 177

(*A Revolução de Setembro*, 11/12/1852, n.º 3212, pp. 1-2)

A *Calúnia* de Scribe é a tradução viva daquele magnífico trecho do *Barbeiro de Sevilha* de Beaumarchais a que Rossini depois deveu um dos mais belos efeitos musicais.

«A calúnia, senhor! Pois não sabeis o que tratais de resto. Eu vi as pessoas mais honestas a ponto de serem esmagadas por ela. Acreditai que não existe nenhuma maledicência ridícula, nenhum conto absurdo que não possa ser repetida aos ociosos de uma cidade... Ao princípio um ligeiro ruído que fere o solo, como a andorinha antes da tempestade, pianíssimo murmura e

desfila semeando a seta envenenada... Qualquer boca a recolhe e *piano piano* a segreda ao ouvido destramente. O mal está feito, germina, arrastra-se, caminha, e *rinforiando* de boca em boca gira como o diabo. Depois, de repente, sem se saber como, a calúnia ergue-se, assobia, incha, aumenta a olhos vistos. Atira-se, estende o voo, tumultua, arranca, envolve, arrasta, ribomba e troveja; e torna-se, graças ao céu, um grito geral, um crescendo público, um chorus universal de ódio e de proscricção. Quem diabo lhe poderá resistir?»?

A comédia de Scribe prova às mil maravilhas a verdade desta enérgica pintura. Uma donzela que no primeiro acto só encontrou um murmúrio de admiração e respeito, no quinto acto só pode salvar a sua reputação ultrajada casando com o seu tutor.

Por que é que esta comédia foi tão bem recebida, tão sincera e lealmente festejada? Que atractivo exerceu desde o princípio que todas as mãos a aplaudiram, que todas as opiniões a proclamaram espirituosa e delicada?

A razão é simples e pode-se, para a explicar, dispensar os pontos de interrogação. É que nenhum dos que a viam representar, homens políticos ou pessoas da sociedade, deixavam de ter sido mais ou menos affectados de *calúnias* gratuitas. É que uns, como o ministro, fitavam friamente a calúnia, caminhando sobre ela e esmagando-a pelo desdém; e outros, como o deputado da opposição, tremiam de a fitar e curvavam-se, submissos, aos seus caprichos nefandos.

«A calúnia» é o vício principal das sociedades corruptas. «A calúnia» é também o emprego officioso do mundo que boceja nos teatros e que polka nos salões. Calunia-se por desenfado, por distracção, e mais duma elegante aborrecida é capaz de experimentar os prodígios da sua imaginação inventando algum escândalo, franjado de reticências hábeis e de meias palavras significativas.

As calúnias políticas como mais ou menos rebentam em *crescendo* tumultuoso, destroem-se, esmagam-se, retalham-se como as serpentes. Mas as «calúnias» segregadas ao ouvido, as *agulhas ferrugentas* que ferem no escuro, que se insinuem no mistério, essas mais difficilmente se afastam e mais poderosamente incomodam. Porque, e é este o destino dos que possuem o coração e a cabeça no seu lugar, as grandes desgraças afrontam-se com a coragem da resignação e com a consciência de que as não merecemos. As pequenas irritam, enfadam, enfurecem às vezes. O leão investe com os animais mais possantes, majestoso e indomável. Ergue, frenético, a juba, ensanguentando o dorso quando um mosquito o investe com o ferrão envenenado. E na sociedade há tantos mosquitos...

Independente destas considerações gerais, a «calúnia» não sendo, decerto, das melhores comédias de Scribe é aquela onde se revela mais finamente o seu tacto dramático.

Como estão bem ajustadas aquelas cenas! Que rapidez nas combinações! Que vivacidade no diálogo! Que arte e que estudo no encadear o enredo!

Para mim, a indicação capital do talento de Scribe é no quarto acto, na cena aonde o visconde de Santo André, apertado pelo ministro e por Mr. de Guibert, tenta justificar Cecília sem comprometer M.^{me} de Guibert, e quando esta, aparecendo de repente, prova a sua culpabilidade aos olhos de seu marido e de seu irmão, dizendo uma palavra!...

Como Scribe aproveita esta *situação* tão natural, tão singela, tão pungentemente única! A comédia, possuindo apenas esta *situação*, que é uma *situação-modelo*, seria forçosamente aplaudida.

Mas como está tratado com delicadeza o carácter de Cecília, com que profundo conhecimento do coração ele explica a transformação do affecto quase filial da pupila em um amor fundado no respeito e na estima quando, desamparada de todo o apoio, só encontra o seu tutor, impassível e resoluta, perante a calúnia que a ameaça!

Caso raro! A peça não tem propriamente acção, mas desenvolve-se com uma facilidade admirável e por um mecanismo engenhoso e operado sem esforço.

Críticos mais severos talvez achassem o carácter de Coqueney de uma simplicidade intrigante um pouco exagerada. Talvez mesmo supusessem aquela pobre marquesa de Savenay menos um personagem do que uma caricatura de pretensões e ridículos da velha aristocracia.

Esta marquesa é de uma insolência rara. Não concebe outra coisa melhor do que a autoridade dos seus pergaminhos, julga o seu nome sufficiente garantia contra os desvios da opinião, percebe o mundo real aonde os plebeus sobem às mais elevadas posições como se fora num

pesadelo incrível e medonho e, apesar de tudo, não irrita os nossos orgulhos cidadãos e a nossa dignidade democrática.

E porquê? É porque aquela *impertinance* é frívola e cómica. É que a filosofia moderna caminhou bastante para que alguém adore sem restrições os títulos de raça, é que a canalhocracia do dinheiro, do favoritismo, da lisonja, pavoneia-se por aí tão discreta, tão desafortadamente que já não temos indignação para vaidades decrépitas e preconceitos caducos.

A nossa época é tão fértil em banqueiros aristocráticos, em galopins, e sevandijas convertidos em altos funcionários são tão nojentamente insolentes e tão desprezivelmente enfatuados que não vale a pena acusar os movimentos de leque de uma velha tonta educada em princípios de privilégio e de exclusão.

Que Deus me perdoe, mas quando vejo tantos miseráveis que seriam fiéis defeitos sem a revolução liberal, advogando os extremos da reacção, desadorando as ideias a que eles devem o haver saído do nada, exagerando os ódios à doutrinas que os emanciparam, falando com tanto desdém da classe donde provieram, como o príncipe de Conti ou um Montmorency autêntico, sinto acendido em mim o desejo de os ver de novo com a cadeia da servidão atada ao pescoço.

E por isso aquela M.^{me} de Guibert que se entenece com as melodias de Schubert é um tipo apenas esboçado, mas decerto copiado ao vivo da sociedade. E tem razão M.^{me} de Savenay: por mais que façam, essas burguesas afectadamente insolentes nunca hão de reproduzir a suprema altivez de uma duquesa *d'ancien régime*. E pesa-me que não existam alguns exemplares do género. Teria infinita curiosidade de estudar esses monstros morais que já Molière adivinhava com o seu génio profundo e penetrante.

«A calúnia» é excelentemente representada. Mr. Tony é um centro de suma inteligência e de notável superioridade artística. A sua declamação é grave, singela e corrente. De vez em quando concentra o efeito numa ou noutra frase, e como a ilumina por uma comoção sóbria e calculada. A sua fisionomia possui majestade natural, e talvez por isso mesmo não tem a mobilidade precisa para revelar impressões mui vivas e apaixonadas.

Mr. Dumesnil possui uma grande penetração dramática. Compreende um papel com suma igualdade e não transpõe nunca os limites do carácter que representa. O que lhe falta, talvez, de graça natural supre-o com o estudo cuidadoso dos efeitos cénicos. Em *Bruno-le-fileur* e na *Calúnia* demonstra que é um excelente artista e, sobretudo, duma correcção extrema.

Mr. Victor Henry foi, com razão, altamente apreciado. E o que há porventura de inverosímil no desenho do personagem é habilmente disfarçado pela maneira como compreendeu o papel.

Mademoiselle Durcemont é graciosa, *coquette*, e pôde mostrar no personagem de M.^{me} de Guibert a malícia e vivacidade que a recomendam como actriz. Mademoiselle Cronier é uma *duégne* de boa escola. Mademoiselle Pauline e Mr. Francisque já os julgámos em outras composições e não desmerecem nesta do conceito que adquiriram.

Perguntar-nos-ão agora a razão de sermos tão extensos na crítica ao Teatro Francês? Alguns julgarão que é uma espécie de homenagem à escolhida sociedade que o frequenta, outros pensarão que é pela demasiada predilecção que possuímos pela literatura francesa.

Lopes dE Mendonça

IMP 178

(A *Revolução de Setembro*, 18/12/1852, n.º 3218, p. 1-2)

No Domingo assisti à representação da *Norma*. Na Segunda-feira ao benefício de m. Tony. [...] *Echec et Mat* é uma comédia espirituosa, divertida, dialogada com a superioridade que A. Dumas sempre demonstra no romance e no drama, conduzida com arte e animação e, apesar de tudo, não é uma obra literária.

Esta opinião parece contraditória e não é mais do que justa. Durante os cinco actos percebeu alguém que a cena se passava em Espanha? Aquela acção tão habilidosamente tecida serve acaso para retratar algum carácter da época, para esboçar algum dos traços gerais que fundamentam a fisionomia de um século e de uma acção?

Perdoávamos-lhe, decerto, a repetição da anedota de Vila Mediana acontecida de pai a filho, a gratuita invenção de supor Filipe III conduzindo uns poucos de esbirros ao assalto de uma carruagem. Mas quando se invocam nomes próprios, Filipe IV e o duque de Olivares, seria de

esperar, ao menos, que se lesse o *Gil Blas de Santillana* em que tão energicamente se pinta aquela corte descuidosa e devassa.

Mas o Filipe IV do *Echec et Mat* é pouco mais ou menos o regente e o conde-duque de Olivares pouco desdiz do cepticismo do cardeal Dubois. O capitão Riobos é muito conhecido nosso, já o vimos no *Chevalier d'Harmental*, sendo padrinho de duelos, ao cheiro de um bom almoço. O duque de Albuquerque, personagem de fantasia, é uma espécie de misto de *Athos* e *d'Artagnan* dos *Três mosqueteiros*.

Mas como é que a duquesa de Albuquerque, tão ingénua, tão singelamente cândida no primeiro acto, se transforma no 2º acto e depois de três meses de casamento numa sofrível *bas-bleu* dos salões de M.^{me} Launey ou de M.^{me} Dufefault? Quem é que reduziu aquela Lavallière plangente e temerosa a uma espécie de condessa de Caylins sarcástica e satírica? Como é que aqueles lábios que se haviam espontaneamente votado à oração manejam depois com tão agradável facilidade os ditos maliciosos?

O duque de Albuquerque é duma inconsequência admirável. Depois de ter repetido com sumo aticismo a máxima de que «o casamento é um tributo que os tolos pagam aos homens de espírito», máxima que reduzida aos termos inversos ainda é mais verdadeira, resolve-se a casar duas cenas depois, expondo a sua cabeça... de marido às insídias prováveis dum rei moço e atrevido.

O que espanta é a diversidade de aspectos em que se apresenta, Passa de Bayard a Sganarello sem transição, e, depois de haver defendido a sua honra e salvo o filho do seu antigo companheiro de armas da morte, diz, rindo, a sua mulher que o rei, que ele como fidalgo e soldado prezava abaixo de Deus, é aquilo que ele durante cinco actos trabalhou para não ser...

A peça, afinal, é um *vol-au-vent* literário. Quem a vê diverte-se, mas, decerto, não se instrui. Mr. Tony é o verdadeiro protagonista e teve momentos felizes, que o público entendeu e aplaudiu com aqueles murmúrios comovidos que valem mais do que palmas estrepitosas.

Esquecia-me de dizer que se lêem em cena os apontamentos dum espião aonde se fala sem cerimónia das devoções de Filipe IV... Ainda outro erro histórico. Filipe IV era muito mais devoto do que a comédia o apresenta. Que o digam Calderón e Quevedo, que muitas vezes o acompanhavam a estas peregrinações...

A revolução de Portugal entra ali como um episódio insignificante. Parece ao ver o final da comédia que a corte de Espanha se resignara à perda daquela província, que desde muitos séculos cobiçara. Mr. Alexandre Dumas julgou naturalmente que Filipe IV respeitara os factos consumados - nos deixou em paz... Respondam-lhe os campos de Montes Claros e as muralhas de Elvas!...

Quando se interpreta tão desafogadamente a História, seria melhor fazer comédias... anónimas. Uma vez que se lembram de nós com uma ignorância tão descomposta e uma leviandade tão audaciosa, era mais conveniente esquecerem-nos de todo.

Pas de fumé sans feu é um *vaudeville* engraçado e cheio de chiste. M.^{me} Réal representa com gentileza e espírito e Mr. Réal com animação e vigor.

Por que é isto? Os teatros estão abertos, o público concorre e todavia existe tudo numa incrível insipidez.

Lopes de Mendonça

IMP 179

(A Revolução de Setembro, 24/12/1852, n.º 3218, p. 1-2)

Por isso vou direito à análise de *Une chaine*, comédia em cinco actos de Mr. Eugénio Scribe, da Academia Francesa.

Esta comédia é uma comédia puramente de acção. Os caracteres apenas estão esboçados e mesmo neste rápido esboço se poderiam notar palpáveis inverosimilhanças.

Imaginem um pobre artista, vítima de um amor adúltero e desejando ardentemente livrar-se dele para se entregar às delícias legais.... do matrimónio.

Faz-me pena o pobre compositor! Entalado entre uma paixão frenética, que ele desdenha, e uma amor puro e ingénuo que ele cultivava com a poesia da sua alma, o maestro chega a fazer uma triste figura.

Eu não sei se o jovem artista era mais forte improvisando *árias* e *cavatinas* do que fazendo discursos, o certo é que Mr. Scribe põe-lhe na boca aqueles deslavados *lugares-comuns* que cheiram a bafio no nosso século.

Qual é o espírito grave e sério que tenta discutir hoje os louros do seu talento e os direitos da sua glória? Demasiada longanimidade, acho eu, nos que pretendem igualar os acasos do nascimento, frívola vaidade que se apaga nos costumes, às legítimas influências que exerce a inteligência quando enobrecida pelo trabalho.

Scribe encontrou na comédia uma situação no quarto acto, situação pungente que seria admirável se para o andamento do enredo se não tornasse absurda. É quando a condessa de S. Geran, escondida, está a ponto de ser descoberta, e isto em presença do marido. Mas quando sai do quarto, de que servem aquelas explicações senão de encaminhar a peça para o desenlace? Qualquer mulher, a menos hábil, em vez de prrromper em exclamações inúteis teria tomado o mais fácil partido, que era o de sair sem demora.

O que é verdade é que esta condessa ama Emeric exactamente como uma Lorette. O pudor é uma planta frágil que se desfolha ao menor abalo. Mas a condessa não possui mesmo aquela dignidade vulgar que ainda os caracteres mais pervertidos, numa certa classe, raras vezes renegam. Quando, para persuadir Emeric a amá-la, lhe lança em rosto a sua protecção, é ignóbil; e quando o persegue com inúteis tentativas atinge a exaltação prosaica de uma *leoa* em *cordeal entente* com um lord milionário e spleenático.

Mas qual é o pensamento fundamental da comédia? O que se quis provar, que conclusão se tira daquilo tudo?

Que os maridos se tornam cegamente parvos como o conde de S. Geran? Que os amores ilícitos nos proibem, às vezes, de contrair ligações definitivas e sagradas? Que as esposas caprichosas devem escolher amantes menos incendiáveis aos encantos de alguma prima ingénua, pura e formosa?

A haver alguma moralidade na peça era em ver Emeric resignar as funções de marido. Quem sabe, diria ele, se eu me tornarei tão bondosamente crédulo como este pobre conde de S. Geran? Quem me diz que algum novo compositor não faça desmaiar, com um *rondeau* sentimental, a minha futura esposa? As interrogações eram lógicas, pelo menos. As almas entusiásticas podem mudar de predilecção na esfera conjugal, como nas regiões da arte. Depois de se experimentar a elegia plangente talvez se devesse provar as delícias do romance palpitante. E, no fim de tudo, o dito de *Echec et Mat* que a experiência me manda repetir ao inverso, deve recordar em certas ocasiões - «O casamento é um tributo que os homens de espírito pagam aos tolos»!

Lopes de Mendonça

IMP 180

(A *Revolução de Setembro*, 03/01/1853, n.º 3229, p. 1)

Afinal, no ano de 1852 não se deram grandes trabalhos teatrais. O gosto público já se não preocupa com manes aflitos e as sombras plangentes dos Agammenons, Aquiles, das Andrómacas e Ifigénias, e já começa a assistir impassível, o que ainda é mais, aos furores das Marions, das Lucrécias, das Donas Sol...

Por exemplo, cito-vos apenas os *Filhos de Eduardo*, de Casimir Delavigne! Vimos aquelas duas interessantes relíquias dinásticas levantarem-se, carpirem, irem para uma prisão, despedirem-se de sua mãe em convulsivos abraços e o público não deu sinal de vida. E quando os carrascos apareceram de punhal em punho para assassinar os dois inocentes, nem um grito, nem uma exclamação, nem um estremecimento nervoso! Nas fisionomias dos espectadores lia-se apenas o mais indiferente e gelado *requiescat in pace!* [...]

No teatro Francês tivemos *Le roman d'une heure* por Mr. Tony, mademoiselle Pauline e M.^{me} Réal. Agradável hora se passa ouvindo este romance. É um casamento... de improviso. Um mês de observação apaixonada, um livro que se lê à janela e que cai com oportunidade, e depois alguns diálogos de metafísica sentimental, que mais é necessário para um homem desposar uma viúva que conhece o matrimónio por experiência?

E sendo tão bem sucedida esta tentativa dramática, por que não ouviremos o *Capriche* e *Il faut qu'une porte soit ouverte ou fermée* de Alfred de Musset?

Eu adoro o teatro das cortesias e das mesuras, do espírito e do epigrama, reconcilio-me com as cabeleiras e os *talons rouges*: E detesto, de há muito, as taças de veneno e os compridos punhais do melodrama.

E então teve razão mademoiselle Pauline escolhendo para o seu benefício três lindas peças, uma delas meia risonha e meia triste, as outras duas francamente cómicas. E por isso é quase inútil recomendar esta interessante e apreciável actriz ao público. O espectáculo que escolheu dispensa a ladainha de elogios com que quase sempre vem escoltado um benefício. Mademoiselle Pauline é a ingénua de *Chanoinesse* e da *Calomnie*, a imperatriz rouée do *Changement de main*, a viúva aborrecida do *Roman d'une heure*, que mais se pode dizer!...
Lopes de Mendonça

IMP 181

(A Revolução de Setembro, 8/1/1853)

Mil reflexões deste género fiz eu, a propósito da representação de *Luísa ou a reparação*, comédia de Scribe e companhia dada no teatro Francês.

A cena passa-se numa pequena corte da Alemanha, e um advogado, que deseja diplomas de nobreza, recebe um aviso, do próprio punho do príncipe reinante, em que se lhe promete um título, se por ventura conseguir que dois esposos, casados por sentença judicial, tenham um filho do seu recente matrimónio! [...]

Ora, eis aqui um príncipe que compreende maravilhosamente o «Crescei e multiplicai» da escritura. Eis aqui um título que deve possuir o perfume cândido que exalam os recém-nascidos! É um título que não sai de uma urna eleitoral, nem dum campo de batalha, nem de um túmulo, mas de um berço... como o selo da paternidade... monárquica se insinua tão suavemente no progresso das sociedades [...]

Confesso a verdade, tremi de terror quando vi a esposa velando no quarto, e o esposo repellido assaltando uma janela... E quando ele arrependido pede de joelhos perdão à mulher menosprezada, quando entre os seus feridos juramentos lhe sai dos lábios a palavra: amo-te, achei que uma tia não podia chegar mais a propósito.

O certo é que a isto se pode chamar uma situação, uma peripécia, uma crise... E não sabem o que eu deveras admirei? Foi o tamanho providencial das saias de um vestido, que escondem maravilhosamente um marido, que podem esconder um amante, e dar margem a um grito de espanto, a um couplet, a uma reconciliação de família, e a um desenlace apetitoso e moral. Oh saias! Saias! [...]

Se depois de *Louise ou la réparation* se vê na *Niaise de S. Flour*, a exclamação possui ainda maior oportunidade. E uma donzela provinciana que converte, pelo espírito, um pretendente que pouco a ama e que despede, fingindo-se parva, outro pretendente, que requesta unicamente o dote.

Dirá alguém que o talento da amante compromete, às vezes, o repouso e a felicidade do marido, mas na arte dramática, o ponto de interrogação não se leva aos últimos extremos.

Estas duas novidades deram-se no benefício de mademoiselle Paulina, com coroas, ramalhetes, flores e uns versos que não foram lidos. Pois a respeito destes versos, fizeram-se as mais absurdas invenções. Uns queriam que fosse uma declaração, outros uma proposta, alguns um bilhete de boas festas, e no fim eram apenas a explosão poética de um admirador anónimo. É o caso de dizer talvez: *pas de fumée sans feu*; mas – quem sabe? – os poetas prestam um culto às vezes tão desinteressado e tão ingénua.

Lopes de Mendonça

IMP 182

(A Revolução de Setembro, 15/1/1853)

Pesa-nos que os limites do folhetim nos impeçam de contar algumas particularidades sobre o *Tartufo*. A história da intriga movida contra esta obra prima do espírito humano, apesar de não ser estranhável no grande reinado do grade rei, que exterminou na guerra dos *Camisards* cem mil pessoas pela corda e pelo fogo, apesar de ser até lógico que o revogador do *Édito de Nantes*, o que expulsou os protestantes de França, a golpes de sabre e com cargas de dragões, desse

ouvidos a situações infames, daria talvez matéria para um novo *Tartufo*, se por ventura houvesse Molière para retratar todas as paixões covardes que inflamam o coração dos discípulos de Layola.

Entretanto Luís XIV compreendia bem que a perseguição contra *Tartufo* nascia de motivos pouco generosos. Representando-se na corte uma comédia altamente imoral, que tinha por título *Scaramouche Ermita*, o rei disse, saindo, ao príncipe de Condé: «Quisera saber por que as pessoas que tanto se escandalizam com a comédia do *Tartufo* nada dizem da de *Scaramouche*» - «A razão é simples», respondeu o príncipe de Condé, «a comédia de *Scaramouche* escarnece do céu, e da religião, com que estes senhores nada se importam, mas a de Molière escarnece deles, o que não podem levar à paciência».

O dito Conde é de todas as épocas, e de todos os tempos. Não envelhece, é sempre oportuno, como a comédia a propósito da qual foi repetido.

Seria ocioso comentar todas as belezas que encerra o *Tartufo*: desde a naturalidade da acção até à magnificente simplicidade do estilo, tudo ali cativa a inteligência.

Quando *Tartufo* entra em cena, já o espectador o sabe de cor. A cena de exposição, em que M.^{me} Pernelle disserta sobre os vícios do século, a cena em que Orgon pergunta por ele, e em que Dorine responde simultaneamente acerca do incomodado Elmire e da boa feição de *Tartufo*, o diálogo entre Orgon e Clauthé, preparam admiravelmente a chegada do protagonista.

Bastaria a cena do 3.^o acto, quando *Tartufo* é acusado por Dorine de haver tomado liberdades com Elvire, cena que revela a um tempo a crueldade de Orgon e a hipocrisia do devoto personagem, para elevar esta comédia até às proporções de um grande monumento literário.

Mr. Tony, que compreendeu o papel com delicadeza, parece-nos entretanto ter feito uma transição demasiado rápida, e de visível contraste, quando lança fora a máscara, e ameaça Orgon de o pôr fora da sua própria casa. O hipócrita usaria das mesmas palavras, mas repetiria tudo com a mais insuportável e infame mansidão.

Victor Henry é por extremo arrebatado quando se encoleriza, e não denuncia bem o carácter excessivamente crédulo com que Molière o apresenta. Orgon é um homem fascinado por outro, dentro dos limites da sua organização e génio, há-de procurá-lo imitar nas beatas genuflexões e na refalsada humildade.

Dorine (M.^{me} Réal) não seria desmentida por Molière se ele a visse representar o papel. E quando na cena 3.^a do 5.^o acto comenta ironicamente o dito de Orgon no 1.^o acto, “*o le pauvre homem*”, tão significativamente cómico, quando repete a Orgon que se impacienta com a incredulidade de sua mãe «*Juste retour monsieur, des choses ici bas / Vous voulez point croire, et l'on ne vous croit pas*» é cheio de naturalidade, de malícia graciosa e de chiste.

Desgraçadamente, apesar da influência intelectual que exerce um grande espírito, a raça dos *Tartufos* é vivedoira e numerosa. Anos depois, imperavam nos conselhos do grande monarca o jesuíta Letellier e essa importuna M.^{me} de Maintenon, a quinta essência da devoção exaltada, do egoísmo religioso e da hipocrisia ambiciosa.

E quantos *Tartufos* não passeiam, não com a samarra preta e o chapéu derrubado, mas de casaca e punch, e que saem de casa de alguma Ninon em quarto-minguante, para dissertarem sobre os novíssimos dos homens e a necessidade de criar alguns conventos para *fermes-modeles* de sobriedade, de virtude, de desinteresse e de abnegação.

IMP 183

(*Revolução de Setembro*, 24/1/1853, n.º 3245)

Paro no Teatro de D. Fernando e não espero nem um momento por essa encantadora mademoiselle Picard, cujo debute é anunciado há duas semanas *trés prochainement*. Mademoiselle Picard asseguram-me que está no caminho de Lisboa, mas ainda não chegou. Mademoiselle Picard é, por enquanto, um prospecto, um programa, um aviso importante um arabesco de cartaz. Mademoiselle Picard é o omega da companhia, é um messias que deve aparecer surgindo de um tenebroso melodrama, ou de alguma palpitante tragédia. Mademoiselle Picard é o arco íris que deve vir desfazer estes nevoeiros que nos roubam o azul do céu e as ridentes emanações do nosso sol deslumbrante. Quando chegará mademoiselle Picard?

Tivemos, apesar disso, duas comédias novas, *La bataille des dames* e *Le mari à la campagne*. Eu vi rir as senhoras, eu vi-as rir sem ocultarem o rosto com o leque, ou o lenço. Prova evidente de que são composições espirituosas e livres de toda a alusão... melindrosa. Antes de tudo, a moral. E o leque é que me anuncia até que ponto uma peça está eivada de expressões duvidosas. No *Duel au baiser* por exemplo, os camarotes guarneceram-se de leques ameaçadores e eu disse comigo aqueles maviosos lábios que se escondem ou se irritam ou se contraem em bocejos.

A primeira peça é de Scribe, entremeada de Legouvé, ou vice-versa, isto é quase dizer que é viva e espirituosa, abundante de contrastes e de situações. É um falso conspirador, cheio de coragem e abastecido de avós, disfarçado em criado. É uma condessa *sur le retour* que o ama, é uma sobrinha que o detesta... por amor, e afinal aparece não sei que perfeito que dá caça ao proscrito e que apanha um magistrado, meio herói e meio prudente, que se resigna a ser herói de todo.

Ora o duelo entre uma condessa madura e uma criança de 15 anos, que se veste de amazona e galopa com graça, já se vê que se decide pelo triunfo da mais moça. O magistrado está ali apaixonado, enfeitado, meio estúpido de esperança, e seria realmente uma crueldade converter tanta dedicação num desespero eterno. Há uma contradança matrimonial. O desenlace faz prever um rancho de criancinhas médias e formosas, que completam a ventura daqueles dois pares interessantes. Se não existisse a instuição do casamento, como se poderiam acabar as comédias? O matrimónio, além de tudo, é um grande elemento dramático.

La bataille des dames é com a *Calomnie* uma das peças mais bem representadas do repertório do teatro francês. Mademoiselle Pauline nas cenas de espírito e malícia vai às mil maravilhas. É um pouco fria nas cenas de sentimento. Dumesnil executou com suma inteligência o papel de maître des requettes. Roche é sempre o artista inteligente e completo, que entende tudo o que diz, e que sabe dizer tudo com finura e aticismo. M.^{me} Réal, apesar de estarmos acostumados a vê-la em papéis de outro género, agradou como ingénua. Francisque é conhecimento antigo, e é sempre recebido com agrado.

Le mari à la campagne é literariamente inferior à *La bataille de dames*. É uma comédia meramente de enredo. É um marido apoquentado pela devoção exagerada da sua família, que procura distrair-se. A mulher e a sogra apanham-no no flagrante delito de um baile. Quadro de desolação. O santanário, conselheiro da família, tinha-lhe procurado o emprego de tesoureiro devoto, e é coisa sabida que a devoção não dança, come, bebe, ralha do próximo e reza. A esposa, discretamente aconselhada, reconcilia-se com as distrações da vida, e o santanário e a sogra desfalecem de indignação.

Lopes de Mendonça

IMP 184

(*Revolução de Setembro*, 29/1/1853, n.º 3250)

O que desejáramos é que Mr. Bernard achasse mademoiselle Picard. Necessitamos de medemoiselle Picard, queremos mademoiselle Picard, eu prometo apaixonar-me por Mademoiselle Picard.

Lopes de Mendonça

IMP 185

(*Revolução de Setembro*, 05/02/1853, n.º 3255)

Chegou finalmente Mademoiselle Picard. Debuta no Sábado num vaudeville de Scribe. Apesar de não aparecer em cena, já apareceu no teatro. Estava outro dia numa frisa com mademoiselle Pauline.

Lopes de Mendonça

IMP 186

(*Revista dos Espectáculos*, 02/1853, n.º 1, 2º vol.)

Teatro de D. Fernando

Uma das mais lindas peças, que nos tem apresentado a companhia francesa dirigida por Mr. Bernard, é sem dúvida *La bataille des dames*, composição dos Srs. Scribe e Legouvé.

O enredo é espirituoso e interessante, constituindo a astúcia feminina a acção principal da comédia.

Mademoiselle Pauline compreende e reproduz com extrema graça e naturalidade o tipo de mulher astuciosa que o autor tanto se esmerou em desenhar. O carácter de ingénua amolda-se pouco às disposições naturais e artísticas de M.^{me} Réal. Mr. Dumesnil é um artista inteligente que desempenha perfeitamente o seu papel, e que apresenta sempre uma mímica dramática, um jogo de fisionomia tão natural e adequando às situações que o espectador o compreende facilmente, mesmo sem ouvir as suas palavras. Mr. Roche desempenha bem a sua parte. Em suma, a comédia tem agradado muito, não só por ser delicada e engraçadíssima, mas porque, em geral o seu desempenho é bom.

Le mari à la campagne também é uma linda comédia em 3 actos, que o público tem aplaudido.

A par destas e doutras produções de mérito, a companhia francesa tem-nos também apresentado outras que têm feito fiasco, entre elas citaremos *Le duel au baiser* e *Le cassier et son enfant*.

A estreia de M.^{elle} Picard, há tanto tempo prometida e anunciada, consta-nos que se verificará no Sábado 5 do corrente.

IMP 187

(*Revolução de Setembro*, 19/02/1853, n.º 3266)

Mademoiselle Picard não desmentiu, longe disso, os esperançosos agoiros que se faziam antes da sua chegada. Não tivemos ocasião de a ver senão na *Femme terrible*, e parece-nos uma actriz graciosa, inteligente e distinta. É impossível, entretanto, acumular as sensações líricas com as sensações dramáticas. M.^{me} Castellan proibiu-nos visitar o teatro francês. É isso que nos impede entrar na análise minuciosa das últimas composições dadas naquele teatro.

Sabemos das dificuldades que existiam a respeito da prolongação da actual estação teatral, desapareceram completamente. O teatro francês continua, não só este ano, como nos anos seguintes. Notícia importante é esta. Lisboa aproxima-se assim das condições que alimentam a existência de outras grandes capitais.

Lopes de Mendonça

IMP 188

(*A Revolução de Setembro*, 26/02/1853, n.º 3272, p. 2)

É por isso, que nos vem a água à boca quando vemos, por exemplo, um vaudeville engraçado como *Être aimé ou mourir* de Scribe, ou um espirituoso provérbio como o *Caprice* de Alfred Musset.

Reparem como a Condessa de Chavigny borda melancolicamente aquela bolsa. Que olhar tão terno que lhe dirige! Como aparta as malhas com tão cuidadoso enlevo!

Qualquer observador malicioso diria que era um presente dedicado a algum amante. Pois não é. Aquela inocente esposa, depois de um ano de casamento, trabalha para o seu marido. E quem sabe se ela quer recordar, com a dádiva, algumas das soluçantes cenas da lua de mel? A lua de mel, a lua que tão rápida desaparece, que nunca mais volta na vida... A lua de mel, no casamento, é como a pedra filosofal da idade média... procura-se mas nunca se encontra.

Este Conde de Chavigny é um feliz mortal. Querem oferecer-lhe uma bolsa encarnada, e já possui na algibeira uma bolsa azul. E ainda que M.^{me} Llery declare que o azul é a cor dos cabeleiros, eu faço de conta que é a cor de M.^{me} Blainville, senhora que eu não conheço, que não chego a ver mas que penso ser alguma criatura apetitosa, de olhos vivos e que não derrama, sobretudo, tão prontas lágrimas como a interessante M.^{me} Chavigny [...]

Mademoiselle Pauline entra excelentemente nesta composição, que é uma obra prima. Sabe ser coquette sem demasiada afectação, e até discorre sobre os deveres matrimoniais sem que deixe adivinhar demasiado um sorriso de fina incredulidade. Mademoiselle Picard é uma ingénua perfeita, e quando dirige à bolsa aquelas ternas queixas não há ninguém que deixe de se enternecer. Mr. Réal declama com dignidade, e sustenta o interesse desde o princípio até ao fim.

Dizem-nos que teremos em breve o provérbio *Il faut qu' une porte soit ouverte ou fermée*, que pertence ao mesmo autor. Eis um género delicadamente literário, e que não é dos menores títulos de A. de Musset, à reputação que soube alcançar na literatura francesa.

Lopes de Mendonça

IMP 189

(*Revista dos Espectáculos*, 03/1853, n.º 4, 2º vol.)

Como dissemos no precedente n.º, representaram-se três peças novas no benefício de Mr. Lebert, chefe de orquestra no teatro francês: *Les rendez-vous bourgeois*, *Un soufflet nést jamais perdu*, e a cena cómica *Le galopin industriel*. A primeira, apesar de ter um enredo no gosto da antiga comédia, apresenta situações bastante cómicas. No desempenho todos os artistas se houveram bem, distinguindo-se principalmente a inteligente actriz M.^{me} Réal, e os Srs. Dumesnil, Réal e Victor Henry. Na espirituosa comédia *Un soufflet n'est jamais perdu*, M.^{elle} Pauline apresenta-se como uma verdadeira Pompadour, as suas maneiras, o seu vestuário, a sua acção, o seu penteado reproduzem fielmente, debaixo de um gracioso e interessante aspecto, a célebre favorita de Luís XV. Mr. Réal representa com muito acerto e grande elegância o papel de Auvergne, o pobre compositor fácil de apaixonar-se por todas as mulheres, e que, se não pode fazer da Pompadour uma amante, conseguiu porém, que ela fosse protectora. A cena cómica do Galopin tem pouco chiste, e julgamo-la unicamente tolerável pela graça natural do actor que a representa – Mr. Dumesnil.

Antes do encerramento, que a lei impõe a todos os teatros nesta época consagrada às solenidades do cristianismo, tivemos duas peças novas, das quais uma foi dada em benefício de um jovem artista, Mr. Octave Galle, a quem uma longa doença tem tido afastado do teatro. A primeira, *Estelle*, é uma dessas obras perfeitas que fizeram outrora a fortuna do teatro do Ginásio de Paris, e contribuíram para formar a colossal reputação do seu autor, Mr. Scribe. Esta pequena peça, cheia de situações interessantes e de engraçadas particularidades, foi bem desempenhada. Mr. Tony, apesar de fazer um papel que não está no seu género, sabe elevá-lo à altura do seu talento, e pode-se afirmar que não saiu desairoso da execução que empreendeu. O papel de Estelle é, talvez, simples demais, e muito ingénuo para ser representado por M.^{elle} Pauline, entretanto far-lhe-emos a justiça de dizer que houve momentos em que esteve encantadora, e que o seu traje e os seus gestos estavam em harmonia com a meiga figura de Estelle, daquela vítima resignada do erro de um pai. Mr. Roche mostrou-se ao mesmo tempo cheio de candura, franqueza e dignidade no carácter do tabelião Fumichon, e Mr. Francisque também teve alguns momentos felizes, executando o papel de jovem oficial da marinha. Em nossa opinião *Estelle* deve ser contada no número das melhores peças do repertório.

Chegámos para ver *Pauvre Jacques*, já a peça estava no desfecho. Logo que ela concluiu, houveram muitos aplausos, o que parece querer dizer que foi bem representada, pois que no Teatro de D. Fernando ainda não se organizou a claque, essa instituição ridícula, que desonra quem a emprega, é prejudicial à arte, e só serve para encobrir mazelas, sustentar nulidades artísticas, e iludir papalvos. Um amigo nosso, que se assentava ao nosso lado, afirmou-nos, que M.^{elle} Picard estivera muito tocante, e tinha cantado com muita alma algumas bonitas árias pertencentes ao seu papel. Esta gentil actriz não desmente nunca a boa opinião, que formámos do seu agradável talento logo por ocasião da sua estreia.

Passada a semana santa, é provável que a companhia nos apresente algumas peças novas que tem estado ensaiando, e das quais daremos notícia em tempo oportuno.

IMP 190

(*Revista dos Espectáculos*, 03/1853, n.º 4, 2º vol.)

Teatro de D. Fernando

Cumprindo-nos falar dos artistas franceses, por que não o faremos uma vez ao menos, e o melhor que pudermos, na mesma língua deles? Esperamos que os nossos leitores não nos levarão a mal este capricho.

Les bruits alarmants que avaient déjà percé sur la fermeture du théâtre français ce sont dissipés à l'apparition de l' affiche qui annonçait le bénéfice d'une actrice pleine de zèle et que l'on voit

toujours avec plaisir, Mademoiselle Pauline, dans *Deux dames au violon*, pochade carnavalesque, sous le pittoresque costume de débardeur. La poudre encadrait merveilleusement ces deux charmants visages, et le bonnet de police donnait aux deux Titi, un petit air casseur que leur sérail à ravir. Comment définir ce qu'on appelle, je ne sais trop pourquoi, le cancan? Cela n'appartient à aucune école et n'a d'autre règle que la fantaisie de ces douces et folles filles d'Eve que l'on nomme Lorettes.....

IMP 191

(A *Revolução de Setembro*, 19/03/1853, n.º 3260, p. 2)

Vi no outro dia *Estella* no teatro francês. É um bonito drama, que mais efeito produziria de certo se às vezes nos lances mais patéticos o não víssemos cortado em couplets.

É um pai que, ao contrário de muitos, prefere antes ser progenitor do que cingir àquele cómodo aforismo do direito romano: *pater est ille quem justae nuptia demonstrat*.

A incerteza torna por extremo interessante. Mas, como acontece quase sempre, era uma suspeita infundada. O pai supõe-se verdadeiramente autor daquele tesouro de inocência e de candura. Ainda bem! Que revoluções não haveriam no mundo se a paternidade deixasse de ser um sentimento cultivado em estufa pela mulher, pela sociedade e pelas leis.

Lopes de Mendonça

IMP 192

(A *Revolução de Setembro*, 09/04/1853, n.º 3305, p.2)

Segunda-feira é o benefício de Mr. Réal. É um actor inteligente e distinto que tem sido constantemente bem recebido do público. Creio que a concorrência não há de faltar ao consciencioso e ilustrado artista.

Lopes de Mendonça

IMP 193

(*Revista dos Espectáculos*, 04/1853, n.º 6, 2º Volume)

Teatro de D. Fernando

Passemos em rápida revista os espectáculos dados ultimamente neste teatro.

Le chevalier des dames é uma destas composições cheias de inverosimilhança, e cujo fundo consiste nas inextricáveis complicações que cercam o personagem principal e nos expedientes que ele imagina para sair delas, e que de ordinário cada vez mais o comprometem. Esta pequena peça agradou. Mr. Tony e mademoiselle Pauline, apesar de terem papéis muito inferiores ao seu talento, souberam dar-lhes relevo. Mr. Dumesnil está bem certo dos seus papéis, nada deixa a desejar, *Bruno-le-fileur* e *Les saltimbanques* foram para ele um verdadeiro triunfo. *Luisette ou la chanteuse des rues* é uma bonita peça. Mademoiselle Picard sabe cantar, mas deve ter cautela em conservar sempre rigorosa afinação. Muito interessante como cantora das ruas, muito sedutora como prima donna, para Louissette reverterem as honras da peça de que é heroína, o que não impede que floresça (Madame Réal) seja uma corifeia muito interessante, e que dá bastante relevo a um papel já de si muito original. Victor Henry representa maravilhosamente bem o papel de empresário. A sua louca alegria quando sente o ruído dos aplausos, a sua burlesca desesperação no momento de ouvir a pateada, tudo foi representado com muita verdade, e por maneira bastante cómica. Em certas ocasiões talvez se possa taxar Victor Henry de exagerado, mas este defeito fica eclipsado por outras qualidades brilhantes, entre as quais não é, decerto, das que menos avulta a de saber sempre bem os seus papéis. *S'entendre vite* é uma composição a que chamaram provérbio. Mas, no sentido desta frase, parece-nos que não há tal provérbio? O título de comédia-provérbio serviu, provavelmente, mais para indicar a dimensão do que a natureza da obra. Não chamaremos a *S'entendre vite* uma peça, porque não contém exposição, nem peripécia, nem solução, mas faremos justiça às qualidades de estilo, que decerto fariam honra a muitos escritores franceses. Se o Sr. Lopes de Mendonça se associar com um

colaborador que conheça bem os recursos ou as verdadeiras molas de cena nenhuma dúvida temos de que poderá produzir ainda obras notáveis, e de que tanto mais glória resultará se as escrever em uma língua estranha. Além destas obras tivemos também *Les trois polkas*, a encantadora comédia *La marquise de Senterre*, na qual há largo campo para admirar o talento de mademoiselle Pauline e Picard, e o de M.M Réal e Victor Henry, e *Valérie*, que já tinha sido representada pela companhia de Mr. Emílio Doux. Entretanto, a maneira por que foi na presente ocasião desempenhada por demoiselles Pauline e Picard, e por Mr. Tony, fará com que a comédia de Mr. Scribe e Melesville fique considerada no número das mais superiores que nos tem apresentado a actual companhia de D. Fernando.

O benefício de Mr Dumesnil, que devia ter lugar Segunda-feira 25 do corrente, foi transferido para Domingo 1º de Maio. É de crer que o público não deixe de afluir nesta noite ao teatro para obsequiar um artista de tanto mérito, e que tão justas simpatias tem sabido ganhar entre nós.

IMP 194

(*Revolução de Setembro*, 16/04/1853, n.º 3305, p.2)

Felizes vaidades que se contentam com algumas varas de qualquer estofa, com algumas linhas de qualquer diploma!

E por isso aqui tudo está por fazer. Até é necessário criar essas excentricidades sublimes que vivem no centro das suas impressões artísticas. Como hão de haver pintores se não se apreciam os quadros? Como hão de existir architectos se as edificações se assemelham a tercenas de trigo? Como se hão de improvisar monumentos se a aspiração para a arte existe menos como necessidade do que por moda?

E admiro-me então que não se apreciasse melhor *La fille de l'avare*. É um drama tirado da *Eugénie Grandet* de Balzac. A composição dramática não nos pode produzir o mesmo efeito do romance. A avareza é uma paixão ignóbil, que a alma repele com indignação. O que nos interessa num romance repugna-nos em cena. Moliére adivinhou, com o seu raro génio, o tipo avarento, criando o seu Harpagon. É a paixão, mas a paixão tornada ridícula.

Victor Henri mostra-se um excelente actor e compreende o papel com penetração. Nas situações em que não é trágico torna-o ridículo, o que, alternando talvez o pensamento do autor, melhora-o e suaviza-o para o expectador.

Hubert é deveras engraçado e mademoiselle Picard representa com correcção e gentileza.

Louise ou la chanteuse des rues é um drama vaudeville, cheio de chiste e de excentricidade cómica. Victor Henri é excessivamente feliz na caricatura do empresário italiano, il signor Saltarelli, que anda pelo mundo procurando vozes, como o célebre Barbaja que por tanto tempo regia os destinos de S. Carlos de Nápoles.

A quem tem frequentado os bastidores, conhecido e tratado baixos, barítonos, tenores, primeiras damas, dançarinas, faz pena que o autor não desse maiores dimensões ao quadro. Um empresário! Um empresário é uma mina cómica. Esse composto de avidez e de amor artístico, umas vezes altivo como um bachá, outras vezes humilde como um porteiro em dia de boas festas, daria inspiração ao primeiro que o soubesse desenhar com todos os seus defeitos e qualidades. Por exemplo este: quando a dama é pateada, deu um si bemol em vez de si natural; quando o grão-duque a cumprimenta, jura por todos os santos e santas da corte do céu que *la bravíssima prima donna* dera um si natural, esplêndido e irresistível.

Mademoiselle Picard e M.^{me} Réal, um género sentimental, outra no carácter puramente cómico, deram à composição, pelo menos, metade do êxito que obteve.[...]

Lopes de Mendonça

IMP 195

(*Revolução de Setembro*, 23/04/1853, n.º 3317, p.2)

Felizmente temos Segunda-feira o benefício de Mr. Dumesnil. Ninguém ignora o talento do distinto actor, mas o que talvez nem todos saibam é a variedade e interesse do espectáculo. Um dos nossos mais distintos poetas e escritores dramáticos escreve um *à propos* em duas línguas. *Appartement à louer*, em que além de Mademoiselle Dumesnil, Roche e Pauline veremos

representar o nosso distintíssimo actor cómico Sargedas. Parece que o quarto acto da *Adriana Lecouvreur* será desempenhado pela Sr.^a Emília. O beneficiado parodiará quatro papéis diferentes na comédia vaudeville *M.^{me} de Angeville*. É dia de grande enchente, decerto. Mais um mês e não teremos teatro francês. Mais um mês e alguns dias e não teremos teatro italiano.

Lopes de Mendonça

IMP 196

(*A Revolução de Setembro*, 15/05/1853, n.º 3340, p.1)

Les malheurs d' un amant heureux são uma dissertação filosófica em dois actos. Que homem é Mr. Scribe! Que veia! Que diálogo! Que acção rápida! Que vivacidade e que espírito!

Não imaginem que o protagonista é um Lovelace ou um D. Juan. Um homem possuindo a desenvoltura chistosa de Richelieu ou a insolência do comediante Baron. É uma vítima da sensibilidade, um mártir dos seus dotes de gentleman. Não seduz, seduzem-no, para ele, mostrar-se é ser feliz. Chovem sobre ele os rendez-vous e as cartas perfumadas. Se a tudo aquilo, se a tanta atracção magnética, Deus houvesse ligado alguma energia de espírito, era um herói completo.

Faz pena ver aquele mancebo no meio de tão encontradas pretensões. É perseguido a um tempo por uma viúva, uma solteira e uma casada. Que imaginam que acontece? Casa, casa como se fosse um burguês, como se o matrimónio o devesse curar dos seus desvarios apaixonados. Bem sei que faz uma acção de moralidade, e, o que é ainda mais meritório, apressa o desenlace da comédia, mas a virtude não o salva do ridículo. O homem de estado ali é a viúva, salva as amantes comprometidas e perdoa com uma grandeza de alma, digna da Cornélia antiga. Houve alguns maliciosos que apostaram uma coisa. É que se Scribe não deixasse os acontecimentos naquele termo, se escrevesse um terceiro acto, a viúva ainda faria falar de si... Aquele aperto de mão clandestino.

E finda o teatro francês. Mademoiselle Pauline já partiu no paquete. A companhia dá apenas mais duas representações. Chega o Verão a cidade vai para o campo, sob o pretexto de ares, e toma banhos sob o pretexto de nervoso. Vamo-nos regenerar numa augusta e bucólica sensaboria.

Lopes de Mendonça

IMP 197

(*Revista dos Espectáculos*, 05/1853, n.º 8, 2º vol.)

Teatro de D. Fernando

Le bénéfice de Mr. Francisque nous à rendu deux ouvrages que nous connaissons déjà, et bien que les principaux rôles aient été joué ici par le célèbre acteur Paul, on a eu infiniment de plaisir à les revoir. *Les malheurs d' un amant heureux* ont été parfaitement rendus par Réal, en première ligne: quel bon ton exquis, quelle tenue parfaite ... Roche était bien général de l'empire, et sa brutalité faisant admirablement ressortir les frayeurs comiques du bonhomme Bonneval dont Victor Henry a parfaitement reproduit le caractère. M.^{elle} Picard avait un rôle au dessous de sont talent, est c'était là un dévouement à une bonne distribution. M.^{elle} Pauline a été très remarquable dans M.^{me} Simiane et n'a manqué ni pathétique ni de sensibilité. Elle a été, comme toujours, admirable d'atours et de beauté. M.^{me} Réal a laissé beaucoup à désirer dans M.^{me} de Torigni. La demoiselle à marier a été très favorable à M.^{me} Picard, qui rencontre beaucoup de sympathie à Lisbonne. Son jeux est simple, naturel, et son physique convient surtout aux personnages qui exigent beaucoup de jeunesse et une ingénuité mêlée d'une franchise un peu brusque. Cette pièce à le defaut d'avoir vieilli, et la verve de Victor Henry, la bonhomie de Roche n'ont pu lui enlever une certaine vétusté que n'ont pas beaucoup d'ouvres de Mr. Scribe, quoique plus anciennes. Nous avons eu *La sœur de Jocrise*, cette continuation des spirituelles niaiseries qui ont tant amusé la dernière génération est une pièce beaucoup mieux construite que celles qui ont été écrites pour Brunet, et nous nos rappelons la suprême bêtise d' Alcide Touez

entreprenant d'expliquer la métamorphose du Perroquet. Hubert, s'il n'a pas toute la naïveté exigée a beaucoup amusé, et que le rôle ait porté l'artiste ou que l'artiste ait fait valoir le rôle on a ri, c'était le but et il a été rempli. M.^{me} Réal, une spirituelle sœur d'un frère stupide, a été un excellent soutien du protagoniste. Mélin avait un rôle important, il s'en est tiré à son honneur. Roche avait une excellent tête. Le bénéfice de M.^{elle} Picard avait attiré tout Lisbonne, est c'était une justice rendue à l'aimable actrice. Connaissez-vous rien de plus habilement construit que cet inextricable imbroglio intitulé le *Chevalier du guet*? L'intrigue commence au lever du rideau et les complications débutent avec la pièce: elles se croisent, s'enchevêtrent les unes dans les autres, personne n'y reconnaît plus rien, le public est égaré, il ne sait plus croire, et donne, comme on dit, sa langue aux chats. Puis, tout-à-coup, la lumière se fait, tout devient transparent, limpide, l'un a sa femme, l'autre sa maîtresse, et, comme dit Brid'Oison, «tou... out le mon... on... de est satis... is... fait.» Réal représente le malicieux chevalier avec une suffisance de bon aloi, une goguenarderie spirituelle, est un laisser-aller, une insouciance, un certain débraillé qui en font un des meilleurs rôles. Victor Henry a été parfait dans le crédule Baron, et Francisque très bien placé dans le Vicomte. M.^{me} Réal, la piquante soubrette, M.^{elle} Darcemont toujours soigneuse dans tout ce qu'elle joue, complétaient un ensemble qu'on ne rencontre que dans les théâtres d'élite.

Nous aurions été obligés d'expliquer a quelques dames de la société la signification du titre de la seconde pièce si l'auteur ne s'en était chargé des les premières scènes. *Midi à quatorze heures*, c'est à dire, chercher querelle à propos de rien ou plutôt à propos de tout. Il y a eu, dans cette pièce, une fausse répartition des rôles. Nous avons souvent rendu justice à Mr. Dumesnil, mais, puisqu'il a lui même continué Odry, au théâtre des Variétés, il devrait comprendre que le facies du Grand Bilboquet ne peut inspirer une jalousie qui va jusqu' au délire, a la folie. Cela peut être, oui, sans doute, mais l'exception n'est pas règle, surtout au théâtre. M.^{elle} Picard a été la personnification même de la femme ombrageuse qui, jeune et pleine de charmes naturels, ne s'aperçoit pas qu'elle fait malheur d'un époux par excellence, qui va, pour échapper a la persécution, jusqu' a mettre de vieux habits et se sevrer de diners en ville, de spectacles de bals, les concerts, sans pouvoir échapper aux mille coups d'épingles dont il est criblé chaque jour. Tout a été interprété avec une art infini, regard, gestes, attitudes. Voix saccadée par la colère, sarcasmes acères, double sens incisifs... dans tous les théâtres ou M.^{elle} Picard remplira ce rôle difficile nous lui prédisons le succès.

La compagnie se démembre: M.^{elle} Pauline est déjà partie. On la dit engagée pour la prochaine saison. Nous savons aussi, que la licence que Mr. Bernard tient du gouvernement vient d'être renouvelé pour un an. Nous sommes donc certains d'avoir encore de charmantes soirées. Certes, nous aimons beaucoup le Teatro de S. Carlos, mais quelques fois les opéras sont ennuyeux à force d'être sublimes et nous ne connaissons alors de plus aimable diversion que celles que nous donne le théâtre français.

Biarritz

IMP 198

(Revista dos Espectáculos, 06/1853, n.º 9 – 2º vol.)

Uma praga de novo género.

Lisboa está sendo, há tempos resignada vítima de uma praga, mais terrível que a dos gafanhotos e a dos mosquitos, e mais incómoda mesmo que a dos realejos, é a praga dos concertos e dos benefícios teatrais. [...]

Se um indivíduo entra em uma casa de moedas, em um livreiro, ou em um café, especialmente daqueles situados na proximidade do Passeio Público ou da igreja dos Mártires, por pouco tempo que ali se demore, vê-se logo imediatamente perseguido e assaltado por um que pretende fazer o benefício em D. Maria, por outro que o há-de fazer no Ginásio, por este que tenciona dar brevemente um concerto em S. Carlos, por aquele que tem de fazer o seu benefício em D. Fernando, ou na Rua dos Condes. [...]

Se o homem tem a fortuna de escapar durante o dia à perseguição, e à noite vai ao teatro para distrair-se, antes de chegar ao lugar do bilheteiro para pagar a competente entrada, é atacado

pelo Sr. Fulano ou pelo Sr. Sicrano (artista que apenas se sabe que existe porque o seu nome figura às vezes no cartaz) e este Sr. Sicrano lhe pede, com um desembaraço como se tivesse consciência do seu grande merecimento, que fique com um bilhete de plateia ou de camarote para o seu benefício, que há-de ter lugar em tal dia de tal semana. [...]

Às vezes o mesmo indivíduo, sem saber como, acha-se com bilhetes de diferentes teatros, e para benefícios que devem ter lugar na mesma noite, porque o número dos que pretendem ser beneficiados, e querem viver à custa do suor alheio, tem chegado a tal excesso nestes últimos tempos que por mais de uma ocasião tem acontecido haver simultaneamente representações em benefício nos três principais teatros da capital.

IMP 199

(Revista dos Espectáculos, 06/1853, n.º 9 – 2º vol.)

Teatro de D. Fernando

Nous n'avons point eu de pièce nouvelle depuis le bénéfice de M.^{elle} Picard. Le vendredi 27 mai, a eu lieu celui de MM. Roche et Hubert. *La chaîne anglaise* est un excellent imbroglia. «La Polygamie est un cas pendable!» de Molière en fournit tout l'élément. Une femme qui à deux maris et qui est encore... fille, deux époux qui n'ont point de femme, un mariage légal en France et nul outre-manche et vice-versa, un beau père précieux, qui préfère un imbécile, que sa fille déteste, à un jeune officier qu'elle adore! Quel beau père! Il est plus amoureux de l'Océan, dans lequel il tombe en voulant l'admirer, que ses deux gendres ne le sont de sa fille. Roche s'est montré charmant de bonhomie, d'entêtement, d'admiration emphatique... il a été superbe quand il s'est écrié. «Je l'ai vu!... C'est bleu! C'est vert! C'est noir!... Nous étions face à face... il se barçait amoureuxment, le vieux drôle!... » Vous qui n'avez pas vu Roche-Doublemard en officier écossais, je vous plains!... et vous souhaitez autant de cent mille livres de rente qu'il lui faut de mètres d'étoffe quadrillée pour se faire un jupon. Dumesnil a été drôle dans le mari sans femme. *Un scandale à Lisbonne*. Ici nous signalons une petite escobarde. Ce pouvait être aussi bien... Nous ne pouvons que constater une chose, c'est qu'on a réellement ri d'une manière scandaleuse... et d'augustes personnages n'ont pu se défendre de la contagion. Nous avons été premier pris au piège. Après trois, quatre, scènes de la plus grande insignifiance tout-à-coup une voix part d'une loge, c'est Picard!... ou plutôt madame Pomageot, contre son mari, contre le monde entier. Un mari, un gros marin, placé au parterre, s'écrie en chevalier français et d'une voix à être entendu de Belém: «honneur au beau sexe!» Tous les regards se tournent vers l'énorme Jean Bart... C'est Roche! Un monsieur crie aux secondes qu'il veut entrer, ayant payé quatre pintos, mais que son intention n'est pas de troubler l'ordre. On crie à la porte! Silence! Quel est donc encore ce trouble fête? C'est Dumesnil! M.^{me} Fromageot raconte une admirable histoire de perdreaux, puis annonce qu'elle veut jouer la comédie.

Son mari, le monsieur des secondes, s'y oppose, la contrebasse de l'orchestre se mêle de la querelle, le stentor du parterre broche sur le tout, et ce tohu bohu, cet amphigouri auquel acteurs et public semblent ne plus rien reconnaître finit comme finissent et finiront tous les vaudevilles passés, présents et à venir, par un couplet final. J'oubliais de vous dire que la contrebasse, c'était ce farceur de Victor Henry. Le lendemain le spectacle de clôture se composait des mêmes pièces qui n'ont pas eu moins de succès.

Quelques artistes ont donné deux représentations, dont la seconde était au bénéfice d'une jeune artiste de S. Carlos, M.^{elle} Donovan. Ce fait a une signification. Pourquoi dans un théâtre où l'on donne bénéfice à une couturière, au contrôleur, etc., n'en pas donner un à sujet qui a chanté des rôles d'une grande importance et s'est fait souvent applaudir, même auprès de Madame Castellan? Cette représentation a été contrariée par celle donnée le même jour au Teatro de S. Carlos et qui a privé M.^{elle} Donovan du concours de deux éminents artistes, MM. Swift et Bartolini. Il y avait fort peu de monde, mais les applaudissements n'ont pas manqué à la jeune artiste dans les différents morceaux qu'elle a chanté à merveille, et elle a du même repété à la demande générale un de ces morceaux – *La zingara* de Donizetti. Nous terminons par un mot sur ces spectacles supplémentaires: Connaissez-vous Mata, chers lecteurs? Un excellent

restaurateur, ma foi. Pour un pinto il vous donne trois mets exquis et un dèssert splendide. Que diriez vous si ce même Mata vous donnait au bout de quelques jours, et toujours pour un pinto, un plat, et une tangerina pour la digèstion?...

Les éléments de ces représentations sont très bons, sans doute, mais en trop petit nombre. Nous ne nous sommes pas aperçu que cette combinaison ait été utile à qui ce soit.

Dans un prochain article nous risquerons quelques réflexions sur l'établissement d'un théâtre français à Lisbonne et, surtout, de son avenir.

Biarritz.

IMP 200

(Revista dos Espectáculos, 06/1853, n.º 10, 2º vol.)

A pedido de várias pessoas, ainda em a noite de 27, os artistas franceses existentes em Lisboa nos deram um variado espectáculo, que foi definitivamente o de encerramento. No vaudeville em um acto *Un jeune homme pressé*, MM. Roche e Dumesnil foram excelentes, o primeiro no papel de Pombichet, fabricante de luvas, e o segundo interpretando a parte do protagonista. Mr. Victor Henry secundou-os perfeitamente. Na engraçada peça de Leon Gozlan, *Une tempête dans un verre d'eau*, foi-nos dado a admirar ainda mais uma vez a M.^{elle} Picard, a qual, com a sua encantadora ingenuidade e inteligência artística, deu todo o relevo à belíssima cena que se passa entre Floride e Lucien, seu marido, cena que Mr. Victor Henry contribuiu também sobremaneira para tornar interessante. Mr. Dumesnil executou duas cenas cómicas, mas se a primeira agradou, outro tanto não podemos dizer da outra, que além de pouco chistosa, pecou por extremamente longa e chegou a cansar a paciência dos espectadores, apesar das diligências empregadas por Mr. Dumesnil para tornar bem a receita. O espectáculo terminou com um lindo e delicado vaudeville de Scribe *Qui se ressemble se gene*. M.^{elle} Picard desempenhou com tanta graça e naturalidade o papel interessante de costureira. MM. Victor Henry e Dumesnil reproduziram por tal modo o carácter dos dois estudantes, cujos laços de sincera amizade estiveram a ponto de despedaçar-se pelo amor inspirado a ambos pela simpática Ernestine, que sentimos profundamente não podermos ter, por enquanto, mais alguma ocasião de ver uma tão linda peça e tão perfeitamente desempenhada.

Com tão poucos elementos julgamos difícil, se não impossível, apresentar espectáculos mais variados e interessantes do que aqueles que por algumas noites nos apresentaram *les trainards* da companhia de D. Fernando. Pena é que o público, por desleixo ou não sabemos por que motivo, não compensasse, como mereciam, os esforços dos artistas.

Fazemos sinceros votos para que na próxima época teatral, a fortuna seja mais propícia à companhia francesa do que lhe foi na que terminou.

IMP 201

(Revista dos Espectáculos, 08/1853, n.º 11, 2º vol.)

Teatro de D. Fernando

Abonnement de quatre-vingt-dix représentations.

Conditions:

L'entreprise s'engage à donner à messieurs les abonnés trois représentations par semaine et une le dimanche, tous les quinze jours. Les jours d'abonnement seront les mardis, les jeudis, et les samedis de chaque semaine.

L'ouverture du théâtre aura lieu le 15 septembre ou 1^{er} octobre au plus tard. Le payement de l'abonnement sera divisé en trois prestações de trente représentations, ainsi qu'il suit: la première prestação à l'arrivée de la compagnie à Lisbonne: la seconde prestação après le 25^{ème} représentation, et avant la 30^{ème}, enfin la 3^{ème} prestação après la 55^{ème} représentation, et avant la 60^{ème}.

Le répertoire, sans cesse varié, se composera du meilleur choix de pièces modernes, données sur les théâtres de Paris.

IMP 202

(A Revolução de Setembro, 10/09/1853, n.º 3429, p. 1)

Artistas escriturados em Paris para o Teatro de D. Fernando.

Mr. Ulric – jeune premier rôle, representou com bom sucesso em Lion e em Bade.

Mr. Darmies – primeiro amoroso do teatro das Variedades em Paris.

Mr. Pascal - primeiro cómico: representa os papéis de Arnal e de Ravel, teve excelente êxito nos teatros de Paris, Turim e da província.

Mr. Leroy – segundo cómico e segundo galã do teatro lírico, onde foi bem aceite.

Mr. Hiacinte – utilidade, segundo contra-regra, representou em Amsterdão e em Bruxelas.

Mr. Roche – finacier et père noble.

Mr. Dumesnil – cómico, primeiro contra-regra.

Mr. Leodau – ponto.

Damas

Mademoiselle Honorine Hardy – Jeune prémier rôle, teve muito sucesso em Paris no Teatro Histórico e no de Bruxelas.

Mademoiselle Desgranges – coquette magnífica, teve muito sucesso no Teatro de S. Petersburgo, de onde vem.

Mademoiselle Eugénie Sen, papéis de soubrette e dejaset, deixa o antigo circo onde acaba de representar 130 vezes o primeiro papel na *Gata branca*.

Mademoiselle Meraux – excelente duégne, representou no Vaudeville e no Ódeon.

Mademoiselle Poté – segunda amorosa, deixa os teatros de Paris.

Mademoiselle Amélia Deboissy – ingénua e primeira amorosa, teve um grande sucesso no Teatro de Dieppe.

Estas notícias como vêm são pelo menos esperançosas. Há nelas uma grande lacuna, entretanto, é que na parte feminina se não relatam as qualidades de formosura que possui cada uma das atrizes. Quem duvida de que as artistas têm o dom de electrifarem facilmente qualquer espectador, medianamente cativado das excelências da declamação? Representam bem, acreditamo-lo, aplaudimo-lo, mas não basta. Queremos que delas se diga o que Fontenelle afirma das mulheres em geral, com mais agudeza do que verdade: «paraíso dos olhos, purgatório da bolsa e inferno da alma».

Paraíso dos olhos? O que é isto se não o desejo de que sejam formosas? Purgatório da bolsa? Quem é que discute o preço de alguns olhares ternos? Inferno de alma, muito embora, se isto nos salva do aborrecimento, que é o mais tremendo suplício que a existência civilizada inventou para castigo das nossas vaidades!

Como quer que seja possuímos teatro francês, e uma quantidade de mademoiselles que devem traduzir-nos as mais lindas composições do teatro moderno. Bonitas é de crer que o sejam, porque não houve atriz nenhuma, desde o *Roman Comique* de Scarron até aos romances de Balzac, que se nos apresentasse despida dos atractivos que a imaginação concede ao sexo gentil, que todos os homens adoram e nenhum poeta deixa de cantar.

IMP 203

(A Revolução de Setembro, 01/10/1853, n.º 3447, p.2)

Vai abrir-se S. Carlos, e já assistimos a três ou quatro representações no teatro francês.

O teatro francês está introduzido em Lisboa, como acontece em quase todas as capitais importantes do universo. De modo que os vaudevilles de Scribe podem fazer rir os espectadores nas cinco partes do mundo, com grande aplauso da nação francesa, que é tão ciosa das suas glórias militares como dos seus ditos de espírito.

A companhia deste ano não pode ainda ser devidamente avaliada, porque o mérito de um actor não se manifesta senão em duas ou três composições de um repertório. Por exemplo, quanto não teremos nós a esperar de mademoiselle Sen, cujos olhos inteligentes e expressivos parecem cintilar de vivacidade e de espírito. Quantas coisas se não adivinham na sua boca, que possui o que os italianos denominam de *smorfia*, um sorriso meio deslumbrante e meio desdenhoso.

Mademoiselle Désganges debutou num papel capaz de enraivecer todos os que se pudessem apaixonar por ela. Madame Prie é positivamente uma grande coquette e nunca o duque de Richelieu teve uma amante tão altivamente caprichosa e tão desdenhosamente encantadora. É tão raro contemplar estes tipos de que apenas rezam os romances e comédias que, vendo-se o perfil inteligente e significativo, o gesto grave e aristocrático, ouvindo-se a palavra imperiosa e suavemente insolente da atriz, dão-se os parabéns ao acaso que faz com que as mulheres deste século imitem tão bem os costumes do outro.

Uma das comédias que se repetiram este ano e que agradou foi *Ce que femme vaut*. Mr. Pascal, apesar das recordações que havia deixado Thibeault, foi vivamente apreciado e aplaudido. Mademoiselle Hardy nalgumas passagens declamou com paixão e sensibilidade e conserva a composição no pensamento de engenhoso contraste que a caracteriza.[...]

Lopes de Mendonça

IMP 204

(*A Revolução de Setembro*, 08/10/1853, n.º 3453, p.2)

O teatro francês deu-nos três peças novas esta semana: *Mr e M.^{me} Pinchon*, *Le chale vert*, *Le pont cassé* de Dumas, é uma daquelas espirituosas blagues, que só bastariam para dar nome ao fecundo romancista. É um casamento à sombra de um xaile. Que uniões menos legais se tinham feito por um cachemire, isso sabíamos nós, porque a natureza humana é frágil e um xaile um utensílio quente e sadio que salva de reumatismos e desenha suavemente as formas femininas. Mas que um xaile servisse ao sétimo sacramento só Dumas seria capaz de afirmar no seu diálogo tão chistosamente travado. Mr. Ulric, mademoiselle Hardy e Mr. Roche não fazem afrouxar um instante o interesse desta comédia, cujo sucesso é rapidamente enlevé.

Le pont cassé, aonde entram mademoiselles Désganges e Sen, M.M. Pascal e Roche, é decerto a composição que tem sido representada com mais veia e animação. Há deveras prazer em ver representar com tanta graça e ensemble.

Lopes de Mendonça

IMP 205

(*Revista dos Espectáculos*, 10/1853, n.º 14, 2º vol.)

Teatro de D. Fernando.

A companhia francesa começou as suas representações. Tem sido contudo muito pouco concorrido o teatro. Deve-se atribuir isto à mediocridade da companhia ou à falta de gosto pelos espectáculos deste género? É uma pergunta difícil de satisfazer.

Se o público não concorreu às primeiras récitas não podia ser por deficiência da companhia, que ainda não conhecia, e só se pode explicar este fenómeno pela falta geral de gosto pelos espectáculos dramáticos. Esta é que nos parece a razão principal de pouca gente que se encontra em quase todos os teatros. Temos ainda uma última esperança, que é fundada nas famílias, que ainda se conservam fora da cidade, e que apertando o Inverno virão concorrendo e aumentarão o número de espectadores. Seja, porém, qual for a causa, vejamos o que é e tem feito a nova companhia francesa.

A companhia é inquestionavelmente inferior às dos anos anteriores, tanto no número como na qualidade dos artistas. Conhece-se uma falta, que nas primeiras representações se não pode logo indicar qual ela seja, mas efectivamente há um vácuo que é indispensável preencher. A própria empresa do teatro conhece a necessidade de reforçar a companhia, e acaba de publicar pelos jornais um anúncio em que declara ter já mandado escriturar três ou quatro artistas em Paris, e que os mandará escolher de reconhecido merecimento. Nunca vimos empresa que mandasse escolher maus, até aqui segue as pisadas de outras suas antecessoras, mas o que acontece muitas vezes é que estas pessoas, a quem as empresas encarregam este trabalho, esquecem-se das recomendações recebidas e mandam do mais medíocre que encontram. Veremos e, enquanto não chega o reforço, ocupar-nos-emos do que já cá existe.

Nas peças que temos visto, distinguem-se principalmente dois ou três artistas. Mr. Pascal é indubitavelmente um cómico de merecimento distinto. M.^{me} Desgranges e Hardy são duas artistas de bastantes esperanças. Na *Cachemire vert*, espirituosíssimo diálogo de Alexandre Dumas, M.^{me} Hardy sustenta um carácter muito bem desenhado, e interessa vivamente o espectador num assunto tão estéril que só a pena de Alexandre Dumas e a habilidade de uma artista de merecimento pode tornar tolerável. O roubo de um xaile verde serviu de tema para um namoro, e de pretexto para entabular relações amorosas e apaixonadas entre dois indivíduos que pela primeira vez se encontram numa viagem. É realmente fazer um capote e um milagre. Pois o facto é que, após o roubo, vieram as explicações, depois da explicação os arrufos, e ultimamente tudo se concluiu como manda a santa Madre Igreja. Mr. Ulric secunda regularmente M.^{me} Hardy. Mr. Roche apresenta-se como um perfeito gendarme.

Mr. e M.^{me} Pinchon é uma arlequinada sem princípio nem fim. Não vale a pena de nos demorarmos com ela dois minutos. Vimos nesta peça uma artista das novas, M.^{me} Senn, que parece ter algum mérito mas que, no nosso entender, é muito inferior ao das artistas de que acima falámos. *Le pont cassé*, comédia em um acto, é uma composição de muito chiste e recheada de ditos espirituosíssimos. Mr. Pascal faz o papel principal e desempenha-o admiravelmente, apesar de ser bastante trabalhoso. Nesta peça entra uma das artistas de que já falámos com especial menção, Mr. Desgranges. Tem uma bela figura, declama com propriedade e parece conhecer a cena, e saber tirar partido de todos os recursos da sua arte. Mas as primeiras honras pertencem, nesta peça, a Mr. Pascal, que teve a habilidade de conservar a plateia numa contínua hilaridade, sem se recorrer às momices e trejeitos, escolho fatal, em que temos visto naufragar muitas reputações cómicas da nossa terra. Mr. Pascal conhece a fundo os recursos da arte, está sempre em cena com consciência do que faz, e por que o faz, e, ou nos enganamos muito, ou lhe podemos afoitamente profetizar um brilhante sucesso.

IMP 206

(Revista dos Espectáculos, 17/1853, n.º 15, 2º vol.)

Teatro de D. Fernando.

Prometemos ocupar-nos da continuação da estreia da companhia francesa, e hoje satisfazemos este nosso compromisso com tanto mais prazer, por isso que, em geral, só temos coisas agradáveis para dizer à direcção e a alguns artistas.

Em primeiro lugar não devemos passar em silêncio a boa vontade e diligência que os artistas e a direcção têm dado provas empregando os meios ao seu alcance para contentar o público escolhido que frequenta este teatro, e destruir certas prevenções, que a primeira récita da companhia tinha deixado no espírito em consequência da infeliz escolha de peças nessa ocasião apresentadas. Diremos pois, em abono da verdade, que ultimamente temos passado algumas noites bem divertidas. A boa escolha das novas peças, e a maneira por que têm sido representadas, deixam muito pouco a desejar, e se, como nos afirmam, a companhia receber de Paris um reforço de três bons artistas, acreditamos de bom grado, contra a nossa primeira opinião, que o teatro francês se tornará novamente da moda neste ano, e teremos o prazer de ver rir francamente as senhoras da boa sociedade que assiduamente o frequentam. Não fazemos agora a análise das peças novas, limitamo-nos somente a aconselhar os amadores do estilo espirituoso e elegante, aos que gostam de ouvir couplets e frases cintilantes de graça e de agudeza, que consagrem algumas noites ao teatro francês, e estamos certos que mentalmente nos hão-de agradecer depois o termo-los incitado a procurar uma distração que os salva da cruel monotonia em que tudo geralmente jaz nesta época, do ano enquanto não começam os bailes e se conservam fechados quase todos os salões da sociedade.

La nuit aux soufflets, vaudeville em dois actos de MM. Demanoir e Denery, é uma galante composição cheia de bons ditos e de espirituosos chistes. Mr. Pascal, Hércules 3.º duque de Ferrara, e o seu favorito, gentil-homem francês, o Conde de Candole, Mr. Ulric, compreendem perfeitamente os seus papéis e a ideia dos autores. O público, aplaudindo a peça, fez ao mesmo tempo justiça aos dois artistas. M.^{mes} de Boissy e Senn representaram com muita graça.

Une jeune veuve, vaudeville de MM. Arnaud e Lefranc, é optimamente desempenhado por MM. Ulric, Roche, e M.^{mes} Mereaux e Boissy. Mr. Ulric nesta peça excedeu as nossas esperanças, e

com prazer reconhecemos nele o verdadeiro artista de vaudeville, pela maneira por que canta os couplets, em que nada deixa a desejar. Convidamos porém Mr. Ulric para que tenha maior esmero na sua toilette, e trate de compensar, por meio da arte e do gosto, o que a natureza não concede a todos. Em um teatro como o de D. Fernando tudo deve ser de gosto superior, e o artista encarregado dos papéis de Mr. Ulric contrai grandes obrigações para com o público escolhido que se encontra neste teatro. Mr. Roche, nossa *antica conoscenza*, desempenha o seu papel em todas as peças com felicidade e zelo, e verdadeiro talento. Finalmente, é um velho amigo do público, e por isso mesmo lhe rogamos que poupe algumas vezes a sua voz, os grandes brados ferem os ouvidos delicados que vão ao teatro francês, e isto deve servir de governo a Mr. Roche. M.^{me} Mereaux e Boissy interpretam convenientemente os seus papéis. Enquanto à soubrette que entra nesta peça, não inspira realmente muitos desejos de ser vista em outras.

Les trois dimanches, Vaudeville em três actos de MM. Cogniard, irmãos, é uma peça de costumes parisienses muito alegre, em que MM. Dumesnil, Pascal e Ulric têm sido calorosamente aplaudidos. Mr. Dumesnil, a quem pertencem as honras da peça, mostrou-se um novo tipo de inglês muito difícil de imitar. Mr. Dumesnil representou perfeitamente o papel de Johnson, e manteve o público em hilariadade durante a peça, provando-nos novamente, no modo por que reproduziu aquele tipo, que é um bom artista e um homem de muito espírito. MM. Pascal e Ulric secundaram-no perfeitamente, o primeiro com especialidade teve momentos muito felizes. M.^{me} Hardy e Deboissy, representaram conscientemente. A música é muito bonita. Esperávamos ver M.^{elle} Desgranges nesta peça, e não compreendemos a razão por que nos privam daquela estimável artista, pois há já três peças novas em que não aparece. Julgamos que isto não pode ser senão por culpa da direcção. Nós gostamos sempre de ver a cada um no seu lugar, e além disso entendemos que, quando uma actriz ou um actor agrada ao público, é preciso não o privar dele por tanto tempo. Não se entenda porém, pelo que acabamos de dizer, que M.^{me} Hardy e Boissy nos desagradam, não decerto, porque a ambas achamos mérito, e a ambas temos por vezes aplaudido. O que o público deseja é ver representar M.^{elle} Desgranges, e nós partilhamos este capricho, se nisto se pode dizer que o há.

Uma pequena peça de nosso antigo conhecimento *A la Bastille*, foi muito bem representada por MM. Pascal e Roche. Toda a gente riu a bom rir e se retirou contente e satisfeita com o espectáculo.

Uma última palavra à direcção. Continue a fazer representar bonitos vaudevilles e algumas comédias escolhidas, trate de distribuir bem os papéis e de evitar sobretudo as comparações, porque estamos convencidos que será esta a maneira de cativar o público, e de fazer fortuna.

Depois de estar já composto o artigo que acaba de se ler, assistimos à representação de uma linda *bluette* em um acto, de MM. Clairville e Lambert-Thiboust, que tem por título *La corde sensible*. Dois mancebos amam duas jovens costureiras, suas vizinhas, e pretendem esposá-las, porém elas não estão dispostas a condescender e formam na sua mente o projecto de nunca se sujeitar ao jugo do matrimónio, porque, dizia a interessante ladina Zizini: *Les hommes sont comme les ballons, on peut les ferrailer, mais on ne pourra jamais les diriger*. O caso é que, apesar disto, e da hostil declaração de Zizini contra a metade bárbara do género humano, Tamerlan, um dos pretendentes, lembrou-se que todas as mulheres têm uma corda sensível, que as obriga a ceder apenas se lhe toca. O amoroso mancebo comunica este pensamento ao seu amigo Califourchon, e ambos de comum acordo tratam de fazer as precisas experiências para conhecer qual é a corda sensível das suas ingratas. Depois de vários episódios galantes, acham por fim a solução do problema. Tamerlan cativa o amor da sua Mimi oferecendo-lhe *fichus*, e Califourchon obtém que Zizini seja sua esposa apenas lhe diz que além de sua mão lhe oferece um rendimento de centenaes mil francos. Nada mais simples, os dois jovens conheceram a corda sensível, fizeram-na vibrar, e viram imediatamente coroados os seus desejos.

Nesta bonita peça entrou a interessante M.^{elle} Desgranges que há tantos dias não víamos em cena, e fez a parte de Zizini com muito garbo e chistosa desenvoltura, M.^{elle} Boissy também representou com muita propriedade, e foi muito interessante narrando a história da pobre Blanchette. MM. Pascal e Ulric houveram-se excelentemente, distinguindo-se o segundo na execução dos lindos couplets (espécie de teoria da corda sensível, cujo estudo recomendamos aos amantes infelizes).

IMP 207

(A Revolução de Setembro, 12/11/1853, n.º 3482, p.1)

Estamos sentados no teatro francês. Os camarotes estão cheios de senhoras, algumas formosas, outras interessantes, e um certo número escapando à aplicação de ambos estes gratiosos adjectivos. O lustre está aceso e a orquestra completa. Óculos e lunetas andam num movimento contínuo, e os leques, pela sua agitação, transformam o ar quente e pesado numa corrente de ágeis zéfiros que volteiam entre os cabelos das damas... Ó patchoulis, ó essências turcas, cosméticos franceses, ó pomada húngara e bandolim, salvé. O teu império começa no teatro, atravessa majestoso os bailes e não acaba mesmo nas horas do repouso.

É pena que todas as nossas elegantes estejam já descritas em folhetins, em romances misteriosos, em cartas anónimas, em epístolas apaixonadas, em versos palpitantes... Porque, que prazer não teria um escritor de pintar, por exemplo, aqueles olhos negros de circassiana, aqueles lábios breves, aquele cabelo que acompanha em caprichosas madeixas um perfil romano e a garganta que se arredonda em voluptuosas linhas, e os ombros que se perdem entre as pregas de um vestido... A cor do vestido não digo eu, et pour cause...

O teatro de D. Fernando realmente parece menos um teatro do que uma secretaria antiga com as gavetas abertas: elas contêm às vezes preciosos tesouros, mas quase todos infelizmente estão sujeitos às inflexíveis prescrições da propriedade.

Dava-se *Les droits de l'homme*, comédia em dois actos, cujo autor não temos a honra de conhecer mas que é de certo um homem de espírito.

Lopes de Mendonça

IMP 208

(Revista dos Espectáculos, 11/1853, n.º 16, 2º vol.)

Teatro de D. Fernando.

A concorrência do público ao teatro francês tem ido crescendo de dia para dia, e é esta, sem dúvida, a prova mais convincente de que os esforços da direcção e os artistas do mesmo teatro fazem para ganhar simpatias não são baldados. Os espectáculos poucas vezes têm deixado de ser bem escolhidos, o merecimento de alguns dos novos membros da companhia à proporção que mais se vai conhecendo mais vai tornando digno de apreço. Finalmente, com um pessoal tão limitado parece-nos difícil, se não impossível, que se possa variar mais o repertório do que temos visto variar em D. Fernando. Tão certo é que o zelo e a boa vontade, quando são habilmente dirigidos, muitas vezes obram prodígios.

A engraçada *bluette* *La corde sensible* tem continuado a ser um campo de triunfo para M.^{elle} Desgranges e para MM. Pascal e Ulric. Os lindos couplets cantados por este último andam já na cabeça de grande número dos nossos janotas alguns dos quais, parecem dispostos a ocupar-se de ora em diante com afinco em experiências que os convençam da eficácia do sistema tão chistosamente exposto pelo enamorado Tamerlan para fazer vibrar a corda sensível de todas as Zizinis e Mimis deste mundo.

Les trois epiciérs é uma peça cujos caracteres principais não podem ser devidamente apreciados, por isso que entre nós não temos outros que lhes correspondam com exactidão. E não só por este motivo, mas talvez mesmo porque a execução, em geral, foi excessivamente exagerada, não agradou.

Para festejar o aniversário natalício de el Rei D. Fernando, a direcção apresentou um espectáculo composto de três peças novas: *Madame Larifla*, vaudeville em um acto, por Mr. Labiche. *La poésie des amours*, vaudeville em dois actos por MM. Duvert e Lausanne, e *Un mari charmand*, comédia em um acto, por MM. Dumanoir e Lafargue.

Mr. Pascal (o exótico Grattepain) e M.^{elle} Senn (a sagaz M.^{me} Larifla), com o seu incontestável talento cómico, tornaram agradável e bem vista a primeira das mencionadas peças, a qual obteria, em nosso entender, um êxito ainda mais completo se Mr. Leroy fosse mais competente para o desempenho do papel de que o encarregaram.

O vaudeville em dois actos de MM. Duvert e Lausanne tende a mostrar que a poesia dos amores consiste na extravagância, e que a poesia de casados se reduz à boa harmonia dos cônjuges. Não ousaremos dizer que os autores da peça conseguiram pôr em toda a evidência esta espécie de aforismo, nem também afirmaremos que foram bastante felizes na disposição de peripécias que empregaram para obter o seu fim. Mas o certo é que *La poesie des amours*, apesar de muitas trivialidades e inverosimilhanças, tem algumas situações boas, e que o carácter de Hector (Mr. Pasval) é interessante, bem como o do velho oficial de cavalaria, o qual tem alguns pontos de semelhança com o papel do General Gamin de Paris. MM. Pascal e Roche desempenharam muito satisfatoriamente os respectivos papéis e o mesmo diremos de M.me Hardy, cuja toilette especialmente no 2º acto, era elegantíssima.

Un mari charmant nada tem que encante, nem é peça, julgamos nós, de que se possa tirar vantajoso partido, por maior que possa ser o talento dos artistas que a desempenhem.

Continuam com actividade os ensaios de diferentes peças que prometem noites muito aprazíveis à escolhida sociedade que frequenta o teatro francês.

IMP 209

(Revista dos Espectáculos, 11/1853, n.º 17, 2º vol.)

Teatro de D. Fernando

Quereis saber a que se reduz o tão apregoado e temido poder do homem casado? Nunca vistes o algoz escarnecido pela vítima que ele imagina torturar? – Pois ide assistir à representação da espirituosa comédia *Les droits de l'homme* e ficareis inteiramente convencidos de quanta inexactidão e vaidade há naquele provérbio que diz: *Du côté de la barbe est toute puissance*. Vereis como essa bondade pomposamente comparada a uma barra de ferro se maneja e dobra como uma palha, e como o homem, que se julga forte e onnipotente, é convencido e derrotado por um ente, frágil em aparência, mas respeitável, na verdade, pela influência que lhe dá o espírito e o coração, e pela... diplomacia com que se sabe contrastar a férrea vontade do chamado rei da criação.

M.^{elle} Hardy interpreta admiravelmente o carácter da mulher sagaz, profundamente conhecedora dos mistérios do coração humano, capaz de sustentar as maiores lutas de espírito, de dirigir as mais intrincadas intrigas e assistir impávida às mais tremendas borrascas do coração. M.^{elle} Hardy, em todo o desempenho do seu difícil papel, o mais interessante de toda a peça, não faz um gesto, um movimento, não profere uma frase, uma exclamação, que não tenha o cunho da naturalidade, que não ponha em relevo o carácter do personagem que representa. O autor da comédia dificilmente acharia uma intérprete mais competente. – Roche, aquele tiranette Mr. Duroc, desempenha às mil maravilhas o papel do marido teimoso e cheio de presunção que julga governar tudo em sua casa com a autoridade de um sultão, mas que, em vez disso, ele é mesmo governado e dirigido como um cordeiro por aquela que julga sua escrava. – M.^{elle} Desgranges, a dissimulada M.^{elle} Duroc, nada deixa a desejar a M.^{elle} Senn e Mr. Pascal, apesar de lhes pertencerem papéis pouco acomodados às suas propensões cómicas, desempenharam-nos muito regularmente. Ulric interpretou bem a parte de estouvado e pretensioso diplomático. Em suma: *Les droits de l'homme* é uma comédia cheia de espírito, recheada de alusões agudíssimas e de cenas extremamente cómicas, que não só pelo seu próprio mérito como pelo da execução, promete conservar-se por muito tempo no repertório do Teatro de D. Fernando, desse teatro onde mais de um sorriso temos visto assomar em lindos lábios, como para tornar mais solene e pungente a mistificação do pobre Duroc... e os seus imitadores.

A outra peça de que temos a dar notícia é o vaudeville em três actos – *Le bureau des cranes*. – Ouvindo porém este título, não cuidem os nossos leitores que têm de assistir a algumas cenas de repugnante carnificina. Não. Ali não aparece algoz, nem cutelos nem cadafalsos. O que se vê é um desses valentões que estão sempre prontos a armar questões com pessoas que os não conhecem, que chegam mesmo a provocar duelos, mas que têm sempre em reserva diferentes meios de os evitar, mais ou menos airosos e mais ou menos originais. O Mr. Lonjumeau do vaudeville dos Srs. Siraudin e Lafargue é um dos tais turbulentos poltrões como há tantos. Em valentia de língua ninguém o excede, atrevido e petulante, insulta e provoca sem saber a quem, mas, quando se chega às últimas razões, o bravo Lonjumeau tem adoptado um meio fácil de sair

de dificuldades, a sua carteira anda sempre bem fornecida de bilhetes de visita, não seus, mas de pessoas suas conhecidas, e é um desses bilhetes que ele entrega à pessoa com quem tem de bater-se. Uma noite, por exemplo, vai ao teatro, acha o seu lugar já ocupado, arma uma pendência com o sujeito que o ocupa, insulta-o, por fim chegam a vias de facto e são ambos levados à presença da autoridade, esta consegue congraçá-los, mas a conciliação é aparente, o provocado quer bater-se com o seu provocador e este que não tem muitas disposições para brigar, aceita com fingido prazer o duelo mas recorre ao seu expediente salvador, tira da carteira um bilhete ao acaso e entrega-o ao seu adversário. Aqui começa o enredo da peça em que há episódios de muito chiste, *quid pro quos* interessantíssimos, e que termina, quando menos se espera, pelo consórcio do indivíduo provocado e mistificado com a filha do seu provocador e mistificador. Neste bonito vaudeville talvez possa notar-se alguma falta de unidade de acção, todavia, parece-nos que é uma peça digna de se ver quando seja bem representada. E, para dizermos a verdade, entre nós não o foi, não porque os papéis estivessem mal distribuídos, mas porque alguns dos principais actores não os sabiam. Este defeito esperamos, porém, que se há-de remediar, e então poderá ser melhor avaliada e acolhida uma peça que nos consta haver sido e estar sendo bem aceite em muitos teatros de França.

Na noite de 8 do corrente, e em dois dos entre-actos, o Sr. Artur Frederico Reinhardt executou no rabeção grande uma fantasia sobre motivos da ópera *I due Foscari*, e a ária final da *Lucia*. Pela maneira por que estas duas peças foram executadas ficamos sinceramente convencidos do distinto mérito de um artista que decerto deve ter feito mui sério e aturado estudo sobre o ingrato instrumento a que se dedicou, para poder tirar dele tão excelentes resultados como os que presenciámos. O Sr. Reinhardt não só sustentou uma execução nítida, mas conservou sempre a mais escrupulosa afinação e fez coisas de muito efeito, como, por exemplo, o trémulo na fantasia dos *Foscarini*, em que nos parecia estar ouvindo todas as rebecas do S. Carlos no acompanhamento daquele mimoso *Non m'abandona il cuore*. Em suma, o Sr. Artur Reinhardt é que nos parece disposto a trilhar honrosamente a carreira dos Bottesini, Howel, Anglois, etc.

IMP 210

(Revista dos Espectáculos, /12/1853, n.º 18, 2º vol.)

Scribe tem, nestes últimos dias, imperado quase exclusivamente no nosso teatro francês, e se não sempre, ao menos quase sempre a contento de clero, nobreza e povo.

La lectrice e *Rodolphe* são na verdade duas peças interessantes, não só pela delicadeza e simplicidade da sua contextura, como pela maneira como são desempenhadas. A primeira, representada há anos em português no velho Teatro da Rua dos Condes, é uma comédia vaudeville que o autor poderia, com pequeno trabalho, converter em um drama dos mais patéticos e sentimentais, mas Scribe, por um capricho de artistas, não esteve para isso, quis poupar a sensibilidade do público, e dispôs as coisas de modo que os lances mais sérios e comoventes da sua peça são sempre seguidos, ou, para melhor dizer, interrompidos por outros de carácter inteiramente oposto, e pelas costumadas cantilenas que, embora sejam exigidas pelo género e composição, todavia deixam o espectador surpreendido e quase pesaroso de ver assim perturbado o curso natural das suas sensações. M.^{elle} Hardy é realmente admirável no papel da protagonista. O modo por que refere o fatal incidente que atraiu sobre a sua cabeça o desprezo do público e a maldição de um pai respeitável, a imaginária leitura que este faz da carteira de Carolina, a filha infeliz que ele julga distante no momento mesmo em que a tem a seus pés, são lances cujo desempenho granjearia a M.^{elle} Hardy o título de excelente actriz, se ela há mais tempo não o tivesse já conquistado entre nós. – Roche, o actor estimado do público, interpreta com muita distinção o carácter do pundonoroso velho Colbridge, e nada deixará absolutamente a desejar quando, em certos pontos, lhe der ainda maior colorido. Pascal e Ulric contribuem ambos honrosamente para o bom êxito da peça.

Rodolphe é a segunda produção de que temos que falar. O enredo desta linda comédia é tão simples como interessante, a sua execução tão boa e completa que tira todos os pretextos da crítica. M.^{elle} Desgranges oferece nesta peça mais uma ocasião de admirarmos o seu talento artístico. A maneira por que se apresenta, a perfeição com que faz compreender os delicados sentimentos que lhe lutam na alma, aquele rasgo de abnegação que na última cena, quando se vê

entre o homem a quem verdadeiramente ama e aquele a quem por gratidão prometera a mão de esposa, tudo isto reunido a uma figura esbelta e a uma fisionomia simpática torna M.^{elle} Desgranges altamente interessante no desempenho do papel da pobre órfã Térése. Muito bem vão Ulric e Dumesnil, o primeiro na parte de Rodolfo e o segundo na do generoso e honrado negociante seu sócio. Os seus papéis, extremamente simpáticos por natureza, ainda se tornam mais interessantes pela inteligência com que são desempenhados pelos dois hábeis artistas. Na *femme aux oeufs d'or*, que no Ginásio se representou com o título de *O marido de duas mulheres*, M.^{elle} Senn, apesar de não nos parecer muito à *son aise*, tem alguns momentos felizes e que lhe granjeam justos aplausos. Pascal, na parte que lhe pertence, porta-se na sua costumada habilidade. Dumesnil é interessantíssimo, excelente no papel de Maître de Ballet, assim como Roche é graciosíssimo no de antigo chef d'orchestre. Para que desperte a hilariadade não é preciso ouvi-los, não é preciso esperar, basta olhar para eles. *Le chaperon* e a *Somnambule* não agradaram, mas pode com afouteza dizer-se que não foi, em geral, por culpa dos artistas. A doença de M.^{elle} Deboissy tem, segundo se diz, causado alguns embaraços à direcção, mas consta-nos que esta não tem poupado esforços e sacrifícios para os vencer e para poder continuar a servir dignamente o público. Honra lhe seja feita.

IMP 211

(Revista dos Espectáculos, /01/1854, n.º 19, 2º vol.)

Teatro de D. Fernando

A companhia francesa continua a apresentar-nos um repertório variado e bem escolhido. À *Lectrice* e ao *Rodolphe*, sucedeu *Elle est folle*, comédia vaudeville de Mr. Mélesville, não menos delicada e interessante do que as duas que citámos e de que demos notícia no número anterior. Nesta peça Mr. Ulric alcança um verdadeiro triunfo pela inteligência e superioridade com que desempenha o papel principal. Aqueles sucessos de loucura produzidos pelo remorso de uma vingança, aquela dor íntima, desesperada e terrível, que rala o peito do esposo que se julga traído pela mulher em quem depositara as suas mais claras afeições, tudo é reproduzido com tanta verdade que impressiona vivamente o público, e faz honra ao talento do artista. M.^{elle} Hardy revela perfeitamente, em seus gestos, na expressão da sua fisionomia e no assento das suas falas, a dolorosa e triste situação da mulher injustamente suspeitada de infidelidade por seu esposo, e condenada a ter sempre ante os olhos um dos mais funestos resultados daquela injusta suspeita. A narração, que M.^{elle} Hardy faz ao médico, das causas que produziram o estado de loucura de seu esposo, não só interessa, por ser a chave do enredo, mas sensibiliza e comove pela maneira por que é feita. M.^{elle} Desgranges desempenha muito bem o pequeno papel d'une jeune espiègle. Roche interpreta com muito acerto o carácter do sincero e bondoso médico que, sem o auxílio da ciência mas só com o que lhe fornece o acaso, o próprio instinto, e a força da amizade, faz entrar de novo a felicidade no seio de uma família que a sorte parecia ter condenado a eterno tormento. Dumesnil, felicíssimo sempre na cópia de certos tipos um tanto excêntricos, é excelente no papel de Wilkins, verdadeiro modelo dos primos extravagantes, egoístas e pouco escrupulosos. Em suma, pode dizer-se afoitamente que *Elle est folle* não só é uma linda e delicada peça mas que o seu desempenho, em geral, satisfaz completamente.

Le viconte de Létorières, comédia vaudeville em 3 actos, se não é, em nossa opinião, desempenhada com tanta perfeição e igualdade como a precedente, dá todavia a alguns artistas ocasião de se distinguir, como é por exemplo Roche, que desempenha às mil maravilhas o papel do famoso magistrado que tão bem sabe compulsar os seus Montesquieu, Plutarco, etc., de novo género. Dumesnil que nada deixa a desejar na parte do velho preceptor do visconde. E M.^{elle} Desgranges que no papel de Geneviève é ladina, elegante e tão engraçadamente desenvolta quanto se pode ser. Após destes, a quem de justiça pertencem as primeiras honras, mencionaremos M.^{elle} Senn (protagonista), e Mr. Pascal. M.^{elle} Hardy tem a seu cargo uma parte pequeníssima e que não lhe permite fazer brilhar o seu talento.

Se desejais ver a paródia de uma paixão romântica, se quereis saber a figura que faz um desses entes excêntricos, mas não raros, que se apaixonam de uma mulher por imaginação e que por imaginação se constituem também vítimas dos rigores do fado, ide assistir à representação do engraçado vaudeville *Une passion*, e achareis em Dumesnil, sob as vestes do Sr. Antenor, o tipo

burlesco improvisado e chistoso de um desses Antonys improvisados, que, por assim dizer, nascem e alimentam as suas amorosas chamas com a leitura de algumas páginas de certos romances vulcânicos, e que, julgando tocar a meta do sublime, caem de chofre nos abismos do ridículo. Roche, M.^{elle} Hardy e de Boissy e o jovem Leroy contribuem eficazmente para o bom êxito da peça.

Mas se quereis rir a bandeiras despregadas não deixeis de ir ver a *bluette*, *chinoiserie*, ou como melhor convenha chamar-lhe, que tem por título *L'opium et le champagne*, peça em que os calembourgs e as facécias abundam, e em que também não falta certa dose de crítica. Roche e Pascal são jocosíssimos, o primeiro sob as vestes de um gordo negociante chinês, e o segundo como seu caixeiro. Dumesnil, em carácter de um oficial inglês, é excelente. M.me Méraux e M.^{elle} de Boissy, esposa e sobrinha do negociante chinês, nada deixam a desejar, e a interessante M.^{elle} Desgranges apresenta-se verdadeiramente encantadora, e desempenha com muito chiste o papel do sagaz aspirante da marinha francesa que se propõe a despertar a China com o auxílio do champagne, e que tão bem sabe narrar em graciosos couplets as virtudes daquele precioso néctar.

A companhia recebeu já um reforço de três novos artistas: M.^{elle} Pauline Chevalier, MM. Arthur Désert e Beuzeville. Brevemente começarão os ensaios do vaudeville em 4 actos e um prólogo *Les filles de marbre* em que, segundo nos consta, M.^{elle} Hardy fará o interessante papel de Marco, no qual já foi imensamente aplaudida em Bruxelas e outras cidades.

IMP 212

(Revista dos Espectáculos, /02/1854, n.º 21, 2º vol.)

Teatro de D. Fernando

No intervalo decorrido desde a publicação do nosso número anterior, isto é, no espaço de quinze dias, a companhia francesa tem-nos feito conhecer sete peças novas, a saber: *Quand on attend sa bourse*, *La baronne de Blignac*, *La seconde anée ou à qui la faute*, *Un roman par lettres*, *La dame aux oillets blancs*, *La ferme de Primerose*, *Un ami acharné*.

Sem disputarmos o mérito de algumas destas composições nem nos determos em descrevê-las, o que seria longo, não podemos, todavia, deixar de dizer que damos preferência sobre todas à interessante e delicada comédia de Scribe *La seconde Anée*, uma das que M.^{elle} Desgranges escolheu para seu benefício e que desempenha com naturalidade e uma finura realmente sedutora, sendo perfeitamente secundada pelos Srs. Ulric e Désert.

Na maneira de se vestir, M.^{elle} Desgranges é sempre um modelo. As três diferentes toilettes com que se apresenta nesta peça são de um gosto e elegância que encantam, maravilham e excedem toda a descrição.

Pertencem a Pascal, segundo entendemos, as primeiras honras no desempenho de quatro peças das que acima indicámos. Duvidais? Pois consultai a vossa memória ou ide ver as ditas peças, se por acaso ainda as não vistes, e dizei-nos depois se não é exacto o que afirmamos a respeito do Mr. Raffinot do *Quand on attend sa bourse*, do Mr. Pangolin da *Dame aux oillets blancs*, do James da *Ferme de Primerose* e de Dumoncel da comédia de M.M. Labiche e Joly *Un ami acharné*.

Seríamos injustos se não citássemos também com muita distinção a M.^{elle} Pauline Chavalier, que tão simpática se ostenta fazendo o papel da crédula e interessante esposa de Pangolin, o da ingénua prima do rendeiro James, e o da interessante Lucie do *Mari acharné*. Assim nesta peça, como na *Ferme de Primerose*, Beuzeville continua justificando a boa opinião que dele formámos desde a primeira vez que o vimos em cena. Dumesnil apresenta-se sempre como artista provecto e inteligente que é, caracteriza-se perfeitamente e possui o segredo, a grande arte tão essencial aos actores, de reparar as infidelidades da sua memória por um modo tal que quase as torna imperceptíveis ao público.

O papel de Jules Brizard, no *Quand on attend sa bourse*, é o papel de um desses amantes chorões, importunos, maçadores, que seguem por toda a parte o inocente objecto da sua paixão como a sombra segue o corpo, que martirizam a todos os que encontram com a narração dos seus amores, sem lhes esquecer o mais insignificante ou irrisório detalhe e que mais uma vez

obrigam as suas pobres vítimas a exclamar impacientes: «Quem nos livrará deste emplastro?» Mr. Dam'siés apresenta bastante naturalidade desempenhando o carácter de um dos tais heróis. A doença de M.^{elle} Hardy fez com que M.^{elle} Desgranges desempenhasse por algumas vezes nas *Filles de marbre* o papel do Marco. Sem entrarmos na comparação minuciosa das duas artistas, limitar-nos-emos a dizer que M.^{elle} Desgranges, interpretando um papel novo para ela e assaz difícil por sua natureza, foi bastante feliz em algumas situações, apresentou-se com um luxo e elegância de vestuário admiráveis, e alcançaria talvez em suma um triunfo completo se M.^{elle} Hardy tivesse sido inferior ao que foi na criação daquele terrível carácter, que supomos o mais superiormente desempenhado de todos os que até hoje conhecemos do seu repertório. Brevemente esperamos ver *La dame aux camelias*, de Dumas filho, e dizem-nos que também teremos mais tarde *Les coulisses de la vie*, bonita comédia vaudeville em 5 actos, de Mr. Dumanoire Clairville. O certo é, que a direcção do teatro francês, sem gastar tempo em fazer pomposas promessas e faltar a elas, como outras muitas direcções teatrais que há por este mundo, trata incessantemente de bem servir o público, e tem sabido captar-lhe as simpatias. Honra-lhe seja feita.

IMP 213

(Revista dos Espectáculos, /02/1854, n.º 22, 2º vol.)

Teatro de D. Fernando

Depois de estar bastantes dias ausente da cena em consequência de uma grave doença, M.^{elle} Boissy compareceu finalmente ao *Budget d'un jeune ménage*, e o público viu-a gostoso desempenhar com muito acerto o papel da jovem esposa, em que se distingue sobretudo pela ingenuidade com que interpreta a cena em que combina com o marido um plano de futuras economias do governo da casa, e pela nobreza e altivez com que repele o auxílio pecuniário que se lhe proporciona para sair de repentinas dificuldades apenas conhece que esse auxílio encobre os libertinos planos de um homem que se diz *l'ami de la maison*. Pascal, ardiloso protector, Roche, o óptimo tio que exerce para com os seus jovens parentes as funções de benigna providência e Désert, o jovem esposo, sobre cuja cabeça chega a estar iminente mais uma desgraça... por causa de haver inconsideravelmente dissipado quase todos os seus haveres. Todos os três são dignos de louvor.

Un fils de famille é uma comédia em que há bastante espírito e algumas cenas muito chistosas, mas que, compondo-se de três actos não pequenos, apenas teve poucos ensaios, estava ainda muito verde quando subiu à cena e não pôde por conseguinte ser devidamente apreciada, o que esperamos há-de acontecer logo que se represente outra vez competentemente sabida pelos artistas a quem foi confiado o seu desempenho.

Todos quantos assistiram à representação do vaudeville *Les vieux péchés* julgaram-se nessa noite constrangidos a espiar os seus velhos pecados, e, apesar de ainda não ter chegado a Quaresma, receberam e consideraram aquele tecido de sensaborias como uma prematura penitência, que Dumesnil não pode suavizar, não obstante empregar para esse fim todo o talento artístico, toda a vis cómica de que é dotado.

Por último tivemos a farsa, ou pochade carnavalesque, cujo título é *Un turc pris dans une porte*. Imaginai que um sujeito recebe convite de um seu amigo para um baile costumé, e que esse sujeito, em lugar de ler na carta de convite que o baile havia de ter lugar no dia 18, engana-se, lê no dia 13, e na noite deste mesmo dia se apresenta vestido de turco à porta da casa onde se havia de dar o baile, entra às escuras por uma das salas, admira-se de não encontrar convidados nem ouvir os sons da orquestra. Imaginai o assombro do dono da casa ao sair em déshabillé do quarto da cama e encontrar na sala o seu amigo disfarçado em turco, ajuntai a isto outros muitos lances burlescos encadeados uns nos outros, procedidos todos de falsa convicção em que o pobre turco improvisado está a respeito da data em que se deveria verificar o baile, e tereis assim uma ideia da engraçada farsa a que nos referimos e que termina por uma polca dançada por quase toda a companhia.

Ulric e Roche, o primeiro como protagonista e o segundo no papel de dono da casa, desempenham com muita graça os dois principais papéis. Todos os outros artistas satisfazem completamente as respectivas partes.

Tem continuado a ir à cena *Les petit fils*, em que tanto se distinguem M.me Méraux, M.^{elle} Chavalier, Pascal e Désert. *La corde sensible* também se tem repetido a contento geral do público e proporcionando sempre infinitos aplausos à interessante M.^{elle} Desgranges, a Pascal, Ulric e M.^{elle} Chavalier.

Amadores do teatro francês! Alerta! A célebre *Dame aux camelias*, brevemente aparecerá em D. Fernando.

IMP 214

(Revista dos Espectáculos, /03/1854, n.º 23, 2º vol.)

Teatro de D. Fernando

Vimos finalmente no teatro francês o célebre drama de Mr. Dumas filho *La dame aux camelias*, que tanto tem dado que falar desde que pela primeira vez se representou em Paris, e principalmente depois que, para o contrastar, apareceu o drama de Mr. Barrière e Thiboust – *Les filles de marbre*.

Sem entrarmos na minuciosa análise da peça de Dumas, diremos, todavia, que ela encerra suficiente número de situações interessantes, muitos ditos em que a moral abunda, e que está escrito num estilo tão fluente e brilhante, que não se acha decerto menos prazer lendo-a no remanso do gabinete do que vendo-a reproduzir sobre o palco cénico. O carácter de Margarida Goutier, ainda que exagerado e nem sempre verosímil, está traçado com muito esmero, apresentando frases que interessam vivamente o espectador e o obrigam a considerar com menos rigor a uma classe sobre a qual pesa um anátema social tão terrível que até parece tolher-lhe todos os meios possíveis de reabilitação, ou dar como provada a sua impossibilidade. Os outros caracteres são todos sacrificados por tal forma ao da protagonista, que apenas se distinguem. Sobressai todavia entre eles, ainda que pouco, o carácter de Armand Duval, o homem cujo amor opera, como por encanto, uma completa mudança nos sentimentos e na existência da bela cortesã. Conseguindo reverdecer-lhe, a alma, e fazer-lhe palpitar um coração que parecia nunca ter existido ou estar morto para sempre.

La dame aux camelias não pode certamente considerar-se como um completo tesouro de moral, mas o que também nos parece é que não deve ser julgada como apoteose do vício, segundo alguém a supõe.

M.^{elle} Desgranges, (dizemo-lo francamente) faz tanto ou talvez mais do que se esperava no desempenho do papel de Margarida. Admiravelmente sedutora quando revela a Armand o projecto que formara de ir viver com ele e gozar o seu amor, em um retiro longe do bulício de Paris, verdadeira e interessante na terrível cena com o pai de Armand, em que jura sacrificar todas as suas esperanças e todo o seu amor para restituir um filho aos braços de seu pai. M.^{elle} Desgranges não se mostra menos inteligente artista no momento em que é insultada pelo amante, nem na famosa cena em que se reconcilia com este, no quinto acto, poucos momentos antes de succumbir à terrível tísica pulmonar que a oprime.

Depois de M.^{elle} Desgranges, é a Ulric, (Armand) que pertencem as honras no desempenho na peça. M.^{elle} Méraux, no papel de Prudence, também nos parece digna de especial atenção.

Além da *Dame aux camelias*, drama em 5 actos, apresentou-nos a companhia francesa, durante os primeiros quinze dias do mês, mais seis peças novas, sendo uma delas em 3 actos. A simples enunciação deste facto basta para provar que no Teatro de D. Fernando não há preguiça. As peças a que nos referimos são: *La vendetta*, chistoso vaudeville em que Dumesnil e Pascal sustentam dois papéis interessantes e muito acomodados à sua veia cómica.

Un effect de l'hasard, delicada comédia, ou, para melhor dizer, engenhoso diálogo em um acto e em verso, cujo desempenho, confiado a M.^{elle} Hardy e Désert, é digno de todo o louvor, tanto na parte cómica como na que respeita à declamação.

Tivemos também o vaudeville em 3 actos, *L'étourneau*, que no teatro do Ginásio se representou com o título *A carta*. Nesta peça, Pascal (o protagonista) tem um vasto campo para exercitar o talento faceto de que é dotado. Roche é engraçadíssimo no papel de Roquet ou Perroquet, como por zombaria lhe chamam vários personagens da peça. M.^{elle} Desgranges, e Senn, e Mr. Beuzeville, Leroy e Hyacinte, desempenham todos bem os respectivos papéis, e talvez seja esta

também uma das principais razões por que *L'étourneau* continue a agradar e tenha de conservar-se por algum tempo no repertório.

Na comédia de Alexandre Dumas *Le mari de la veuve*, M.^{elle} Hardy, revestida do carácter de M.^{me} de Vertpré, nada deixa a desejar na lição que dá ao imprudente mancebo, que depois vem a ser esposo da sua sobrinha. Désert, Pascal e M.^{elle} Boissy contribuem também para o bom êxito da representação.

M.^{me} Bertrand et M.^{me} Ratton, vaudeville em um acto, é desempenhado com desembaraço, muita graça e naturalidade, por M.^{elle} Hardy, Boissy e por Pascal.

Finalmente, na comédia vaudeville *Miroud et compagnie*, em que a par de algumas cenas engraçadas se encontram outras bastante longas e enfadonhas, os principais papéis pertencem a Roche e M.^{me} Méraux, que os desempenham com primor, sendo optimamente secundados por Dumesnil, Désert e pela simpática M.^{elle} Chevalier.

Parece-nos que a direcção faria bem se tornasse a dar-nos *Un fils de famille*, porque é uma bonita peça, e, pelos motivos que indicámos no número antecedente, não pôde ser devidamente apreciada na primeira e única vez que foi à cena.

IMP 215

(*A Revolução de Setembro*, 20/03/1854, n.º 3587, p.1)

La dame aux camélias

Para quem observa o mundo e a arte sem ódio nem amor a nenhuma ideia exclusiva *La dame aux camélias* não aparece como uma audaciosa tentativa literária nem como uma excêntrica hipótese moral. Os cortesãos da sociedade oficial, os que admiram mesmo as misérias e pequenezas daqueles a quem o acaso ou a fortuna colocaram em posições eminentes, talvez não consintam que o amor possa habitar enérgico e ardente, impetuoso e indomável, no coração dessas infelizes criaturas que, depois de uma vida tormentosa, morrem obscuras e ignoradas, na infâmia, no abandono e na miséria.[...]

Lopes de Mendonça

IMP 216

(*Revista dos Espectáculos*, /04/1854, n.º 26, 2º vol.)

Teatro de D. Fernando

Assistimos à primeira e segunda representação da interessante comédia vaudeville que tem por título *Pierre le Rouge*. Esta peça, já muito antiga, não tem para nós o mérito da novidade. Entretanto, a sua acção é tão bem dirigida que a atenção e curiosidade do espectador nunca estão ociosas, e nisto consiste, segundo entendemos, o principal merecimento das obras deste género.

A peça abrange três épocas distintas, e de um carácter totalmente diverso. O 1º acto passa-se em 1788, época em que a França, cansada do jugo que, havia um século, a oprimia, alimentava no seio os germes duma revolução terrível, que dentro em pouco devia abalar e revolver todo o edifício social.

O 2º acto passa-se em Paris, em 1793, depois do reinado do terror, e quando o directório regia os destinos da França. É a época dos incríveis e das deusas.

O terceiro acto, finalmente, tem lugar em 1818, época em que a França repousa da luta que teve de sustentar contra a Europa inteira.

A peça é, em geral, muito bem desempenhada. Mr. Ulric (*Pierre le Rouge*) continua merecendo a simpatia do público, e representa conscientemente. Dumesnil (*Madré*) compreende perfeitamente o seu papel. Roche é magnífico representando o fashionable Desmarests. Mas as primeiras honras da representação competem a M.^{me} Desgranges (*Jeannetton*). No 1º acto é encantadora no carácter da simples pastora Jeannetton, no 2º acto é bela sob as vestes da interessante Cornélia, a mesma que representou a Deusa da Razão na festa feita ao Ente Supremo, no 3.º, como marquesa d'Entraigues, entrega toda a distinção que deve caracterizar uma personagem de tão elevada hierarquia. É impossível melhor compreender o papel da

marquesa do que o compreende M.^{me} Desgranges, o público não cessa de admirar e aplaudir a maneira por que ela o desempenha.

M.^{me} Desgranges tem todas as qualidades duma artista de mérito, sabe identificar-se com os caracteres que lhe cumpre representar, toma sinceramente a peito agradar ao público, e, além de possuir uma esbelta figura, veste-se sempre com um gosto e uma elegância verdadeiramente admiráveis. Esperamos que no ano próximo tornaremos a ver em D. Fernando a bela Cornélia. É este pelo menos o nosso sincero desejo, e cremos que também do público em geral.

Aos que ainda não viram *Pierre le Rouge* recomendamos-lhes que se apressem a ir vê-lo, porque desde já lhes asseguramos que não darão o tempo por mal empregue.

O interessante vaudeville *Une position délicate* foi ouvido com prazer, e no seu desempenho foram justamente aplaudidos Mr. Ulric, M.^{me} Hardy e Mr. Beuzeville.

IMP 217

(*A Revolução de Setembro*, 05/05/1854, n.º 3649, p.2)

A estação musical ainda não acabou de todo apesar da partida de M.^{me} Castellan. Segunda-feira temos em S. Carlos o benefício dos dois excelentes actores Roche e Dumesnil, que têm a sua soirée abrilhantada pela obsequiosa condescendência dos artistas de S. Carlos.

Lopes de Mendonça

IMP 218

(*Revista dos Espectáculos*, /05/1854, n.º 27, 2º vol.)

Teatro de D. Fernando.

A companhia francesa terminou os seus trabalhos no dia 19 com uma récita em benefício de Mr. Ulric.

Depois da nossa última crónica foram à cena as seguintes peças: *La vie bohème*, comédia vaudeville em 5 actos, fundida num molde semelhante ao das *Fills de marble* e *Dame aux camelias*, com menos nexos, talvez, no respectivo enredo do que qualquer destas duas produções, mas recheada de espírito e de bons ditos. M.^{elle} Chevalier e Mr. Ulric interpretam convenientemente os seus respectivos papéis, os mais importantes da peça. *Bélinotte ou encore une victime de l'art*, peça inédita cujo enredo se reduz a um logro feito por meia dúzia de rapazes extravagantes e um mestre de desenho, homem simplório e crédulo, que viera de longínquas terras com o intuito de fazer admitir um quadro, produção do seu pincel, à exposição de pinturas. M.^{elle} Senn, a Lorette arvorada em fidalga, MMr. Pascal

(Bélinotte) e Ulric (Filogenes) tiveram a seu cargo os principais papéis e os desempenharam com bastante acerto; *Le portugais et le bas-breton ou la confusion des langues*, comédia vaudeville, apresenta algumas cenas muito chistosas, em cujo desempenho tomaram parte MMr. Roche, Pascal, Damsiés e M.^{elle} de Boissy; *Brutus lâche César* deixou impressões tão vivas e agradáveis quando foi representada por M.^{elle} Lobry, MMr. Dargis e Thibeault, que não era fácil faze-las esquecer. Todavia devemos confessar que os artistas, que agora desempenharam a peça de Mr. Rasière, se não excederam aos seus predecessores também não lhe ficaram muito inferiores. Unicamente para memória registamos a ida à cena da comédia vaudeville *La savonnette impériale*.

M.^{me} Desgranges despediu-se do público, em 18 do corrente, com a última representação da *Dame aux camelias*. Camarotes e plateia tudo estava cheio, houve mesmo grande número de pessoas que, tendo chegado mais tarde ao teatro, teve de se retirar por não achar lugar. M.^{me} Desgranges representou naquela noite com uma perfeição superior, se é possível, àquela com que sempre a vimos representar o papel da famosa protagonista do drama de Dumas filho. O público aplaudiu-a por diferentes vezes com entusiasmo, e no fim da peça chamou-a ao proscénio e lançou-lhe muitos ramos de flores, a alguns dos quais nos constam que iam unidas valiosas e delicadas prendas. O vestuário com que M.^{me} Desgranges se apresentou na noite da sua despedida era todo novo e de um gosto, de uma elegância, superiores a toda a expressão.

O teatro francês fechou as suas portas, mas esperamos que não tardará muito que as torne a abrir, e continue a merecer a simpatia que tem sabido com justiça ganhar no ânimo de uma boa parte do público inteligente de Lisboa.

Teremos companhia totalmente nova para a futura época teatral, ou ficarão por formar o núcleo da futura companhia alguns dos artistas pertencentes à companhia que ultimamente vimos funcionar? Nada podemos, por enquanto, dizer com certeza, entretanto parece-nos que o público não desgostaria de continuar a ver, no Teatro de D. Fernando, na próxima época, dois ou três artistas por quem tem manifestado maior simpatia.

IMP 219

(*Revista dos Espectáculos*, /06/1854, n.º 29, 2º vol.)

Teatro de D. Fernando.

Têm corrido diversos boatos, não só a respeito da futura direcção deste teatro, como também relativamente à escritura de alguns artistas que devem fazer parte da nova companhia. Fizemos as nossas indagações sobre o assunto, e eis aqui em resultado o que julgamos poder asseverar.

Tanto a empresa como a direcção do teatro francês, na futura época, ficarão nas mesmas mãos em que estiveram na época finda, sendo por conseguinte falso o que por aí se tem dito, e ultimamente se publicou mesmo na *Revue des Théâtres* de Paris, de 11 do corrente, que M.^{elle} Desgranges seria a futura directora.

Dos artistas pertencentes à última companhia unicamente se acha escriturado Mr. Dumesnil para fazer parte da nova companhia.

O cavalheiro que se acha à testa da empresa, e a quem se deve o ter havido em Lisboa teatro francês nestes dois anos, requereu ao governo, fundando-se em boas razões, para que lhe permitisse dar representações nas Quintas-feiras. É de presumir que o governo atenda a um pedido tão justo, e que o Teatro de D. Fernando possa gozar de uma regalia de que hoje faz monopólio o teatro de D. Maria, sem daí tirar vantagem sensível, e causando, aliás, grandes transtornos a um teatro que não recebe subsídio, e que, além disto, é frequentado por um círculo de pessoas que, em geral, pouco ou nada frequentam o teatro normal.

Se o governo anuir ao pedido, como se espera, é fora de dúvida que teremos teatro francês e que talvez ainda no mês de Setembro possamos ouvir em D. Fernando uma das melhores companhias francesas, se não a melhor, que tenha vindo a Lisboa, pois sabemos que a empresa já tem dado passos, e não se poupa a diligências nem despesas para conseguir este fim.

IMP 220

(*Revista dos Espectáculos*, /07/1854, n.º 30, 2º vol.)

Teatro de D. Fernando.

Diz-se que o governo decidiu favoravelmente a petição de Mr. Détry para que a companhia francesa possa dar também récitas nas Quintas-feiras, o que até aqui lhe era vedado.

Em vista disto é fora de dúvida que brevemente teremos teatro francês, e, segundo as informações, a nova companhia será, no seu complexo, superior às que até hoje têm vindo a Lisboa.

IMP 221

(*Revista dos Espectáculos*, /08/1854, n.º 31, 2º vol.)

Teatro de D. Fernando.

A nova companhia francesa, composta de vinte pessoas, entre as quais nos dizem haver duas damas de grande mérito artístico, chegará brevemente a Lisboa, e o teatro abrir-se-á no meado de Setembro.

Segundo todas as probabilidades, teremos uma brilhante época de teatro francês.

IMP 222

(Revista dos Espectáculos, /10/1854, n.º 33, 2º vol.)

Teatro de D. Fernando.

A companhia francesa suspendeu os seus trabalhos para se reorganizar e poder, quanto antes, funcionar de modo que destrua as desfavoráveis impressões que, salvas honrosas excepções, causou durante as primeiras provas por que fizeram passar.

Quem continuou colhendo sempre abundantes louros, pelo admirável talento desenvolvido na execução dos diferentes papéis que lhe confiaram, foi M.^{elle} Lefèbvre. Ainda ultimamente *L'honneur et l'argent* e *La femme qui se jette par la fenêtre* proporcionaram à simpática e inteligentíssima actriz ocasião de provar a flexibilidade do seu talento, e de fazer abundante messe de aplausos. M.^{elle} Lefèbvre é, inquestionavelmente, a melhor aquisição que fez a empresa do D. Fernando.

Na famosa comédia de Ponsard, que acima deixamos indicada, tornaram-se também dignos de particular menção Mr. Constant, no papel de Rodolphe, e Mr. Duchéne no de Georges. O primeiro confirmou perfeitamente a vantajosa ideia que dele formámos desde o momento da sua estreia, e estamos persuadidos que, se estudasse sempre bem os seus papéis, tinha qualidades para ser conceituado como um dos primeiros artistas do seu género, se não o primeiro, que tem vindo a Portugal. O segundo mostrou suficiente inteligência no modo como interpretou o carácter do simpático personagem de que se achava investido, e decerto produziria completo efeito, e nada nos deixaria desejar, se a sua voz tivesse, em certas passagens, o brilho e energia requeridos para exprimir a natureza da situação. Em nossa opinião, o papel de Georges foi aquele em que Mr. Duchéne teve mais fortuna e melhor nos pôs ao alcance de podermos apreciar as suas qualidades artísticas.

As peças em que vimos M.^{me} Georgine, ou como duégne ou como mère noble, fizeram-nos conceituá-la como uma artista de bastante merecimento, e não só capaz de desempenhar com acerto os papéis do género baixo-cómico mas igualmente os de dama de alta sociedade, para os quais se exigem maneiras distintas e uma certa dose de finura.

Mr. Armand, *rôle marqué, père noble*, é um artista que está muito longe de ser uma notabilidade, mas que não deixa de ter talento e figura adequada para os papéis que representa. O modo por que Mr. Armand se tem havido na sua qualidade de ensaiador é também uma prova que não lhe faltam grandes conhecimentos da sua arte, e que pode ser considerado como um artista bastante útil à empresa.

Mr. Bauquesne não agrada, nem por suas maneiras, nem por sua dicção, nem por outro qualquer dote artístico.

Mr. Dieudonné, *deuxième amoureux*, é um mancebo que, se cultivar com o estudo e a prática as boas disposições artísticas que possui, poderá vir a ser um actor distinto.

De M.^{elle} Blanche Dupond, *soubrette, déjazet*, limitar-nos-emos a dizer que todos os seus esforços foram vão para captar as simpatias do público, e que uma retirada pronta é o único recurso que resta a quem, como M.^{elle} Blanche, já esgotou os seus recursos e não tem entre nós para que apelar.

Mr. Dumesnil, *ancienne connaissance* dos frequentadores de D. Fernando, foi visto com prazer nas duas ou três peças em cujo desempenho tomou parte. Artista inteligente e consciencioso, em nada decaiu ainda na boa posição a que soube elevar-se no conceito público.

Além das duas peças que acima falámos temos a registar a ida à cena das seguintes: *L'héritière*, *La dernière conquête*, *Henriette et Charlot*, *La rue de la lune*, *E.H.*, *Le protégé*, *Bocquet père et fils*, *Le bal du grand monde*, *La bataille des dames*, *Brelan de troupiers*, *Genviève*.

Consta-nos que Mr. Constant, não tendo querido sujeitar-se a certas condições razoáveis que a empresa lhe impunha, rescindiu o seu contrato, e partiu para França, no dia 10.

Mr. Armand também partiu no mesmo dia para Paris, encarregado de escriturar 4 ou 6 actores e actrizes. Fazemos sinceros votos para que seja feliz na escolha, e para que brevemente possamos gozar, no Teatro de D. Fernando, espectáculos tão aprazíveis como os que por tantas vezes ali têm sido presenciados e a empresa deseja de certo apresentar.

IMP 223

(Revista dos Espectáculos, /10/1854, n.º 34, 2º vol.)

Teatro de D. Fernando.

Enquanto não prosseguem os trabalhos da companhia francesa, a qual esperamos ver dentro em poucos dias reforçada e completamente reorganizada, apresentamos aos nossos leitores, como simples objecto de curiosidade, o seguinte elenco das setenta e uma peças que foram à cena durante a passada época de 1853 a 1854.

M.^{elle} de Bell' Isle, Une femme qui se jette par la fenêtre, La meunière de Marly, Ce que femme veut, Manche à manche, Le cachemire vert.

Mr. et M.^{me} Pinchon, Le pont cassé, La nuit aux soufflets, Une jeune veuve, Les trois dimanche, A la Bastille, La corde sensible, Les trois épiciers, les droits de l'homme, La poésie des amours.

M.^{me} Larifla, Un mari charmant, Le bureau des cranes, L'opium et le champagne, La lectrice, Le chaperon, Croque poule, La somnambule, La femme aux oeufs d'or, Rodolphe, Elle est folle, Le vicomte de Letorières, Une passion, Une faute, Oscar, Le petit fils, Trop heureuse, Le code des femmes, Les filles de marbre, La veuve de 15 ans, La seconde année, Quand on attend sa bourse, Un roman par lettres, La baronne de Blignac, La dame aux oeillets blancs, La ferme de Primerose, Un ami acharné, Un fils de famille, Les vieux péchés, Le budget d'un jeune ménage, Un turc pris dans la porte, L' etourneau, Un effet du hasard, La vendetta, La dame aux camélias, Miroud et la compagnie.

M.^{me} Bertrand et M.^{me} Ratton, Le mari de la veuve, Le démon du foyer, Un caprice, Un monsieur qui prend la mouche, Les cabinets particuliers, Dieu vous bénisse, Edgard et sa bonne, Le chevalier de Saint Georges, Malvina, Quand l'amour s'en va, Un position délicate, Pierre le rouge, La vie bohème, Belinotte ou encore une victime de l'art, La savonnette impériale, Une rage de souvenirs, Le portugais et le bas-breton, Brutus lâche César.

IMP 224

(A Revolução de Setembro, 06/05/1854, n.º 3625, p.3)

Theâtre Français

Salle de D. Fernando

Lundi prochain a lieu le bénéfice de Mademoiselle Pauline Chevalier, cette gracieuse actrice qui dès ses débuts au théâtre français, a su conquérir les sympathies générales, aussi serait-on tenté de lui appliquer le titre de cette pièce où elle a fait ses premières armes devant le public de Lisbonne: *Trop heureuse! Trop heureuse!* en effect, car nous ne sachons que des applaudissements, chaque fois que sa bonne étoile l'a mise en présence de la société que fréquente le théâtre de D. Fernando: dans *La dame aux oeillets*, par exemple, *La corde sensible*, *La ferme de primerose*, *Les filles de marbre*, *Le démon du foyer*, Quand l'amour s'en va... Enfin, son bonheur l'a suivie jusque dans les choix de la pièce que compose la représentation de son bénéfice. Peu de succès en effect ont égalé celui de *La vie de bohème*, comédie vaudeville en cinq actes de MM. Théodore Barrière et Henri Marger, représentée pour la première fois à Paris sur le Théâtre des Variétés le 22 novembre 1849, et qui depuis cette époque n'a cessé de defrayer la scène. Cette pièce ne peut manquer d'être bien interpreté, les principaux rôles étant confiés à tous les artistes formant l'élite de la compagnie: Mademoiselles Hardy, Senn et la bénéficiaire, MM. Ulric, Dumesnil, Roche, Pascal, Beuzeville, Désert et Dam'siès!... La salle sera comble.

IMP 225

(Revista dos Espectáculos, /11/1854, n.º 36, 2º vol.)

Teatro de D. Fernando.

Mr. Luguët confirmou plenamente, na comédia *Horace et Caroline* e no drama *Un secret*, o elevado conceito que dele se formara vendo-o representar o papel de Frederico de Marsan no vaudeville *On demande un gouverneur*. A magistral habilidade que desenvolve nas diferentes

transições de carácter de Horácio, em que ora se mostra jovial, amável, descuidoso da vida, ora se apresenta iracundo, terrível e dominado por um sentimento de ódio e de vingança que o impele a uma explosão de anátemas contra o nome daquele a quem julga, injustamente, como causa única da sua ruína e da de seu pai, a maneira delicada por que interpreta, no drama *Un secret*, a parte do esposo que se supõe indignadamente traído, e que afinal é obrigado a reconhecer o seu erro e a envergonhar-se de haver suspeitado e caluniado aquela que, longe de lhe haver manchado a honra, tinha feito importantes sacrifícios para lha conservar ilesa. Em suma, o modo consciencioso por que Mr. Luguët desempenha os papéis a que nos referimos tem feito sobressair cada vez mais as brilhantes qualidades artísticas que nos revelou desde a primeira representação, e entre as quais não devem considerar-se decerto como as menos notáveis a constante pureza da sua dicção, a naturalidade dos seus gestos e o seu óptimo porte de cena.

M.^{elle} Lefèbvre mostra-se, na interessante personagem de Carolina, o que tem sido numa infinidade de outros papéis em que a temos visto, uma actriz inteligente e conscienciosa, que compreende e expressa com toda a fidelidade os delicados e nobres sentimentos que imperam no coração da filha do velho banqueiro que salvara da desonra o pai de Horácio, o pai do mancebo a quem ela idolatrava e por quem era ardentemente correspondida.

Mr. Dieudonné desempenha com muita fortuna o papel de semi-tísico e enfatuado jovem que por especulação de interesse, aspira à mão de Carolina e vê frustrados os seus desejos no mesmo momento em que se julga perfeitamente habilitado para os realizar. Os progressos de Mr. Dieudonné vão-se tornando sensíveis, e se continuarem, brevemente poderão torná-lo num artista distinto.

Mr. Mousseron e os outros artistas que tomam parte no desempenho de *Horace et Caroline* portam-se de maneira que se pode afirmar ser esta peça uma daquelas cuja execução, no seu complexo, mais perfeita tem sido.

Le moulin joli é uma pequena ópera-cómica, em um acto, que nos parece ter sido dada mais como uma tentativa do género do que com outro qualquer fim. Mas ou fosse tentativa ou não, o certo é que o êxito não foi qual devia ser. Há casos, e este é um deles, em que para se obter um bom trabalho não bastam os esforços e bons desejos dos artistas.

M.^{elle} Desgranges fez a sua reentrada desempenhando o papel de Fanny Darbert do drama *Un secret*, e em nada diminuiu, antes engrandeceu, o bom conceito que obteve na época passada quando a vimos no *Rodolphe*, na *Dame aux Camelias* e em outras peças para cuja execução se requer força de sentimento, distinção de maneiras, inteligência e inspiração artística. A cena em que Fanny, no 3º acto, ferida pelas injustas suspeitas e acusações que o esposo lhe lança em rosto, se reveste de nobre indignação, repele os insultos, que num acesso de terrível ciúme lhe dirige Eugénio, e o obriga a prostrar-se-lhe aos pés convertido de juiz severo e terrível em réu humilde e contrito, esta cena, dizemos, foi desempenhada superiormente por M.^{elle} Desgranges, assim como a outra com que termina o 2º acto, sendo em ambas elas aplaudida unanimemente e com verdadeiro entusiasmo.

Mr. Edward também na referida peça tem momentos muito felizes e recebe justos aplausos, pela maneira por que declama algumas cenas, entre as quais citaremos aquela em que faz a ingénua confissão da sua vida ao esposo de Fanny.

Em resumo *Horace et Caroline* e *Un secret*, não só se podem dizer duas peças muito delicadas e interessantes, mas, em geral, desempenhadas com bastante perfeição e dignas de se verem.

La question d'orient, que já tínhamos visto perfeitamente representada em português no Ginásio, foi ultimamente à cena interpretada pelos Srs. Wilfrid e Mousseron, e agradou.

O teatro francês tem ultimamente sido mais concorrido, e continuará provavelmente a chamar gente ainda em maior abundância se os espectáculos não deixarem de oferecer o interesse que ultimamente têm oferecido, e toda a variedade que for possível.

IMP 226

(A *Revolução de Setembro*, 28/12/1854, n.º 3816, p. 1)

No Teatro de D. Fernando deu-nos ultimamente a companhia francesa *Le gendre de Mr. Poirier*, comédia admiravelmente escrita e onde mademoiselle Lefèbvre se distingue com verdadeiro tacto de artista no seu bonito papel, apresentando a maior distinção, finura, sensibilidade e nobreza.

Nada escapou a esta inteligente e simpática artista para fazer sobressair o seu papel na comédia de Mr. Angier.

Mr. Lefèvre interpretou com felicidade o seu papel de bonhomme Poirier. De Dumesnil creio que basta dizer que entrou na peça. Todos sabem e avaliam com que habilidade ele compõe um papel. Acaba de o provar no *Vatel*, parte insignificante mas notável pelo desempenho. O que, com franqueza o dizemos, nos produziu uma desagradável surpresa foi a miserável mise-en-scène que se empregou para esta comédia. Repugna à verosimilhança que Mr. Poirier, que dava um milhão em dote a sua filha, tivesse quatro cadeiras de palha, e a ausência de cortinas no salão. A direcção deste teatro deve reparar que semelhantes faltas prejudicam sensivelmente o efeito das peças e que o público que frequenta o teatro francês sabe distinguir *la chaumière* do *salon*!

Representa-se novamente *Pierre le rouge*, peça de nenhum merecimento literário e apenas apreciável porque os artistas a desempenharam, sobressaindo Desgranges para quem, a meu ver, esta peça e o *Rodolfo* são os *cavalos de batalha*.

Júlio César Machado.

IMP 227

(A Revolução de Setembro, 05/01/1855, n.º 3822)

Sr. Redactor

Como no dia 28 do corrente dirigisse uma carta ao Sr. Détry, na qualidade de director e empresário do Teatro Francês, em que me despedi de facultativo do mesmo teatro, devo declarar ao público as razões por que de tal modo procedi.

Tendo visto na manhã do dia 28, pelas 10 horas, M.^{me} Georges, actriz que devia representar nessa mesma noite, e que havia dois dias se achava incomodada com uma bronquite, acompanhada de hemicrânia e gastralgia, a encontrei nessa ocasião em seus padecimentos, e por isso lhe passei um certificado em que dizia ser prejudicial à sua saúde o representar nessa noite. O Sr. Détry, que já na véspera me tinha dito que não atendia àquelas doenças, por isso estava certo serem as consequências da noite do Natal, e mandou imediatamente chamar para ver a doente o Sr. Brignoli, o qual em seguida disse o contrário, isto é, que M.^{me} Georges, visto não ter febre, (pois não lha encontrou) podia e devia ir representar. O Sr. Détry, aceitando a segunda, opinião, intimou a actriz para que se levantasse da cama e representasse, pois do contrário seria obrigada a pagar toda a receita que o teatro devia dar nessa noite.

Colocado nesta posição, imediatamente convidei o Sr. Brignoli para uma conferência com outros colegas, para aí se decidir o estado da doença da actriz.

O Sr. Brignoli à hora indicada não compareceu, mandando pelo seu criado dizer que não podia estar presente, por isso que à mesma hora tinha uma conferência em Belém.

Os facultativos que assistiram à conferência foram os Srs. doutor Prócoro José de Gouveia, Diogo Baptista dos Santos Cadete e Frederico Augusto da Silva. O resultado dela, e o que lá ficou escrito, é o seguinte:

«Os abaixo assinados, facultativos legais nesta cidade de Lisboa, tendo observado a M.^{me} Georges a pedido do nosso colega facultativo do Teatro de D. Fernando, o Sr. José Firmo Ferreira dos Santos, são de opinião que a referida senhora não deve ir representar no dia de hoje em consequência do seu mau estado de saúde, não obstante o estar resolvida a fazê-lo por deferência para com a empresa, ficando ela responsável por qualquer risco de saúde ou vida. Lisboa 28 de Dezembro de 1854.

Seguem-se as assinaturas.

À vista disto, parece-me ter dado satisfação bastante do meu comportamento e dos motivos por que me retirei de tal serviço.

A publicação destas linhas em um dos próximos números do seu jornal muito obrigará aquele que se confessa ser seu etc.

José Firmo Ferreira dos Santos.

Lisboa 29 de Dezembro de 1854.

IMP 228

(Revista dos Espectáculos, /01/1855, n.º 2, 3º vol.)

Teatro de D. Fernando.

As comédias *Simple Histoire* e *La pêche aux beaux-pères* tiveram um êxito modesto. A *Dame aux camélias* voltou à cena: M.^{elle} Desgranges, no papel de Margarida Gouthier, colheu, como na época passada, bem merecidos louros. Mr. Lugué, no papel de Armand, não deixou nada a desejar. E Mr. Dumesnil também desempenhou convenientemente a sua parte. Todos os outros artistas fizeram o que puderam.

IMP 229

(A Revolução de Setembro, 19/01/1855, n.º 3833, p. 2)

No Teatro de D. Fernando têm subido à cena algumas comédias novas de que para o próximo folhetim nos havemos de ocupar. O Sr. Santos, facultativo do teatro, deu neste jornal uma correspondência acerca da doença de M.^{me} Saint-Georges e das incredulidades de verdadeiro que o Mr. Détry desenvolve amiudadas vezes, e a narração desse chistoso facto, que constitui um dos melhores espectáculos que nesta época teatral lá se têm apresentado, poupa-nos ocuparmo-nos neste número de algumas comédias que ultimamente se têm dado, e que, decerto, ficam a perder de vista, em lances graciosos e caricatos, a esse vaudeville sem couplets, em o Sr. Détry se queria arvorar em pai velho de farsa enganado pelo cirurgião da casa.

Júlio César Machado

IMP 230

(Revista dos Espectáculos, /03/1855, n.º 5, 3º vol.)

Teatro de D. Fernando.

Don César de Bazan, um dos triunfos do célebre actor Frederico Lemaître, foi também um novo campo de vitória para Mr. Lugué, que no papel do protagonista da referida peça teve mais uma ocasião para mostrar a ductilidade do seu talento, e de receber com justiça uma infinidade de aplausos.

M.^{elle} Lefèbvre e Mr. Edward não foram muito felizes no desempenho dos seus papéis. Entretanto, graças à habilidade de Mr. Lugué, a cujo cargo está a responsabilidade da maior parte da comédia, esta não só agradou, mas até podemos dizer que não deixará de continuar a ser vista com satisfação pelos frequentadores do teatro francês.

Também teve lisonjeiro acolhimento o vaudeville em um acto intitulado *Pour quoi?*

Na Quarta-feira, 14 do corrente, a benefício de M.^{elle} Lefèbvre, foi à cena *Le verre d'eau*, comédia em cinco actos, de Scribe, e o vaudeville em um acto *La petite cousine*. Não pudemos assistir ao espectáculo, mas consta-nos por pessoa competente que o teatro esteve muito concorrido, e as duas peças agradaram muito e foram geralmente bem desempenhadas. Na comédia *Le verre d'eau* sobressaiu imensamente M.^{elle} Desgranges, não só pela óptima execução do papel da rainha Anna, mas pela riqueza, gosto e elegância com que se apresentou vestida. Mr. Lugué, na parte de visconde de Bolingbrook, portou-se com a costumada perícia e satisfação a geral expectativa. As Sr.^{as} Lefèbvre e Saint-Georges também corresponderam satisfatoriamente às exigências dos seus papéis.

Daremos mais amplas e categóricas notícias da execução das duas últimas peças que mencionámos quando tenhamos tido ensejo de assistir à sua representação.

IMP 231

(Revista dos Espectáculos, /03/1855, n.º 6, 3º vol.)

Teatro de D. Fernando.

Se no teatro de D. Maria *As mulheres de mármore* foram pouco felizes, no teatro francês a terceira edição das *Filles de Marbre* foi muito mais incorreta do que as duas precedentes e bem pouco digna de elogios, porque à excepção de Mr. Lugué, no papel de Rafael, todos os outros

artistas deixaram muito a desejar, começando por M.^{elle} Saint-Georges, que na parte de Marco foi inferior, a todos os respeitos, a M M.^{elle} Hardy e Desgranges.

Depois de *Don César de Bazan*, da linda comédia de Scribe *Le verre d'eau* e da comédia em 3 actos *Le collier de perles* tivemos ocasião de ver na noite de 28, em benefício de Mr. Edward – *Le coeur et la dot*, comédia em 5 actos de Mr. Felicien Mallefille, distinto escritor que ainda há pouco esteve em Lisboa coMo representante do governo da república francesa.

A produção de Mr. Mallefille está escrita num estilo brilhante, o que compensa de certo modo a monotonia que resulta, em nosso entender, de se prolongar o desenvolvimento da peça muito além do que comporta o interesse no assunto que serve de pretexto e acção.

Os caracteres estão em geral bem traçados e entre eles sobressaem o do advogado Chavarot e o do capitão Beaudrille, que foram discretamente interpretados, o primeiro por Mr. Lefèbvre, e o segundo por Mr. Bauquesne. M.^{me} Nelly foi uma engraçada Nanon la chercheuse. MM.^{mes} Georgina e Luguet e M.^{elle} Lefèbvre contribuíram com empenho para o regular andamento da comédia.

Le piano de Berthe, interessante vaudeville em que a inverosimilhança da acção é largamente compensada pelo chiste dos detalhes e pitoresco das situações, teve por intérpretes M.^{elle} Lefèbvre e Mr. Edward que, francamente o dizemos, não puderam fazer-nos esquecer de M.^{elle} Pauline e Mr. Réal, artistas a quem vimos desempenhar esta delicada produção de Scribe com um perfume de elegância e de sans facon realmente admirável.

Finalmente, na comédia vaudeville *Les premières coquetteries*, em que não deixa de haver certo interesse e alguns lances chistosos, a execução pouco excede (se caso excede) o medíocre. Mr. Edward faria bem se nesta peça, bem como noutras muitas em que o temos visto, se corrigisse do mau costume de estar sempre a rir. M.^{elle} Lefèbvre exagera-se frequentes vezes, e o vestuário com que se apresenta desfavorece-a consideravelmente.

Alguns jornais da capital publicaram ultimamente uma carta de M.^{elle} Saint-Georges em que esta senhora se queixa amargamente da empresa do Teatro de D. Fernando, e se apresenta como sua vítima. Depois da referida publicação apareceram, porém, outras duas cartas, uma assinada pelo Sr. J. S. Mata, director do teatro, e outra pelo Sr. Armand Bené, régisseur general, e pela leitura destes dois importantes documentos concluímos não só que M.^{elle} Saint-Georges não procedeu conscienciosamente, mas que o carácter de vítima pertence menos a M.^{elle} Saint-Georges do que à empresa que a escreveu, e que por esse facto tem sido gravemente lesada nos seus interesses.

IMP 232

(*Revista dos Espectáculos*, /04/1855, n.º 7, 3º vol., p. 53)

Teatro de D. Fernando.

Depois da Semana Santa a companhia francesa apresentou-nos três peças que ainda não havia representado: *Il faut jurer de rien*, espirituosa comédia em três actos de Mr. Alfredo Musset, *Clarisse Harlow*, drama em 3 actos dos Srs. Dumanoir e Clairville, e o vaudeville em 1 acto *Le meunier, son fils et Jeanne*.

O desempenho da primeira foi geralmente regular. No da segunda, de que não podemos dizer outro tanto, distinguiu-se M.^{elle} Desgranges pela maneira inteligente e acertada com que interpretou alguns lances, entre os quais citaremos aquele em que no meio da cena de delírio Clarisse Harlow reconhece o seu raptor, e de uma expansão de ternura passa a um excesso de terror e de despeito.

Mr. Luguet não nos pareceu estar muito à son aise no papel de Lovelace, mas assim mesmo desempenhou-o muito discretamente, assim como M.^{elle} Lefèbvre o de Bouton de Rose.

Tanto no fim do segundo como no do terceiro acto do drama M.^{elle} Desgranges e Mr. Luguet foram chamados ao proscénio, e *des bouquets monstres* caíram a seus pés.

IMP 233

(*Revista dos Espectáculos*, 16/05/1855, n.º 9, 3º vol.)

Teatro de D. Fernando.

No benefício de Mr. Armand, régisseur do teatro, tivemos um espectáculo todo novo, composto de três peças de Scribe: *Le mariage de raison*, vaudeville em 2 actos, em que o beneficiado (no papel de general). Mr. Luguet (no papel de sargento), M.^{elle} Lefèbvre (no de Suzette) e Nelly (no

de M.^{me} Pinchon) se mostraram dignos de aplausos; *La première ride*, vaudeville em 1 acto excelentemente desempenhado pela elegante M^{elle} Desgranges, por M^{elle} Lefèbvre e Mr. Edward; *Le solliciteur ou L'art de obtenir des places*, - chistoso vaudeville em 1 acto, no qual todas as honras da execução exclusivamente pertenceram a M^{elle} Lefèbvre.

Depois destas produções, tivemos o vaudeville *Mon étoile*, - também de Scribe, em que Mr. Luguet sustenta com grande tacto um interessante papel, e a benefício do chefe de orquestra Mr. Patte representou-se o bello vaudeville em 3 actos *Les trois loges* e o vaudeville em 1 acto *La tête de Martin*.

O desempenho da primeira destas duas peças foi geralmente bom, e da parte de M^{elle} Lefèbvre foi magnífico.

A segunda peça não agradou. Entretanto Mr. Patte mostrou-se digno de louvor no desempenho do papel de Durand.

IMP 234

(*Revista dos Espectáculos*, 31/05/1855, n.º 10, 3º vol.)

Teatro de D. Fernando.

Uma das melhores comédias que nos tem apresentado a companhia francesa é, decerto, *o Clermont*, de Scribe. A acção sustenta-se com interesse desde o principio até ao fim da peça, é bem dirigida e deixa o espectador perfeitamente satisfeito pelo bom e quase inesperado desfecho que apresenta.

Na execução tornam-se dignos de todos os louvores M^{elles} Desgranges e Lefèbvre, e Mr. Luguet. M^{elle} Desgranges (Hermance) com especialidade na cena do segundo acto quando suporta resignadamente as injustas suspeitas do seu esposo, e no final do mesmo acto, quando entra radiante com a esperança de restituir a ventura ao pobre cego, é admirável. M. Luguet desempenha o papel de Clermont, com uma perfeição a toda a prova. E M^{elle} Lefèbvre, representando o jovem cioso Augustin, que tão importante quinhão toma no enredo da peça, não só desenvolve muita graça, mas dá novas provas da sua inteligência artística.

Mr. Edward não é muito igual no desempenho do papel do visconde de Réthel, mas tem alguns momentos em que é feliz.

No vaudeville de Paulo de Kock *Les commis et la grisette* há algumas cenas engraçadas e que M^{elle} Lefèbvre, Nelly e os artistas que a acompanham desempenham satisfatoriamente.

A benefício do director do teatro, o Sr. Mata, apresentou-se, na noite de 29, a comédia em três actos *Le jeune mari*, a qual não desagradou.

No Sábado (2 de Junho) terá lugar o benefício de M^{elle} Desgranges, com a representação da *Louise de Lignerolles* e do vaudeville em um acto *Mademoiselle de Liron*.

Um tal espectáculo, dado sob o pretexto que indicámos, é impossível que não chame grande concorrência naquela noite ao teatro francês.

IMP 235

(*Revista dos Espectáculos*, 15/06/1855, n.º 11, 3º vol.)

Teatro de D. Fernando.

O benefício de M^{elle} Desgranges verificou-se, como annunciámos, na noite de 2 do corrente, com o drama de Mr. Legouvé *Louise de Lignerolles* e a comédia *Mademoiselle de Liron*.

A concorrência foi extraordinária, e a beneficiada, além de boa receita que teve, foi obsequiada com grande número de assaltos e de formosos bouquets. M^{elle} Lefèbvre também foi mercidamente aplaudida pelo bem que se houve na parte que lhe coube no desempenho do drama.

Na engraçada farsa de Mr. Labiche *Un ut de poitrine* e na cena cómica *La mère Moreau*, interessante paródia de *Lucia de Lammermoor*, que ultimamente se representaram em benefício de Mr. e M^{elle} Lefèbvre, as honras da execução pertenceram exclusivamente ao beneficiado, que em ambas as peças sustentou os seus papéis com o chiste preciso, para conservar constantemente o público de bom humor durante a representação.

A companhia francesa despediu-se no Sábado (9), representando pela última vez *Clermont e Les trois loges*.

A execução destas duas peças foi geralmente satisfatória, entretanto, é impossível deixarmos de tornar a fazer especial menção de M^{elle} Desgranges, Lefèbvre e Mr. Luguët, na primeira. E de mencionarmos igualmente com distinção, na segunda, além de M^{elle} Lefèbvre, M^{elle} Georgina, M.M. Edward e Lefèbvre.

Segundo lemos há tempos na *Revue et Gazette des Théâtres* de Paris, Mr. Codérat, correspondente teatral estabelecido na dita cidade, acha-se encarregado por Mr. Armand Biré da formação da companhia francesa que deve funcionar no Teatro de D. Fernando na próxima época. Será verdade? Teremos companhia francesa em D. Fernando no futuro ano teatral? Não sabemos, mas o que podemos afiançar é que Mr. Détry, a quem Lisboa deve o ter tido teatro francês nestes dois últimos anos, não parece disposto a continuar à testa de uma empresa, que tantos sacrifícios pecuniários lhe tem custado.

IMP 236

(*Revista dos Espectáculos*, 16/07/1855, n.º 13, 3º vol.)

Teatro de D. Fernando.

Mr. Dumesnil, distinto e inteligente actor que por espaço de três épocas fez arte da companhia francesa de D. Fernando, acha-se há quatro para cinco meses vítima de uma cruel enfermidade, a qual, infelizmente, talvez lhe corte para sempre a carreira artística.

O conhecimento desta desventura de Mr. Dumesnil excitou nos artistas do nosso teatro normal o desejo de contribuírem quanto estivesse ao seu alcance para lha suavizarem. E, para conseguirem a realização do seu pensamento, resolveram dar uma representação... o produto reverte-se a favor do artista, que hoje se acha na impossibilidade de ganhar os indispensáveis meios de subsistência para si e para a sua família. Depois de obtidas as necessárias licenças, a referida representação teve lugar na noite de 7 do corrente.

Brilhante e numerosa foi a concorrência, e ainda mais uma vez os lisboenses mostraram que o verdadeiro infortúnio nunca apela debalde para os seus sentimentos filantrópicos.

Representou-se o drama *As mulheres de mármore* e a comédia *A mulher de três maridos*. Mr. Saint-Léon e M.^{elles} Fleury, Marmet, Moreno e Mr. Gredelue, prestaram-se com a melhor vontade, como era de presumir, a abrilhantar com o seu talento o espectáculo dado em benefício do hábil e infeliz artista. Mr. Saint-Léon foi saudado por uma forte salva de palmas, logo que apareceu em cena para executar uma fantasia de rebeca, e recebeu muitos aplausos, tanto quando concluiu a referida peça, como depois do passo húngaro, dançado com a formosa e hábil dançarina M.^{elle} Fleury. O passo de calabrês, dançado por M.^{elles} Marmet e Moreno, e por Mr. Gredelue, foi aplaudido. Depois de concluída a dança, todos os artistas que nela tinham tomado parte foram chamados ao proscénio e muito vitoriados.

Terminaremos este sucinto relatório louvando os artistas do teatro normal, os da companhia de Mr. Saint-Léon e os da orquestra, pelo generoso acto de beneficência que praticaram, e pela prova que deram do honroso sentimento de fraternidade artística que os anima. O Sr. Barreto Saldanha, actual locatário do teatro, também tem direito a justo elogio, pela generosidade com que se prontificou a ceder a casa para se levar a efeito a representação em benefício do infeliz Dumesnil.

A nova companhia dramática portuguesa, organizada pelo Sr. António Pedro Barreto Saldanha, vai começar os seus trabalhos, provisoriamente no Teatro de D. Fernando, e dará a primeira representação no Sábado 21 do corrente. O pessoal da referida companhia compõe-se de 7 atrizes e 10 actores.

IMP 237

(*Revista dos Espectáculos*, 31/07/1855, n.º 14, 3º vol.)

Teatro de D. Fernando.

A companhia dramática escriturada pelo Sr. Barreto Saldanha inaugurou os seus trabalhos na noite de 21 do corrente.

A concorrência foi numerosíssima, como por diversos motivos era fácil de prever. E sua majestade o Rei Regente, para dar mais uma prova do quanto deseja proteger e animar as artes,

dignou-se a vir da sua residência de Sintra expressamente para assistir à estreia da nova companhia, o que decerto deve ter sido igualmente lisonjeiro para a empresa e para os artistas do Teatro de D. Fernando.

O espectáculo de abertura compôs-se de três comédias: *Fenómeno* ou *o homem de barro*, em 1 acto, *Os conjurados*, em 3 actos, e o *Perdão de acto*.

A primeira já conhecíamos do Ginásio, do tempo em que ainda vivia o desventurado actor Moniz. A terceira pertencia ao repertório da Rua dos Condes, e mais de uma vez temos tido ocasião de falar a seu respeito aos nossos leitores. O Sr. Santos reassumiu nela, com fortuna, o seu antigo papel, e a Sr.^a Maria do Céu encarregou-se do que pertencia ao Sr. Pires. A segunda das mencionadas produções foi, por conseguinte, o único conhecimento novo que fizemos, e se não achamos merecimento literário muito superior ao das suas companheiras, vimos todavia que, como elas, encerra algumas situações bastante cómicas, em que figura como principal herói o célebre dono da estalagem do *Gato bravo* e outras em que nos faz ver todo o ridículo de certos conspiradores, como o duque de Vilhena, homens que debaixo do manto da independência de carácter, do valor e do amor da pátria, só abrigam servilismo, cobardia e egoísmo, achando-se sempre prontos para fugir do perigo apenas aparece, e para se associarem ao vencedor qualquer que ele seja, e gozarem dos benefícios do triunfo.

Todos os artistas mostraram a melhor vontade de satisfazer às exigências dos papéis que lhes foram incumbidos, e o público por diferentes vezes aplaudiu, galardoando assim os seus louváveis esforços.

Além das peças que deixamos indicadas, também já assistimos à representação de *Um novello misterioso*, pequena e insignificante comédia, na qual as meninas Velosos acharam mais um ensejo de mostrar as boas disposições que possuem para a carreira que encetaram, e na qual poderão talvez fazer fortuna, se tiverem quem discretamente as dirija.

Com a formação da companhia de D. Fernando ficamos tendo três companhias que trabalham no mesmo género. Poderão todas as três sustentar-se? É possível, mas para isso é preciso que cada uma delas trate de atrair a concorrência, pela boa escolha, variedade e bom desempenhos dos espectáculos. Uma vez que se estabeleceu a luta entre os três teatros, sustente-se ela unicamente no campo da arte, com armas leais, e desprezem-se para sempre os repreensíveis e ridículos meios de guerra que, se prejudicam os interesses do adversário, também não deixam de desonrar e prejudicar a quem os emprega. Se a luta for bem sustentada, poderá conseguir-se um resultado útil, não haver vencedores nem vencidos e conservar cada um dos combatentes o seu posto. O público decerto estimará que assim aconteça.

Os espectáculos têm sido, até agora, bastante concorridos, e se assim continuarem, mantendo-se neles constantemente a decência e a boa ordem, estamos persuadidos que a empresa não terá razão de queixa, e continuará a fazer tudo quanto esteja ao seu alcance para merecer a generosa protecção do público.

Hoje, 31, representar-se-á pela primeira vez a comédia em 2 actos, *O laço de fitas*, e a comédia *Uma mulher por 2 horas*, que já foi à cena da Ruas dos Condes.

IMP 238

(*Revista dos Espectáculos*, 16/08/1855, n.º 15, 3º vol.)

Teatro de D. Fernando.

De todas as peças representadas depois da publicação da nossa última crónica, a que tem reunido em seu favor maior número de votos, apesar de já não ser nova para o público, é a comédia em 2 actos *O laço de fitas*, não só pelo chistoso e animado enredo, mas porque o seu desempenho é, em geral, o melhor que pode esperar-se das forças da companhia, e não deixa excessivamente a desejar. As principais honras da peça pertencem de direito e de facto à Sr.^a Anna Cardoso (o perspicaz e desenvolto cavalheiro de Jaucourt), e à Sr.^a Maria do Céu (a tímida e apaixonada Helena). É sobretudo durante a convencional troca dos respectivos papéis, de que resulta a engraçada mistificação para os dois velhos fidalgos, que as mencionadas actrizes conseguem, cada uma por seu modo, tornar-se mais interessantes e dignas de louvor.

A pequena e agradável comédia *A mãe de família*. A Sr.^a L. Fialho, compreendeu e desempenha com acerto o papel de bondosa e previdente Maria. O Sr. Rolão satisfaz discretamente a parte

que tem a seu cargo, e o Sr. Santos copia com fidelidade o carácter de um desses mancebos extravagantes, perdulários mas ainda não alheios a todos os sentimentos, que por uma polca, um cancan ou qualquer outro frívolo passatempo são capazes de esquecer todos os cuidados e todas as penas da vida.

A *Traquibérnia por traquibérnia*, apesar de ser uma tradução insignificante, oferece também ao Sr. Santos ocasião de se tornar credor de aplausos no desempenho do papel do janota provinciano. O Sr. Brea representa com fortuna, na mesma peça, a parte do ex-contratador de cavalgadas.

Enquanto à comédia *Mulher, marido e tio*, que para muitos também já não tinha o mérito da novidade, a falta de espaço nos permite por hoje dizermos que o seu êxito foi regular.

Na Terça (14), dia da chegada de el Rei o Senhor D. Pedro V a Lisboa, a companhia do Teatro de D. Fernando, para solenizar tão fausto acontecimento, cantou um hino, intitulado do *Regresso*, expressamente composto pelo Sr. Carmo. O Sr. Rolão, depois de cantado o hino, recitou uma poesia do Sr. José Pinto da Fonseca Nunes, alusiva ao regresso de Sua Majestade e contendo alguns pensamentos bastante felizes. E em seguida o Sr. Santos, a pedido de uma parte dos espectadores leu uma pequena poesia, também alusiva ao mesmo objecto. O hino e a poesia do Sr. Nunes tiveram as honras do bis. Os espectadores conservaram-se em pé, durante a cantoria e a recitação, no fim das quais os aplausos retumbaram por toda a sala. Terminando o espectáculo, cantou-se novamente o hino, a pedido de muitos dos circunstantes.

IMP 239

(*Revista dos Espectáculos*, 31/08/1855, n.º 16, 3º vol.)

Teatro de D. Fernando.

O maior successo neste teatro foi a continuação do célebre *Perdão de acto*.

A engraçada comédia, em que a vida de estudante está pintada com alguns traços verdadeiros, teve sempre muita aceitação, mas não prognosticamos o mesmo resultado para a segunda parte da composição.

Todos os frequentadores deste teatro se lembram como acaba a acção no *Perdão de acto*. O bilhete premiado habilitou os estudantes para uma partida de prazer na Calçada de Carriche.

A nova acção começa pois na nova Sintra. Aparecem todos os personagens, não esquecendo o rapaz das cautelas, que acompanha os estudantes com o sentido nas alvíssaras que ainda não recebeu.

Começa a bambochata, e tudo promete uma tarde muito divertida, quando no meio dos maiores folguedos aparece o pai de Carlos que, reconhecendo seu filho, começa a lançar-lhe em rosto todas as suas extravagâncias, mas acaba por fazer as pazes com o filho e por conceder a mão da filha ao estudante afortunado a quem tinha saído a sorte grande.

O enredo é simplíssimo, como se vê. Toda a peça é, portanto, sustentada na música e na *mise-en-scène*.

Pelo que pertence à música pareceu-nos muito bem. Os couplets não têm todavia a mesma propriedade. Nalguns ouvimos equívocos de mau gosto, que muito bem podiam eliminar-se sem tirar o valor à composição.

Não sucede o mesmo quanto à música. É na maior parte tirada das peças francesas *La femme aux oeufs d'or*, *La vie bohème* e *La chaumière*, mas muito bem apropriada, e produz um lindo efeito nas peças, em que é bem cantada.

As honras da execução pertencem sem contradição ao cauteleiro e à Sr.^a Fialho. Esta última dama, ainda que cansada, todavia preencheu cabalmente na execução de tudo que lhe foi confiado. O cauteleiro foi igualmente muito aplaudido no couplet com que se abre a peça, e que serve de introdução ou exposição.

Mas pelo que pertence à *mise-en-scène*, não é completamente apropriada à acção, e parece-nos que devia haver um pouco mais de economia em tanta desenvoltura. O segredo de todas as artes consiste em agradar sem fadiga, e no modo por que esta peça é desempenhada o espectador quando chega ao fim acha-se cansado de tanta extravagância. A vida de estudante será assim numa ou noutra ocasião, mas principiar, continuar e acabar uma acção sem dar alívio ao espectador é querer que o resultado seja o aborrecimento. Efectivamente assim aconteceu na

primeira noite da representação de *Um jantar de despedida*, que é o título da peça de que nos havemos ocupado.

A plateia, que estava muito concorrida, logo ao levantar do pano chamou o autor e o vitoriou muito. Mas sensivelmente o entusiasmo foi esfriando, e quando no fim o autor foi novamente chamado já não foi espontânea a ovação como havia sido no começo. Reflecta nisto a direcção, ou empresa, e sobretudo seja mais escrupulosa em certos equívocos que o bom gosto tem feito banir e que arredam do teatro muitas famílias.

A *Mulher e amante* é outra comédia nova que se tem dado neste teatro. Não analisaremos esta composição porque ainda que faz rir, todavia não merece as honras de uma séria discussão. Os artistas que a desempenharam fizeram tudo para a sustentar, mas o mérito da composição é insignificante.

Consta-nos que neste, como noutros teatros, se preparam espectáculos novos para a aclamação de el Rei. Também ouvimos que o Sr. José Pinto da Fonseca Nunes prepara uma nova poesia para ser recitada nesses dias de festa nacional. A linda poesia que o Sr. Nunes compôs por ocasião do regresso de Sua Majestade faz-nos esperar que a nova não lhe será inferior em merecimento.

IMP 240

(*Revista dos Espectáculos*, 30/09/1855, n.º 18, 3º vol.)

Teatro de D. Fernando.

Por motivos que acreditamos terem sido muito poderosos e invencíveis, a direcção do Teatro de D. Fernando não seguiu os exemplos das direcções dos outros teatros, apresentando, como elas, espectáculos inteiramente compostos de peças originais nos três dias em que se festejou a aclamação de el Rei o Senhor D. Pedro V.

A novidade que apresentou naqueles dias foi um episódio composto pelo Sr. Pinto Neves intitulado *O dia 16 de Setembro* ou *a esperança de um povo*, e a comédia em um acto *O dinheiro nem sempre vence*. O episódio, como peça de ocasião, foi bem recebido, e a comédia, ainda que de pouca importância, foi regularmente desempenhada e continua a permanecer em cena, a contento de uma grande parte dos frequentadores do Teatro de D. Fernando.

Em benefício do ponto, o Sr. José Manoel Alves Júnior, representou-se ultimamente a comédia em 1 acto, ornada de música, intitulada *Quem o alheio veste, na praça o despe*. Nada podemos dizer por enquanto a respeito da peça e da sua execução, porque não nos foi possível assistirmos à representação.

F. S.

IMP 241

(*Revista dos Espectáculos*, 16/10/1855, n.º 19, 3º vol.)

Teatro de D. Fernando.

As doenças da Sr.^a Anna Cardoso e do Sr. Santos têm impedido a direcção do Teatro de D. Fernando de variar os espectáculos quanto deseja e lhe convém, e a nós coloca-nos em circunstâncias de pouco podermos dizer aos nossos leitores a respeito da crónica quinzenal do mesmo teatro. Apesar disto, sempre lhes diremos alguma coisa, fundados no rifão: *Mais vale pouco do que nada*.

Na comédia *O dinheiro nem sempre vence* é o Sr. Marcolino quem mais tem continuado a atrair a atenção, não só pela natureza do seu papel, como pela fortuna com que o interpreta. O Sr. Marcolino dá ao carácter do velhaquete mas aparentemente simplório Tomás Fagulha o colorido que lhe convém, e o público aplaude-o com justiça.

O Sr. Rolão, Faria e as Sr.^{as} Fialho e Elisária tiram o partido que podem dos seus papéis, os quais não são decerto da qualidade de se tornarem notáveis por melhor que seja o seu desempenho.

Um sistema conjugal é uma imitação do interessante vaudeville dos Srs. Dennery e Charles Gabet que tem o mesmo título. O enredo da peça acha-se engenhosamente dirigido, tem situações chistosas e bem calculadas, e a sua execução, se não é completamente satisfatória,

pode dizer-se todavia bastante louvável da parte de alguns artistas, entre os quais devemos mencionar o Sr. Santos.

A comédia *Quem o alheio veste na praça o despe*, engraçada imitação do vaudeville *Madame Bertrand et mademoiselle Ratton*, é desempenhada com bastante chiste pela Sr.^a Anna Cardoso (a exótica viúva do tambor mor) e pelo Sr. Rodrigues (o estouvado mancebo que por engano dirige os seus galanteios àquela espécie de serpente).

Na comédia *Um marido como há muitos e um amante como há poucos* a Sr.^a Leopoldina Fialho, no papel da ladina criada, e o Sr. Rolão no do amante peludo e maricas, tornam-se dignos de todo o louvor e merecem os aplausos que recebem.

O benefício da Sr.^a Leopoldina Fialho esteve concorrido a ponto de muitas pessoas terem de se retirar por não acharem bilhetes à venda. Camarotes e plateia tudo encheu, a beneficiada foi muito aplaudida nos diferentes papéis que desempenhou, assim como na canção espanhola que cantou e teve que repetir, intitulada *A floreira de Madrid*.

Estimaríamos que o Teatro de D. Fernando tivesse sempre tão boas enchentes como a que teve na noite de 12 do corrente.

F. S.

IMP 242

(*Revista dos Espectáculos*, 31/10/1855, n.º 20, 3º vol.)

Teatro de D. Fernando.

O repertório deste teatro conservou-se rebelde a inovações até ao dia 29, em que subiu à cena *Um doido*, drama em 3 actos e em verso, original português do Sr. Luís Paulino de Oliveira Borges, ensaiado pelo Sr. Brás Martins.

Não nos foi possível assistir à representação da peça do Sr. Borges, mas consta-nos que o seu êxito foi favorável e o melhor que se podia esperar, atendendo à natureza da composição.

Em tempo oportuno saldaremos a dívida em que hoje ficamos com o Teatro de D. Fernando.

F. S.

IMP 243

(*Revista dos Espectáculos*, 16/11/1855, n.º 21, 3º vol.)

Teatro de D. Fernando.

O doido retirou-se da cena, e o público pouco ou nada perdeu com o desaparecimento de uma comédia que tanto se ressentia da inexperiência do seu autor.

Quem não se aventurou é uma pequena comédia original do Sr. Queiroz, actor da companhia de D. Fernando, que tem tido (como dizem os franceses) um *succés d'estime*.

A companhia precisa variar mais o seu repertório para atrair concorrência.

Ultimamente os dois irmãos Cassirola têm dado neste teatro alguns concertos de rebeca e violoncelo. O rebequista surpreende os espectadores pelas excentricidades que executa quando toca, e o violoncelista agrada por tocar com alguma expressão.

IMP 244

(*Revista dos Espectáculos*, 30/11/1855, n.º 22, 3º vol.)

Teatro de D. Fernando.

A empresa do Teatro de D. Fernando fez uma boa aquisição escriturando o Sr. Brás Martins para ensaiador da companhia que funciona no mesmo teatro. As vantagens que os artistas têm tirado do novo ensaiador começaram a conhecer-se na representação da comédia *Um doido*, pela maneira assaz e discreta com que disseram o verso, e têm continuado a revelar-se no desempenho das outras duas ou três peças ensaiadas e postas em cena pelo Sr. Brás Martins. Os actores não só estão, em geral declamando melhor, mas representando com mais acerto do que antes.

A continuação da doença do Sr. Santos (um dos principais esteios da companhia) não tem permitido variar os espectáculos quanto seria de desejar. Entretanto, nesta quinzena tivemos duas comédias novas: *Cecília de castigo* e *Cada um chega a brasa à sua sardinha*, imitação do

Furnished apartment que no Ginásio vimos com o título *Por causa dos festejos reais*, e no Teatro da Rua dos Condes chamando-se *Noutra não caio eu*.

Na primeira, que é imitação da *Cerisette en prison*, vaudeville escrito para a jovem Céline Montaland, a Sr.^a Leopoldina Fialho conseguiu representar com bastante viveza e graça o papel de jovem e sagaz Cecília.

Na segunda quem mais se distingue é o Sr. Faria, pela naturalidade com que desempenha o papel do algarvio grosseiro, brutal e ocioso. O Sr. Brea não vai mal no papel do dono da casa, mas iria melhor certamente se reprimisse os ataques de riso que repetidas vezes o assaltam nas situações em que menos satisfeito se deveria mostrar. A Sr.^a Anna Cardoso desempenha bem o papel de dona de casa que tanto tem a peito não ultrajar as cinzas dos seus antepassados. O Sr. Rodrigues, o viajante inglês, vai mediocrementemente, e o mesmo diremos das outras duas actrizes que entram na comédia.

Consta-nos que o Sr. Brás Martins brevemente fará a sua estreia neste teatro com uma comédia da sua composição. Desejamos boa fortuna assim ao autor como ao actor, e, a regularmo-nos pelos precedentes, esperamos que a terá.

Os dois artistas espanhóis, Santa Camilla e D. Juan Munné, que há pouco representaram no Ginásio, deram também no dia 28 uma récita em seu benefício no Teatro de D. Fernando cuja direcção fez da sua parte quanto podia fazer em favor dos mencionados artistas. O teatro esteve bastante concorrido.

F. S.

IMP 245

(*Gazeta Teatral*, 26/Abril/1856, n.º 4, ano 1)

Teatro de D. Fernando

Teve lugar esta noite de 18 do corrente o benefício da Sr.^a Elisária, representando-se as seguintes comédias: *O laço de fitas*, *O irmão terrível*, *Um homem distraído*, *Um escândalo*, já representadas neste teatro e uma comédia nova, *Por causa de uma letra*.

O laço de fitas é uma comédia delicadíssima mas que não está nas forças da companhia, deveria ter agradado mais se o desempenho correspondesse ao mérito da produção.

O irmão terrível começa a ser terrível no título, e assim continua até cair o pano.

Um homem distraído tem agradado muito, porque além de ter um enredo bem combinado e boas situações teve por intérpretes os Srs. Santos e Marcolino, que desempenharam os seus papéis com bastante habilidade, e que foram com justiça muito aplaudidos. São dois actores de bastantes esperanças e que têm um futuro brilhante na carreira que abraçaram.

Um escândalo, disparate atrevido e bem escandaloso, toca extremos da ousadia na linguagem ridícula e grosseira, e muito principalmente na ocasião do enfadonho diálogo dos camarotes, dirigindo uma série de sensaborias para o público, não guardando, em último caso, o decoro devido às senhoras, por lhes ser dirigida uma repetição estúpida de contos tabernais e improvisos da mal escolhida localidade, porque, não satisfeitos dos que já têm vomitado no palco, entenderam que deviam completar tais chocarrices entre o público, para o qual se dirigem com uma insolência desabrida.

A nova comédia *Por causa de uma letra!!!* é nova em tudo, mesmo por não se entender. O seu autor chama-lhe cena de costumes. É muito arrojado! Não os podemos conhecer, seria pela nossa falta de inteligência não nos habilitar a aprofundar mistérios tão extravagantes, tem cenas (se é permitido assim dizer) de um valor sem igual, impossíveis de descrever, é de um espírito (escuro) que se evapora no momento que se queira formar uma combinação [...]

IMP 246

(*Gazeta Teatral*, 03/05/1856, n.º 5, ano 1)

Teatro de D. Fernando

De todos os teatros da capital o menos concorrido é o de D. Fernando. Os espectáculos são bastante variados, a escolha das peças é boa, a companhia tem mérito, e, não obstante todas as circunstâncias, o público não concorre aos espectáculos daquele teatro.

O tio Barnabé vindo do Brasil é uma pequena comédia que tem um enredo singelo e situações bastante cómicas. O Sr. Marcolino no desempenho do seu papel não deixa nada a desejar. Quando muda de posição, e se apresenta com uma toilette de janota, ele que não passava de um simples criado, é perfeitamente bem sustentado. Os modos, o gesto e a maneira como o Sr. Marcolino se apresenta faz com que a plateia esteja numa contínua hilaridade. O Sr. Marcolino em certos papéis não tem rival, e para prova veja-se no *Dinheiro nem sempre vence*, e no *Cauteleiro do Perdão de acto*.

Representou-se em benefício das meninas Velosos uma comédia-drama, original do pai das beneficiadas, intitulada *O diabo nem sempre está atrás da porta*. O público aplaudiu o primeiro ensaio do Sr. Veloso chamando-o ao proscénio no fim da representação da comédia.

A peça do Sr. Veloso tem a linguagem incorrecta, diálogos longos e monótonos, e o desfecho da peça presume-se qual ele será depois das quatro primeiras cenas. Nós sabemos perfeitamente que os estudos do Sr. veloso não permitiam mais, que conseguiu muito apresentando esta sua produção, e estamos persuadidos que se dedicar a esta carreira não há-de ser infeliz.

Representa também neste teatro uma companhia espanhola, muito inferior à do Salitre. As comédias com que fizeram o seu debute foram *La pena del Talion*, tradução da comédia francesa *La paine de Talion*, muito delicada e chistosa comédia que foi assassinada pelas senhoras Juana Bastio, Carolina Guerra e Sr. Melo. Só se tornaram notáveis a Sr.^a Arellano e o Sr. Gece, mas na terra dos cegos quem tem olho é rei. A outra comédia foi *Amar sin dejarse amar* que foi mais bem representada. Enquanto ao baile é insignificante, e não vale a pena mencionar-se.

M. P.

IMP 247

(*Gazeta Teatral*, 24/Maio/1856, n.º 6, ano 1)

Teatro de D. Fernando

Subiu à cena neste teatro, em benefício dos actores J. C. Santos e Marcolino Ribeiro Pinto, a comédia em 2 actos, original do Sr. J. C. Santos *O anjo da paz*, a qual mereceu a honra da aprovação dos espectadores. No seu desempenho cabe a maior glória ao Sr. Marcolino, o qual demonstra vir a ser um bom actor no seu género. O Sr. Santos, não indo mal, foi contudo inferior ao Sr. Marcolino.

A Sr.^a Cândida, embora no princípio da sua carreira artística, não vai mal, sentimos contudo o ser muito débil para papéis de grande força. Congratulamo-nos com o Sr. Santos pelo feliz resultado da sua obra e pedimos-lhe que continue na carreira dramática que encetou, a fim de termos melhor ensejo para admirar o seu talento, já como autor, já como actor.

Continua em cena o *Irmão terrível*, sendo terrível o continuar a maçar-nos com produções daquelas como o *Irmão terrível*.

P. M.

IMP 248

(*A Ilustração Luso-Brasileira*, 19/07/1856, n.º 29, vol. 1, p. 4)

O Teatro de D. Fernando

O Teatro de D. Fernando foi construído no local da Igreja de santa Justa quase ao fim da Rua Nova da Princesa. Aguardou-se para a sua abertura ao público o dia 29 de Outubro de 1849, que é o natalício de Sua Majestade el Rei o Sr. D. Fernando.

Traçou e dirigiu a obra um engenheiro francês, Mr. Arnould Bértin, e com tanta habilidade o fez que evitou muitos defeitos, que poderia ter, em vista do pouco terreno.

Não queremos dizer com isto que o teatro os não tenha, todos lhos conhecem, e alguns saltam tanto aos olhos que seria uma loucura negá-los. Mas é certo que muitos mais poderiam ser se o engenheiro os não evitasse. Portanto, sem escurecer esses defeitos, não podemos deixar de elogiar Mr. Arnould pelos que atalhou.

A frente que deita para o Largo de Santa Justa é de janelas de volta redonda, e tem três portas de entrada. Logo nos primeiros tempos não agradou a frontaria, mas depois, o costume de a ver fez esquecer o mau gosto que presidiu à sua feitura, e hoje já ninguém fala em semelhante objecto. A sala do espectáculo é simples, de forma elíptica, e mede desde o proscénio, trinta e oito palmos de largura sobre 52 de comprimento. Tem quatro ordens de camarotes, dos quais são públicos sessenta e tantos, dos restantes pertencem dois a suas majestades e os outros à empresa. Todo o teatro é iluminado a gás, e a sala do espectáculo, que apresentamos na nossa estampa, tem um lindo lustre. Os camarotes são forrados a carmesim. As pinturas foram executadas pelos Srs. Rambois, Cinatti, Rusconi e Inácio Caetano, distintos e bem conhecidos artistas. É impossível desconhecer o serviço que com esta edição fez à arte dramática, às letras e ao público o seu proprietário.

IMP 249

(*A Ilustração Luso-Brasileira*, 19/07/1856, n.º 29, vol. 1, p. 4)

A Fisiologia das Plateias

Mas cada plateia apresenta-se como um mundo diverso. O público do Teatro de D. Maria é tão diferente do público do Teatro de D. Fernando, como os espectadores habituais da Rua dos Condes diferem dos diletantes do Teatro Lírico. São planetas diversos, que gravitam todos para o mesmo centro – o desejo de gozarem, que se regem pelas leis gerais do mesmo sistema planetário, que entram e saem nas plateias, que se sentam e levantam, que aplaudem e dão pateada, mas que giram na sua órbita exclusiva, como Marte e Júpiter, e diferenciam em opacidade ou esplendor, como Saturno de Vénus.

É esta a distinção e qualificação que vamos empreender.

Para isso assentaremos a nossa máquina daguerreotípica em frente das diversas plateias dos teatros da capital, mesmo nesses momentos felizes em que a energia dos sentimentos rebenta de todas as faces nas suas manifestações mais características. É uma galeria de quadros populares que vamos expor à curiosidade dos leitores. O público, que é o actor complexo de todas as cenas, que julgue da verdade do retrato.

Andrade Ferreira.

IMP 250

(*A Revolução de Setembro*, 04/03/1858, n.º 4758, p. 3)

A seguinte notícia que nos enviaram é a realização de um facto de que já falámos em tempo e noutro lugar desta folha. É uma Sociedade de mancebos que desejando socorrer os órfãos da freguesia de Santa Catarina se lembraram de dar uma récita aplicando o seu produto àquele fim e a uma pequena festividade à Senhora da Conceição, pelos ter preservado da epidemia que tantas vítimas fez naquela paróquia.

A ideia é louvável. O público deve concorrer e desculpar os erros em quem tão boa vontade mostra de valer aos infelizes, e por um modo tão civilizador.

Aí vai a notícia a que nos referimos.

A Sociedade Firmeza e União tenciona dar a sua récita de promessa no dia 13 de Março no Teatro de D. Fernando, cujo produto é aplicado para uma pequena festividade à Senhora da Conceição e o remanescente para o asilo dos órfãos da freguesia de Santa Catarina. A mesma Sociedade espera dos benignos habitantes desta capital que concorram com o seu donativo para socorrer aqueles infelizes órfãos, indo assistir ao espectáculo dado por uma sociedade de curiosos que, levada de espírito filantrópico, imaginou este meio para socorrer aqueles desgraçados.

O espectáculo é todo novo e será anunciado três dias antes da representação. Os bilhetes desde já se acham à venda na Calçada do Combro n.º 53, Rua do Ouro n.º 45 e a Rua Nova do Almada, loja de papel do Sr. Nunes n.º 21.

IMP 251

(A *Revolução de Setembro*, 05/06/1858, n.º 4833, p. 3)

A sociedade intitulada Grémio Dramático deu ontem a sua récita em benefício dos órfãos vítimas da febre amarela no Teatro de D. Fernando. A plateia estava cheia de espectadores e os camarotes também se achavam quase todos preenchidos.

Uma falta lamentável estorvou um pouco o bom resultado cénico que se esperava. A Sr.^a Eugénia Câmara, mandando dizer à última hora que se achava incomodada, causou grande transtorno, pois fazia um papel importante na peça do Sr. Braga *A escravatura branca*.

O espectáculo começou pela recitação de uma poesia análoga ao objecto principal daquela representação, poesia que nos pareceu muito própria do assunto, com muitos bons versos, e como diz o mestre da poesia, fechando com chave de ouro. Era original do Sr. J. J. da Silva e o Sr. Borges recitou-a, provou bastante habilidade.

Na *Marquesa de Harville* foi muito bem a Sr.^a Ana Cardoso no seu papel de marquesa. Também nesta peça o Sr. Borges agradou bastante no papel de mordomo.

Na *Escravatura branca* sobressaiu o mancebo encarregado do papel de escravo preto que desempenhou com geral admiração a sua parte.

O resto do espectáculo correu em geral bem e merecem louvores os que em tão recreativo passatempo procuraram mitigar algumas dores resultantes da epidemia que no ano pretérito afligiu a capital.

IMP 252

(O *Parlamento*, 28/11/1858, n.º 190, vol. 3, p. 3)

Teatro de D. Fernando.

Acha-se definitivamente alugado o Teatro de D. Fernando. Não é para a companhia espanhola que intentou vir representar neste teatro. É sim para uma companhia de ópera-cómica. É director o maestro Ângelo Frondoni e disseram-nos ser o empresário um nosso fidalgo mui conhecido.

Estimaremos que seja feliz a nova companhia que vai para o teatro-igreja. Mas duvidamos. Aquele edifício é uma espécie de palácio de Benfica: *Quem lá vai lá fica*. Nada ali tem prosperado. A Sociedade dramática de Macedo caiu, a companhia francesa do Sr. Détry também foi a terra; a empresa do Sr. tabelião Saldanha a terra foi; e ultimamente a companhia espanhola também se retirou pouco contente.

Com tais agouros, pode-se por acaso antever bons resultados naquele teatro?

IMP 253

(A *Revolução de Setembro*, 03/12/1858, n.º 4984, p. 3)

Parece que no Teatro de D. Fernando se vai estabelecer uma companhia de opereta cómica italiana.

IMP 254

(A *Revolução de Setembro*, 07/12/1858, n.º 4987, p. 2)

A tentativa de organizar no Teatro de D. Fernando uma companhia cómica italiana parece que progride. Segundo diz o nosso colega do *Parlamento*, o Sr. Frondoni, que julgamos ser o director desta mesma empresa, já escriturou a cantora húngara Bianchi, que já cantou em S. Carlos.

Também diz que estão escriturados alguns coristas e a orquestra para aquele teatro.

IMP 255

(A *Ilustração Luso-Brasileira*, 11/12/1858, n.º 50, vol. 2, p. 393)

O Sr. Frondoni partiu para Itália a escriturar a nova companhia lírica para o Teatro de D. Fernando.[...]

No dia 21 do corrente projecta-se um benefício no Café-Concerto em favor dos infelizes setubalenses [vítimas de um tremor de terra]. Os actores dos teatros da capital prestaram-se a

concorrer também a outro benefício, que pelo mesmo motivo há-de ter lugar proximamente no Teatro de D. Fernando.

IMP 256

(*A Revolução de Setembro*, 23/12/1858, n.º 5000, p. 2)

Dizem-nos que por todo o mês de Janeiro próximo se abrirá o teatro lírico de ópera-cômica, que se vai estabelecer no Teatro de D. Fernando, e que é empresário o Sr. Ângelo Frondoni.

IMP 257

(*La Fama*, 03/01/1859, p. 4)

Lisbona. La compagnia di canto testé fissata dall' Agenzia Zanetti pel Teatro San Ferdinando col direttore maestro Frondoni è già partita per la sua destinazione. È composta delle prime donne assolute Letizia Borgognoni e Luisa Bianchi, soprani, e d'Elena Rho, contralto, dei primi tenori assoluti Valbini e Bolton, del buffo Ernesto Leva, dei baritoni G. Nottoli ed Angelo Polani e del basso generico Francesco De Giovanni.

IMP 258

(*A Revolução de Setembro*, 15/01/1859, n.º 5017, p. 3)

Já por ai corre o elenco da companhia lírica que deve cantar no Teatro de D. Fernando. Entre outros artistas, figura como prima dona a Sr.^a Luigia Bianchi, que por alguns anos fez as delícias dos diletantes portuenses e que também cantou no Teatro de S. Carlos de Lisboa notavelmente na *Luisa Miller*. Se o resto da companhia for em mérito igual ao desta cantora desde já auguramos que serão agradáveis noites as que se passarem neste teatro.

A 1.^a representação desta empresa afiança-se que não passará além do próximo Fevereiro. Entre outras óperas diz-se que dará o *D. Procópio*, de Fioravanti, e a *Fiorina*, de Pedrotti, em que nos parece debuta a Sr.^a Bianchi.

IMP 259

(*A Revolução de Setembro*, 19/01/1859, n.º 5019, p. 2)

Já por vezes temos falado da nossa companhia lírica, que deve em breve debutar no Teatro de D. Fernando na ópera-cômica italiana. Aí damos agora o elenco completo da mesma companhia.

IMP 260

(*A Revolução de Setembro*, 25/01/1859, n.º 5023, p. 2)

Pelo paquete Ville de Nantes, entrado neste porto na manhã de Sexta-feira 21, chegou a companhia lírica que vai cantar no Teatro de D. Fernando. Além das partes que vieram, também faz parte desta companhia, como já dissemos aos nossos leitores, a prima dona Luísa Bianchi que se acha nesta cidade. Diz-se que os ensaios vão começar muito em breve e até há quem afirme que a primeira representação será já no próximo Domingo.

Segundo têm dito algumas folhas da capital, as principais óperas que hão de compor o repertório daquele teatro na primeira época são as seguintes, quase todas pertencentes ao género cômico, a saber:

Crispino e la comare, *Il birrajo di Preston*, do maestro Ricci; *Tutti in maschera*, *Fiorina* de Pedrotti; *Il precauzioni de Petrella*, *Il dominó nero* de Lauro Rossi; *D. Checco*, de De Giosa; *D. Procópio*, de Fioravanti; *Il pipelet*, de De Ferrari; e *Amore e Trapoli*, de Cagnoni.

IMP 261

(*A Revolução de Setembro*, 29/01/1859, n.º 5027, p. 2)

A companhia lírica do Teatro de D. Fernando dizem-nos que já começou os ensaios da ópera *Crispino e la comare*, com que parece abrirá o teatro. Esta abertura também nos dizem que não excederá a 5 ou 6 do próximo Fevereiro.

A bela cantora, a Sr.^a Luísa Bianchi, parece que debutará no *Dominó preto*, em que nos afirmam entra com superior maestria.

Há mais de um motivo para supor que o Teatro de D. Fernando crie entusiasmo entre os amadores da música.

A assinatura já está aberta. Amanhã daremos o programa da forma por que ela se faz.

IMP 262

(A *Revolução de Setembro*, 30/01/1859, n.º 5028, p. 2)

Temos constantemente dado notícias da nova empresa lírica do Teatro de D. Fernando. Já apresentámos o elenco da sua companhia, o repertório das principais peças que tenta pôr em cena e ainda outras notícias. Agora vamos dar o seu programa completo como prometemos hoje, acompanhados das condições de assinatura, com o que se poderá rectificar qualquer inexactidão que se possa ter dado nas nossas notícias, ainda que nos parece que levíssima será.

Eis o programa:

A presente época teatral será de cinco meses, a principiar no dia da primeira representação: a assinatura será por oitenta récitas, com as seguintes óperas, além de outras escolhidas entre as melhores do repertório: *Crispino e la comare*, *Le precauzione ossia il Carnevale di Venezia*, *Pipelet*, – *Il birrajo di Preston*, *D. Checco*, *Il dominó nero*, *D. Crescendo*, *Tutti in maschera*, *Funerali e danze*, *Fiorina*, *Il borgomastro di Schiedam*, *D. Procopio*, etc., as quais serão desempenhadas pela seguinte companhia de canto:

Primeiras Damas: Letizia Borgognoni, Luigia Bianchi; Musichetto: Magdalena Rho; Altra Prima dona: Teresa Lenci Marsili; Primeiros Tenores: Gualtiero Boltoni, Guglielmo Valbini; Primeiro Barítono: Angelo Pollani; Primeiro Buffo: Ernesto Leva; Primeiros Baixos: Francesco de Giovanni, Giovanni Nottoli; Segundo tenor: Manuel Guerra.

Os pagamentos da assinatura serão feitos adiantadamente e serão divididos em três séries: a primeira de 30 récitas paga no acto da assinatura, a segunda de 25 récitas paga no dia da récita 28.^a, a terceira de 25 récitas paga no dia da récita 53.^a. As assinaturas das plateias serão pagas adiantadamente no princípio de cada série.

Preço das assinaturas: Frisas: 22\$000; 1.^a ordem: 260\$000; 2.^a ordem: 180\$000; cadeiras de assinaturas por cada série de 20 récitas: 12\$000; lugares reservados de superior por 20 récitas: 8\$000.

Para as representações a benefício serão sempre preferidos os Srs. assinantes, contanto que cinco dias antes do benefício tenham declarado querer ficar com o seu camarotes ou lugar de plateia. Para facilitar boa fiscalização das entradas não se pode permitir aos Srs. assinantes das cadeiras de assinatura a entrada na plateia superior.

Preços de camarotes e plateias: Frisas: 3\$000; 1.^a ordem: 3\$500; 2.^a dita: 2\$500; cadeiras de assinatura \$600; superior: \$400; galerias \$160.

As assinaturas efectuem-se no escritório da empresa no Teatro de D. Fernando desde o dia 26 do corrente mês em diante.

IMP 263

(A *Revolução de Setembro*, 08/02/1859, n.º 5034, p. 3)

Na próxima Quinta-feira começam definitivamente no Teatro de D. Fernando as representações líricas com a nova companhia italiana de ópera-cómica. Como já dissemos, este teatro inaugura-se com a ópera em 4 actos dos maestros Frederico Ricci e Luís Ricci intitulada *Crispino e la comare*. Esta ópera será desempenhada pelas Sr.^{as} Borgognoni e Rho, e pelos Srs. Boltoni, Polani, Sena, De Giovanni e Guerra.

Dizem-nos que é muito chistosa e agradável a música da ópera com que a companhia se estreia e que é interpretada com certa beleza e muita igualdade. Aguardamos a representação. Desejando desde já prospero resultado a esta tentativa.

IMP 264

(Revista de Lisboa, 08/02/1859, ano 1, n.º 12, pp. 5 e 8)

Teatro de D. Fernando

No dia 21 do mês passado chegou no vapor Ville de Lisbonne a companhia lírica italiana escriturada para este teatro pelo maestro Frondoni. Ensaia-se a ópera-cômica *Chrispino e la comare* que brevemente deve subir à cena. Em seguida publicamos o programa de assinatura e o elenco da companhia, em que figura a simpática prima-dona mademoiselle Luigia Bianchi, que há sete anos aplaudimos no Teatro de S. Carlos e que fará agora a sua estreia no Teatro de D. Fernando no *Dominó Nero*.

Programa da Assinatura

A presente época teatral será de cinco meses a principiar do dia da primeira representação; a assinatura será por oitenta récitas com as seguintes óperas, além de outras escolhidas entre as melhores do repertório: *Crispino e la comare*, *Le precauzioni ossia il Carnevale di Venezia*, *Pipelet*, *Il birrajo di Preston*, *D. Checco*, *Il dominó nero*, *D. Crescendo*, *Tutti in maschera*, *Funerali e danze*, *Fiorina*, *Il borgomastro di Schiedam*, *D. Procopio*, etc. As quais serão desempenhadas pela seguinte companhia de canto:

Primeiras Damas: Letizia Borgognoni, Luigia Bianchi.

Musichetto: Madalena Rho.

Altra Prima Donna: Teresa Lenci-Marsili.

Primeros Tenores: Gualtiero Boltoni, Guglielmo Valbini.

Primerio Baritono - Angelo Pollani.

Primerio Buffo: Ernesto Leva.

Primeiros Baixos: Francesco de Giovanni, Giovanni Nottoli.

Segundo tenor: Manuel Guerra.

Os pagamentos de assinatura serão feitos adiantadamente e serão divididos em três séries, a primeira de 30 récitas paga no acto da assinatura, a segunda de 25 récitas paga no dia da récita 28.^a, a terceira de 25 récitas paga no dia da 53.^a.

As assinaturas das plateias serão pagas adiantadamente no princípio de cada série.

Preços das Assinaturas:

Frisas.....	Rs. 220\$000
1. ^a Ordem.....	Rs. 260\$000
2. ^a Ordem.....	Rs. 180\$000
Cadeiras de assinatura por cada série de 20 récitas.....	Rs. 12\$000
Lugares reservados de superior por 20 récitas.....	Rs. 8\$000

Para as representações a benefício serão sempre preferidos os senhores assinantes contanto que cinco dias antes do benefício tenham declarado querer ficar com o seu camarotes ou lugar de plateia.

Para facilitar a boa fiscalização das entradas não se pode permitir aos senhores assinantes das cadeiras de assinatura a entrada na plateia superior.

Preços de camarotes e plateias.

Frisas.....	Rs. 3\$000
1. ^a Ordem.....	Rs. 3\$500
2. ^a Ordem.....	Rs. 2\$500
Cadeiras de assinatura.....	Rs. 12\$000
Superior.....	Rs. \$400
Galerias.....	Rs. \$160

As assinaturas efectuar-se-ão no escritório da empresa, no Teatro de D. Fernando, desde o dia 26 de Janeiro em diante.

IMP 265

(*Arquivo Universal*, 11/02/1859, vol. 1, n.º 7, p. 111)

A ópera-cómica italiana começou as suas representações no Teatro de D. Fernando com o *Crispino e la comare*, de Ricci, de cujo desempenho daremos também notícia na próxima semana.

IMP 266

(*A Ilustração Luso-Brasileira*, 12/02/1859, n.º 6, vol. 3, p. 41)

Esta Sábado é a estreia da companhia lírica italiana no Teatro de D. Fernando.

IMP 267

(*A Ilustração Luso-Brasileira*, 19/02/1859, n.º 7, vol. 3, p. 49)

O Teatro de D. Fernando tem sido muito concorrido e a companhia que há pouco aí se estreou é considerada boa pelas pessoas inteligentes.

IMP 268

(*Arquivo Universal*, 21/02/1859, vol. 1, n.º 8, p. 127)

A companhia italiana do Teatro de D. Fernando tem sido pouco feliz. A concorrência tem sido pouca e os preços são elevados. Entretanto, o desempenho do *Crispino e la comare* deve satisfazer os que se lembrem que se não podem ouvir Mirates e Tedescos por tão baixo preço e num teatro daquele tamanho.

IMP 269

(*Revista de Lisboa*, 22/02/1859, ano 1, n.º 13, p. 4)

Teatro de D. Fernando

No dia 12 efectuou-se a abertura deste teatro com a ópera *Crispino e la comare* dos irmãos Ricci, o desempenho foi regular sendo muito satisfatório por parte da senhora Borgognoni e do senhor Leva.

Estes dois artistas foram justamente aplaudidos tendo as honras de uma chamada finda a ópera. Por falta de espaço não apresentamos hoje uma análise detalhada da nova companhia escriturada pelo senhor Frondoni que faremos no número seguinte.

IMP 270

(*A Ilustração Luso-Brasileira*, 19/03/1859, n.º 9, vol. 3, p. 65)

O Teatro de D. Fernando pôs em cena esta semana uma segunda ópera intitulada *Pipelet*.

IMP 271

(*Revista de Lisboa*, 16/03/1859, ano 1, n.º 14, pp. 3-4)

Teatro de D. Fernando

Ainda hoje não podemos dar cumprimento à promessa feita no nosso último número, apresentando uma crítica circunstanciada sobre o mérito dos artistas deste teatro, o que reservamos para o número seguinte. Hoje apenas diremos que, apesar da concorrência não ser extraordinária, os espectáculos têm agradado, continuando sempre a ser aplaudidos a Sr.^a Borgognoni e o Sr. Leva. A direcção tem apresentado até hoje duas óperas, sendo a primeira, como já dissemos, *O Crispim*, e a segunda o *Pipelet* ou o *Porteiro de Paris*.

Está anunciado para o dia 16 o *Dominó preto*, ópera onde debutará a Sr.^a Bianchi. É de crer que esta artista, já conhecida do nosso público, obtenha um êxito satisfatório e que concorra para atrair o público frequentador daquele teatro.

Não podemos deixar de elogiar o Sr. Frondoni pelo esmero que emprega para apresentar as óperas perfeitamente ensaiadas, tarefa árdua que com dificuldade se pode cabalmente desempenhar.

Bom seria que este exemplo servisse de estímulo aos directores da orquestra, que tão desleixados se têm mostrado este ano, consentindo que as óperas subam à cena com tanta imperfeição, o que imensamente tem concorrido para os fiascos sucessivos das óperas que na presente época ali se têm dado.

IMP 272

(*A Ilustração Luso-Brasileira*, 19/03/1859, n.º 11, vol. 3, p. 81)

Subiu à cena pela companhia lírica do Teatro de D. Fernando a linda ópera o *Dominó preto*, música do maestro Rossi

IMP 273

(*La Fama*, 28/03/1859, p. 99)

Lisbona. Nuovo Teatro Don Ferdinando. L'11 del testé passato febbraio inauguratasi il nuovo teatro Don Ferdinando, destinato frattanto all' opera buffa italiana, esistendo un privilegio a favore del teatro San Carlo per l'opera seria. La compagnia che il direttore della musica e dell' orchestra, maestro Frondoni, ha portato dall'Italia esordì col *Crispino e la comare* e piacque moltissimo, così per merito della bella e vivace musica dei fratelli Ricci come per quello della buona esecuzione. Si è specialmente fatto onore grandissimo la signora Borgognoni, prima donna, nella parie di Annetta, faticosa e difficile, e da lei sostenuta collo spirito comico che si richiede e con quel brio e spontaneità di canto che sono indispensabili in opere di tal fatta. Nel duetto col buffo Leva (*Crispino*), nella canzone della frittola, ed in tutti i suoi pezzi, fu a più riprese applaudila. Fra i pezzi che specialmente conseguirono il pieno gradimento degli spettatori citar si deve anche il terzetto fra i tre uomini, il Leva, cioè, il Polani, baritono, e il De-Giovanni, basso, pezzo applauditissimo e del quale si volle tutte le sere la replica. L'esordiente tenore Voltorni piacque per voce delicata, e bene fece il debito suo nella parlo della Comare la signora Rho, lodala per buona voce e per intonazione. L'impresa nulla risparmiò per decorare sontuosamente il suo spettacolo. Ottimamente l'orchestra diretta dal maestro Frondoni, che si foce onore grandissimo; eccellenti i cori d'ambo i sessi.

IMP 274

(*Revista de Lisboa*, 30/03/1859, ano 1, n.º 15, p. 3-4)

Teatro de D. Fernando

Companhia de Ópera-cómica Italiana.

A falta de espaço tem-nos feito contrair uma dívida para com este teatro. Vamos hoje pagá-la dando aos nosso leitores uma notícia circunstanciada do que ali se tem passado durante a presente estação teatral.

Começaremos por fazer uma pequena análise de cada um dos artistas que formam a companhia, que são os seguintes.

Letizia Borgognoni, *prima donna soprano*. Voz de um timbre agradável, sonoro e robusto, admirável de efeito nas peças concertantes. Afinação irrepreensível, fisionomia por extremo simpática, finalmente, uma artista daquelas com quem se engraja logo na primeira vez que se vê e que se ouve. Luigia Bianchi, *prima donna soprano*. Voz pequena, porém doce e afinada quando não é forçada, método de canto regular, gigantescas proporções físicas que ainda sobressaem entre as acanhadas proporções do teatro, aonde tudo parece microscópico, palácios,

árvores, etc, ao pé da colossal prima donna. Luigia Bianchi é uma cantora de merecimento que na ópera séria deve ainda produzir mais efeito.

Dá-se nestas duas cantoras a notável circunstância de se encontrar uma voz grande na pequena Borgognoni e uma voz pequena na grande Bianchi. Porém, as grandes ou pequenas, são ambas cantoras muito regulares e muito superiores a todas as prime donne que este ano temos ouvido em S. Carlos (já se sabe, exceptuando Md. Tedesco, que não entra em linha de conta.)

Teresa Lenci-marsili, *altra prima donna*. Cantora de mérito regular para o lugar secundário que ocupa, voz e presença agradáveis.

Magdalena Rho, *musichetto*. Sobre esta cantora (?) nada mais podemos dizer senão que o programa da empresa a qualifica de musichetto, a nossa fraca inteligência musical ainda não pode classificar-lhe a voz (?) e isto mesmo tem acontecido a todos os outros frequentadores do teatro.

Gualtiero Boltoni, *primo tenore*. Voz e um timbre agradável, porém mal emitida e sem claro-escuro, maneira de cantar correspondente a um dia de nevoeiro em Londres. Boltoni pertence ao país das libras, de Byron e do beefteck, três coisas altamente apreciáveis, e chamava-se nos seus tempos de M. Bolton, que, como os leitores vêem, é um nome terrivelmente inglês, porém, depois que se dedicou ao bel canto italiano, apoderou-se dele um tal desejo de se italianizar que com a maior sem cerimónia encaixou um i no fim do nome. O crime de leso-inglesismo foi consumado, a metamorfose operou-se e Mr. Bolton passou a ser *il Signor Boltoni*.

Guglielmo Valbini, *primo tenore*. Igualmente inglês, possuidor de uma simpática voz, porém muito principiante e muito tímido em cena. Valbini, se se dedicar seriamente ao canto, pode vir a ser um bom tenor, pois tem o principal, que é a voz. É um agradável rapaz e apesar da sua extrema gaucherie cénica, devida a nenhuma prática do teatro (pois é este o primeiro onde canta), a sua presença, talvez mesmo por causa da excessiva timidez, predispõe a seu favor. O que não podemos dizer a nossos leitores é se o i final é propriedade legítima, ou se é usurpado, como o do *signor Boltoni*.

Ernesto Leva, *primo buffo*. A este artista cabem inquestionavelmente as primeiras honras da companhia. Dotado de uma boa voz, cantando e representando com graça, pronunciando optimamente e caracterizando-se com grande inteligência, Leva seria um artista perfeito se não fosse alguma exageração de fisionomia em que às vezes cai. Leva seria uma boa aquisição para o Teatro de S. Carlos, onde há tantos anos não tem havido um *buffo* que se possa ouvir. Muito folgaremos se esta ideia for aproveitada.

Angelo Pollani, *primo barítono*. Voz nasal, de má qualidade, tolerável nos concertantes mas desagradável nos solos.

Fracisco de Giovanni, *primo basso*. Bela voz e artista consciencioso.

Giovanni Nottoli, *primo basso*. Ainda não debutou.

Manuel Guerra, *secondo tenore*. Já nosso conhecido por ter desempenhado iguais funções em S. Carlos.

Eis aqui têm os leitores uma rápida apreciação da nova companhia lírica, já vêem que há nela bom, sofrível e mão, e que todos ali são primos, como diria o senhor José do Capote se lesse o programa. Passaremos agora aos coros e à orquestra.

Os professores da irmandade de St.^a Cecília não se combinando em preço com o senhor Frondoni, viu-se este obrigado a lançar mão dos da irmandade de St.^a Isabel. Parece-nos que a primeira prejudicou assim os seus interesses para o futuro, por isso que proporcionou à sua rival uma ocasião de se aperfeiçoar debaixo da hábil mão do senhor Frondoni que, como ensaiador, faz milagres. O caso é que a pequena orquestra do Teatro de D. Fernando, composta de executantes fracos e sem prática de teatro, toca já com mais correcção do que as de todos os outros teatros de Lisboa, exceptuando o de S. Carlos, às vezes. Ali todos estão atentos ao seu dever, todos contam os seus compassos de espera e por consequência todos fazem as suas entradas a tempo. Ali, finalmente, há uma vontade firme de cumprir as obrigações, e é essa a causa principal dos progressos que tem feito. Dá-se também a agradável circunstância de não se ouvir a batuta do maestro desde o princípio até ao fim das óperas, como a maior parte das vezes acontece em S. Carlos.

Os coros são os melhores que actualmente há em Lisboa, cantam com correcção, fazem-se ouvir, sustentam irrepreensível afinação, e movem-se, coisa extraordinária entre nós, onde nas

cenas de maior movimento, em um baile, em uma revolta, os coros são colocados em duas linhas imóveis à direita e à esquerda do teatro. Nisto se vê quanto pode um ensaiador enérgico e consciencioso, pois os coristas do Teatro de D. Fernando são todos inexperientes e talvez mesmo a maioria ignore os rudimentos da música. O que é verdade é que faz gosto ouvir uma peça concertante em D. Fernando, os coros ouvem-se e não desafinam, na orquestra não há balanço e as primeiras partes não *cabulam*, como está em moda actualmente na nossa primeira cena lírica. O final do 1º acto do *Pipelet* comprova triunfantemente estas palavras, esse trecho é executado como nunca se executa um concertante em S. Carlos.

A ópera-cômica do Teatro de D. Fernando veio mostrar que o senhor Frondoni é entre nós o único que seria capaz de desempenhar cabalmente as funções de maestro ensaiador em S. Carlos, por isso que é minucioso nos ensaios, não admite as contínuas faltas de atenção que impedem a correcta execução e opõe uma séria resistência aos caprichos dos cantores, que são actualmente os verdadeiros ensaiadores em S. Carlos, cortando, alterando, corrigindo e estragando a música a seu bel-prazer, por um modo incompatível com a dignidade que deve guardar o *maestro* ensaiador.

O Teatro de D. Fernando tem até hoje dado três óperas: *Crispino e la comare*, de Ricci, onde há um *terzetto* impagável, e optimamente executado. *Pipelet*, de De Ferrarri, toda bonita do principio ao fim, e *Il domino nero*, de Rossi, igualmente boa, mas talvez demasiadamente séria para a companhia actual.

A empresa não tem tido fortuna, a concorrência do teatro tem sido mesquinha, devido talvez em parte à antipatia que tem muita gente àquela sala de espectáculo, que na verdade é incômoda, e aos preços elevados que até há bem poucos dias conservou. Além disso tem havido pouca curiosidade em ouvir a nova companhia, devido à pouca publicidade que a imprensa em geral tem dado ao que ali se passa, e por isso a maior parte das pessoas julgam-na muito inferior ao que na verdade é. O caso é que aqueles que lá vão uma vez, gostam e voltam. Infelizmente têm sido poucos.

Consta que a companhia em breve deixará Lisboa, e irá dar algumas representações ao Porto. Parece-nos acertada a especulação, e auguramos à empresa uma compensação dos prejuízos que necessariamente deve aqui ter sofrido.

IMP 275

(*Arquivo Universal*, 13/06/1859, vol. 1, n.º 24, p. 383)

Teatro D. Fernando

Na Sexta-feira teve lugar nesse teatro, em benefício de um desgraçado, um bem escolhido espectáculo em que entraram actores dos quatro teatros portuguezes da capital. O actores do Teatro Normal representaram *As rapaziadas*, comédia do Sr. José Romano, que sempre tem sido bem aceite e sobre cujo mérito já demos a nossa opinião. A companhia do Teatro do Ginásio levou à cena a comédia num acto *O tio Brás*, em que tomaram parte a Sr.^a Maria José e os Srs. Marcolino e Simões. O desempenho foi geralmente bom, mas especialmente o do Sr. Simões foi digno dos maiores aplausos. A companhia do Teatro da Rua dos Condes levou à cena uma das comédias menos sensabores do seu repertório. Pela companhia do Teatro das Variedades foi à cena uma comédia do Sr. D. José de Almada sobre cujo mérito daremos em outro número a nossa opinião.

IMP 276

(*Arquivo Universal*, 27/06/1859, vol. 1, n.º 26, p. 416)

Benefício no Teatro de D. Fernando. Tem hoje lugar neste teatro o benefício do Sr. Durão, discípulo que foi do Teatro de D. Maria II. Recorre a este meio para afrontar os reveses da sua fortuna que de há muito o perseguem. A este acto de humanidade concorrem as companhias do Teatro das Variedades, Rua dos Condes, e parece que o Sr. Soares Franco com a cena cômica *O tiranete*. A variedade do espectáculo convida à concorrência, em que o beneficiado firma todas as suas esperanças.

IMP 277

(Revista de Lisboa, 10/08/1859, ano 1, n.º 20, p. 4)

Companhia Espanhola

A companhia de zarzuela, que primeiro funcionou no Teatro do Ginásio e ultimamente no teatro de S. Carlos terminou os seus espectáculos por ocasião do falecimento de S. M. a Rainha, a Sr.^a D.^a Estefânia, tendo apresentado nas últimas récitas uma nova zarzuela, *O Mayares*, desempenhada por Barrejon, Pastor e Cresci, obtendo um êxito satisfatório.

O director empresário, Sr. Mayquez, em consequência de notícias publicadas em alguns jornais que censuravam a empresa por falta de cumprimento de escrituras, dizendo até que ela se recusava a satisfazer o que devia a alguns artistas e pagar-lhes as suas passagens, declara em uma carta que dirigiu ao público e à imprensa que saldou todas as contas com todos os artistas, a pesar dos graves embaraços que encontrou para o poder efectuar. Parece-nos altamente honroso o procedimento do Sr. Mayquez, o qual registamos com prazer.

Teatro de D. Fernando

O Sr. González, primeiro tenor da companhia de Zarzuela que ultimamente ouvimos em S. Carlos, acaba de tomar o Teatro de D. Fernando para ali funcionar com uma nova companhia que brevemente vai escriturar, tencionando dar a primeira récita no começo do mês de Setembro. Desejamos que o aplaudido tenor obtenha um feliz resultado desta companhia.

IMP 278

(Revista de Lisboa, 31/08/1859, ano 1, n.º 21, p. 4)

Teatro de D. Fernando

O Sr. González primeiro tenor da companhia de zarzuela que ultimamente esteve em Lisboa, procura, segundo se lê nos jornais de Madrid, engajar artistas para o Teatro de D. Fernando, que, como ultimamente dissemos, deixou já aqui arrendado. O próximo Inverno promete ser cheio de diversões dramáticas.

IMP 279

(Revista de Lisboa, 01/10/1859, ano 1, n.º 23, pp. 1-2)

Teatro de D. Fernando

Companhia Lírica Espanhola

Acha-se já nesta capital a companhia lírica de zarzuelas que este ano deve fazer as delícias daquele teatro. Bem curto é já o prazo que nos falta para podermos apreciar os novos artistas escriturados pelo Sr. D. José González, entre os quais figura o nome para nós já conhecido do Sr. Cresci. Estamos intimamente convencidos que a imprensa da capital e o público aplaudirão com prazer a recondução do estimável barítono.

Temos as melhores informações de alguns dos artistas desta companhia, o que de certo modo nos anima a julgar que o público lhe dispensará um lisonjeiro acolhimento.

Em seguida apresentamos o elenco das companhias de canto e baile:

Companhia de canto:

Primeiras tipes: D. Ángela Moreno, D. Mucayo de Cubas, Segunda tiple: D. Carolina Pastor, Primeiros tenores: D. José González, D. Claudio Gomez; Primeiros Tenores cómicos: D. Ricardo Allú, D. Isidoro Pastor; Primeiros barítonos: D. Manuel Crescy, D. Miguel González; Primeiros baixos: D. Javier Ferrer, D. Fernando Palatín.

Companhia de baile:

Primeira Bailarina: D. Rosa Espet; Primeiro Bailarino: D. António Badill; e um escolhido corpo de baile composto de doze figuras.

As mais belas e excelentes informações nos foram dadas dos dois primeiros bailarinos, mas particularmente da jovem e linda Espet, que nos afirmaram ser superior à Sr.^a Medina, que muito entusiasmo causou tanto no Ginásio como em S. Carlos, do que ainda nos restam vivas recordações.

Sabemos que o Sr. José González, director da companhia, lutou com bastantes embaraços para obter as escrituras dos artistas de que hoje apresentamos os nomes. Oxalá que os seus esforços sejam devidamente compensados.

Este excelente tenor que tantas simpatias soube procriar neste país, e que, devido ao seu mérito e inteligência, tão festejado era sempre que nos aparecia em cena, dá-nos direito a esperar uma escolhida companhia e a acreditar no que temos ouvido dizer de alguns artistas, que, a ser verdade, como o supomos, devem atrair grandes enchentes ao teatro.

A abertura deve ter lugar em 3 do corrente. *El diablo nel poder* é a zarzuela que naquela noite se tenciona fazer subir à cena.

J. Miguel Ventura

IMP 280

(*Arquivo Universal*, 17/10/1859, vol. 2, n.º 16, p. 255)

Teatro de D. Fernando.

Estreou-se esta semana neste teatro a companhia espanhola com infeliz successo e deixando prever tristes agouros sobre o seu destino futuro. Foi à cena a zarzuela *El diablo en el poder* e uma dança, que o público justamente indignado castigou com o tacão vingador das sensaborias.

A zarzuela esteve por mais de uma vez arriscada a igual sorte, e se não fora a indulgência que sempre acompanha uma primeira representação cremos que desde logo iria fazer companhia à *desdichada* dança.

Em resumo, a companhia, pelo menos a que apareceu no *El diablo en el poder*, é inferior às suas antecessoras e é de crer que não faça fortuna. Neste caso devem queixar-se mais da sua escolha do que do país, pois este decerto não está resolvido a aceitar como bom tudo o que lhe querem fazer passar por tal.

IMP 281

(*Revista de Lisboa*, 28/10/1859, ano 1, n.º 24, p. 4)

Teatro de D. Fernando

A companhia espanhola, organizada pelo tenor D. José González, fez a sua estreia neste teatro com a conhecida zarzuela *El diablo en el poder*. O êxito foi regular sendo aplaudidos quase todos os trechos.

Em seguida subiu à cena a conhecida zarzuela *Marina*, interpretada pela Sr.^a Moreno e pelos Srs. González e Cresci. O desempenho foi muito satisfatório. A Sr.^a Moreno possui uma voz bastante desigual, porém, em compensação, canta com bastante sentimento e mimo, mostrando conhecer os segredos da arte. Como actriz satisfaz plenamente. Enfim, a Sr.^a Moreno é uma artista de elevado mérito e inquestionavelmente superior às suas antecessoras. Recebeu numerosos aplausos em quase todos os trechos que cantou.

González tirou todo o partido possível da ingrata parte de amante da Marina, fazendo-se aplaudir várias vezes.

Cresci entusiasmou a todos os espectadores no tango e nas cigadilhas [*seguidillas*], executadas pelo simpático artista com todo o chiste e graça. A pedido unânime teve de repetir três vezes o tango final. Os coros houveram-se perfeitamente, estando bem ensaiadas todas as peças concertantes.

Sentimos que o público não tenha concorrido a este teatro porque, realmente, a direcção é digna de protecção, pois esmerou-se em nos apresentar uma companhia bastante regular.

IMP 282

(*O Parlamento*, 04/11/1859, n.º 462, p. 3)

Nova Zarzuela. Ensaia-se no Teatro de D. Fernando a intitulada *El juramento*, que nos afirmam ter linda música e ser bem desempenhada. Não assistimos por ora a nenhum dos seus ensaios nem dela temos conhecimento, mas folgaremos que o público simpatize com ela.

IMP 283

(*O Parlamento*, 05/11/1859, n.º 463, pp. 3-4)

Teatro de D. Fernando. Hoje representou-se a *Marina* e *El lancero*. Uma e outra peça foram muito aplaudidas, havendo repetições.

El perchel de Málaga é um baile espanhol de costumes andaluzes. O público gostou muito deste bailado. Esta noite mostrou a Sr.^a Rosa Espert que é bailarina.

Estivemos para não ter bailado, porque uma das boleras, pedindo asas a Therpsicore, voou para tão longe que foi necessário lançar-lhe redes para a trazer ao tablado.

Esperemos que não se dêem iguais ocorrências.

IMP 284

(*O Parlamento*, 11/11/1859, n.º 468, pp. 3, 4)

Companhia espanhola. Consta que suspendeu as suas representações no Teatro de D. Fernando em consequência das graves perdas que o empresário tem sofrido. Sentimos de coração que tal haja sucedido porque a companhia é boa e digna de ser favorecida pelo público.

Fala-se em alguns artistas que pertencem à dita companhia se associarem para dar algumas representações no salão do Café concerto.

Salão do Café-Concerto

Companhia espanhola. Sábado 12, a benefício dos artistas, la zarzuela *Los anciegos*, el baile *La ciganita y el curro*, la aplaudida zarzuela *El lancero*, el baile espanhol *La madrilená*, Seguidillas y tango final de la *Marina*, por el Sr. Cresci.

IMP 285

(*A Revolução de Setembro*, 21/2/1860, n.º 5342, p. 3)

Reabriu-se o Teatro de D. Fernando com uma companhia de actores portuguezes que tem dado duas récitas ontem e hoje. O espectáculo que apresentaram foi do geral agrado. O público ouviu dizer que eram actores desempregados e isto foi bastante para concorrer ao teatro a animá-los e protegê-los. A companhia tem algumas figuras de bastante habilidade, e têmolas visto muito piores em teatros secundários. Os actores-empresários, contando com o patriotismo dos seus concidadãos, tencionam levar por diante esta proveitosa empresa organizando uma associação. Oxalá que isto se realize pois é mais uma escola de educação popular

IMP 286

(*Arquivo Universal*, 13/03/1860, vol. 3, n.º 11, p. 172-173)

Nova associação.

Fervem as associações!

A associação é o espírito do século! Ninguém já pode viver só! O livro de Zimmermann não está para a época, já não se crê nos encantos da solidão.

Alguns artistas sem teatro tiveram a lembrança de se acomodarem num. Escolheram o de D. Fernando. Nisto não admira senão que escolhessem este!

O Teatro de D. Fernando tem sido o túmulo das empresas e o veneno dos empresários! Entram para ali os directores saudáveis e robustos, saem magros e doentes! Entram ricos e felizes saem pobres e tristes!

Ultimamente ainda o Sr. Frondoni, que tentou ressuscitar o teatro e acordar o ânimo público em favor dele, escriturou uma companhia de ópera-cômica italiana que fez o *Crispino e a comadre*, que fez o *Dominó preto*... que fez tudo menos fortuna!

Apesar de todos estes tristes precedentes alguns artistas dramáticos que têm figurado em teatros secundários constituem-se associação e tentam mais uma vez a sorte daquela aziaga cena.

IMP 287

(*A Revolução de Setembro*, 27/03/1860, n.º 5371, p. 2)

E agora, vamos à novidade do dia! A novidade alegre, isto é, a novidade festiva, a novidade folhetinística, não a moeda falsa e as prisões, assuntos bisonhos e carrancudos de que o folhetim foge espavorido, mas... os Zuavos!

Falei ontem com esses seis diabretes, que fizeram a corte a Tália em pleno campo de batalha! São seis mancebos de fisionomia simpática, fronte inteligente e porte intrépido, que aparecem nas ruas e nos passeios com os seus gorros vermelhos, as suas polainas de coiro, as suas calças, saio, e, ao peito, a medalha de Inglaterra com a inscrição das memoráveis batalhas de Balaclava, Inkermann, Malakoff, e Sebastopol.

Quando atravessam por entre a multidão que se agrupa para ver estes singulares soldados que decoram comédias para não se enfatiarem na guerra, fundaram um teatro no meio de um campo, e durante dezoito meses representaram vaudevilles nas barbas do inimigo, tenho vontade de parodiar aqueles dois conhecidos versos da *Marion Delorne*, quando ela aponta ao povo a liteira do cardeal, e diz à turba:

Place, place

Voilà.. .La Crimée qui passe!

O leitor vai exigir-me talvez que eu lhe explique como veio aos Zuavos a ideia de irem de Marte para Tália! Ah! é que na África a vida de campanha enfastia de morte, e os pobres soldados que em doze meses dormem oito em cima da terra, improvisaram um teatro em 48 horas, com troncos de árvores, que foram as colunas, e as coberta das suas barracas que servisse de pano de fundo, auxiliados pelos generais Bosquet, Canrobert, e Espinasse, protectores deste improvisado de que a Europa inteira conservará a lembrança.

Um dos Zouaves mostrou-me ontem o prospecto da primeira representação que deram, a 2 de Maio de 1855, em benefício dos prisioneiros na Rússia. Não pude deixar de rir quando reconheci o espírito francês neste gracioso *expediente* com que acaba o programa: «*O espectáculo principiará às 7 horas e meia, se os russos o permitirem!*»

Os Zouaves estreiam-se hoje, Terça-feira, no Teatro de D. Fernando, e a enchente deve ser magnífica porque é um verdadeiro espectáculo de novidade! O folhetim tem imensa pena de não poder contar já o que lá se passar! Todavia lembra-me um excelente meio para o leitor ficar bem informado ainda hoje... Ir lá esta noite!

Júlio César Machado

IMP 288

(*Arquivo Universal*, 27/03/1860, vol. 3, n.º 13, p. 207-208)

Zuavos

É um louvar a Deus o que por aí vai. Não há saltimbanco, pelotiqueiro, engole-espadas ou homem das forças que não diga mal desta abençoada terra e que, apesar disso, não venha armar a rede dos seus engrimanços aos nossos reais. Para todos os palhaços, cabeleireiros, dentistas, inventores de filocoma, de pomada brilhante, de mágica branca ou espada preta é este país um abençoado paradouro que engorda vadios e cria ingratos. Tudo aqui vem ter e tudo daqui diz mal. Até agora os zuavos, se é que o são, que no seu dizer correram seca e meca, vêm beneficiar esta capital com os seus espectáculos e alojaram-se no Teatro de D. Fernando para lá nos divertirem. Deve ser interessante ver um galucho (cremos que os soldados franceses também possam ser galuchos) fazendo de menina ou de mamã, representando com aquele chiste e sal próprios de um acampamento. O que não tem questão, segundo parece, é que o andar representando lhes rende mais do que o fazer serviço, porque eles aí andam e por aí continuarão enquanto tiverem quem os queira ouvir.

IMP 289

(A Revolução de Setembro, 03/04/1860, n.º 5377, pp. 1-2)

Teatro de D. Fernando: Os zouaves. – *Aventura de um espectador!* – *Pas de fumée sans feu!* Um acto. – *O vício de Susana.* – *Um bocadinho de perna.* – *Um cair da noite em Sintra!* – *Desejo de esposa.* – *Susana a tirar o seio!* – *Avancêz mon brave!* – Inscrição do cartaz! – Os Zouaves como artistas. [...]

– Quer ter a bondade de emprestar-me o seu óculo? dizia-me um vizinho de plateia, na segunda representação dos *zouaves*.

– Com muito gosto, senhor! respondi, oferecendo-lho.

Representava-se *Pas de fumée sans feu!*

Chegara-se à terceira cena.

Susana é casada com um burguês honestíssimo que não tem senão virtudes. Ela, porém, a infeliz, tem um vício só... *mais un gros!* Seu marido confia cegamente nas prendas do seu carácter, mas, uma vez, ao chegar a casa mais cedo que de ordinário, sente na saleta um pronunciado cheiro de tabaco de fumar. Heim! Como?! Porquê? Se ninguém entra em sua casa por que motivo cheira a sua casa a charuto? - o que aos olhos, ou antes ao nariz, de um marido inteligente equivale a cheirar a amante!

O consorte disfarça, enche-se de astúcia, prepara-se para sair, diz que o céu está escuro e leva o chapéu-de-chuva... por precaução. Susana encontra-se finalmente só, livre e independente por algumas horas! Fecha cautelosamente a porta, tira uma caixa de fósforos de uma algibeira e atrás da caixa de fósforos... um charuto! Um verdadeiro charuto a que ela corta a ponta com os dentes e acende depois!

Chegara-se à terceira cena, disse eu há um instante, e a terceira cena é esta:

Susana, sentada molemente num sofá, corpo meio deitado, cabeça sobre os ombros, braços caídos e olhos quase cerrados, fuma deleitosamente um charuto! Dir-se-ia a sultana nas doces sestras do Oriente! Tudo ali respira voluptuosidade e tentação! Tudo nela parece prometer a palavra misteriosa do grande problema do prazer humano! É uma mulher de beijo pálido, olheiras levemente indiscretas, dentes de jaspe e sorriso lânguido! Um abençoado movimento da crinoline deixou-nos ver... - oh leitor! eu não sei se está lendo isto em voz alta a sua esposa, mas desejo que não, para lhe poupar o franzir de testa conjugal que denuncia o prólogo de iras domésticas! - um movimento abençoado da *crinoline* deixou-nos ver... o mais lindo bocadinho de perna que um pintor tem sonhado, mesmo quando procura encantar-nos pelas graças irresistíveis da odalisca que encosta o pé ao cachimbo do sultão enquanto este libertino está a mirar-lhe a meia, queziladíssimo por não poder ter desejos que lhe não cumpram!

O meu vizinho de plateia assentou o óculo sobre Susana, brilharam-lhe os olhos com uma lucidez lúbrica e sensual, e vi tremer o meu óculo nas mãos convulsas daquela vítima... dos incêndios da plateia!

– Oh! exclamava o meu vizinho. Oh! como ela é meiga! como ela é provocante de ternura e de leite!

E Susana, menos casta talvez do que a *casta Susana* - cujo merecimento consistiu em não se entregar a dois velhos rabugentos de quem ela não gostava! - traçou levemente a perna, recostou-se um pouco mais e mastigou uma folha do charuto que fumava!

O meu vizinho tornou-se pálido. Pálido de sonhos e de desejos comprimidos.

– O que isto será, senhores! O que isto será a um cair de noite em Sintra, quando os ranchos voltam de Seteais em passo lânguido e amoroso, sem ninguém se atrever a acender um fósforo ou a ferir lume... para não correr o risco da claridade!? Que bocadinho de perna que lhe vi! Olhem se não tenho tomado a tempo lugar na frente!

A peça continuava.

Batiam à porta, era o marido de Susana. Num momento se apaga o charuto e se esconde, - mas o fumo, mas o cheiro? Eis o que não é possível esconder-se e o que o marido conhece imediatamente. Desesperado, raivoso, inquieto, corre todas as casas para encontrar o fumista, e o fumista sem lhe aparecer! Nestes apuros, o último recurso dos maridos é a diplomacia, e este marido passa a ser diplomata.

– Agrado-te eu, ainda, Susana?!

– Mas certamente, meu querido! A que vem semelhante pergunta!?

Um dito do acaso. Ainda que, por fim de tudo, era impossível eu não te agradar já, - isto é, não te agradar tanto como dantes, ou agradar-te outro agora mais do que eu!

Isto é pouco mais ou menos o que o marido diz, ao que Susana dá a inevitável resposta de uma esposa quando a situação chega a estes *diz tu direi eu*.

– Agradar-me outro mais do que tu! Do que tu, que és todo virtudes e qualidades!?

O meu vizinho deu um pulo de sensibilidade.

Oh! que mulher!

O marido responde a Susana, num tom *cheio de dignidade* (frase de revista de teatros), que há às vezes defeitos que agradam às mulheres e que elas preferem mesmo às qualidades que lhes correspondem.

– Por exemplo? pergunta Susana.

– Por exemplo... fumar!

A esposa perturba-se, o marido observa-a. O meu vizinho tremia de comoção!

– Sei tudo! diz-lhe o consorte, num tom *ainda mais cheio* de dignidade.

Susana encosta-se-lhe ao ombro e diz-lhe com uma meiguice adorável:

– Então, perdoas? Eu não tenho senão este vício!

– Senhora! diz-lhe o marido ardendo em cólera. Isso não são coisas que se digam!

– Ó meu riquinho, cuidas acaso que sou a única? Há muitas senhoras, e da melhor sociedade, que fazem o mesmo!

– Tanto pior para o seu crédito! Perversas!

– E há muitas a quem os maridos perdoam e toleram isso...

– Não me fales deles! São imbecis destituídos do sentimento da moralidade!

– Do sentimento...?

– Da moralidade!

– Oh! Exageras! Este não é, por fim de tudo, um vício inaudito! E eu espero que com o tempo tu hajas de habituar-te a ele, como os demais!

O marido está a ponto de esquecer a dignidade de um marido de comédia e quebrar alguma coisa a sua mulher. Fulo e exasperado, investe a esposa com uns olhares de Nabucodonosor pundonoroso. Susana principia a assustar-se pela tranquilidade dos seus ossos. O meu vizinho volta-se para mim e diz-me com voz convulsa:

– Aquele bruto não a entende! Estão a ladear num *qui-pro-quo* e a infeliz senhora vai ser vítima de uma ilusão fatal. De mais a mais não há ponto! Se houvesse ponto ele dava já o desenlace a isto!

E o exaltado admirador de Susana ia gritar ao marido o conceito da charada, quando a honesta esposa, tirando um charuto da algibeira, lhe disse em tom submisso:

– De mais a mais há apenas três dias que eu me entrego a este passatempo, que é um crime a teus olhos! Como, porém, não queres consentir-mo e te obstinas a odiá-lo, - que remédio!?

passarei sem ele!

– Quê! pois és tu... tu própria?

– Eu própria... sim!

– Não é então um homem, não é pois um amante que fuma em minha casa?!

Aqui, já se vê, é Susana quem se ofende, se arvora em juiz e prorrompe em pontos de admiração:

– Um homem! Um amante! exclama pasmada, como se falasse de plantas exóticas ou de bichos raros. Pois tu cuidaste! Pois pudeste julgar! Ah! é horrorosa a suspeita! Essa suspeita é indigna! É infame! É insofrível e medonha!

E o marido pede perdão e concorda com sua mulher que em vez de ela fazer o sacrifício de se abster do seu vício o melhor é tomarem-no ambos. Porque, a falar verdade - quem sabe se o súbito vício será... *um desejo*!?

– É um desejo! Não é outra coisa! dizia-me o meu vizinho quando baixou o pano e me entregou o óculo. A crinoline não conseguia disfarçar completamente o estado *interessante*... Não observou?

– Observei! respondi-lhe.

Este cavalheiro aproveitou o entre-acto para sair e alcançou entrar no palco.

– A senhora Susana? perguntou ele a um dos carpinteiros do teatro que ia ajoujado com um bastidor.

O carpinteiro tomou esta frase por uma *variante* espirituosa e apontando para um camarim respondeu simplesmente:

– Acolá!

O meu ex-vizinho bateu à porta que estava apenas meia cerrada e balbuciou em tom melífluo:

– Ser-me-ia permitido?

– *Avancez, mon brave!* respondeu uma voz de *contralto*.

Susana estava a despir-se e acabava de tirar os sapatos e os brincos, metendo os brincos dentro dos sapatos. O espectador recuou dois passos, receando praticar a inconveniência de assistir a um desfazer de *toilette*.

– *Sacrebleu! Est-ce-que la pudeur vous prend?*

– Minha senhora, redargui o meu vizinho, eu procuro apenas significar-lhe quanto foi profunda a impressão que os seus encantos produziram neste peito...

– *Farceur!* respondeu Susana, tirando o seio e pondo-o em cima de um mocho. *Passez-moi mes quêtes!*

O pobre homem tornou-se lívido, sentiu tremerem-lhe as pernas e esfriaram-lhe os ossos, deu um longo e profundo suspiro de angústia ao agarrar nas polainas, umas duras e toscas polainas de couro! e entregou-as melancolicamente... a Susana! Última e funesta ilusão de uma noite aziaga! Um seio em cima de um mocho! Horror!

Hesitante ainda, trémulo, convulso, duvidoso, indeciso, este cavalheiro saiu do camarim numa agitação mal dissimulada, atravessou o palco e desceu ao salão com a velocidade de um duende! Então, parando diante do cartaz leu estas palavras que lhe rasgaram para sempre um quase nada de esperança que lhe restava ainda:

Le rôle de Susana est rempli par le zouave Glatigny.

Uma vertigem deu-lhe fúrias de endemoninhado e o homem quis estrangular os porteiros. A polícia esteve a ponto de intervir neste incidente e alguns amigos obsequiosos ofereceram-lhe conduzi-lo a uma espécie de palacete lá para o Campo de Sant'Ana, no fim da Rua de Santo António dos Capuchos, favor que ele não aceitou. Este palácio chama-se... o hospital de Rilhafoles!

Esta aventura simboliza a situação dos espectadores nas representações dos *zouaves* e justifica a graciosa verosimilhança com que esses dois caçoístas parodiam o encanto do sexo amável.

É um espectáculo de curiosidade e de novidade. O folhetim não poderia neste caso de excepção ser mais escrupuloso do que o público porque o principal merecimento destas representações consiste apenas em ouvir cantar couplets aos guerreiros de Balaclava e de Sebastopol, que esperávamos serem uns *barbaças* medonhamente feios, de aspecto marcial e acentuação rude, e nos aparecem de braço curto, colo à mostra, brincos nas orelhas e corações ondejantes!!!!

Os *zouaves* que desempenham os papéis de mulher apropriaram-se com uma arte infinita à graça, delicadeza, e *não sei quê* de tentador e de agradável, em que outrora Zeuxis encontrou a propósito de Helena as qualidades e proporções que constituem as trinta belezas da mulher! Eles têm a meiguice, a expressão, a timidez e os característicos do sexo frágil! Glatigny é mais *ingénua* e mais *actriz*. Lucien é mais *maliciosa*, é mais *coquette*, mais *leviana*, mais *perigosa*! E o que ambos são é dois *brejeiretes* de campanha, capazes de fazer rir defuntos... vinte e quatro horas depois do enterro!

A história dos seus espectáculos seria um curioso volume de aventuras! É rara a récita do teatro de Inkerman a que não viva ligada a ideia de algum acontecimento memorável! No dia 7 de Junho de 1855, por exemplo, dia famoso para a armada do Oriente, à hora de principiar o espectáculo o teatro estava completamente cheio; mais de vinte generais ocupavam o primeiro banco. De repente, quase no fim do primeiro acto, ouviu-se o troar dos tiros e o grito «às armas!» ecoou na sala. Espectadores e actores em *costumes* de teatro caíram sobre o inimigo, que depois de trinta e três horas de combate foi obrigado a retirar! Os *zouaves* que faziam os papéis de dama foram para a guerra de vestido e touca no traje em que estavam representando!

Neles, o espírito francês denuncia-se nas coisas mais difíceis! Uma vez, devendo haver espectáculo à noite, o *zouave* que fazia as ingénuas morreu de manhã, espalhado em pedaços por uma bala de artilharia. Os *zouaves* fizeram o seguinte contra-anúncio:

Por *indisposição* da primeira dama,
não pode haver espectáculo

Pobre *primeira dama*! A sua *indisposição* era ter o corpo... feito em quartos!

Em todo o caso, leitor, é extremamente curioso ver estes simpáticos rapazes que se preparavam pôr um vaudeville para um combate e cantavam *couplets* uma hora antes de irem procurar a morte! Os *zouaves* têm sido muito aplaudidos pelo nosso público e estariam a esta hora ainda a ter enchentes se a semana santa não viesse... derrotá-los!

IMP 290

(A *Revolução de Setembro*, 02/06/1860, n.º 5426, p. 4)

Samedi 2 Juin, des zouaves de Crimée, de retour du Porto et Coimbra à Lisbonne, donneront avant leur départ pour Londres 3 représentations, la première samedi 2 Juin: *Un jeune homme pressé*, vaudeville en un acte; *Leur Rondons des Zou! Zou!* par Frederick; *Ça n'est pas perdu*, par la jeune première des zouave Glatigny; *Les deux aveugles*, operette bouff en un acte; *Eustache Coquelicot, dit l'homme universele* par Sebastien; *La corde sensible*, vaudeville en un acte.

On commencera à 8 heure et demi. Le prix des places será diminué.

IMP 291

(A *Revolução de Setembro*, 02/06/1860, n.º 5426, p.)

Chegaram já do Porto os zuavos. Antes de se retirarem para Londres darão algumas récitas no Teatro de D. Fernando, onde teremos ainda ocasião de os admirar mais algumas vezes.

IMP 292

(A *Revolução de Setembro*, 05/07/1860, n.º 5450, p. 2)

Os zuavos dão amanhã a sua última representação no Teatro de D. Fernando.

Tendo feito poucos interesses na viagem que fizeram às províncias, e tendo sido pouco felizes também nas récitas que deram no Teatro da Floresta Egípcia, dão a sua última representação no Teatro de D. Fernando, esperando alcançar dela os meios de realizarem a sua viagem para Londres.

É de esperar que o público concorra a auxiliar os actores soldados que tantas simpatias nos têm inspirado e que tão dignos são dela pela maneira por que representam.

Num dos intervalos o Sr. Mendes Leal (António) recitará a poesia *Avé César*.

IMP 293

(A *Revolução de Setembro*, 07/07/1860, n.º 5452, p. 2)

Os zuavos fizeram ontem a sua despedida no Teatro de D. Fernando. Partem para Londres no dia 8. Foram infelíssimos nesta récita. Contavam-se apenas umas cinquenta pessoas, se tanto, na plateia, e só estavam alugados uns 6 ou 7 camarotes.

La corde sensible foi, como sempre, belicíssimamente acolhida, e o Sr. Mendes Leal (António) recitou a poesia *Avé César*.

IMP 294

(A *Revolução de Setembro*, 18/07/1860, n.º 5461, p. 2)

A companhia acrobática italiana, que segundo noticiámos há dias, é esperada em Lisboa, diz-se que irá trabalhar para o Teatro de D. Fernando.

É bem má escolha, porque aquele teatro parece que tem mau fado de dar pantana com todas as empresas.